

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 69 Nº 23162

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

SEXTA-FEIRA 19 JANEIRO 90 60\$00

Acesso à Universidade

Os chamados e os excluídos

Porto Santo espera bênção do céu

Do nosso enviado especial
Júlio Rodrigues

Os habitantes de Porto Santo e Madeira estão com o credo na boca. O desastre ecológico que os atingiu esta semana pode agravar-se nos próximos dias, caso as condições meteorológicas desviem o curso da mancha de crude, empurrando-a para as respectivas costas.

O futuro da indústria turística está dependente desta evolução, não havendo lugar, contudo, para pessimismos: as previsões locais apontam para ventos e correntes marítimas favoráveis.

Entretanto, o dia de hoje é considerado decisivo para as ilhas Desertas.

Uma grande concentração de crude está a passar entre estas ilhas e a da Madeira.

Pág. 20

TRATA-SE DE LIMA
HOMENAGEM SINCERA DOS
MECÂNICOS AGRADECIDOS.



O adeus de Abecasis

Krus Abecasis abandona em festa a Câmara de Lisboa. Depois de ter sido homenageado, ontem, por centenas de pessoas, na FIL, aproveitou o último dia de mandato para percorrer a cidade e proceder à entrega de 116 novos fogos de habitação social.

Nada deixa a Jorge Sampaio para inaugurar, mas o novo presidente do município, que toma posse na segunda-feira, «herda» do seu antecessor um problema de peso: a cidade está toda esburacada e o município é responsável pelos danos causados aos automobilistas.

Pág. 9, 16 e 17.

Aristides Pereira casou-se pela Igreja

Cerca de 24 mil jovens de um total superior a 50 mil têm, desde há dias, garantido o acesso ao Ensino Superior. Tão verdadeiro quanto isto é que cerca de 27 mil ficaram com as portas fechadas. E se pensarmos que, entre os que garantiram a entrada na Universidade, muitos foram deslocados para cursos que não correspondem às suas preferências, aí temos implacavelmente confirmada a asserção bíblica de que muitos são os chamados e poucos os escolhidos. Este crivo vem denunciar as insuficiências de um processo de admissão que, pelos vistos, a polémica PGA (Prova Geral de Acesso), criada em Abril do ano passado, não resolveu. Pelo contrário: os candidatos a cursos científicos, sobretudo estes, foram penalizados por uma prova que puxava pelos atributos literários e cujo peso na classificação final se revelou de grande importância. Enfim, se a hora é de desânimo para os que ficaram para trás, mesmo os eleitos, passada a euforia do resultado satisfatório, têm motivos para pensar. É que o ano lectivo vai começar atrasado e ninguém sabe quando e como terminará. Além disso, continua a correr-se o risco de diplomar uma multidão de desempregados.

Págs. 2, 3, 4, 5 e 6

O Presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, casou-se pela Igreja com a sua companheira de sempre, Carlina, num gesto que é entendido como de apaziguamento no longo conflito do regime com a hierarquia católica. O casamento (que a embaixada em Lisboa não confirma nem desmente) ocorre numa ocasião em que Cabo Verde se prepara para receber o Papa. João Paulo II, quando na quinta-feira chegar ao país, será, por isso, senhor de uma significativa vitória. Mas a boa vontade de Aristides Pereira vai mais longe: o Governo de Cabo Verde proibiu a reforma agrária nas terras da Igreja, a maior proprietária fundiária de um arquipélago semi-desértico. Com este evidente apaziguamento, com a crescente influência da Igreja nos processos de paz de Angola e Moçambique, Roma está em vias de só ter de novo como principal adversário no Continente Negro o islamismo, seu tradicional travão em África. Curiosamente, logo depois de Cabo Verde, o Papa visitará quatro países de maioria islâmica.

Pág. 15



Droga leva "mayor" à prisão O presidente da Câmara de Washington (na foto quando dava o seu contributo para a luta antidroga) foi ontem detido quando tentava adquirir cocaína para consumo próprio. A detenção, em vésperas da campanha para novo mandato, resultou de uma cilada do FBI.

Pág. 14



Fechou o British Bar
Pág. 21

Política de A a Z
por F. Piteira Santos
Pág. 8

A Mosca continua a picar
Suplemento de 32 págs.

Lotaria Nacional
1.º 42652 2.º 26842 3.º 25871
Outros prémios na pág. 20

Num ano em que o sistema de ensino público iniciou uma das maiores reformas dos últimos anos, o ingresso nas universidades ficou irreversivelmente marcado por um processo caótico e atrasado a que não faltou a concorrência (desleal) do sector privado e em que o número de alunos deixados pelo caminho agravou ainda mais a situação preocupante de falta de alternativas para a educação pós-secundária dos portugueses

Acesso ao ensino superior: um jogo de sorte e azar

GRANDE ANGULAR

O aparente arranque do ano lectivo no ensino superior deixou fora do ensino público cerca de 27 mil jovens, dum total de 51118 candidatos que, segundo os números oficiais disponíveis até ao momento, chegaram à fase final do concurso de ingresso.

Na meta dum processo difícil e penoso para a esmagadora maioria dos estudantes das disciplinas terminais do ensino secundário, a possibilidade de ingressar nas universidades e institutos superiores públicos do nosso país foi vedada a aproximadamente dois terços daqueles que, há nove meses atrás, deram corpo - já em pleno decurso do ano lectivo - a um novo sistema de acesso ao ensino superior.

Em Abril do ano passado, a realização de uma prova inédita no ensino português destinada a avaliar a «maturidade» intelectual e cultural dos candidatos - a Prova Geral de Acesso (PGA) - trouxe à realidade nacional uma das maiores ondas de protesto e contestação, proveniente de diversos sectores docentes e discentes, jamais sentidas nos últimos anos no âmbito do ensino português.

Em causa estava, sobretudo, a incerteza quanto aos objectivos das PGA - realizadas por 89905 candidatos em 453 estabelecimentos escolares - que, deixando de lado a especificidade das matérias leccionadas e o papel das escolas e dos docentes no sistema de ensino, lançava o caos em pleno decurso de

um ano, exactamente quando os diferendos entre docentes e Ministério da Educação (ME) - a propósito dos novos estatutos de carreiras e das revisões salariais - começavam a delinear formas concretas de luta.

A diferença dos números disponíveis sobre o ingresso no ensino superior em 1989/90, oficialmente fornecidos pelo Ministério da Educação, relativos ao total de PGA realizadas e ao dos estudantes que efectivaram as suas candidaturas (51118), releva, desde logo, o hiato que traduz o desajuste entre a realidade dum tecido social e humano e os instrumentos que as forças governativas - responsáveis pela tutela - põem ao dispor dos cidadãos para dar resposta às suas procuras diversificadas, na plena garantia do igual acesso a direitos fundamentais consagrados.

Da Incerteza da PGA ao «jogo» da classificação

A agravar o insucesso escolar no 12º ano - que segundo o ME ronda os 40% - e as incertezas saídas da realização de uma prova introduzida a meio dum ano fulcral no sistema de ensino português, surgiram as disparidades das classificações das PGA.

Atingindo uma média nacional de 58,42%, muitos alunos com classificações elevadas nas disciplinas específicas para os cursos que desejavam seguir viram o seu acesso à universidade ser impedido, quer pela classificação obtida nesta prova - a

«puxar» por atributos mais literários - quer pelo peso relativo que ela veio a atingir na média final de candidatura - houve casos em que chegou a pesar 50%, ficando a média restante a cargo das classificações dos 10º, 11º, 12º anos e das notas das provas específicas.

É de registar, ainda relativamente a esta matéria, que dos resultados dos pedidos de reapreciação das correcções iniciais das PGA, apenas 20,74% mantiveram as classificações dadas inicialmente.

Segundo o socialista António Barreto, que ainda recentemente abordou esta questão junto da comunicação social, a PGA revelou-se «um instrumento sem a menor fiabilidade, com a existência de uma grande variabilidade de modos de entender a avaliação».

Para este parlamentar, os estudantes que as faculdades de ciências poderão receber são um bom exemplo desta situação, uma vez que «alunos fracos nas áreas científicas puderam ultrapassar bons alunos nessas áreas porque, nas provas gerais de acesso, estes produziram textos avaliados por professores mais exigentes em termos literários, sendo penalizados porque os seus textos não contemplavam padrões de excelência literária que a própria estrutura da prova favorecia».

Acesso atrasado ou incompetência?

Em 19 de Setembro passado, num encontro com a



Para Meira Soares, o importante nesta fase é «não entrar em situações de confronto com os interesses dos estudantes»

comunicação social realizado a propósito da abertura oficial do ano lectivo de 1989/90, o Ministro da Educação, em plena onda de paralisações no sector docente do ensino superior - e que afectava, desde Julho, a realização das provas específicas de acesso (estas da responsabilidade das próprias universidades) - sublinhava publicamente que 80 a 85% dos alunos candidatos já tinham efectuado aquelas provas.

Tentando minimizar, para a opinião pública, os efeitos de uma greve que os responsáveis ministeriais sabiam de antemão vir a afectar todo o sistema de ensino - recorde-se que remonta a 10 de Julho a data da primeira paralisação daquele sector docente - Roberto Carneiro, e todo o Executivo, deveria agora ter que se confrontar com quatro meses de inabilidade ministerial para solucionar um problema nacional «preso» por apenas 15% dos seus mais directos implicados.

O «esforço» anunciado em Dezembro pelos responsáveis da Educação no nosso país, no sentido de conseguir fazer arrancar, em tempo útil recorde, toda a máquina que permitiria terminar o complexo processo informático de seriação dos candidatos ao ensino superior, foi, contudo, contrariado por diversos sectores.

Segundo Pedro Lourtie, coordenador da comissão

instaladora do Sindicato Nacional do Ensino Superior (SNESUP) - estrutura que desce directamente da comissão inter-escolas, a principal responsável pela condução do processo de luta no ensino superior - os problemas que se prendem com o atraso no início do ano lectivo «não podem ser imputados aos professores».

«É incompreensível que, quando as últimas provas específicas foram realizadas ainda em Outubro, o Ministério tenha necessitado de tanto tempo para proceder à seriação dos candidatos», sublinhou Lourtie ao «DL».

No entanto, para os responsáveis governamentais, que desde sempre consideraram os estudantes «reféns» de um processo de diferendo a que eram «perfeitamente alheios», o atraso no início do ano lectivo fica a dever-se inteiramente às greves dos professores e investigadores universitários que se estenderam, alternadamente em todas as academias, desde Julho até Outubro.

Último recurso - ou não - para trazer algum êxito a um desempenho falhado logo no seu primeiro ano de funcionamento, o contra-relógio desenvolvido pelo Ministério da Educação conseguiu, contudo, tornar públicas as listas de colocação dos candidatos nos primeiros dias de 1990, tornando possível, teoricamente, o início das aulas dos caloiros univer-

sitários ainda na primeira quinzena do mês em curso.

Aulas até quando?

Resolvida que aparentemente está a abertura do ano lectivo no ensino superior - apesar de algumas das datas anunciadas para a entrada em funcionamento de várias escolas precederem as da realização das próprias matrículas - a questão que mais tem preocupado todos os agentes do processo educativo é a do tempo ideal de conclusão das aulas, por forma a que os caloiros não fiquem prejudicados no leccionamento das matérias.

De concreto, sabe-se que o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) sugeriu às diversas instituições que fossem facilitadas todas as diligências no sentido de se prolongar o tempo útil de aulas à custa do próprio prolongamento do ano lectivo, da redução dos períodos de férias intercalares ou mesmo do aumento da carga horária por disciplina.

No entanto, a forma como esta situação poderá vir a ser ultrapassada não é uma questão pacífica, e levantou já diversas polémicas.

Meira Soares, Reitor da Universidade de Lisboa, não garantiu ao «DL» que as datas previstas para o início do ano lectivo nas diferentes faculdades desta universidade pudessem ser, na sua totalidade, cumpridas.

continua na pág. 4

Previsão do número de alunos para 1992/93

	PORTUGAL 1987/88		CEE	PORTUGAL 1992/93	
	n.º alunos (mil)	taxa de esc. (%)		n.º alunos (mil)	taxas esc. (%)
ED. PRÉ-ESC.	120,8	30	80-90	247,0	90
ENSINO BÁS.	1 568,7			1 581,5	
1.º ciclo	773,7	100		666,6	
2.º ciclo	372,1	90	100	398,6	100
3.º ciclo	422,9			516,3	
ENS. SECUND.	309,3			465,2	
Geral	296,4	40	80	375,5	80
Profissional	12,9			89,7	
ENS. SUP.	118,1			231,3	
Politécnico	22,9			63,6	
Universitário	95,2	11	25	117,7	20
Univ. Aberta				32,0	
TOTAL:	2 116,9			2 507,0	



Em Fevereiro de 1989, alunos do ensino secundário manifestam-se contra a entrada em vigor da nova Lei de Acesso ao ensino superior

Em busca do tempo perdido

*Inscrições, praxe e aulas, tudo aconteceu ao mesmo tempo.
"Todos ao molho e fé em Deus" foi a tática*

Quisemos saber como foi o início do primeiro ano do Ensino Superior público na maioria dos casos marcado para segunda e terça-feira. O que encontramos foi alguma desorganização e apreensão quanto ao que será este novo ano. Tenta-se recuperar um atraso de quase quatro meses.

Muitas escolas optaram por realizar as cerimónias da praxe. Uma praxe tardia, por isso envergonhada e tímida, sem grande imaginação. Com as caras pintadas e sujos de farinha, os alunos assistiram às aulas de apresentação mesmo sem saberem qual a turma, por ainda decorrerem as inscrições. Mas, matéria, na grande maioria das faculdades, só a partir da próxima segunda-feira.

Este ano começou mal e espera-se que acabe um pouco melhor. A greve dos professores universitários foi a gota de água de um processo já viciado. A começar pela alteração das formas de acesso ao ensino superior em pleno ano lectivo. Os alunos e docentes do 12º ano só em Fevereiro foram informados da Prova Geral de Acesso, um teste de cultura geral comum a todos os candidatos. Os jovens foram os primeiros a manifestarem o descontentamento. Sem grande capacidade reivindicativa e de organização, acabaram por esperar pacientemente pelo evoluir da situação. No fundo tinham a esperança de serem contemplados com uma vaga.

Reitores, professores, pais e Ministério da Educação são unânimes em considerar que os alunos não podem ser prejudicados por este atraso. Estes respondem que já foram e aceitam todas as medidas para concluir o primeiro ano. «Eu gostava de ter férias, mas é preferível continuar com as aulas do que deixar cadeiras para o próximo ano», diz-nos Ana Colaço, 18 anos, Informática, Faculdade de Ciências.

Prolongamento das aulas até Julho, condensação da matéria e sobrecarga de avaliações é a solução adoptada em grande parte dos estabelecimentos de

ensino. Advinha-se um ano difícil para os novos alunos, sobretudo depois de seis meses de inactividade.

Mesmo assim, os caloiros têm razões para estarem contentes. Dos 50 mil candidatos, apenas 40 por cento conseguiram vaga. Eleitos de uma selecção apertada e, por vezes, injusta, consideram que tiveram sorte. Esta é também a opinião do Filipe, 19 anos, 58 por cento de nota, que escolheu Recursos Faunísticos e Ambiente: «Apostei no cavalo certo», confessa.

O ingresso no ensino superior não é propriamente uma lotaria. Mas, quando não se tem boa classificação, mais de 80 por cento (16 valores), é preciso saber escolher os cursos. Sem querer fazer uma comparação entre os mínimos exigidos, os critérios de seriação são diferentes em cada estabelecimento, a verdade é que nos cursos onde sobraram vagas entraram pessoas com menos de 30 por cento de nota (6 valores). Por exemplo, na licenciatura de Física, Faculdade de Ciências, Universidade Nova de Lisboa, o último aluno entrou com 25,8 por cento.

Neste Faculdade encontramos estudantes com pontuações muito baixas, grande parte colocados nas últimas opções. É o caso de Sandra Sofia, 18 anos, aluna de ciências que queria seguir Farmácia. Em último lugar, pôs Probabilidades e Estatística apenas para preencher todas as quadrados (seis hipóteses de escolha). Na prova específica de matemática obteve sete por cento. Apesar de uma média geral negativa, 43 por cento, acabou por ser colocada neste curso. Desiludida e sem preparação nesta matéria vai frequentar as aulas. «É melhor do que não entrar e ficar parada», responde.

No mesmo curso, mas com classificação mais elevada, 65 por cento, a Sandra Sofia toda a vida sonhou em formar-se em Economia. No entanto, confessa-se conformada com a situação. Melhor destino teve o Fernando, 19 anos, que colocou Engenharia Geográfica em terceiro lugar. «Tinha escolhido Engen-

haria Ambiente, Universidade Nova, só agora soube que era o que eu queria. Tive muita sorte, porque esta licenciatura está relacionada com astronomia, é uma coisa que eu gosto. Eu nem sabia que havia este curso», justifica.

A Eva, 19 anos, 75 por cento de média, escolheu em primeiro lugar Direito, em segundo Relações Internacionais, em terceiro Sociologia e em quarto História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, onde acabou por ficar. «Apesar de tudo, são áreas afins e sempre gostei de História. Não vou pedir transferência», reconhece.

Este ano, o esquema de atribuição de majoração às primeiras opções pretendia evitar estas situações: acabar com alunos colocados em cursos para os quais não tinham apetência nem preparação, principal causa do insucesso escolar. Mas, o problema é sempre o mesmo, quem tem uma nota muito elevada vai para onde quer. Os outros jogam na sorte, ou azar, raramente são premiados. Este ano, 31 por cento dos alunos não ficaram nos primeiros cursos que escolheram. Apenas 13 mil estudantes conseguiram vaga na licenciatura desejada.

Os cursos com maior procura têm, obviamente, notas muito elevadas. Direito, Medicina, Economia, Relações Internacionais, Informática, Gestão, Comunicação Social, Sociologia e Línguas e Literaturas Modernas/variante Estudos Portugueses e Ingleses, são os mais procurados. Mais de 90 por cento das vagas são preenchidas com as primeiras opções dos alunos. Raramente entram alunos com classificação abaixo de 80 por cento.

É o caso de grande parte dos caloiros da Faculdade de Medicina Veterinária, primeira opção. Há uma pequena percentagem de excluídos de Medicina. Com classificação acima de 16 sempre confiaram numa colocação. Estão ali por mérito e não por sorte, querem iniciar o ano rapidamente. O futuro pertence-lhes

Céu Neves

COMENTÁRIO

A fita métrica das Universidades

O controlo do acesso às Universidades, através da instituição, em 1977, do *numerus clausus*, resultou do receio de situações como as verificadas em alguns países, onde a existência de multidões de licenciados sem emprego comprovavam o perigo da falta de planeamento no ensino de graus superiores.

Tais situações, que, nessa altura, já estavam muito esbatidas na Europa, só poderiam de facto ser evitadas em Portugal se houvesse uma capacidade de previsão a um prazo igual aquele que leva um candidato à Universidade a ser um recém-formado à procura de emprego. Se já é difícil quantificar o País no presente, tentar dimensioná-lo no futuro é tarefa que, por entre faltas de meios, desconhecimentos, imprevistos e imponderáveis, está condenada às mesmas probabilidades de acerto da lotaria.

Da situação de não existência de planeamento, não se conseguiu passar a mais do que a ter um mau planeamento, o que, conduzindo, na prática, aos mesmos erros, tem a agravante de criar a ilusão de que conduz a uma solução.

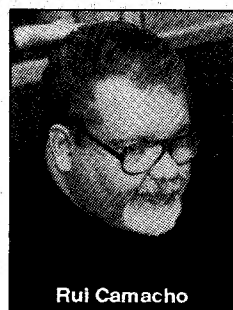
O *numerus clausus* não conseguiu evitar que determinados cursos se transformassem numa fonte inesgotável de desemprego, sempre alimentada por novas admissões de candidatos, ou que deixasse de haver falta de licenciados em especialidades relativamente às quais se mantinham restrições de acesso consideráveis. No entanto, a consequência mais grave do processo escolhido para moderar o acesso às universidades terá provavelmente sido o desvio de vocações. É que a alternativa da frequência do mesmo curso numa cidade distante é uma segunda opção aberta exclusivamente às classes económicas privilegiadas. O que acontece mais frequentemente é os candidatos se acomodarem, como solução de vida, numa escola de recurso, igualmente próxima da sua residência mas distante da sua vocação. E muito provavelmente irão inviabilizar aí o ingresso de alunos com menor nota mas melhores aptidões específicas.

As consequências deste desencontro de projectos e de realizações são difíceis de avaliar no seu todo, mas entre elas estarão possivelmente muitas desistências definitivas da frequência dos cursos e carreiras profissionais falhadas.

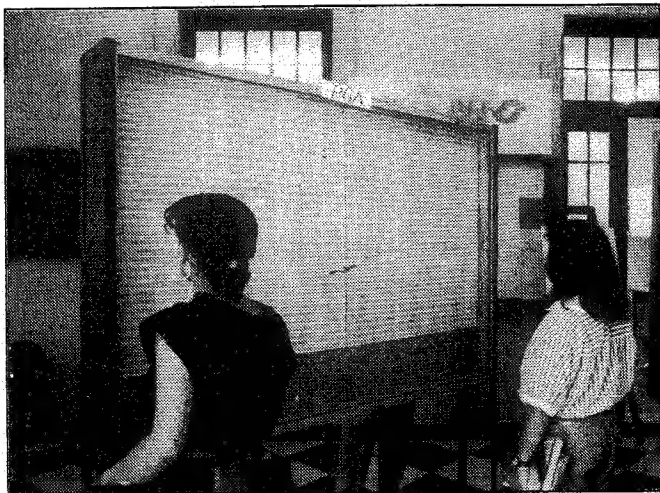
Falhado também, desde início, num objectivo que pretendia ser sobretudo social, o *numerus clausus*, adaptando os seus próprios mecanismos, cedo se realizou em segunda opção: a de instrumento administrativo. Passou a ser a fita métrica da capacidade das faculdades e, em função desta, o contador de alunos que lá cabiam. A pouco mais, de facto, se atendeu.

Não conseguindo harmonizar a produção do ensino com as necessidades da sociedade, o processo de limitação do acesso à Universidade apenas logrou solidificar a esclerose da maioria das escolas, por ele resguardadas de desafios que, à partida insustentáveis, poderiam, a curto prazo, impor soluções renovadoras e dinamizadoras e derrubar ditaduras de interesses instalados e de mentalidades obsoletas.

Como, com o *numerus clausus*, o que mais interessava mudar ficou na mesma, não falta quem lhe atribua o mais dilatado mérito.



Rui Camacho



Os resultados das PGA permaneceram uma incógnita até à seriação final dos candidatos

Os excluídos

São maus alunos ou escolheram mal. Pouco importa. A realidade é que 60 por cento dos alunos não conseguiram entrar na faculdade. Ficar um ano na inactividade, fazer melhorias de notas, continuar nas faculdades privadas ou frequentar cursos financiados pela CEE, são as hipóteses para quem ainda não desistiu de ser doutor.

Independentemente de se questionar o acesso ao ensino superior, é importante localizar os alunos preteridos. Muitos não conseguem realizar um sonho mantido ao longo do ensino secundário. Outros vão frequentar novamente, como alunos externos, o 12º ano, esperando por uma bonificação e melhor sorte para o próximo ano. A esperança continua, o que falta são motivos de interesse. Melhores alternativas são o ensino privado, para quem tem dinheiro, ou os cursos de Formação Profissional financiados pela CEE, para quem o não tem.

Helena Barquina, 21 anos, concorreu pela primeira vez ao Ensino Superior, onde escolheu cursos sem prova específica. Queria tirar o Magistério Primário, mas este ano não abriram vagas em Lisboa. Impossibilitada, por razões familiares e económicas de tentar outras zonas do país, concorreu com desilusão e quase desinteresse. A média do 12º ano foi 14 e na prova específica obteve 62 por cento. Com poucas hipóteses acabou por ficar no caminho e espera-a um ano «às moscas».

Não vai fazer melhorias. Está cansada do sistema educativo e, a esta altura, o mais provável é não ter vaga no secundário. Espera que, no próximo ano, abram as inscrições no Magistério. Se for concedida bonificação para os que se candida pela segunda vez, talvez tenha a «sorte» de entrar.

«O que está mal é a nova forma de acesso. Este ano foi uma grande confusão. Andava tudo sem saber o que fazer, professores e alunos. Fomos o tubo de ensaio para uma coisa que saiu mal. Até aqui fazíamos exames sobre matérias leccionadas. Sabíamos o que era preciso estudar. De repente aparece uma Prova Geral de Acesso (PGA), sem indicação do que era pretendido. Cultura geral é muito subjectivo. Fizemos o teste um pouco à sorte. Eu estou descontente como a maioria dos estudantes. Claro que os que entraram estão satisfeitos e já se esqueceram do que passaram», desabafa Helena Barquina.

Mas, apesar de terem conseguido, nem todos calaram o seu protesto pela forma de seriação. Para Ana Colaço, 18 anos, Informática «o sistema de acesso foi uma grande confusão. A forma antiga era má, mas esta é muito pior». «Concordo com a PGA, mas com matérias mais específicas», diz-nos João Narciso, 18 anos, Veterinária. Da mesma idade e curso, José Louro acrescenta: «Devem ser as faculdades a fazer as Provas Específicas. A PGA deve ter uma ponderação inferior, valendo entre 30 e 50 por cento da nota final, acaba por ser um jogo de sorte e azar».

De facto, muitas vezes, a entrada na faculdade é um problema de escolha. Para um aluno «médio», menos de 75 por cento (15 valores), alguns conselhos podem ser úteis se querem, a todo o custo, obter uma licenciatura. Não devem escolher cursos sem prova específica, estes têm notas mais elevadas, por ser o caminho mais fácil e imediato. Por outro lado, um momento de avaliação é mais uma hipótese. Fugir, tanto quanto possível, das grandes cidades. Lisboa, Porto e Coimbra estão quase sempre superlotadas. As universidades de Aveiro, Minho e Beira Interior ainda têm muitas vagas na segunda fase de candidaturas, num total de 803. Escolher as áreas de Biologia, Geologia, Física, Química e Linguas e Literaturas Modernas, variantes de Estudos Portugueses e Espanhóis e Estudos Portugueses e Italianos.

C.N.

Uma reforma in-docente

Para os portugueses que a memória menos atraíça, cidadãos atentos à realidade e perspectivas das gerações mais jovens, os anos lectivos de 1988/89 e 1989/90 ficarão irreversivelmente marcados pela má memória da entrada em vigor de uma reforma do sistema educativo que, desde logo, conseguiu desgostar a gregos e troianos, virando contra o Governo, pelas mais variadas razões, a esmagadora maioria dos intervenientes no processo educativo nacional.

A governação à sombra de uma maioria parlamentar «espartana», se bem que mais cómoda, pode arrastar consigo um preço elevado a pagar por quaisquer «excessos» cometidos, para mais quando o país real dá mostras do seu duplo descontentamento com a acção governativa: paralisar um sistema é traduzir, em forma de luta, uma oposição concreta marcada pela força de vários mil-

hares de razões; mas acaba por ser também a assunção da impotência de quem «só» tem voz para simultaneamente jogar contra um adversário que também é o árbitro dum desafio nacional.

1989 e 1990 ficarão nas páginas da história da Educação portuguesa como os anos em que toda a classe docente do país paralisou em lutas de protesto que atingiram índices de adesão jamais alcançados na sua totalidade. Em causa estavam os estatutos das carreiras docentes de todos os graus de ensino do sistema educativo e os respectivos enquadramentos salariais no âmbito da reforma do sistema retributivo da Função Pública portuguesa. Mais do que estas questões por si só, esteve em jogo a própria dignificação nacional da função docente, largamente prometida para 1989 pelo Governo através de longos meses de sucessivas intervenções do Ministro

Roberto Carneiro a este propósito, e assumida como necessária na perspectiva da equiparação de uma actividade de formação superior - e, no caso do ensino superior, de ponta aos níveis da ciência e da cultura portuguesas - com outras nacionais e com as suas congéneres europeias.

Afirmar, hoje, que qualquer paralisação da classe docente afectou, por si, o decurso normal das acções lectivas, é esquecer que a tutela da Educação é da inteira responsabilidade de um Governo que não só tem de responder, em qualquer situação, pelo assegurar daquelas actividades, como também tem a seu cargo o levar por diante - até ao fim e a todos os níveis - as reformas de um sistema que se propôs alterar, sem nomear bodes expiatórios para responsabilizar as suas próprias incompetências.

M.A.M.



Recepção aos calouros na Faculdade de Medicina Veterinária: primeiro teste da capacidade sofredora dos alunos

Um jogo de sorte e azar

cont. da página 2

dade, cumpridas.

«Estamos todos interessados em que os efeitos dos atrasos sejam os mínimos possíveis. No entanto esta situação tem que ser resolvida faculdade a faculdade, são elas próprias que devem rever os seus objectivos para o primeiro ano lectivo».

Reconhecendo a «falta de forma» em que os alunos actualmente se encontram devido a todas as vicissitudes porque passaram, Meira Soares sublinhou ao «DL» que quer a hipótese do prolongamento das aulas, quer a do aumento do número de aulas por semana, «não pode sacrificar os alunos».

«A universidade tem que ser suficientemente flexível para alterar o sistema, numa altura em que a resolução destas questões depende, à luz da autonomia universitária, unicamente das decisões que ela própria tomar. Pode-se terminar o ano em

Julho, podem-se passar cadeiras do 1º para o 2º ano, pode-se aumentar a carga lectiva... são problemas a resolver mas para os quais há liberdade para fazer coisas».

Rogério Leitão, presidente da federação das associações de pais, afirmou ao «DL», por seu turno, que a estrutura que dirige «está basicamente de acordo com qualquer medida tendente a salvar o ano lectivo».

«Não queremos outro ano cívico», sustentou Rogério Leitão, para quem o que se passou «foi, em termos de ensino, um descalabro total devido à greve dos professores universitários».

«O Ministério devia ter tomado medidas que, na altura própria, lograssem desbloquear a situação. Fizemos ver, através do Conselho de Reitores, as consequências prejudiciais de todo o processo. Fizemos o mesmo com o ME e, como não obtivemos qualquer resposta, dirigimo-nos também

ao Primeiro-Ministro alertando-o para o rumo que as coisas estavam a tomar. Fizemos o que estava ao nosso alcance, portanto, agora que o ano está a começar, é nossa vontade que tudo, mas tudo possa ser feito de modo a não prejudicar mais os estudos dos nossos jovens».

«Qualquer solução» para resolver o problema do atraso deste ano não é, contudo, a posição defendida pela Associação Académica de Lisboa (AAL).

Para esta organização estudantil, o prolongamento do ano «deve estar fora de causa», pois «se ninguém é objectivamente culpado da situação, não podem ser os alunos a ficar com o ónus da questão».

Segundo Leonel Nunes, membro da direcção cessante da AAL, «a sobrecarga horária não produz mais ciência», e, «como é da norma, entre dois períodos lectivos tem que haver férias».

Relativamente à possibili-

dade de virem a existir medidas suplementares de avaliação, este dirigente estudantil afirmou ao «DL» que a AAL «é absolutamente contra», pois isso seria «o mesmo que prolongar o ano, mandando os alunos estudar para casa».

Prolongamento ou não do ano lectivo, diversas poderão ser portanto as medidas a tomar, escola a escola, tendentes, qualquer delas, a «não entrar em confronto com os estudantes» - como sustentou o professor Meira Soares.

Para os responsáveis ministeriais da Educação, o caso estará mais ou menos resolvido. Os louros da abertura do ano, que lhes dêem ou tirem quem quiser... os problemas «de facto» estão agora nos braços das universidades, para quem uma lei de autonomia parece finalmente não ter sido criada em vão.

Maria Antónia Martinho

GRANDE ANGULAR



As "velhas" universidades dominam o panorama do ensino superior público

Do ensino fechado à imobilidade expansiva

Caracterizar o sistema de ensino superior em Portugal, quer à luz da sua própria orgânica ou estrutura interna quer em termos comparativos com os seus congéneres de além fronteiras, implica a necessidade de um trabalho de reconhecimento sobretudo do que não tem sido feito e que, no início de uma década que as mais diversas instâncias do poder luso pretendem ver «da Educação», traduz a efectiva distância a que nos encontramos do verdadeiro sentido - em qualquer das suas possíveis vertentes - que deve ser dado a um ensino de nível científico e cultural «superior».

Se as recentes tentativas de generalização e democratização do acesso ao ensino superior têm tentado ultrapassar o atraso de mais de quarenta anos em que Portugal se tem visto mergulhado no que respeita, entre muitos outros, à Educação, os índices que reflectem esta escassa evolução dão bem conta das estratégias de expansão inócuas que têm sido desen-

volvidas, apesar de, aqui e além, travestidas de aparentes inovações e progressos sem verdadeiro eco ao nível do desenvolvimento do tecido social e económico do país real.

Os números que se apresentam nos quadros em anexo - oficialmente fornecidos pelo Ministério da Educação - dão bem conta do atraso em que Portugal se situa nesta matéria relativamente às médias registadas nos diversos países da CEE, em qualquer nível de escolarização.

É grave que as taxas de frequência do ensino superior em Portugal previstas para 1992/93 sejam ainda inferiores às que já se registavam na Europa em 1987/88. No entanto, é de relevar que, qualquer que seja o grande esforço de investimento que se anuncie no sentido de as aproximar com os índices da CEE, é sobretudo ao nível da educação pré-escolar que Portugal não garante um dos direitos básicos da cidadania - e consequentemente o da própria

maternidade - e de reflectir nas diferenças que ocorrem ao nível do próprio ensino secundário.

Contrariamente a algumas outras situações, a realidade fria dos números traduz bem a pobreza, em matéria de Educação, que se faz sentir no nosso país, e que, ainda recentemente (12 de Abril passado), o Banco Mundial caracterizava num relatório confidencial a que o «DL» teve acesso.

Longa tradição mantém arcaísmo do sistema

Remontando a 1290, com a fundação da Universidade de Coimbra, a tradição do ensino universitário em Portugal enferma hoje de uma teia de situações de leituras complexas que, genericamente, conduzem ao levantamento dos desajustes e estagnamentos que o sistema de ensino superior público manifesta relativamente às suas necessidades internas e externas.

Práticas «desadequadas e envelhecidas» a par de «novos desenvolvimentos» caracteri-



O Orçamento de Estado é a principal fonte de financiamento da Educação

zam, de acordo com o relatório do Banco Mundial, o «misto desajeitado e pesado» a que chegou o sistema de ensino superior português, numa situação onde pesa a criação de novas instituições de ensino públicas e privadas mas onde, paralelamente, não se registaram desde há várias décadas alterações ao nível do seu financiamento e das práticas e métodos de leccionamento.

O resultado - sublinham os especialistas da equipa do Banco Mundial responsável pela elaboração do relatório sobre o ensino superior no nosso país - é um «sistema cheio de anomalias e em desacordo com o recente estatuto de Portugal como membro da CEE», relevando que a mais urgente operação a realizar, «mais que a sua expansão», é a «adaptação e o re-direccionamento» que o sistema de ensino português necessita, por forma a dar resposta às necessidades que se impõem no sentido de o tornar mais «moderno, flexível, eficiente e operacional» e «menos dependente

do financiamento governamental».

«Velhas» universidades são «alma mater»

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) - Lei nº 46/86, de 14 de Outubro - o ensino superior português encontra-se organizado em dois «subsistemas» - o ensino universitário e o politécnico, que, sob o ponto de vista da propriedade e da tutela das respectivas instituições (públicas), dependem exclusivamente do Ministério da Educação.

De um ponto de vista quantitativo, são as «velhas» universidades - as de Lisboa, Porto, Coimbra e Técnica de Lisboa - que dominam o panorama do sistema de ensino superior público do nosso país, com uma capacidade que aglomera aproximadamente 80% da população estudantil.

Quer a sua localização - ao longo do principal eixo económico do país e entre os mais importantes aglomerados populacionais - com a consequente facilidade em

fixar, desde há décadas, o «staff» docente mais qualificado, quer o facto de leccionarem os ramos do saber mais tradicionais (direito, medicina, letras, etc), têm conferido a estas instituições um poder sem paralelo no nosso sistema educativo, com repercussões ao nível da não correspondência entre a existência de locais de «ciência» e desenvolvimento regional. A criação de novas universidades e politécnicos em centros populacionais mais pequenos pode representar um passo dado no sentido de, com a presença da educação superior, facilitar o desenvolvimento regional (as universidades do Minho e Aveiro e a sua produção científica e tecnológica serão, talvez, os casos portugueses mais exemplares).

No entanto, longe vem ainda o momento em que a criação de novas instituições possa representar um salto positivo no sentido de diminuir o peso relativo do papel das universidades «velhas». A forte tendência para o politécnico ser considerado, ainda hoje em dia, como um ensino algo subalterno relativamente ao universitário, pode acarretar riscos irreversíveis de, a curto prazo, ver nas suas casas uma população - quer docente quer discente - anteriormente preterida nas universidades, degradando a qualidade do ensino nelas ministrado.

Recursos limitados Imobilizam expansão

De acordo com a perspectiva sobre o ensino superior português apontada pelo Banco Mundial, o crescimento nos investimentos financeiros

continua na página seguinte

CANDIDATOS AO ENS. SUP. EM 1989/90			
DISTRITO	N.º PGA	MÉDIA PGA	N.º CAND.
Aveiro	4 157	58.70	2 556
Beja	1 005	58.87	552
Braga	4 656	57.09	2 821
Bragança	1 520	53.12	944
Castelo Branco	2 012	57.67	1 228
Coimbra	4 975	58.32	2 915
Évora	1 520	55.41	984
Faro	2 241	57.85	1 238
Guarda	1 613	52.22	1 110
Leiria	2 555	58.77	1 622
Lisboa	27 595	60.00	14 884
Portalegre	836	56.20	566
Porto	14 283	57.84	8 465
Santarém	3 961	58.72	2 318
Setúbal	7 414	59.25	4 148
Viana do Castelo	1 679	55.21	1 092
Vila Real	2 024	52.93	1 330
Viseu	2 474	56.18	1 586
R. Aut. Açores	932	54.12	568
R. Aut. Madeira	1 870	55.78	765
Macau	85	62.19	52
TOTAL:			51 744

PERCENTAGEM DE LICENCIADOS POR SECTOR DE ACTIVIDADE

SECTOR	1987		PREVISÃO PARA 2010	
	EMPREGO (Milhares)	PESSOAL C/ FORM. SUP. (%)	EMPREGO (Milhares)	PESSOAL C/ FORM. SUP. (%)
Primário	928	0,6	519	4,0
Prod. energia	39	6,1	46	7,5
Intens. energia	148	3,0	146	7,0
Bens Invest.	159	3,8	187	6,0
Outr. Indústrias	575	1,8	405	6,0
Const. Ob. Pub.	365	3,1	483	4,0
Transportes	128	5,8	137	6,5
Serviços	1 542	5,5	2 633	9,5
TOTAL:	3 884	3,9	4 556	8,4

Do ensino fechado à imobilidade expansiva

continuação da página anterior

neste sector, realizados nos últimos cinco anos, tem sido principalmente canalizado para cobrir aumentos com as despesas salariais, mais que para a expansão e desenvolvimento do sistema.

Com efeito, o financiamento da educação pública superior em Portugal, contrariamente à esmagadora maioria das tendências europeias, depende praticamente da exclusividade do orçamento governamental concedido para o sector, numa situação que bem traduz o quanto a autonomia universitária se circunscreve, em larga medida, ao decretado no papel.

Apesar de se situarem muito abaixo dos índices standard internacionais, apenas 2% do montante dos orçamentos das universidades provém de auto-financiamentos, situação que dá conta das suas ínfimas capacidades de gerar riqueza.

Tendo em conta que o Orçamento de Estado canalizado para o Ministério da Educação é de longe a principal fonte de financiamento para o próprio desenvolvimento da Educação (apesar de não responder às necessidades que se impõem) - este ano ultrapassou-se aquilo que Roberto Carneiro designou como «barreira histórica»: 5% do PIB das despesas públicas - e que o processo de transformação da economia de Portugal, como membro da CEE, requer muitos outros investimentos por parte do Estado, fica no ar a questão de se saber até que ponto o orçamento para o ensino superior pode aumentar sensivelmente em relação às restantes despesas públicas do sector da Educação.

Aparece assim como ful-

cral a necessidade de fontes de financiamento alternativas e adicionais às do Estado, não só para viabilizar a adaptação do sistema do ensino superior às suas carências internas - dar resposta ao fraco índice de recursos humanos com formação de nível superior, principalmente (ver quadro) - como também para fazer face às transformações que a entrada em vigor do Mercado Único Europeu irreversivelmente trarão para Portugal.

O ingresso anual de aproximadamente 40 mil estudantes no ensino superior - quando os níveis europeus já situam este valor médio nos 200 mil novos alunos por ano - põem em causa a actual existência dos numerosos claudos nas universidades e politécnicos, numa situação em que a alternativa do ensino superior privado não traduz a realidade da situação económica da maioria da população portuguesa.

Privadas: que alternativa?

Se, sob determinadas condições paradigmáticas e ideológicas - uma matéria que inexplicavelmente ainda carece de alargada discussão pública - o ensino superior privado pode fornecer uma componente extensiva ao sistema de ensino público, no sentido da concretização de objectivos nacionais de educação, a realidade de que se pratica em Portugal está longe de poder substanciar quaisquer metas de relevo.

As instituições de ensino privadas que actualmente pululam no nosso país visam apenas satisfazer uma procura negada pela oferta do ensino público - poucas vagas e/ou, em muitos casos, inexistência de horários pós-

GRANDE ANGULAR

laborais.

A universidade por excelência é um local de ciência e saber, onde também se ensina. Esta tónica determinante e fundante da concepção de ensino universitário - a investigação - não existe no domínio privado, onde um ensino marcadamente virado para campos não laboratoriais de letras e ciências sociais, menos despendiosos financeiramente e arbitrariamente passíveis de limitar a formação ideológica dos estudantes, proporciona a filosofia do lucro como o princípio da viabilidade económica destas instituições.

Apanágio desta situação - em que a inflação de classificações elevadas oriundas das universidades privadas levou já a algum descrédito relativamente às suas próprias competências e integridade - foi a oferta, este ano, de quase 50% das vagas existentes em todo o ensino superior por parte do ensino particular e em que a possibilidade, conferida pelo ME, dos alunos poderem transitar dum ensino para o outro em igualdade de circunstâncias, trouxe a estas instituições a assunção de um estranho papel de peso no sistema de ensino nacional sem paralelo na realidade dos requisitos do mundo empregador e da própria opinião pública.

Maria Antónia Martinho



Confusão junto à porta da secretaria. Os estudantes esperam pela sua vez para se inscreverem

Lista dos cursos com mais de 90 por cento dos candidatos na 1ª opção

ESTABELE.	CURSO	1ª OPÇÃO %	CANDL.	VAGAS	MÍNIMOS %
U. COIMBRA					
F. Direito	Direito	96,6	5005	387	85,5
F. Economia	Economia	91,6	4339	135	79,8
U. LISBOA					
F. Direito	Direito	92,9	2621	436	77,1
F. Letras	LLM Por/Ing.	97,5	1252	40	87,5
U. TÉCNICA LISBOA					
I.S.C.P.S.	Com. Social	95,5	4935	44	88,5
	Rel. Intern.	94,5	4372	55	90,3
I.S.T.	E. Elec. Comp.	99,1	1834	220	83,7
	E. Química	94,8	1042	116	82
U. NOVA LISBOA					
F. Economia	Economia	94,9	5984	176	81,9
U. MINHO					
	Gestão	91,1	2342	45	78,8
	Por/Franc.(ens.)	97,8	1016	45	79,4
	Por/Inglês	91,1	1065	45	81,8
U. PORTO					
F. Ciências	Bioquímica	95,5	1095	22	87,2
F. Economia	Economia	97,7	4396	220	82,4
	Gestão	94,5	4102	110	81,5
F. Engenharia	E. Elec. Comput.	92,3	1095	143	63,7
F. Letras	LLM. Por/Ingleses	97	1016	33	84,0
	Sociologia	97	2702	33	85,5
ISCTE					
	Sociologia	93,3	4286	89	85
	Inf. Gestão Emp.	96,7	1496	30	83,8

TRIBUNAL DE CONTAS DIRECÇÃO-GERAL ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO N.º 1 — REV./90 EXECUÇÃO GRÁFICA DA REVISTA DO TRIBUNAL DE CONTAS E DO T.C. JURE

1 — Faz-se público que se encontra aberto concurso para a execução gráfica da Revista do Tribunal de Contas e do T.C. Jure.

2 — O processo de concurso encontra-se patente para consulta, de segunda a sexta-feira, entre as 10h00 e as 12h00 e das 14h30 às 16h30, nas instalações do Tribunal de Contas, na Av. da República n.º 65, Piso Intermediário, Sala 11, onde poderão ser adquiridas cópias do Caderno de Encargos e serem prestados todos os esclarecimentos necessários.

3 — As propostas terão de dar entrada, inpreterivelmente, na morada indicada no n.º 2, até às 17h30 do dia 5 de Fevereiro de 1990.

4 — Se as propostas forem enviadas pelo correio devem ser enviadas para a Direcção-Geral do Tribunal de Contas, Av. Barbosa do Bocage, n.º 61 — 1094 LISBOA CODEX.

Caso a proposta entre fora do prazo não será considerada, sendo o atraso da responsabilidade do concorrente.

5 — A abertura das propostas terá lugar no dia 6 de Fevereiro de 1990, pelas 10h00, nas instalações da Direcção-Geral do Tribunal de Contas.

Direcção-Geral do Tribunal de Contas, em 1990 JANEIRO 10

O Director-Geral
Ernesto Luís Rosa Laurentino da Cunha

TRIBUNAL DE CONTAS DIRECÇÃO-GERAL ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO N.º 2 — TRA./90 TRADUÇÃO DE 13 VOLUMES DE INGLÊS PARA PORTUGUÊS

1 — Faz-se público que se encontra aberto concurso para a Tradução de 13 volumes de Inglês para Português.

2 — O processo de concurso encontra-se patente para consulta, de segunda a sexta-feira, entre as 10h00 e as 12h00 e das 14h30 às 16h30, nas instalações do Tribunal de Contas, na Av. da República n.º 65, Piso Intermediário, Sala 11, onde poderão ser adquiridas cópias do Caderno de Encargos e serem prestados todos os esclarecimentos necessários.

3 — As propostas terão de dar entrada na morada indicada em 2, até às 17h30 do dia 5 de Fevereiro de 1990.

4 — Se as propostas forem enviadas pelo correio, devem ser enviadas para a Direcção-Geral do Tribunal de Contas, Avenida Barbosa do Bocage, n.º 61 — 1094 LISBOA CODEX.

Caso a proposta entre fora do prazo, não será considerada, sendo o atraso da responsabilidade do concorrente.

5 — A abertura das propostas terá lugar no dia 6 de Fevereiro de 1990, pelas 14h30, nas instalações da Direcção-Geral do Tribunal de Contas.

Direcção-Geral do Tribunal de Contas, em 1990 Janeiro 10

O DIRECTOR-GERAL
Ernesto Luís Rosa Laurentino da Cunha

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE CASCAIS Proc. 4034 ANÚNCIO

Faz saber que por este Tribunal correm editos de trinta dias que comecarão a contar da data da tentativa de conciliação, citando o Réu José de Oliveira dos Santos Dias, residente em parte incerta e com última residência conhecida na Avenida da República, 52-1.º andar E na Parede, para comparecer pessoalmente neste Juízo e na 1.ª Secção no dia 14/2/90 pelas 10 horas, ou fazer-se representar por procurador com poderes especiais para transigir, a fim de se proceder à tentativa de conciliação nos autos de acção de despejo que lhe são movidos por José das Neves Garcia e Luís das Neves Garcia, residentes na Rua Tenente-Coronel Ribeiro dos Reis, n.º 14-7.º esq., em Lisboa, e ainda para, no caso de não comparecer qualquer das partes — o que não é motivo de adiamento, ou de não se obter o acordo, contestar, querendo, a acção no prazo de dez dias, a contar daquela data e findo o prazo dos editos, no qual o autor pede que seja decretado o despejo imediato da fracção autónoma 1.ª andar e duplex dum prédio sito na Avenida da República, 52 e na Rua José Relvas, freguesia da Parede, descrito sob o n.º 3927 do livro B-12, tudo como melhor consta do duplicado da petição, o qual se encontra à disposição do citando na Secretaria Judicial deste Tribunal.

Cascais, 11/1/90

O Juiz de Direito

Illegível

O Escrivão Adjunto

Illegível

DL 19/1/90 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA 3.º JUÍZO ANÚNCIO

O Doutor Luís Maria Vaz das Neves, Juiz de Direito do 3.º Juízo — 2.ª Secção do Tribunal de Família de Lisboa:

FAZ SABER que por este Juízo e Secção, nos autos de Divórcio Litigioso — Processo n.º 7108 em que são autor JOSÉ MANUEL PESSOA LOPES DUARTE, residente em Casal do Pinto, n.º 202 Picheleira — 1900 LISBOA e réu MARIA ISABEL ROCHA MARTINS DUARTE, com última residência conhecida em Casal do Pinto, n.º 167 — Picheleira — 1900 LISBOA e ora ausente em parte incerta, correm editos de 30 dias (TRINTA), contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando a referida ré para, no prazo de 20 dias, decorridos os dos editos, contestar, querendo, os pedidos de divórcio litigioso e de Apelo Judiciário que lhe move o seu marido José Manuel Pessoa Lopes Duarte, pelos motivos constantes da petição inicial e cujo duplicado se encontra à sua disposição neste Juízo e Secção, onde poderá ser levantado.

O autor baseia o seu pedido de divórcio nos termos do art.º 1779 do Código Civil, e o de concessão do benefício do Apelo Judiciário na carência de meios económicos.

Lisboa, 9 de Janeiro de 1990

O Juiz de Direito

Luís Maria Vaz das Neves

A Escriutária

Maria de Fátima F. Côias

DL 19/1/90 2.ª Pub



aeroporos e navegação aérea, e.p.

AVISO DE GREVE PARA 19, 20 E 21 DE JANEIRO ENTREGUE PELOS SINDICATOS DOS CONTROLADORES DE TRÁFEGO AÉREO

INFORMAÇÃO AO PÚBLICO

O Conselho de Gerência da ANA, E.P. - AEROPORTOS E NAVEGAÇÃO AÉREA, lamenta ter de informar a ocorrência de mais uma paralisação em Portugal do transporte aéreo, por 72 horas consecutivas, abrangendo os dias 19, 20 e 21 de Janeiro, por força de um aviso de greve entregue em 12 de Janeiro pelos Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo.

Dada a notória gravidade da situação criada e que não é da responsabilidade da Empresa, importa dar a conhecer publicamente tudo quanto foi feito no sentido de evitar a greve acima referida.

Assim, no decurso de várias sessões de negociação com os Sindicatos a ANA, E.P. apresentou propostas sucessivas de aumentos salariais de 7%, 10,5%, 11,5% 12% e 12,5% a que se aditou, por fim, um valor de 6.000 contos para efeitos de atribuição global no âmbito das horas extraordinárias e remunerações operacionais respeitantes aos cerca de 300 Controladores de Tráfego Aéreo.

Neste ponto, deverá mencionar-se o inusitado de pagar-se como trabalho extraordinário o que à partida e em conformidade com o Acordo de Empresa em vigor consta como estando abrangido no limite das 35 horas semanais de trabalho normal. Todavia e apesar deste facto, a ANA, E.P. encarou a hipótese de manter parte dessa situação e de forma atenuada.

Os Sindicatos não aceitaram nenhuma das propostas da Empresa, apesar do seu elevado valor absoluto e da circunstância de uma situarem bem acima da taxa de inflação prevista para 1990.

Esta atitude de intransigência e de aparente insaciabilidade foi reafirmada, aliás, na indisponibilidade dos Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo para justificarem porque é que pretendem aumentos salariais mensais médios bastante superiores aos já oferecidos pela ANA, E.P. Em síntese, os Sindicatos pretendem realizar mais uma greve durante três dias consecutivos que causará grandes e graves prejuízos a terceiros, desde as companhias de transporte aéreo, aos agentes de turismo, aos fornecedores de alimentos nos aeroportos, etc., em adição às incomodidades e prejuízos de toda a ordem pro-

vocada à comunidade, e isto apesar de os Controladores de Tráfego Aéreo, cerca de 300 pessoas, poderem já auferir das seguintes regalias:

- remunerações médias entre 420 a 560 contos por mês, representando cerca de 12 a 16 salários mínimos nacionais, para a sua maioria;
- trabalharem apenas cerca de 28 horas por semana como trabalho normal, apesar de o limite fixado no Acordo de Empresa ser de 35 horas semanais;
- terem reforma por inteiro automaticamente actualizada aos 52 anos de idade, situação ímpar no contexto nacional;
- serem formados na ANA, E.P., única escola nacional existente, sem qualquer dispêndio para os próprios, para além de receberem vencimento enquanto estão no estágio de formação;
- disporem de um subsídio de refeição que torna a mesma gratuita nas instalações da Empresa;
- disporem de apoio de cafetaria em funcionamento permanente, dia e noite;
- disporem de quartos para descanso no decurso dos turnos de trabalho.

Por último, dever-se-á dar conhecimento público de que a acção de greve por parte dos Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo terá graves repercussões no contexto internacional por impedir o fluxo normal de tráfego na área oceânica do Atlântico Norte, com os grandes inconvenientes e prejuízos que daqui decorrem para terceiros.

Por isso, são já do conhecimento da ANA, E.P. e dos Sindicatos a forte reacção internacional negativa relativamente à greve projectada, sem esquecer que, num futuro próximo Portugal possa ver-se relegado para posição secundária no âmbito do controle de tráfego aéreo.

Nestas condições, as pesadas responsabilidades que decorrem desta grave situação terão de atribuir-se à falta de razoabilidade e de aparente insaciabilidade dos Sindicatos dos Controladores de Tráfego Aéreo, dado que a ANA, E.P. continua a manter a sua disponibilidade para o dialogo com aqueles Sindicatos.

1990-01-18

FORUM

POLÍTICA DE A A Z

Diário
de LisboaFundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.Presidente do Conselho
de Administração: António Ruella
Ramos.Administradores: Maria
do Carmo Ruella Ramos, João
Manuel Ruella Ramos, António
Brás Monteiro e António Gomes
da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana AndringaExerceram anteriormente
a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella
Ramos (1967/1989)Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David,
Rodrigues da Silva e Rui CamachoRedactor-principal
João Paulo de Oliveira
Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso, Eurico
Vasconcelos, João Galamba
de Oliveira, José Luís Feronha,
Maria Gulomar Lima, Neves
de Sousa e Vítor LeitãoRedactor-paginador
António Ribeiro FerreiraRedacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Ana Mafalda
Inácio, Ana Paula Sá, António José
Teixeira, Augusto Vilela, Carlos
Camponoz, Céu Neves, Daniel Reis,
Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa
Andrade, Emília Trindade, Ernesto
Sampaio, Fernando Brederode
Santos, F. Dias de Brito, Gisela
Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas), José
Tavares, Júlio Rodrigues, Luísa
Alexandra Botinas, Lurdes Féria,
Maria Antónia Martinho, Maria João
Martins, Maria João Rocha, Maria
José Belo Marques, Marina Tadeu,
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Perela de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo
Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui
Nunes e Rui PachecoColaboradores permanentes
da Redacção: Alves Henriques,
Daniel Oliveira, Francisco Paraiso,
Isabel Joyce e Roby Amorim.Cartoonista: António Alfredo
e José BandeiraGrafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo
e Luís TenreiroPaginadores:
José António Carvalho, Jorge
Santos, Nuno Teixeira e Oscar
FigueiredoSecretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello
Secretária de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria
Helena MatosChefe de Publicidade
Luísa ValadasGestor de Informática
Luís CanteiroRedacção, Administração, Publicidade
e Serviços Técnicos: Rua Luz
Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef.
3474870/9 - Telegrafos DIBOA -
Telex 12363 DIAROP
- Telefax 3467134. Impresso
na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.
Distribuído por Interpress - Rua do
Norte, 115-1º - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Depósito legal nº 1426/82. Preço
do jornal: no Continente, 60\$00;
na Madeira, 75\$00; nos Açores,
85\$00.PORTE
PAGONOVA IMAGEM,
ESTILO VELHO

Coube ao jornalista Henrique Garcia, na rubrica «Primeira Página» da RTP, a tarefa, à partida duvidosa, de oferecer aos portugueses uma nova imagem do primeiro-ministro. De «nova imagem» se falou nos comentários das rádios e dos jornais. O professor Cavaco Silva respondeu ao entrevistador com a espontaneidade possível, manteve ao longo da entrevista um diálogo sem surpresas, mas que beneficiou de ter sido dispensado o cenário de circunstância e eliminada a solenidade que tem sido atribuída às intervenções de função. Da simplificação resultou a simplicidade da conversa. Ganhou com isso, evidentemente.

Mas, como os telespectadores verificaram, aquele exercício explicativo - agora que o primeiro-ministro concede que ele e o seu Governo se devem explicar melhor -, não foi longe em revelações, em esclarecimentos, em informações. Do seu papel como dirigente político partidário e da sua função como primeiro responsável do Governo, o doutor Cavaco Silva tem uma noção pessoal e extremamente individualista. Ele é, por vontade de uma maioria eleitoral expressa nas urnas em Junho de 1987, o responsável pela execução de um programa. Programa que foi sufragado pela maioria dos eleitores e que é para executar em quatro anos. Está a meio do mandato. Está convencido de que no termo do mandato, nas próximas eleições legislativas, lhe será renovada a confiança dos eleitores. Está convencido do aplauso aprovativo e da continuidade governativa. Está convencido da justeza e da excelência da sua obra.

O jornalista introduziu na conversa a perversa palavra «desgaste». As eleições europeias e as eleições autárquicas, nos resultados desfavoráveis ao PSD, indicaram um incontestável «desgaste». Cavaco Silva admitiu que mesmo nos casos de governantes de grande mérito e autores de obra governativa excelente - um Miguel Cadilhe, uma Leonor Beleza - se tivesse registado um certo «desgaste». Mesmo no que lhe diz respeito não exclui algum «desgaste». Mas seguro de si, firme nas suas

convicções - homem de poucas dúvidas e raríssimos enganos - relaciona esse «desgaste» com as dificuldades inerentes a uma actividade governativa que tem enfrentado problemas árduos.

Não passa pela cabeça do doutor Cavaco Silva que o «desgaste» - dos seus ministros, do seu Governo, e o dele próprio -, resulte de um juízo público desfavorável à actividade governativa, que a experiência governativa tenha gerado uma crescente oposição, que no país exista descontentamento, decepção, desinteresse. O primeiro-ministro reduz o significado político dos resultados eleitorais, ignora o significado das votações e das abstenções. Para ele são os acertos do Governo que justificam os desacertos dos votantes. O Governo tem razão, os eleitores estão errados.

E erradas estão igualmente, as interpretações quanto ao movimento, extensão e significado da remodelação ministerial. Interrogado sobre o tema, imediatamente respondeu: «Há muito que eu tinha decidido...». E «há muito» que fixara a data: a terceira semana de Janeiro de 1990. Terá sido o pedido de exoneração do engenheiro Eurico de Melo que antecipou a remodelação. Todos os ministros exonerados lhe tinham solicitado a exoneração. A entrevista crítica de Álvaro Barreto não constituiu um factor relevante para a decisão de Cavaco Silva. Com a excepção de Teresa Patrício Gouveia, terá atendido desejos de dispensa expressos. Claro que estas explicações não são satisfatórias. Não explicam a remodelação. E as conversas, as consultas, as sondagens, que Cavaco Silva referiu ter feito não caucionam as baixas escolhas, a composição cinzenta do Governo remodelado. A subida aos postos de governação de figuras de segunda e terceira linha, parece comprovar a crise de que se fala no próprio seio do PSD, ou, se quiserem, nas relações do líder do PSD, com os barões e influentes do partido.

O desgaste do primeiro-ministro caminha a par do desgaste do líder do PSD, e está em relação com a crise de identidade do PSD, partido social-democrata (e de centro-esquerda)? Partido liberal (e de centro-direita)? Aguardemos as respostas do próximo Congresso. Mas não podemos desconhecer que o dr.

Pedro Ferraz da Costa, o condutor do patronato à unidade negocial e reivindicativa, formula reservas a Cavaco Silva e que o dr. Pedro Santana Lopes já lhe designou sucessor. («Semanário», 11 de Novembro). Temos presentes, também, as críticas do professor Freitas do Amaral e a previsão: «Penso que entrou (... o PSD) na sua fase descendente e que tudo leva a crer que nas eleições legislativas de 1991 sofrerá a devida punição eleitoral.» Crise do partido? Crise do líder? Uma implica a outra.

Cavaco Silva disse: «Eu sou coerente, tenho princípios...». Essa «coerência» há que ordená-la em torno de um «autoritarismo» radicado num ego-centrismo característico. Ouvir Cavaco Silva falar da «remodelação» foi particularmente elucidativo. Ele recebeu, pelas eleições de Junho de 1987, um mandato do eleitorado. O mandato foi conferido ao doutor Cavaco Silva e deu-lhe, acima do partido, acima da directoria nacional do partido, uma missão, um poder. O Governo é o Governo do primeiro-ministro, reflecte a sua escolha, legitima-se com o seu mandato, dele recebe a autoridade. A «nova imagem» é posta ao serviço deste velho estilo. Na entrevista que concedeu ao semanário «O Jornal» (edição de 12/1/1990), Freitas do Amaral escusa-se a classificar de «ditatorial» a forma de exercer o poder de Cavaco Silva, mas não hesita em qualificá-la de «autoritária».

Na «nova imagem» do político «determinado» mas «não frio», reassume força a determinação autoritária sobre a abertura dialogante. Diz-se o doutor Cavaco Silva disposto ao diálogo e admite que o Governo carece de se explicar melhor, mas não esconde que, no seu conceito, o diálogo é uma oportunidade de confronto e não um caminho de consenso. Ele «tem princípios» e recebeu do eleitorado um mandato. Esse mandato é inspirado nos superiores e globais interesses nacionais. Ele é o intérprete desses interesses.

Na «remodelação», a decisão final foi sua, considera que é da competência exclusiva do primeiro-ministro formar Governo, conduzir o Governo, o

remodelar o Governo. Sem partilhar essa missão, sem partilhar essa responsabilidade. Nem com o partido. O líder do partido apaga-se no exercício das competências do primeiro-ministro. O Governo para Cavaco Silva não é o Governo do PSD, é o Governo do primeiro-ministro. Este, no caso presente, é, também, líder do PSD, mas decide como se o não fosse. Decide acima, e por cima, do PSD.

Autoritarismo? Sem dúvida. Estamos perante um método de direcção difícil de compreender numa vida cívica democrática, mas tão intrinsecamente pessoal, que, ao apresentar ao país uma «nova imagem», Cavaco Silva entendeu possível, e até desejável, manter o velho estilo. Dominada a arrogância na entrevista, subsistiu o estilo autoritário, o pessoalismo auto-suficiente. Ele é «coerente» e tem «princípios», falta-lhe, todavia, experiência democrática e cultura democrática.

Contraste chocante, na entrevista de «Primeira Página», o que declarou em relação a Angola e aos cinco países africanos de língua oficial portuguesa, e o que nos disse da crise dos países do Leste europeu. A visão crítica, no que se lhes refere, não ultrapassou o convencional anti-comunismo e um mais exaltado anti-socialismo. Em Portugal vão para os socialistas as suas raivas incontidas. E a justificação, neste particular, é clara: as eleições autárquicas anunciaram o tempo final de hegemonia social-democrata. Social-democrata? Não trocemos no equívoco. O PSD tem um líder autoritário e que impõe «os seus princípios», porque o partido PPD-PSD tem comprometido, ou perdido, os «princípios» dos seus fundadores. Submetido a um caudilhismo apadrinhador de clientelas, o PPD-PSD debate-se numa crise de identidade. Partido de centro-esquerda? Partido de centro-direita? Partido federador da direita política e social?

Aníbal Cavaco Silva apresentou uma «nova imagem», resta

saber se o seu «estilo» corresponde às necessidades e urgências de uma resistência válida à ascensão de um Partido Socialista que adopte, com a esquerda, uma política de esquerda.



F. Pereira Santos

POLÍTICA

Despedida de Abecasis em tom de V Império

No jantar de homenagem na FIL Nuno Abecasis definiu o rumo da sua vida política doravante dedicada à «Lusitana Universal»

Foi perante uma grande assembleia reunida na FIL, em ambiente de jantar volante, que Nuno Krus Abecasis, lágrimas nos olhos e na voz, disse aos circunstantes que Portugal, «terra de santos e heróis», podia continuar a contar com a sua intervenção política. Estão bem enganados «os que pensam que me viram pelas costas», advertiu. Às onze e vinte e cinco de ontem, Abecasis rematava um discurso à Padre António Vieira, à Pessoa: a partir de Lisboa, o V Império.

Ao engano não foram à Feira das Indústrias centenas de «amigos do Nuno», entre os quais muitos funcionários da CML, numa impressionante concentração de incondicionais do Presidente da Câmara em fim de último mandato à frente da autarquia. A lista das presenças ocuparia uma página inteira. As mais notadas foram as de

Manuela Eanes e do ex-secretário de Estado Costa Freire.

As ausências do líder do partido de Nuno Abecasis, Freitas do Amaral, e do vereador Marcelo Rebelo de Sousa mereceram alguns comentários por parte de uma assistência em que os quadros do CDS faziam questão em ser vistos e em não prestarem declarações.

Os amigos de Nuno

Ninguém sabia explicar, entretanto, a paternidade da iniciativa da homenagem a Abecasis. Os clubes de futebol e os centristas, atribuíram o jantar na FIL à iniciativa dos trabalhadores da Câmara, que por seu turno a devolviam às entidades citadas. Todos acabaram por dizer ao DL que tudo se devia aos amigos de Nuno.

O inseparável motorista de Abecasis entregou-lhe um

quadro de Botelho com uma dedicatória linda: «Lisboa que se dá a quem por ela se deu».

E foi com discursos mais ou menos inflamados que, a seguir, a Associação dos Deficientes das Forças Armadas, o Benfica, o Sporting, o Belenenses, o Oriental, a Casa do Artista, o Centro de Atletismo das Galinheiras, o Grupo Desportivo das Calvanas e o Centro Social do Casal Ventoso marcaram presença na cerimónia.

As orelhas de Freitas

«Ele é que a estas horas está com as orelhas a arder», assegurava um centrista mais entusiasta, referindo-se a Freitas do Amaral. «Ele» esteve no centro das conversas que garantiam que a moção alternativa de estratégia do próximo congresso anda à procura de primeiro subscritor, que davam como certo que «o

Abecasis quis lançar o Canaverde, mas o Canaverde quer é apoiar o Abecasis», entre outras teses.

Apesar de todas as cautelas, os quadros centristas deixavam transparecer que a sua presença ali era mais significativa que a saudação do ex-vereador Pedro Feist ao presidente cessante, quando evocava o facto de Abecasis fazer questão em tratar por tu os autarcas das capitais dos países de expressão portuguesa.

Quando repetia acusações de falta de pontualidade a Nuno Abecasis, Pedro Feist parecia querer dizer-lhe que o CDS e o ex-Presidente da Câmara têm um encontro marcado para breve.

Num ambiente em que não abundavam os sobretudos verdes à Freitas, Feist desabafava: «és muito teimoso, mas Deus te abençoe».

João Isidro



Nuno Abecasis e Pedro Feist, ontem na FIL: aquele abraço

PSD amanhã em Conselho Nacional

A hora de todas as queixas

A aprovação do regulamento do próximo Congresso, marcado para o dia 7 de Abril, constitui o principal ponto da ordem de trabalhos do Conselho Nacional do PSD, que amanhã se realiza em Lisboa.

A reunião do órgão máximo dos social-democratas entre congressos promete ser das mais agitadas dos últimos tempos, momento de eleição para as diversas forças em presença tomarem posição sobre a nova conjuntura que se lhe depara, depois do «abalo» autárquico.

Neste Conselho, que foi longamente preparado por múltiplas reuniões parcelares, muitas são as vozes que, aparentemente, se dispõem a «oficializar» as suas queixas, com o Governo como principal alvo. Desde logo, os observadores admitem que a intervenção mais contundente possa partir de Ângelo Correia. O influente dirigente social-democrata - que presidirá ao órgão em substituição de Montalvão Machado, líder parlamentar - está de mãos livres para lançar as suas críticas, uma vez que não faz parte do Governo, nem de qualquer dos órgãos executivos do partido.

A questão presidencial

Cavaco, que naturalmente fará a intervenção inicial da reunião, enfrentará também, muito provavelmente, outros focos de descontentamento. Os TSD expressaram recentemente ao líder as suas críticas. O sector laboral não parece nada satisfeito com a maneira como tem sido tratado pelo Governo e sente chegada a sua hora.

Também a JSD, que se prepara para uma «evolução na continuidade», com a passagem



Ângelo Correia

à liderança do actual vice-presidente Passos Coelho, quer ganhar de novo posição de relevo no interior do PSD, enquanto «consciência crítica». Jogará, nessa perspectiva, o peso dos seus dez representantes no órgão.

Não se sabendo se Eurico de Melo, que desde a sua saída do Governo se tem ausentado nas iniciativas partidárias, estará presente, nem por isso o tema remodelação governamental deixará de ser abordado. Grande parte dos membros do Conselho Nacional aguardam ainda explicações a respeito dela, não

se contentando com as expostas para «consumo externo» na entrevista de Cavaco à RTP.

A grande questão poderá no entanto ter mais a ver com o futuro do que com o passado: que fazer nas eleições presidenciais? O líder poderá considerar prematura a discussão da questão, mas grande parte dos dirigentes já não se inibem de traçar estratégias.

Alberto João Jardim, que esta tarde será recebido por Cavaco na residência oficial do Primeiro-Ministro, poderá de novo ser hipótese. O presidente do Governo Regional da Madeira não abriu ainda o jogo. Porém, há já empresários da região empenhados em mobilizar recursos para o candidatar a Belém.

Enquanto o silêncio de Mário Soares embaraça o PSD, impedindo-o de delinear desde já uma estratégia, o jovem social-democrata Passos Coelho deu à edição de hoje de «O Jornal» o (seu) mote. Conceder liberdade de voto no sufrágio presidencial aos militantes do PSD, seria «a posição mais cínica e politicamente mais pobre» que o partido poderia adoptar - defendeu.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

GLI ORAZI E I CURIASI (HORÁCIOS e CURIÁCIOS)

ÓPERA EM 2 ACTOS
D. CIMAROSA

JANEIRO, 19, 23, 25 (20H30), 21 (16H00)

Direcção Musical: Alan CURTIS
Encenação: João PERRY
Cenografia: Manuel REIS
Figurinos: Manuela GONÇALVES
Luzes: Paulo GRACA
Assistência de movimento: Olga RORIZ

Anna Caterina ANTONACCI ★ Elvira FERREIRA ★ Helena VIEIRA
Lia ALTAVILLA ★ Carlos GUILHERME ★ António SILVA
Jorge VAZ DE CARVALHO

Bilhetes à venda na
bilheteira do T.N.S.C.
e agências ABEP e ALVALADE

CORO do TEATRO NACIONAL de SÃO CARLOS
Maestro Titular: Gianni BELTRAMI
Maestro Assistente: João Paulo SANTOS

Preço máximo: 3 000\$00
Preço mínimo: 500\$00

ORQUESTRA SINFÓNICA do TEATRO NACIONAL de SÃO CARLOS

Patrocínio da Fundação de Mecenato Cultural do Teatro Nacional de São Carlos

APOIOS: RTP / Antena 1 / RDP / RFP / 96.6 / O INDEPENDENTE

Governo prepara medidas populares

O XI Governo Constitucional entrou na segunda fase do seu mandato. Depois das «reformas estruturais» que caracterizaram os dois primeiros anos, Cavaco Silva prepara agora medidas que lhe possam devolver os índices de popularidade que registou no primeiro ano de Governo.

A política social vai ser o principal foco de atenção, procurando dar maior satisfação aos estratos populacionais mais desfavorecidos. Daí que não se estranhe a notícia hoje avançada pelo semanário «O Jornal» que aponta para a criação de um «Alto Comissário para os pobres», ainda que, pelo que confirmou o DL, não exista qualquer diploma discutido em Reunião de Secretários de Estado, nem em Conselho de Minis-

tros.

A área da juventude é outro dos vectores a privilegiar. Cavaco Silva não esquece que foram os jovens a principal mola impulsora das suas campanhas eleitorais. Assim, é natural que uma das primeiras decisões se dirija à juventude no sentido de criar melhores condições de acesso ao crédito à habitação. Couto dos Santos, o ministro da Juventude, já há algum tempo que reivindicava uma melhoria substancial deste regime, soube o DL de fonte oficial. Nesta altura existem disponibilidades financeiras para maiores bonificações do crédito e esta poderá ser uma das primeiras medidas a anunciar dentro de algum tempo. Por enquanto ainda não foi a Conselho de Ministros.

JS prepara-se para os anos 90

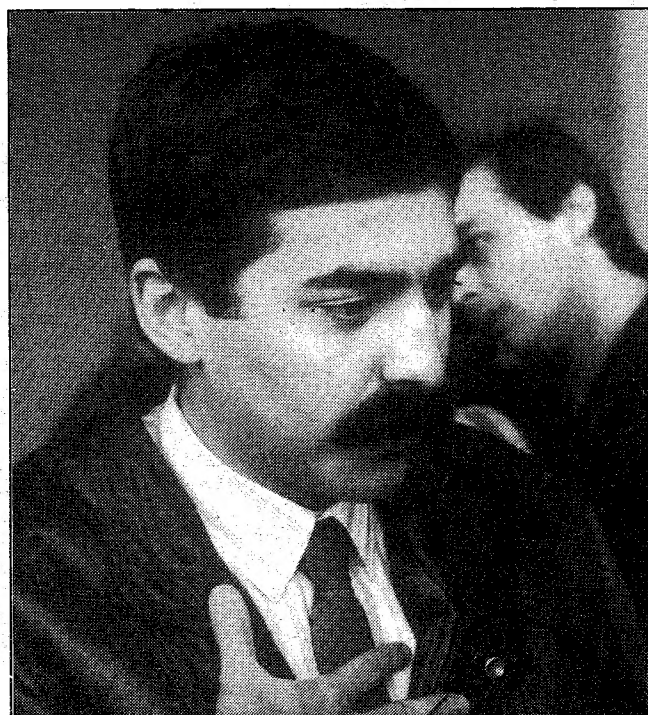
José Apolinário põe as cartas na mesa

A Juventude Socialista vai entrar numa nova fase. Numa frase bem à portuguesa é assim: «ou sim ou sopas». Quer dizer ou a JS altera a sua estrutura e melhora as condições financeiras para liderar a década de 90, ou então corre o risco de se deixar ultrapassar, como aconteceu nos anos 80 com a «onda laranja», por outra onda qualquer.

José Apolinário deixou bem claro, na conferência de imprensa realizada esta manhã na sede da JS, que é necessário marcar a diferença, ao traçar um paralelo entre as características dos anos 80 «dominados pela institucionalização do estatuto de ser jovem, pelo yuppismo e pela confusão entre a política de juventude e o Governo» e os anos 90 que «começam a desenhar a derrota da JSD nas associações académicas de Lisboa, Coimbra e nalgumas associações do Porto». É «o despotar da onda cor-de-rosa», disse José Apolinário, acrescentando que também o vermelho da ideologia comunista foi abalado pelos acontecimentos que marcaram 1989.

O secretário-geral da Juventude Socialista foi mandatado para apresentar na próxima reunião do Conselho Nacional, dia 28, uma proposta para a marcação do Congresso da JS, que deverá ter lugar nos dias 28, 29, 30, de Abril e 1 de Maio.

Foi intencional a escolha de uma data antes do Congresso Nacional do Partido Socialista. José Apolinário salientou que desta forma a JS parte com mais força para a reunião magna do partido



José Apolinário distingue entre o «estatuto» de ser jovem em 80 e nos anos 90

e com maior capacidade de negociação para fazer ouvir a sua voz, discordante em algumas matérias.

O dirigente da JS garantiu ao DL que as relações com Jorge Sampaio «são boas», aliás, sublinha que «ele teve uma atitude de diálogo aberto antes das autárquicas que, até agora, só tinha sido tomada por Mário Soares».

Um congresso marca a diferença

Apesar deste bom relacionamento, há questões de fundo que se arrastam desde há muito e que os jovens socialistas querem resolver com urgência. A representatividade da Juventude Socialista nos órgãos do partido é

um dos assuntos mais polémicos. Actualmente a JS pode escolher 20 elementos para a Comissão Nacional e apenas dois para a Comissão Política, mas no próximo Congresso do PS vai apresentar uma proposta no sentido de ser reforçada a sua representatividade nos órgãos nacionais.

«Com a sede a cair e sem dinheiro para apoiar o movimento estudantil socialista será difícil protagonizar a «onda rosa que se aproxima», disse Apolinário. Mas a questão financeira é apenas uma face do «iceberg». Há muito que os dirigentes da JS se queixam da pouca importância que é dada a esta estrutura do partido.

As queixas que têm acompanhado as sucessivas direcções resumem-se em duas frases: «É mais fácil subir na estrutura do partido, quando se é atinadinho e se cuida do curso, entrando directamente para o PS do que ingressando na estrutura da JS». Esta frase já foi ouvida pelo DL pelo menos a uma dúzia de jovens socialistas que, logo a seguir, advertem para as consequências desmotivadoras desta atitude.

Por tudo isto, o próximo Congresso da JS será certamente mais animado do que o do PS. José Apolinário está disposto a pôr o lugar à disposição. A sua recandidatura como referiu ao «Diário de Lisboa» passa por cinco condições: Ter um apoio alargado dentro da JS; obter o apoio claro do PS à política de juventude; a alteração da estrutura da Juventude Socialista criando grupos de trabalho especializado; o apoio dos sectores mais jovens e mais dinâmicos da JS; e, por fim, fazer o ponto de encontro entre os dirigentes que têm protagonizado uma intervenção mais activa nos últimos tempos.

Segundo uma fonte próxima do jovem socialista, «Apolinário não está disposto a ser pau para toda a obra, ele quer condições para fazer um trabalho como deve ser. Até agora não protestou, porque havia eleições, mas esse período já acabou». Sobre este assunto o secretário-geral da JS afirma que se pronunciará em devido tempo, destacando o sinal positivo de diálogo dado pelo líder do seu partido.

Maria João Rocha

Direcção Operacional de Distribuição Tejo



AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes.

Para todos os efeitos, as instalações devem ser consideradas em carga.

CENTRO DISTRIBUIÇÃO LISBOA

CONCELHO DE LISBOA

Sector 3 — R. Ferreira Borges, R. Francisco Metrass, R. Almeida e Sousa, R. Coelho da Rocha, R. Tomás D'Anunciação, R. Infanteria 16, R. 4 de Infanteria, R. Correia Teles e imediações. Sector 9 — R. da Margem, Trav. Ilha do Grilo, Calç. do Grilo e imediações.

Sector 10 — Calç. Carriche, Lotes 44 e 45, Lote 1283 e Restaurante Portal de Carriche e Mini-Mercado «Mini-Preço» e imediações. (Das 8 às 12 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO OESTE

CONCELHO DA AMADORA — Zona 1 — Venda Nova: Av. Chaby Pinheiro e imediações. (Das 8 às 14 horas).

CONCELHO DE CASCAIS — Zona 2 — Carcavelos: Av. Jorge V., R. Dr. Manuel de Arriaga, R. Dr. Marques da Mata, Rua 5 de Outubro, R. Boror e imediações. Matarraque: R. Egas Moniz, R. Marcelino, R. Eça de Queiroz, R. da Paz, R. Bento de Jesus Carraz e imediações. Boas Novas, R. 25 de Abril, Alto da Portela e imediações. (Das 8 às 14 horas).

CONCELHO DE OEIRAS — Zona 3 — Qta. das Palmeiras (Nova Oeiras) e imediações. (Das 8 às 14 horas).

CONCELHO DE SINTRA — Zona 4 — Cacém: R. Elias Garcia (parte), R. Alfredo José Marques, Bairro Alegre, R. da Moura e imediações. Fervença: E.N. n.º 9, Estrada Velha de Fervença e imediações. Mem Martins: Casal S. José, Casal de Ourassa e imediações. Queluz Ocidental: R. Alves Sousa, Praceta António Sérgio (traseiras) e imediações. Vila Verde: Av. 25 de Abril, R. da Lagoa, Av. da Aviação Portuguesa, Largo das Forças Armadas e imediações. (Das 8 às 14 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO VALE TEJO

CONCELHO DE LOURES — Zona 5 — Qta. das Pretas, B. Sto. António, B. S. João das Areias e B. Santiago. (Das 7.30 às 14 horas).

CONCELHO DE VILA FRANCA DE XIRA — Zona 6 — Cabo, Gado Bravo, Lezíria (parte), A-dos-Bispos, A-do-Barrão, Casal da Serralheira, Monte Gordo e Qta. da Piedade (parte). (Das 7.30 às 14 horas).

CENTRO DISTRIBUIÇÃO TORRES VEDRAS

CONCELHO DE TORRES VEDRAS — Zona 7 — Silveira (parte), Casal Cochim Amoeiras, Praia Azul, Boavista, Brejenjas, Outeiro da Cabeça, Casal do Outeiro, Casal Olho Polido, Casal das Passadeiras, Vale Cruzes e Casais Larana. (Das 7 às 14 horas).

Sampaio parte «intocável» para o Congresso

A Comissão Política do Partido Socialista decorreu de forma pacífica, como era de esperar. Propostas alternativas à direcção do partido, se as houver, só no próximo Congresso para marcar algum espaço político. «Mesmas essas não deverão pôr em causa a obra de Jorge Sampaio. Nos próximos tempos o PS vai captar o lema «em equipa» e ganhar não se mexe».

A estratégia dos socialistas passa por dois vectores: estruturar o partido de forma a reforçar a implantação no país e preparar o programa do futuro Governo PS. Este segundo ponto vai centrar o debate no Congresso, que deverá ocorrer em Lisboa nos dias 25, 26 e 27 de Maio.

A proposta apresentada ontem à noite na Comissão Política, no Largo do Rato, vai ser ratificada na Comissão

Nacional que reúne amanhã.

Fontes contactadas pelo DL afirmam que se vai manter o clima de pacificação dentro do Partido Socialista e sublinham que «o próximo Congresso não será uma fonte de divergências, antes pelo contrário Jorge Sampaio vai chamar nomes da minoria dentro do partido para desempenharem tarefas de responsabilidade na definição do programa do Governo socialista».

Mantem-se a «troika» da nova estrutura do PS: delegados nacionais, secretários nacionais e o grupo de trabalho sobre a estrutura governativa. E os três componentes não só vão desenvolver canais de comunicação entre si como, juntamente com a restante estrutura do partido, vão divulgar nas federações e nos núcleos de empresas as conclusões.

Quanto à sensibilização da opinião pública para o projecto do PS, a direcção conta com as iniciativas na Assembleia da República e com as conferências de imprensa, que vão recuperar o ritmo acelerado que tinham antes das eleições para o Parlamento Europeu e para as autárquicas.

Glasnost no financiamento

O líder socialista defendeu a necessidade do grupo parlamentar avançar rapidamente com o projecto sobre o financiamento da vida partidária portuguesa que é uma tentativa de regulamentação do financiamento dos partidos e fiscalização do processo. Este assunto defendido pelos partidos da oposição, com mais dificuldades financeiras, tem sido o pela actual maioria como no passado foi

adiado por outras.

A palavra transparência tornou-se uma moda e depois de o primeiro-ministro ter anunciado publicamente o seu ordenado e desafiado os partidos a apresentarem contas, Jorge Sampaio aproveitou a deixa e defende a glasnost para os financiamentos.

No discurso de abertura da Comissão Política, Jorge Sampaio acusou o Executivo de Cavaco Silva de estar a preparar uma ofensiva, com o objectivo de acentuar o controlo dos meios de Comunicação.

Na reunião da Comissão Nacional, além da aprovação da data da reunião magna dos socialistas, vão ser ratificadas outras propostas relacionadas com a preparação do próximo Congresso antecipado.

M.J.R.

POLÍTICA

Freitas vai pagar dívidas

«O CDS não está à beira da falência nem tem água pelo pescoço», disse ontem Freitas de Amaral aos jornalistas, à saída de uma audiência com o presidente da Assembleia da República, Vitor Crespo.

O líder centristas acrescentou que o seu partido pagará as dívidas contraídas perante o Patriarcado e correspondentes a rendas não liquidadas da sua sede nacional. «Mal estaria o CDS se não conseguísse arranjar 16 mil contos. Mas só pagaremos depois da sentença definitiva do tribunal ou mediante acordo que eu ainda julgo ser possível celebrar», acrescentou.

Freitas de Amaral foi à Assembleia explicar a actuação do seu partido no caso destas dívidas de rendas, tendo informado Vitor Crespo que considera ilegal a providência cautelar, traduzida no arresto dos cerca de 2.500 contos que o seu grupo parlamentar recebe da Assembleia da República. O CDS já interpôs recurso contra a decisão de fundo do tribunal de primeira instância, favorável às pretensões do Patriarcado, e comunicou ao presidente da Assembleia que apresentou, ontem, oposição às providências cautelares que pediam o arresto, durante seis



Freitas de Amaral

meses, dos subsídios parlamentares até totalizarem os 16 mil contos de rendas reclamados pelo Patriarcado.

Quanto à providência cautelar, o CDS opõe-se-lhe e informou Vitor Crespo das razões dessa oposição judicial:

«Segundo uma disposição do Código Penal—disse Freitas de Amaral—não podem ser arrestados nem penhorados os bens de qualquer pessoa colectiva que estejam afectadas a fins de utilidade pública, como é, obviamente, o caso das receitas dos partidos políticos. Os partidos são as peças fundamentais do regime, são essenciais à democra-

cia, e viabilizar o seu funcionamento é, inquestionavelmente, um fim de utilidade pública».

Sobre a questão de fundo, a divergência sobre o montante da renda a pagar pelo uso da sede do largo do Caldas, disse Freitas de Amaral não se tratar de um conflito entre a Igreja (ou o Patriarcado) e o CDS, mas sim «de uma divergência entre a secretariado do partido e os serviços administrativos do Patriarcado».

Esta divergência já vem de 1980, querendo o CDS pagar na altura 100 contos mensais de renda e exigindo o Patriarcado o dobro. «Só porque se tratava de uma importância pequena é que o assunto não foi, entretanto, resolvido quer por mim, quer pelas direcções posteriores do CDS», disse Freitas de Amaral.

O dirigente centrista, que foi acompanhado por Nana Coissoró à audiência com o presidente Vitor Crespo, manifestou algum optimismo sobre o evoluir da questão:

«Agora parece que é muito dinheiro porque as rendas se foram acumulando e o assunto chegou aos tribunais; mas nós, tal como sempre pensámos, julgamos continuar a ser possível ultrapassar esta questão sem dramatismos e chegar a acordo com os serviços do Patriarcado».

Estratégia do CDS para ser maioria

Guiar o CDS a uma posição eleitoral que o torne indispensável à formação de governos maioritários, em coligação com o PSD ou o PS — eis a estratégia que, segundo revela «O Independente» na sua edição de hoje, Freitas de Amaral defende para o partido nas próximas eleições Legislativas.

Segundo aquele semanário, o líder centrista continua apostado no princípio da «autonomia estratégica», que há meses apresentou publicamente em entrevista ao «Expresso», a qual implica que o CDS concorra autono-

mamente, definindo após o sufrágio os eventuais parceiros. Esta linha de actuação parte evidentemente do princípio de que nenhuma força política alcançará no próximo ano maioria absoluta nas urnas. «O Independente» vai mais longe: garante que, num cenário deste tipo, o presidente do CDS reivindica para si a pasta das Finanças do próximo Governo, seja no quadro de uma nova AD, seja em aliança com os socialistas, de que os eleitores já quase não se lembram. Freitas de Amaral está mesmo na disposição de

integrar estas propostas na moção que submeterá ao Congresso do partido, em Fevereiro próximo.

Outra grande novidade dos centristas resulta do convite a Carlos Macedo para se candidatar nas listas do partido em 1991. O antigo deputado, expulso do PSD em consequência de declarações fortemente críticas em relação à então ministra da Saúde, Leonor Beleza, aceitou. Terá colocado apenas como condição a manutenção do seu estatuto de independente, alegadamente por não desejar a imagem de «vira casacas».

I Série
Nº 16
Dia 19
de
Janeiro



DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Declaração:
De ter autorizada a abertura de créditos especiais no orçamento de vários ministérios no montante de 19 354 025 contos

Ministérios das Finanças, do Planeamento

e da Administração do Território e da Educação

Portaria n.º 44/90:
Altera o quadro de pessoal de investigação do Instituto Superior de Agronomia, da Universidade Técnica de Lisboa

Ministérios das Finanças e da Saúde

Portaria n.º 45/90:
Altera o quadro de pessoal da carreira médica de clínica geral, na parte referente à Administração Regional de Saúde de Leiria, concelho da Batalha

Portaria n.º 46/90:
Altera o quadro de pessoal do Hospital Distrital de Vila Franca de Xira, na parte respeitante ao pessoal médico

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 47/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade de Janemigo» e outras, situadas na freguesia de Barbacena, concelho de Elvas

Portaria n.º 48/90:
Sujeita ao regime cinegético especial as propriedades denominadas «Herdade de Santa Luzia» e «Apóstolos», situadas na freguesia e concelho de Alandroal

Ministério do Comércio e Turismo

Portaria n.º 49/90:
Cria a Região de Turismo de Évora

Incorrigível.

O INDEPENDENTE

A PAIXÃO DE SABER ESCOLHER.

POLÍTICA

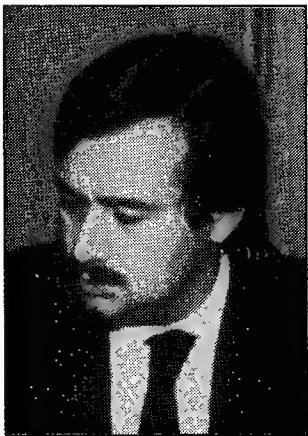
BOCA DE CENA

A partir de agora só decretos-lei

Comentário de António Guterres, mal Jorge Sampaio assinou o projecto de lei sobre a acção popular: «Esta é o último projecto assinado pelo Secretário-Geral. A partir de agora, é só decretos-lei».

Referia-se, obviamente, o presidente do Grupo Parlamentar do PS às expectativas do seu partido quanto às próximas eleições.

Sampaio, por enquanto, vai para a Câmara Municipal de Lisboa—por isso pediu a suspensão do mandato de deputado—e nas legislativas de 81 será o candidato do partido ao lugar de Primeiro-Ministro. Para ganhar, segundo as expectativas de Guterres, e passar a assinar decretos-lei do Governo e não projectos como o que ontem assinou, encabeçando uma lista de primeiríssimas figuras do Partido Socialista.

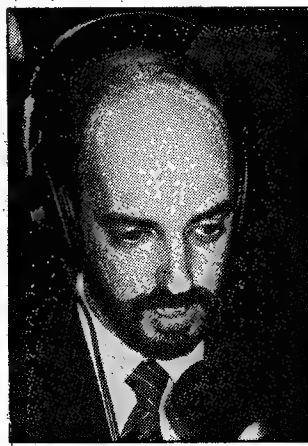


Coelho e o «disparate» do excesso de plenários

Carlos Coelho criticou, ontem, os parlamentares portugueses por se reunirem «demasiado em Plenário e pouco em Comissão».

«Hipervalorizar o trabalho no plenário da Assembleia é um disparate que não ajuda a dignificar a democracia», disse o novo vice-presidente do Grupo Parlamentar do PSD.

Coelho deixou, recentemente, a liderança da JSD e foi ontem eleito, em reunião do seu grupo e juntamente com o deputado Cardoso Ferreira, para as funções de vice-presidente que ficaram vagas desde a nomeação de Carlos Encarnação e Miguel Macedo para as secretarias de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Juventude.



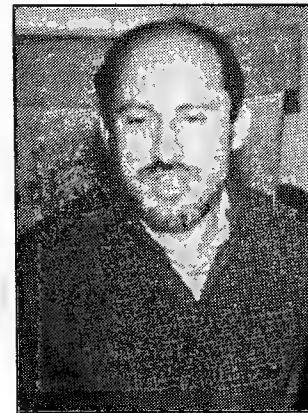
A homenagem a João Labescat

A propósito da notícia ontem publicada no DL com o título «Homenagem a um dissidente» (pág. 8, incluída no noticiário da Assembleia da República), cumpre fazer uma correcção imediata e, a propósito, reaver alguma informação adicional.

Primeiro, a correcção: Contrariamente ao que diz o título—que a notícia não justificava—João Labescat não é um dissidente. Não o é, nem de facto (não dissidiu, mas foi afastado das funções que exercia, há sete anos, como chefe do gabinete do Grupo Parlamentar do PCP, por alegada perda de confiança política), nem no campo dos princípios e da doutrina, já que continua a ser e a assumir-se militante de pleno direito do seu partido, não obstante ter subscrito o manifesto constitutivo do INES, tal como centenas de outros militantes do Partido Comunista.

Depois, a informação adicional. Ninguém da direcção do Grupo Parlamentar participou no almoço, tal como se informava na notícia, mas também ninguém convidou os seus elementos. Os promotores do almoço de despedida de João Labescat, funcionários e jornalistas parlamentares, só convidaram para o repasto alguns amigos do ex-chefe de Gabinete, nomeadamente um outro deputado ou ex-deputado do PCP.

Segundo informações que ontem nos foram fornecidas por um membro da direcção do PCP na Assembleia, outros deputados, a serem convidados, ter-se-iam associado à homenagem a João Labescat na hora da cessação de funções de apoio ao Grupo Parlamentar.



«Os mixordeiros, os laboratórios pouco sérios, os construtores pouco cuidadosos ou os depredadores do meio ambiente, passam a ter a vida menos fácil», garantiu Almeida Santos, ao apresentar o projecto de lei do PS sobre a acção popular

O último projecto assinado pelo deputado Jorge Sampaio

Pompa a circunstância usou ontem o Partido Socialista para divulgar a sua mais recente iniciativa parlamentar, um projecto de lei sobre a acção popular, já inscrita no texto constitucional por diligências de Almeida Santos e agora desenvolvido ainda sob a batuta do prolífero legislador.

«Já fiz algumas centenas de leis e esta foi a que me criou mais dificuldades», disse o antigo ministro de muitas pastas e hoje caneta privilegiada do PS para o fundo e forma das mais importantes das suas iniciativas parlamentares. Almeida Santos gastou quatro meses na preparação do diploma, ele que é famoso por aviar leis da noite para o dia, em sessões contínuas de trabalho pelas madrugadas. E não é caso para menos, segundo o deputado socialista, pois a acção popular vai dar a volta à cabeça de juizes e professores de Direito por romper com velhas teorias e práticas dos tribunais.

Nomeadamente, altera o velho princípio segundo o qual só o titular de um interesse directamente protegido por lei pode apresentar uma acção judicial, assim como quebra a rotina quanto ao direito a indemnizações podendo elas, por via da acção popular, ser reclamadas por grupos de cidadãos, até pela população inteira de um região, dependendo a sua distribuição apenas «do prudente arbítrio do juiz, segundo critérios de equidade», na expressão do próprio Almeida Santos.

Escrevemos que o PS apresentou este diploma com pompa e circunstância. A prova da afirmação está no modo de divulgação, uma conferência de Imprensa a que compareceram todas as cabeças coroadas do Grupo Socialista na Assembleia (Jorge Sampaio, António Guterres, Almeida Santos, Alberto Martins e Edite Estrela, na mesa, e muitos outros deputados do PS a fazer coro junto dos jornalistas) e na oportunidade escolhida: a entrega do projecto de diploma ao presidente da Assembleia coincidiu com o último dia parlamentar de Jorge Sampaio, Secretário-Geral do PS, já deabalada para o cadeirão da presidência da Câmara Municipal de Lisboa. A abrir a conferência de Imprensa, Sampaio, Guterres e Almeida Santos trocaram mútuos piropos, com acentuação dos dirigidos ao pai do diploma, como se de



Almeida Santos é o pai do projecto de lei sobre acção popular, uma espécie de flor na lapela dos socialistas da Assembleia

uma Santíssima Trindade se tratasse e fosse necessário refirmá-lo aos jornalistas na hora em que o Secretário-Geral do PS dá baixa na Assembleia da República e novas e mais ambiciosas perspectivas se abrem no horizonte dos socialistas portugueses. Depois da charla com os jornalistas, procedeu-se ao ritual da assinatura do texto que vai subir à Mesa da Presidência da Assembleia: à cabeça a rubrica de Jorge Sampaio e depois, em rigorosa ordem hierárquica partidária, a dos outros deputados.

Sampaio pediu a suspensão do seu mandato de deputado para iniciar, a partir dos Paços do Concelho, a subida da Calçada da Estrela, tendo como objectivo a residência oficial do Primeiro-Ministro, a que se vai candidatar nas eleições com que há-de encerrar a V Legislatura da Assembleia da República.

Quatro exemplos práticos da nova acção popular

Este projecto de lei do PS sobre o exercício da acção popular desenvolve a substância do nº 3 do art. 52º da Constituição, na redacção dada pela segunda revisão. Diz o texto constitucional:

«É conferido a todos, pessoalmente ou através de associações de defesa dos interesses em causa, o direito de acção popular nos casos e termos previstos na lei, nomeadamente o direito de promover a prevenção, a cessação ou a perseguição judicial das infracções contra a saúde pública, a degradação do ambiente e da qualidade

de vida ou a degradação do património cultural, bem como de requerer para o lesado ou lesados, a correspondente indemnização».

Almeida Santos simplificou a explicação do alcance do diploma que apadrinhou fornecendo aos jornalistas quatro exemplos de aplicação futura da lei, se o PSD também lhe conceder, como se diz no plenário parlamentar, «o privilégio dos seus votos». Julgamo-los de interesse para divulgação, até porque poupam mais pormenores jurídicos, do articulado do projecto de lei:

A, cidadão de Vila do Conde, intenta acção popular contra B, para evitar a construção, impor condicionamentos ao funcionamento, ou mesmo a paralização, de uma fábrica poluente do Rio Ave;

B, cidadão de Loures, intenta acção contra o laboratório C, para retirar do mercado um medicamento lesivo da saúde pública e/ou para exigir uma indemnização pelos prejuízos causados;

D, cidadão de Freixo de Espada à Cinta recorre do despacho camarário que autoriza a construção de um imóvel que prejudica a perspectiva ou a solidez do edifício da clássica igreja local de grande valor histórico: ou intenta acção judicial para parar ou destruir a construção desse edifício;

E, consumidor de Benfca, intenta acção contra o supermercado X por ter posto à venda um produto alimentar deteriorado ou para pedir indemnização correspondente ao dano causado.

dente ao dano causado.

Ou seja: os mixordeiros, patos bravos e edis insensíveis ao valor do património cultural do País que se cuidem. E, já agora, que se cuidem também os tribunais com a avalanche de acções populares que vem aí, tantas e tais são as razões de queixa dos portugueses sobre os que atentam contra a sua qualidade de vida.

Sampaio destaca o papel da Assembleia da República

Jorge Sampaio, em declarações ao DL, confiadas na hora da retirada do Parlamento, sublinhou a importância deste projecto do seu Grupo Parlamentar e enquadrou-o na ofensiva política que o PS ensaia na Assembleia em aproveitamento das condições políticas objectivas abertas pelas eleições autárquicas:

«Os resultados das autárquicas—disse—enfraqueceram as posições do Governo e reforçaram o papel da Assembleia da República como centro da vida política».

«Espero que o Parlamento seja cada vez mais o centro de irradiação da capacidade de alternância que o Partido Socialista está a afirmar: tentaremos fazê-lo por meio de iniciativas legislativas, interpelações ao Governo, audiências aos cidadãos, petições e outras formas de intervenção política que o meu Grupo Parlamentar vai assumir», concluiu o secretário-geral do PS e novo presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Daniel Reis

INTERNACIONAL

Valsa de hesitações enfraquece Frente de Salvação romena

A suspensão do referendo, sobre a interdição do PC e a pena de morte, provoca crise de credibilidade

Do nosso correspondente em Paris

Chegaram informações a Paris de que Frente de Salvação Nacional romena decidiu ontem que o anunciado referendo sobre a interdição do Partido Comunista e a abolição da pena de morte, previsto para 28 de Janeiro, não se realizaria. Esta decisão vem contradizer as promessas dos três principais membros da Frente, Iliescu, Mazilu e Roman, proferidas no passado dia 12, diante de uma manifestação de protesto de um grupo de populares que exigiam um castigo exemplar para os principais acólitos do ex-Presidente Ceausescu.

Para esses manifestantes, cuja filiação ideológica exacta é desconhecida, a resolução da Frente em abolir a pena de morte logo após a execução do casal Ceausescu seria inaceitável, diante da enormidade dos crimes cometidos pelos colaboradores do regime. A interdição do PC, que acabou por ser prometida na mesma ocasião,

pretendia responder à exigência dos manifestantes de que todos os comunistas, ou ex-comunistas, fossem definitivamente afastados do novo Poder.

Ao patrocinar um simulacro de julgamento do casal Ceausescu, seguido de uma execução que teria ganho em ser sumária, para logo decretar a abolição da pena de morte e, depois, diante de pressões populares, anunciar um referendo a esse propósito, agora anulado, a Frente foi dilapidando a credibilidade que a maioria da população lhe vinha conceder.

Essas sucessivas decisões contraditórias a respeito de uma decisão tão grave quanto a pena de morte, são a face visível da fragilidade do poder exercido pela Frente diante das pressões de facções populares. Fragilidade sublinhada ainda pela decisão de declarar fora da lei o Partido Comunista. Os primeiros a rebelarem-se contra esta última decisão foram, muito naturalmente, os militantes

dos partidos que agora tentam renascer, o Nacional-Agrário e o Liberal, entre outros, que negam à Frente legitimidade para interditar qualquer partido, mesmo que seja o Comunista.

Comunistas mantêm Poder real

Diante de algumas centenas de manifestantes que reclamavam na realidade a demissão de figuras como Dimitru Mazilu da Frente de Salvação, esta reagiu de forma autoritária, revelando simultaneamente a sua verdadeira identidade: o poder real dessa nebulosa, que conta com cerca de 145 membros, está nas mãos de um grupo de membros do partido que agora, eles mesmos, pretendem interditar.

Iliescu, Mazilu e Brucan, a eminência parda do regime, não podem instituir uma nova legitimidade sobre as suas carreiras, dedicadas a servir o regime de Ceausescu até uma época mais ou menos recente. Quanto a Roman, para quem a juventude poderia ser um salvo-conduto, surge como uma figura sem grande peso, cooptado pelos primeiros, nomeadamente em função das suas origens familiares: o seu pai foi figura grada do regime.

O Partido Comunista Romeno era, ou é, o mais numeroso, percentualmente, de todos os PC's da Europa de Leste. Os seus cerca de 4 milhões de membros correspondem a um terço da população activa do país. Dada a fusão entre o aparelho de Estado e do Partido,



Silviu Brucan, a eminência parda da Frente de Salvação Nacional. Poderão os ex-apoiantes de Ceausescu conduzir a Roménia à democracia?

operada por Ceausescu em 1967, os seus quadros detêm ainda as posições-chave na administração. Interditar o partido é apenas um passo a mais na demagogia que consiste em transformar um golpe de Estado numa revolução.

Se o que se passou na Roménia foi um golpe de Estado, seguido ou acompanhado por uma insurreição, a mobilização da população tende a aumentar dia a dia, questionando cada vez mais a legitimidade do grupo que

assumiu o Poder. Parte desses homens, pelo menos os mais comprometidos com o regime Ceausescu, ou os dissidentes da véspera, deveriam retirar-se.

Os nacionalismos

Os analistas da política romena consideram que enquanto estiverem no núcleo dirigente da Frente, a oposição popular só pode aumentar. E quanto mais essa situação durar, mais essa oposição se

concentrará na outra herança ideológica do regime, o nacionalismo. Se não for viável a curto prazo a instituição de um estado de direito democrático que respeite os direitos das minorias, a população de origem húngara da Transilvânia tenderá a reivindicar, cada vez com mais força, a anexação a uma Hungria despida das vestes comunistas. Simetricamente, só um polo de Poder consequente em Bucareste poderá evitar que floresçam as ambições de unidade da Moldávia, reclamada pela população, cuja integração na URSS foi confirmada após a Segunda Guerra Mundial.

Para prosseguir na destruição do regime de Ceausescu não basta que a Frente anule os seus aspectos menos populares ou mais grotescos, como a interdição da contracepção ou a política de sistematização que, se levada às últimas consequências, implicaria numa destruição catastrófica da cultura tradicional romena.

É necessário que os verdadeiros democratas que a integram assumam a responsabilidade de assegurar que homens como Dimitru Popescu, ex-director do jornal do partido e papa da cultura e propaganda oficiais, desde há mais de 20 anos, agora preso, não voltarão a impôr os seus interesses. E que figuras como a do ex-monarca Miguel, residente na Suíça e agora com intenções de voltar a Bucareste, não se interporão entre os fantasmas de um passado pouco glorioso e um futuro democrático possível.

Pedro de Souza

Ex-líder da Bulgária detido em casa

O antigo presidente da Bulgária e líder comunista, Todor Zhivkov, foi colocado sob prisão domiciliária e acusado judicialmente de incitamento à hostilidade étnica, má conduta política e apropriação de bens de Estado.

Uma equipa de investigadores judiciais começou já a trabalhar sobre as acusações e assenta a sua pesquisa em materiais fornecidos pela Comissão Parlamentar de Inquérito. Não foi divulgada o avanço do mandato no processo, não foi referida a data do mandato, nem identificado o paradeiro de Zhivkov.

O anúncio da emissão do mandato precisou que Zhivkov, derrubado no dia 10 de Novembro após 35 anos no Poder, foi agora oficialmente culpado da assimilação forçada de 1,5 milhões de pessoas de ascendência turca e de outros muçulmanos. A perseguição pelo regime de Zhivkov da comunidade turca culminou com uma campanha de bulgarização que envolveu a mudança forçada dos nomes muçulmanos para nomes eslavos e a proibição dos ritos religiosos islâmicos.

Mas, para muitos, o passado de Zhivkov, que liderou a Bulgária durante 35 anos, poderá constituir um alibi para uma boa parte dos problemas étnicos, económicos e políticos da Bulgária.

Zhivkov tornou-se assim, a par com o antigo líder democrata-alemão, Erich Honecker, no segundo ex-líder do bloco de Leste a ficar sob investigação policial.

As conversações sobre a transição búlgara para a democracia e a preparação de eleições livres, iniciadas entre o Partido Comunista, no poder em Sofia, e grupos da oposição, estão, por seu lado, suspensas temporariamente. A suspensão deve-se à recusa dos comunistas de permitir à oposição o acesso à rádio e à televisão estatais.

Primeiro-ministro checo demite-se do PC

Em Praga o primeiro-ministro checo, Marian Calfa, demitiu-se do partido comunista, anunciou ontem o porta-voz governamental, Zbynek Fiala. Calfa é o terceiro membro do Governo a deixar o partido comunista em menos de duas semanas, ficando assim o Governo de coligação de 21 membros com apenas sete comunistas.

Lusa

Rizhkov diz que situação nunca pôs em causa posição de Gorbachev

Violência diminui na Transcaucásia

O primeiro-ministro soviético, Nikolai Rizhkov, afirmou que a violência étnica na Transcaucásia está a diminuir, após a mobilização de reservistas para apoiarem os 29.000 soldados que lutam para pôr fim aos combates entre arménios e azerbaijanis.

Numa entrevista, a noite passada, a uma cadeia norte-americana de televisão, Rizhkov defendeu também a decisão do Kremlin de enviar tropas para tentar conter os confrontos nas duas repúblicas do sul da União Soviética.

Além disso, vaticinou que o Presidente Mikhail Gorbachev e o Partido Comunista soviético sobreviverão a esta crise.

"O número de pessoas mortas, em comparação com sábado e domingo, está a diminuir. Contudo, o ambiente entre uma parte da população é ainda muito tenso", reconheceu Rizhkov, na entrevista difundida pela ABC nos Estados Unidos.

Responsáveis soviéticos afirmaram que

66 pessoas foram mortas e mais de 220 ficaram feridas desde o início dos confrontos, na noite de sábado, na república do Azerbaijão.

"Temos que enviar tropas para impedir novos confrontos entre os dois grupos, grandes e bem armados", disse o primeiro-ministro. "De outra forma, haveria muitas mortes. De futuro, recorreremos a meios políticos e legais para fazer a situação regressar à normalidade".

Defesa da perestroika

Rizhkov desmentiu também que Gorbachev estivesse em "perigo político" devido à violência.

"Não creio que seja correcto falar em perigo político, prefiro a expressão dificuldades políticas, disse Rizhkov, acrescentando: "O partido tomou a via das reformas em 1985 e estávamos bem conscientes de que as reformas políticas, sociais e económicas não seriam

fáceis. Mas não tenho dúvidas de que Gorbachev, com o Partido Comunista, será capaz de resolver os problemas.

Ontem, o líder soviético, numa conferência com especialistas do programa da *perestroika*, defendeu as reformas e apelidou os seus críticos conservadores de "ralé", que deve ser combatida.

Repetiu a sua afirmação, já familiar, de que Moscovo não tem alternativa senão prosseguir a sua acção reformadora até ao fim".

Entretanto a população da capital do Azerbaijão, que ontem iniciou uma greve geral, levantou barricadas em todas as estradas para impedir a entrada na cidade das tropas chegadas ao aeroporto local, segundo o serviço de notícias Interfax.

Os saques prosseguem nas residências de arménios, na maioria abandonadas, apesar de as ruas serem patrulhadas pela Polícia local e brigadas de voluntários.

Redacção "DL"/Lusa

Cocaína leva à detenção do *mayor* de Washington

Uma armadilha montada pelo FBI apanhou o presidente da Câmara da capital dos EUA

Do nosso correspondente em Washington

O presidente da Câmara da capital dos EUA, Marion Barry, compareceu esta manhã perante o juiz do Tribunal Criminal de Washington, acusado de tentar comprar cocaína, na sequência de uma armadilha montada pelo FBI, em colaboração com a polícia metropolitana.

Marion Barry, que tem sido o *mayor* de Washington nos últimos onze anos, foi preso 48 horas antes de dar o arranque oficial à campanha eleitoral para um quarto mandato. Apesar da culpabilidade do réu estar por apurar, o facto é que este caso, associado a anteriores rumores de corrupção e má administração, afasta virtualmente Barry da corrida a novo mandato.

Está assim aberto o caminho a outro candidato do Partido Democrata que se mantido, habilmente, na sombra. Trata-se de Jesse Jackson, ex-candidato a Presidente da República e personalidade de grande prestígio entre a comunidade negra, aliás, tal como Barry, que nos anos 60 foi um dos líderes na luta pelos Direitos Cívicos.

Jackson tem publicamente afirmado que se recusa a concorrer aquele que é considerado como um dos mais prestigiados cargos políticos nos EUA contra um seu companheiro de partido. Agora surgiu a oportunidade de entrar

na corrida, não sendo difícil prever a sua vitória.

A prisão do *mayor* de Washington foi feita às 20 horas locais, na sequência de uma discreta operação montada num quarto de um dos mais modernos hotéis da cidade, o Vista, onde habitualmente se instalam chefes de Estado estrangeiros, como foi o caso, em anos recentes, de Ramalho Eanes e Samora Machel.

Operação encenada pelo FBI

Tanto quanto foi possível apurar até à hora do fecho do «DL», o FBI contou com a cumplicidade de um dos principais colaboradores de Barry na encenação de uma armadilha. A polícia gravou a voz e registou imagens em vídeo do *mayor* a tentar comprar cocaína.

A execução da operação envolveu duas dezenas de agentes, fardados e à paisana, que isolaram o sétimo andar do hotel, logo que a acção se iniciou. Após a detenção, o réu foi conduzido à sede nacional do FBI onde foi submetido a testes de urina para averiguar se se encontrava sob a influência de narcóticos, reunindo-se com o seu advogado particular.

No ano passado, um colaborador próximo de Marion Barry foi preso num hotel, nos arredores de Washington, na posse de cocaína. Charles Lewis, que durante mais de nove anos contou com

os favores políticos do presidente da Câmara, confessou ter comprado e consumido a droga na companhia de Barry, pouco antes de ter sido detido. Barry visitou aquele hotel pelo menos três vezes e nunca foi capaz de explicar porquê. É curioso notar que Charles Lewis, detido em Dezembro de 1988, ouve amanhã a sua sentença num dos tribunais da capital.

A prisão do *mayor* põe termo a mais de um ano de rumores que o apontavam como consumidor de cocaína, apesar dos seus repetidos desmentidos públicos e até do seu envolvimento pessoal em campanhas contra a droga promovidas em diversos estabelecimentos de ensino da cidade.

A notícia da prisão de Marion Barry caiu que nem uma bomba nos meios políticos da capital norte-americana. Apesar de todos os rumores e do imenso anedotário gerado em torno da sua figura foi uma autêntica surpresa. Horas antes, os noticiários dos canais locais de televisão destacavam mais uma das suas operações de charme junto à opinião pública e, sobretudo, junto à população negra - maioritária na cidade e seu principal suporte eleitoral. Barry preparava caminho para a sua quarta campanha eleitoral. Domingo seria o «Dia D». Ao que parece, o FBI antecipou a data e inverteu-lhe o sentido.

Filipe Vieira

Moshe Arens em Lisboa Faixa de Gaza moeda de troca

O estudante lituano de Ciências Políticas Georg Galich disse-me, em Vilna, capital da Lituânia, referindo-se às inter-influências entre o Ocidente e o Leste, ao longo do século XX, depois da Revolução Comunista de Outubro: «The East changed the West. The West is changing the East. How will the new changed East change the West?». Respeito o inglês original da pergunta, porque excelente, mas acrescento-lhe a tradução, por regra de boa educação linguística: «O Leste mudou o Ocidente. O Ocidente está a mudar o Leste. Como irá o novo Leste mudado fazer mudar o Ocidente?». Serve isto de introdução à conversa ontem havida, em Lisboa, entre o «DL» e o ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel, Moshe Arens.

O que a frase do estudante lituano introduz e se aplica aos israelitas é a já verificada realidade de que as mudanças a Leste estão a fazer mudar o Ocidente e, por arrastamento, a sua relação com Israel. Torcidas as orientações da CEE; Washington obrigada a repensar as suas ajudas ao estrangeiro; ameaça a Israel por prevista diminuição do auxílio norte-americano (Congresso dos EUA pondera...); Telavive lançando uma ofensiva diplomática na Europa ocidental e a Leste, para ser reconhecido pelos novos regimes do ex-bloco socialista e segurar os apoios do Ocidente europeu; esperança de Moshe Arens de que os ventos da mudança vindos do Leste enfraqueçam, directa e indirectamente, a posição dos países árabes; interesse de Portugal em joint-ventures com Israel sobre a energia solar (já que os financiamentos da CEE vão minguar pois 15 por cento do orçamento comunitário poderá viajar para o Leste).

Cedência à sobremesa

No almoço de «trabalho» que ontem reuniu, em Lisboa, o ministro dos Negócios Estrangeiros israelita com uma dúzia de jornalistas portugueses, Moshe Arens pouco adiantou em relação às posições tradicionais de Telavive, só avivando a nota de receio face à possibilidade de uma diminuição do auxílio norte-americano.

Interrogado pelo «DL» sobre se hoje, no fundo, a grande questão não será mais a dos territórios ocupados do que a da sobrevivência de Israel, Arens contra-atacou com a ideia de que a vida de Israel continua ameaçada pelos árabes (que perderam todas as guerras mas não desistem); defendeu a legitimidade das eleições que Israel vai promover nos territórios ocupados, para a escolha de dirigentes palestinianos e aceitou, diplomaticamente, a dúvida sobre se essas eleições resolverão algo ou nada quanto à oposição dos palestinianos.

Ceder só cedeu num ponto, quando já íamos na sobremesa de sonhos, com fios de ovos, chantilly e molho de chocolate servido quente.

«A margem ocidental do Jordão é um território ocupado, de lógico interesse estratégico, militarmente, para Israel. Mas a Faixa de Gaza, pequena e encravada junto à fronteira com o Egito? Não poderia ela servir de moeda de troca numa negociação para a paz no Médio Oriente, a qual integre as políticas externas da CEE e dos EUA?» - perguntou o «DL».

«Isso ainda não foi pensado mas poderá sê-lo», respondeu o ministro dos Negócios Estrangeiros de Israel, alguma razão dando, por este modo, à pergunta do estudante lituano Georg Galich: «How will the new changed East change the West?»

Paulo David



Várias dezenas de pessoas à porta do hotel onde o *mayor* de Washington, Marlon Barry, foi detido sob a acusação de posse de estupefacientes

Possível libertação de Mandela mexe com ANC

Nelson Mandela, líder histórico do Congresso Nacional Africano, poderá ser libertado nos últimos dias de Janeiro - informou ontem Ben Mhlathe, representante do ANC em Madrid. O ANC tem declarado repetidamente que só negociará com o governo sul-africano se este libertar Mandela, legalizar a organização, acabar com julgamentos políticos e retirar as tropas das cidades segregadas. Mhlathe frisou no entanto que apesar de Mandela vir a ser libertado «não podemos esquecer as outras pessoas que continuam nas prisões». Alfred Nzo, presidente em exercício do ANC em substituição de Oliver Tambo, hospitalizado na Suécia para recuperar de uma trombose cardíaca, inaugurou

hoje em Lusaka uma reunião de três dias do ANC. Em análise estarão os recentes desenvolvimentos na África do Sul e o papel de Nelson Mandela na organização.

Embora Nzo defenda a necessidade de «abrir novos caminhos», afirmou também que o ANC manterá as acções de guerrilha, iniciadas em 1961, enquanto todas as reivindicações não forem satisfeitas. Pressionado pela vaga de reformas do presidente sul-africano De Klerk e a necessidade do ANC em admitir que não possui capacidade dentro da África do Sul para intensificar a luta armada, Nzo insistiu que o ANC se prepare para negociar, sob pena de ser «apanhado de surpresa».

Redacção «DL»/Lusa

MUDANÇAS
TRANSPORTES DE PIANOS - COFRES
SERVIÇOS DIÁRIOS DE CARGA GERAL

LISBOA - SINES

PESSOAL ESPECIALIZADO

A TRANSPORTADORA IDEAL DE ST.ª ISABEL
LARGO DO MITELO, 18 (ao Campo Santana)

☎ 53 26 37 - 57 74 79

ESTREIA
dia 20 Dezembro

o render dos Heróis
José Cardoso Pires

teatro malaposta
tm

INTERNACIONAL

Para receber o Papa Presidente de Cabo Verde casa-se pela Igreja

Por Manuel Delgado*

Em vésperas da visita do Papa a Cabo Verde, no próximo dia 25, o Presidente Aristides Pereira, de 65 anos, casou-se pela Igreja com a sua companheira de sempre, Carlina. O gesto do Presidente de Cabo Verde é interpretado como um sinal de apaziguamento no já longo conflito entre a hierarquia da Igreja e o regime, que ela considera marxista e ateu, e cuja oposição tenta, desde o início dos anos oitenta, catalizar, através do seu jornal, «Terra Nova». O Governo de Aristides Pereira procurou torneir esse conflito, proibindo inclusive a reforma agrária nas terras da Igreja, a maior proprietária fundiária nesse arquipélago semidesértico. Mas o diferendo conheceu o seu auge em 1986, quando o Governo promulgou uma lei do aborto que motivou uma violenta carta pastoral do bispo, D. Paulino Évora, e manifestações de rua em S. Vicente e na ilha do Fogo. Em plena crise, Aristides Pereira deslocou-se ao Vaticano e formulou o convite para a visita que o Papa efectua na próxima semana.

O casamento religioso do Presidente cabo-verdiano, que fontes oficiais insistem em qualificar como «um gesto do foro íntimo» do Chefe de Estado e secretário-geral do partido, pode também ser entendido como uma contrapartida a uma eventual arbitragem do Papa no conflito com a hierarquia católica local e como a primeira vitória espectacular de João Paulo II no relacionamento com os regimes marxistas africanos.

Com o peso crescente da Igreja nos processos de paz em Angola e Moçambique e a lenta e sangrenta agonia do regime marxista da Etiópia, país onde vigora a primeira versão africana do cristianismo — a Igreja Copta —, Roma poderá estar em vias de se tornar como principal adversário no Continente Negro aquele que foi, desde sempre, o seu travão em África: o islamismo, a propósito do qual as opiniões se dividem sobre se o actual expansionismo é sinal de vigor ou de crise.

João Paulo II visitará três ilhas

Cabo Verde, um enclave católico na muçulmana África Ocidental, um povo de larga maioria cristã, mesmo percentualmente superior à do Zaire, prepara-se afanosamente para receber o Papa na próxima quinta-feira, durante a primeira etapa de uma nova digressão do Chefe da Igreja Católica, que o levará ainda a quatro países de maioria islâmica: Guiné-Bissau, Chade, Burkina Faso e Mali.

O Papa oficializará perante uma multidão que a comissão conjunta Igreja-Estado preparatória da visita calcula possa vir a atingir 100 000 pessoas (pouco menos de um terço da população do país) numa espécie de anfiteatro que dá para uma praia dos arredores da capital. Pela frente, o Papa terá as escarpas agrestes de Quebra-Canela e o mar que cerca essa comunidade adepta de um catolicismo mestiço, como ela própria e toda a sua cultura. Como pano de fundo, o edifício Niemeyer da embaixada brasileira, uma moderna construção com traça de sobrado colonial que se destaca na zona de expansão da cidade da Praia, uma urbe de 60 mil habitantes alcandorada em penhascos, fazendo lembrar Lasha, a capital do Tibete.

Mas nem só preocupações de organização material da visita estão a mobilizar e quase a paralisar a vida normal desse pequeno país, que pediu ajuda a Portugal nos domínios dos transportes, segurança e assistência médica à multidão de católicos que se concentrará nas três ilhas a serem visitadas por João Paulo II. A preparação espiritual também, e o Presidente Aristides Pereira foi o primeiro a dar o exemplo: o secretário-geral do partido no Poder, considerado até agora marxista e inspirador de um governo «socializante», ca-

sou-se pela Igreja em vésperas da chegada ao seu país do Sumo Pontífice, num gesto considerado pelos observadores como uma mão estendida à harmonia com aquela que foi, desde sempre, a instituição mais poderosa do arquipélago. Mas, bem ao estilo do Presidente cabo-verdiano, não se tratou de uma manifestação pública de fé recalcada ou de uma conversão diante de uma multidão de fiéis. Como anteriormente, quando, em meados dos anos 80, autorizou o baptismo das suas filhas adolescentes, Aristides Pereira preferiu uma cerimónia íntima para qual nem mesmo os membros do Governo foram convidados.

Elementos da direcção do PAICV a quem se pediu que comentassem o gesto do líder cabo-verdiano quiseram fazer ver que o acto não tinha ligação com a visita do Papa, sendo

zando as mesmas pessoas. Então por que não ser, também, católico o secretário-geral do partido?

De resto, a história de Cabo Verde é uma história de 500 anos de «casamento», quando não de confusão entre a Igreja e o Estado. O célebre Cabido da Cidade Velha (a primeira capital do arquipélago e a primeira cidade fundada pelos portugueses em África, em 1462), do qual António Vieira escreveu que eram «cónegos negros como azeviche, mas tão doutos que fariam inveja aos de Lisboa», foi em muitas circunstâncias, a verdadeira autoridade nesse entreposto do comércio intercontinental inaugurado pelos Descobrimentos.

Toda a geração hoje chamada de protonacionalista, onde cabem escritores como José Lopes Baltasar Lopes e Aurélio Gonçalves,

do poderoso «lobby» boavistense que actua na Cidade da Praia dizia-nos há dias que iriam pressionar o Governo para dar o nome de Porfírio Pereira à escola preparatória recentemente inaugurada na Boavista. Mas quem conhece o Presidente de Cabo Verde permite-se duvidar que o autorize enquanto estiver ao leme do país: há cinco anos atrás, quando fez 60 anos, Aristides Pereira deixou abruptamente a capital, mal soube que a juventude do partido e um grupo de admiradores lhe estavam a preparar em segredo uma monumental serenata para assinalar o início da idade em que poderia merecer de direito o carinhoso designativo africano de «O Velho» que a sua carapinha branca e o seu carisma tranquilizante lhe granjearam precocemente.

O embaraço do celibato

A verdade é que, sempre que Roma quis um clero cabo-verdiano, teve de fechar os olhos à ruptura da regra do celibato. E, desde que a tentou impor de novo a rigor, a partir do segundo quartel do século, os dedos das mãos chegam para contar os padres nacionais.

A maioria dos padres saídos do seminário de S. Nicolau, como os padres Pereira e Duarte, assumiu abertamente essa ruptura. Havia mesmo casos, como o do célebre cónego Júlio da Ribeira Grande, em St.^a Antão, orador famoso que os mais velhos gostam de lembrar como o «Vieira cabo-verdiano», em que esse desafio ao dogma era apimentado por um fino humor: o cónego Júlio não tinha filhos, tinha netos, que a sua avançada idade só desse modo permitiria explicar a multidão de catraios que alegrava o passal.

A certa altura — conta-se — o bispo achou que a situação ultrapassava todas as marcas. Resolveu fazer uma ronda pelas paróquias e um dos visados era o padre Almeida, pároco da Garça, também na ilha de St.^a Antão. O bispo foi recebido no passal com um lauto almoço, tendo à mesa a mulher e os numerosos filhos do pároco. Quando acabou de comer, o bispo começou a aclarar a garganta para falar. Mas o padre Almeida antecipou-se:

- Não gostou do almoço, Vossa Reverência?

- Estava excelente!

E fez um gesto cerimonioso em direcção à dona da casa.

- Bem, se estava excelente nada mais temos a dizer.

Perante a evidência do almoço e dos comensais, o bispo concluiu que, de facto, nada mais havia a dizer, e retirou-se.

Não admira assim que, para além das duas personalidades cimeiras referidas, mais dois membros do Governo de Cabo Verde, os ministros da Agricultura e da Saúde, sejam netos de padre. A Igreja não se limitou a gerar espiritualmente a elite cabo-verdiana: contribuiu em larga medida para a sua geração carnal.

Segundo estatísticas da Igreja o novo seminário inaugurado nos finais dos anos cinquenta só tinha formado, até há três anos atrás, 7 padres, três dos quais tinham abandonado para se casarem. Ainda assim, dessa instituição, que funciona sobretudo como lar de estudantes do interior da ilha que frequentam o liceu da Praia, saíram o actual ministro da Informação, um dos comandantes do Exército, o director-geral da Cultura e o director-geral do Património, um ex-padre da Boavista muito respeitado como musicólogo.

Quando, em 1986, estalou a polémica com uma violenta carta pastoral do bispo D. Paulino Évora contra o projecto de lei do aborto, um desses monumentos de bom senso camponês que ainda povoam as ilhas comentou com humor: «Pode ser grave ou não, como todo o problema de família. É um conflito entre a Igreja e os seus filhos.»

* Jornalista cabo-verdiano



Aristides Pereira, Presidente de Cabo Verde

um desejo antigo do Chefe de Estado. Mas não insistiram demasiado nessa argumentação quando lhes foi perguntado até que ponto um chefe de Estado tem vida privada.

Um marxista filho de padre

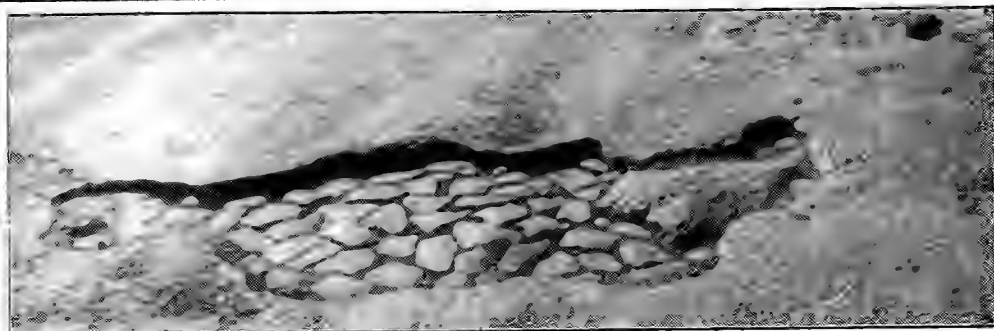
Mas será, de facto, Aristides Pereira, um marxista que, aos 65 anos, marca uma ruptura ideológica com um acto de culto que pretende privado? Se assim for, o Papa poderá averbar, com essa viagem, uma primeira vitória no precipitar das «perestroikas» africanas, depois de uma decisiva intervenção pessoal (e da Igreja), a partir da sua Polónia natal, para o fermentar da movimentação que, no Leste europeu, abala os fundamentos do «socialismo real».

O caso cabo-verdiano não é, porém, tão simples: se o Presidente de Cabo Verde é marxista (e, pelos documentos do partido que fundou com Amílcar Cabral, o PAIGC, os especialistas dizem que sim), nunca o declarou explicitamente e Cabo Verde fugiu, também no tratamento da questão religiosa, aos protótipos que os amigos de Leste lhe apresentavam como modelo. Uma boa parte dos militantes do partido do Governo é católica praticante e dá-se mesmo o caso, em certas zonas de maior influência da Igreja, como Santa Catarina, de os comités do partido e da Acção Católica quase se sobreporem, mobili-

é produto do seminário-liceu fundado pela Igreja Católica na ilha de S. Nicolau, em meados do século XIX, e a primeira instituição de ensino secundário nas colónias portuguesas de África. Amílcar Cabral, Aristides Pereira e o presidente da Assembleia Nacional, Abílio Duarte, são, ainda que indirectamente, também produtos dessa instituição.

Aristides Pereira e Abílio Duarte, a primeira e a terceira personalidades do Estado de Cabo Verde, são filhos de padre. Amílcar Cabral não era filho de padre, mas quase: o seu pai, Juvenal Cabral não chegou a ordenar-se, mas formou-se no seminário de Viseu, tendo alegado nos seus escritos que a sua renúncia foi motivada pelas atitudes racistas de que fora vítima enquanto aspirante ao sacerdócio. Depois, foi professor primário em Cabo Verde e na Guiné-Bissau e deixou 64 filhos conhecidos.

Os pais de Aristides Pereira e Abílio Duarte, esses foram mesmo párocos. O padre Porfírio Pereira, natural da Boavista e fundador da primeira escola primária nessa ilha pouco povoada e esquecida, é lembrado na sua terra natal como homem de saber e estremo pai de família que deu uma educação cuidada aos 14 filhos (Aristides Pereira é o benjamim), para além de ter tentado arrancar às trevas mais de uma geração. Um elemento



Ficar com o pneu do carro preso num buraco é algo que constituiria agora notícia seria encontrar um carro que tenha sido atacado pelas ferozes «crateras» da via pública. Com esta praga são muitas: há dois anos, Abecasis afirma que a dois meses os buracos desapareceriam. O futuro, porém, é menos ambicioso. Vejamos se será realidade.

Seis anos para tirar Lisboa d

Os pneus e as jantes são as grandes vítimas dos buracos. Rebentados os primeiros, partidas as segundas, eles custam, aos seus donos, um mínimo de trinta contos - se tiverem que ser substituídos - ou uma média de dez a quinze contos, caso ainda tenham conserto. A entidade responsável pelo arranjo das «crateras» existentes na via pública - a Câmara Municipal de Lisboa - responsabiliza-se pelos danos. Contudo, a «burocracia do buraco» é tão grande e o processo tão moroso, que os lesados acabam por preferir abrir os cordões à bolsa e paciência...

Para receber a merecida indemnização, os automobilistas têm, primeiro que tudo, de trazer sempre consigo uma máquina para fotografarem o carro «atacado» pelo buraco. Depois, precisam de convencer meia dúzia de transeuntes a testemunharem sobre a culpa do dito. É também indispensável participar a ocorrência à polícia.

Completada a primeira parte, devem dirigir-se à câmara para preencher um requerimento que enviam ao presidente da edilidade. O precioso documento é então entregue ao Serviço de Arruamentos, que o analisa com o fim único de encontrar algo que o invalide à partida. Se essa diligência não tiver

sucesso, o processo segue finalmente para o tribunal, onde é cuidadosamente colocado na pilha de processos para analisar. Só resta então esperar.

Apesar de tudo, desde o início das chuvas, já deram

entrada na Câmara Municipal de Lisboa cerca de cinco dezenas de requerimentos, mais do que em 1987, ano em que também se verificaram grandes problemas.

O senhor Alípio, mecânico da garagem Sorel,

não conhece, entre os seus numerosos clientes vitimados por buracos, nenhum que tenha apelado ao direito de indemnização camarária. «Aquilo demora tanto tempo, e é tão chato que as pessoas desistem.» - afirma -

«Mas lá que valia a pena pedir responsabilidades à câmara, isso valia».

O problema agrava-se ainda mais, na medida em que os lesados são muitas vezes obrigados a substituir as peças danificadas se

não quiserem ficar muito tempo à espera que o carro seja arranjado. Na verdade, as oficinas têm tanto trabalho que, se tiverem que proceder a consertos nas peças, atrasam muito o trabalho.

«Actualmente a situação está melhor porque deixou de chover, mas há umas semanas o serviço era tanto que nos víamos obrigados a recusar trabalho», conta o responsável da Glória Garagem.



Rombos nos bolsos dos automobilistas

Os pneus e as jantes são as grandes vítimas dos buracos. Rebentados os primeiros, partidas as segundas, eles custam, aos seus donos, um mínimo de trinta contos - se tiverem que ser substituídos - ou uma média de dez a quinze contos, caso ainda tenham conserto. A entidade responsável pelo arranjo das «crateras» existentes na via pública - a Câmara Municipal de Lisboa - responsabiliza-se pelos danos. Contudo, a «burocracia do buraco» é tão grande e o processo tão moroso, que os lesados acabam por preferir abrir os cordões à bolsa e paciência...

Para receber a merecida indemnização, os automobilistas têm, primeiro que tudo, de trazer sempre consigo uma máquina para fotografarem o carro «atacado» pelo buraco. Depois, precisam de convencer meia dúzia de transeuntes a testemunharem sobre a culpa do dito. É também indispensável participar a ocorrência à polícia.

Completada a primeira parte, devem dirigir-se à câmara para preencher um requerimento que enviam ao presidente da edilidade. O precioso documento é então entregue ao Serviço de Arruamentos, que o

analisa com o fim único de encontrar algo que o invalide à partida. Se essa diligência não tiver sucesso, o processo segue finalmente para o tribunal, onde é cuidadosamente colocado na pilha de processos para analisar. Só resta então esperar.

Apesar de tudo, desde o início das chuvas, já deram entrada na Câmara Municipal de Lisboa cerca de cinco dezenas de requerimentos, mais do que em 1987, ano em que também se verificaram grandes problemas.

O senhor Alípio, mecânico da garagem Sorel, não conhece, entre os seus numerosos clientes vitimados por buracos, nenhum que tenha apelado ao direito de indemnização camarária. «Aquilo demora tanto tempo, e é tão chato que as pessoas desistem.» - afirma - «Mas lá que valia a pena pedir responsabilidades à câmara, isso valia».

O problema agrava-se ainda mais, na medida em que os lesados são muitas vezes obrigados a substituir as peças danificadas se não quiserem ficar muito tempo à espera que o carro seja arranjado. Na verdade, as oficinas têm tanto trabalho que, se tiverem que proceder a consertos nas peças, atrasam

muito o trabalho.

«Actualmente a situação está melhor porque deixou de chover, mas há umas semanas o serviço era tanto que nos víamos obrigados a recusar trabalho», conta o responsável da Glória Garagem.

À noite as coisas agravavam-se ainda mais pois, como aquele estabelecimento é um dos únicos em Lisboa a proceder a arranjos 24 horas por dia, a afluência era ainda maior. «Tínhamos noites em que os reboques faziam bicha para trazerem os carros e nós tínhamos que os mandar embora porque já nem havia espaço para os arrumar».

Os prejuízos maiores não são, todavia, aqueles provocados pelo estouro de um pneu. Suspensões partidas, portas empenadas e frentes amachucadas implicam, muitas vezes, arranjos que atingem centenas de contos.

De acordo com António Couto, chefe das oficinas da Garagem Berna, «os problemas que os buracos provocam nos carros não são só aqueles imediatamente visíveis, mas aqueles que à primeira vista não se notam e que se manifestam mais tarde».

D.S.

Lisboa será, em breve, eleita para palco da principal prova mundial de rally todo o terreno. As razões para tão honrosa escolha estão bem à vista: um piso com a dose de «esburacamento» ideal para pôr à prova as capacidades dos mais dotados condutores. Os alfacinhas bem podem começar a comprar os jipes pois não tarda que os concorrentes estrangeiros cheguem

é algo que já deixou de ser notícia. Um automobilista lisboeta que nunca via pública. As promessas de acabar com a praga dos buracos afirmou alto e bom som que daí a pouco vereador do pelouro do Trânsito será mais cumpridor

do buraco

À noite as coisas agravavam-se ainda mais pois, como aquele estabelecimento é um dos únicos em Lisboa a proceder a arranjos 24 horas por dia, a afluência era ainda maior. «Tínhamos noites em que os reboques faziam bicha para trazerem os carros e nós tínhamos que os mandar embora porque já nem havia espaço para os arrumar».

Os prejuízos maiores não são, todavia, aqueles provocados pelo estofo de um

pneu. Suspensões partidas, portas empenadas e frentes amachucadas implicam, muitas vezes, arranjos que atingem centenas de contos. De acordo com António Couto, chefe das oficinas da Garagem Berna, «os problemas que os buracos provocam nos carros não são só aqueles imediatamente visíveis, mas aqueles que à primeira vista não se notam e que se manifestam mais tarde».

Dina Soares

Director PACHECO DE ANDRADE Director adjunto BOTELHO DA SILVA

QUARTA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 1989
PREÇO: 50\$00 NO CONTINENTE 1\$500 NAS ILHAS AUTOMÓVEIS

N.º 15 492 AND 46 * ISSN 0870 1962 - PROPRIEDADE DA EPDP - Rua Luz Soriano 67 - 1200 LISBOA, Telefones 32 82 91 5 (P.C.A.) - 32 82 96 8 e 36 46 30 - (REDACÇÃO) - 32 82 97 (PUBLICIDADE) - Telefones 32 82 95 e 122

ABECASIS PROMETE PARA 2 MESES

VOU DAR CABO DOS BURACOS

Fig. 2

As fantasias de Abecasis deram quase sempre nisto. Há cerca de dois anos ele anunciava que ia dar cabo dos buracos, e falava de um novo método e de uma nova tecnologia. O resultado está à vista...

Todos estragam poucos consertam

Cinquenta milhões de contos. Esta a verba necessária para acabar, de uma forma séria, com a praga dos buracos que afecta os 1200 quilómetros quadrados das ruas de Lisboa

Tema de conversa muito comum entre os automobilistas da capital, os estragos da via pública tornaram-se uma constante no dia-a-dia dos lisboetas. Cada um tem os seus buracos de estimação, aqueles que conhece como as palmas das mãos e sobre os quais passa todos os dias, cuidadosamente, após ter parado e metido a primeira. Nessas alturas, uma questão assalta sempre os sacrificados condutores: Porque se abrem os malditos buracos?

As causas são muitas e variadas. Em primeiro lugar culpam-se os solos argilosos, com grande capacidade de absorção da água. Culpadas também são as companhias de água, gás, electricidade e telefones, que rebentam os pavimentos para consertar ou instalar cabos e canos, e que depois não os fecham convenientemente.

As culpas caem ainda sobre os camiões de grande tonelagem: as ruas estão dimensionadas para aguentarem, no máximo, oito toneladas por eixo e, actualmente, já circulam muitos veículos com dez e mais o que implicaria, só por si, a duplicação da espessura dos pavimentos.

Claro que todos estes argumentos são válidos. No entanto, os culpados-mor são, sem dúvida, os pavimentos. Ferreira de Almeida, responsável pela Direcção Municipal de Infraestruturas e Saneamento da Câmara de Lisboa, explica as

causas profundas da inadequação dos pavimentos: «Lisboa estava toda calcetada e, à medida que as pedras se foram deslocando, foi-se aplicando betuminoso por cima. Uma solução muito precária e que tem uma durabilidade extremamente reduzida».

Errada está, igualmente, a forma como se consertam as cavidades abertas nos pavimentos. As condições atmosféricas e a temperatura das massas utilizadas são, no entender de Ferreira de Almeida, determinantes na durabilidade dos arranjos.

«Estes trabalhos deveriam ser sempre feitos no Verão. No entanto, vemos muitas vezes os empreiteiros a fazerem consertos à chuva. Além disso, as empresas não possuem camiões preparados para manterem sempre as massas à temperatura ideal de 110 a 120 graus, e por isso os buracos são muitas vezes tapados com betuminoso quase frio que não adere ao pavimento», explica.

«E não há ninguém que fiscalize isso?» - perguntamos. «A câmara só tem 35 fiscais para estas obras. O que acaba por acontecer é que os fiscais dizem o trabalho está mal feito, os empreiteiros dizem que não, e não se chega a conclusão nenhuma», responde o responsável camarário.

A solução encontrada por Ferreira de Almeida reside na compra de uma máquina destinada a controlar as compactações, que custa cinco mil contos, e que já está encomendada. «É

mais difícil desmentir uma máquina do que um fiscal», afirma. Opinião diferente tem o futuro vereador do pelouro do trânsito que, como se pode ler noutro local, entende que a fiscalização deve ser entregue ao LNEC. E agora o que vão fazer à máquina?

Para o actual programa de emergência foram contratados quatro empreiteiros: a Mota e Companhia, a Tomás de Oliveira, a Tâmega e a Frias Limitada. O total da obra está orçado em 300 mil contos, embora tal verba só chegue mesmo para «tapar buracos».

O pavimento rígido seria, segundo Ferreira de Almeida, o ideal para as ruas de Lisboa. Tem a vantagem de ser mais seguro e duradouro do que qualquer outro, requerendo menor manutenção. O único, e totalmente indispensável, cuidado a ter é com a drenagem dos solos.

«Veja-se o exemplo do monumental buraco da Rua Pascoal de Melo. O pavimento é muito bom, mas como o solo não estava bem drenado, a terra começou a sair de baixo das placas de betão, que ficaram suspensas, acabando por partir», conta o responsável camarário.

Este tipo de pavimento tem igualmente a desvantagem de ser muito difícil de abrir quando é necessário substituir canalização. Ora, com a falta de coordenação existente entre a câmara e as companhias, este problema ganha uma importância

considerável. A demora na instalação de um pavimento deste tipo - cerca de quatro meses por cada rua - constitui ainda outro factor negativo. Nas ruas novas, a opção vai, assim, para o pavimento flexível, que custa cerca de metade do anterior, embora requiera grandes cuidados. Por outro lado, é um trabalho mais rápido.

Intensificar a fiscalização e as obras de manutenção são as soluções propostas por Ferreira de Almeida para minorar o problema dos buracos. As poucas empreitadas levadas a cabo neste sentido durante o ano de 1989 foram, aliás, uma das causas do estado a que chegaram as ruas este ano, mal caíram as primeiras chuvas.

Segundo dados fornecidos pela Divisão de Arruamentos e Esgotos da Câmara Municipal de Lisboa, gastou-se, em 1989, um milhão de contos em reparações de pavimentos e esgotos, o que é manifestamente pouco, tendo em conta as necessidades.

O «DL» tentou contactar o vereador do pelouro do Trânsito, Magalhães Pacheco, a fim de apurar as razões desta falta de obras. No entanto, aquele responsável não se mostrou disponível para falar sobre o assunto e a única resposta que obtivemos foi da sua secretária: «O senhor vereador não comenta essa questão».

D. S.



alco
odo
sa
com
ara
als
bem
pois



Auto Monumental do Arquivo
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

ECONOMIA

Somincor entra na área do zinco

Prospecção vai iniciar-se nos concelhos de Mértola e Almodôvar

Incluir o zinco no conjunto dos minérios que já explora é o objectivo da Sociedade Mineira de Neves-Corvo (Somincor) com o aumento da área de exploração em 600 quilómetros quadrados, verificado através de um contrato celebrado com a Secretaria de Estado da Energia.

Fonte da empresa revelou ao "DL" que «se o estudo de viabilidade técnico-económica apontar para o desenvolvimento, construir-se-á uma nova lavaria de zinco». De resto, este alargamento foi precedido de estudos de mineralização, realizados no actual couto mineiro, e geológicos, efectuados nos terrenos agora atribuídos, localizados nos concelhos de Mértola e Almodôvar.

Durante os próximos três anos, a Somincor irá proceder a trabalhos de prospecção e pesquisa na nova área, que materializarão investimentos de 300 mil contos, com o objectivo de localizar jazigos a grande profundidade. Para tal, a empresa recorrerá à utilização de tecnologias de ponta e de conhecimentos técnico-científicos. Com a exploração do zinco no horizonte a médio prazo, a sociedade mineira juntará no final do próximo mês de Fevereiro a exploração do estanho à do cobre, metal este que alcançou a primeira tonelada o ano passado.

Este novo projecto complementa o do cobre e corresponde a um investimento de 12 milhões de contos. O projecto do cobre, recorde-se, iniciou-se em 1980 e corresponde a um investimento de 60 milhões de contos.

Situação

Com o primeiro ano de actividade comemorado recentemente, a Somincor já manifesta uma capacidade de produção (arranque, extracção e processamento) de 85 por cento do projecto. Depois do milhão de toneladas processado em 1989, a empresa estima um crescimento de 500 toneladas para o ano em curso e de 100 para 1991.

O ano passado, a Somincor facturou cerca de 30 milhões de contos e prevê um crescimento do volume de vendas de 30 por cento para este ano. Os lucros respeitantes ao exercício passado situar-se-ão nos nove milhões de contos e o "cash-flow" nos 18 milhões.

Calçado: programa tecnológico para aumentar produtividade

Universidades, centros de investigação e de competência vão cooperar

O aumento da produtividade industrial é o objectivo de uma acção-piloto que o Gabinete Gestor do Pedip está a dinamizar junto da indústria do calçado em colaboração com a Junta Nacional de Investigação Científica (JNICT).

Os projectos a apresentar pelas empresas serão financiados em 70 por cento dos custos pelo Pedip, beneficiando ainda de apoio gratuito por parte das universidades e dos centros de investigação, os quais são integralmente suportados pela JNICT.

A iniciativa vai permitir testar a possibilidade de criação de sinergias entre dois instrumentos de apoio - o Pedip e o Programa Ciência - sob tutela de dois organismos diferentes da Administração Pública.

«Se a missão for bem sucedida, ela poderá vir a ser alargada a outros sectores industriais e contribuir positivamente para o reforço da ligação da comunidade científica e tecnológica ao desenvolvimento da indústria portuguesa», afirma Albertino Santana, gestor do Pedip.

O sector do calçado foi escolhido pela sua importância a nível das indústrias tradicionais, mas que, apesar da relevância das suas exportações, apresenta baixos índices de produtividade.

Produtividade que, diz Albertino Santana, pode ser fortemente aumentada «desde que sejam introduzidas melhorias na área tecnológica, na organização fabril e na gestão das próprias unidades industriais».

Este programa visa também ensaiar mecanismos que favoreçam o envolvimento das universidades e de centros de investigação em projectos



Indústria do calçado: programa de modernização ambicioso

concretos de desenvolvimento industrial, em cooperação mútua com centros de competência.

Nesta conformidade, encontra-se já aberto concurso para as empresas de calçado exporem as suas necessidades

em matéria de aumento da produtividade, seguindo-se-lhe um outro para as empresas, com o apoio de centros de competência, apresentarem ao Pedip projectos concretos visando a melhoria da produtividade.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS



(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	49\$20	55\$20
ALEMANHA FED. (marco)	86\$85	88\$05
ÁUSTRIA (xelim)	12\$35	12\$55
BÉLGICA (franco)	39\$60	42\$10
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126\$70	129\$20
(notas de 5 e 1000)	127\$20	129\$70
DINAMARCA (coroa)	22\$50	22\$90
ESPAÑA (peseta)	1\$312	1\$432
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148\$40	151\$90
(notas de 5 e 1000)	148\$90	152\$40
FINLÂNDIA (marka)	36\$90	37\$50
FRANÇA (franco)	25\$55	26\$25
HOLANDA (florim)	77\$10	78\$20
IRLÂNDIA (libra)	231\$45	235\$45
ITÁLIA (lira)	\$106	\$121
JAPÃO (iene)	\$975	\$1030
NORUEGA (coroa)	22\$60	23\$10
REINO UNIDO (libra)	245\$10	249\$60
SUÉCIA (coroa)	23\$95	24\$45
SUÍÇA (franco)	97\$65	99\$15
VENEZUELA (bolívar)	3\$237	4\$037

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

SNACK BAR 2-A, LIMITADA

CERTIFICO NARRATIVAMENTE PARA EFEITOS DE PUBLICAÇÃO QUE: Por escritura de dezasseis de Julho de mil novecentos e oitenta e nove, lavrada de folhas quarenta e seis a folhas quarenta e sete do livro cento e vinte e cinco F, das notas do Nono Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada Maria Alice Ribeiro Fernandes, foi entre Maria Antonieta do Rosário Casquilho, divorciada, residente na Rua Jau, n.º 34 — 1.º andar esquerdo, em Lisboa e Mónica do Rosário Casquilho Ferreira Brás, solteira, maior, residente com a anterior, celebrado um contrato de sociedade comercial por quotas com a firma em epígrafe e que se ficou a reger pelos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma **SNACK BAR 2-A, LIMITADA** e tem a sua sede em Lisboa, na Rua Gil Vicente, número dois-A, freguesia de Alcântara.

2.º

O objecto social consiste na actividade de restaurante, cervejaria, snack bar e café

3.º

O capital social é de quatrocentos mil escudos, encontra-se integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das seguintes quotas dos sócios: uma quota de trezentos mil escudos de Maria Antonieta do Rosário Casquilho e uma quota de cem mil escudos de Mónica do Rosário Casquilho Ferreira Brás.

4.º

A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo da sócia Maria Antonieta do Rosário Casquilho, desde já nomeada gerente, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, vinculando-se a sociedade validamente com a sua assinatura.

5.º

Quando a lei não exigir outras formalidades as reuniões de assembleia geral são convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com quinze dias de antecedência, pelo menos.

6.º

A gerente fica desde já autorizada a efectuar, antes do registo, o levantamento da totalidade do capital social depositado para, em nome da sociedade, fazer face às despesas de constituição e registo, aquisição de bens e equipamentos necessários e início de actividade.

Está conforme

Lisboa, Nono Cartório Notarial aos 19 de Agosto de mil novecentos e oitenta e nove

O ajudante principal
João Marcos Ramalho

Árabes querem aumentar cooperação com Europa

Os países árabes mantêm a ofensiva junto dos seus parceiros económicos e perspectivam o futuro. É nesse sentido que se insere o encontro, no próximo dia 23, entre representantes desses países e empresários portugueses, altura em que serão analisadas as tendências económicas árabes e as perspectivas futuras de cooperação com a CEE e com Portugal em particular.

A iniciativa é da Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa (CCIAP), que nesse mesmo dia efectuará a reunião anual mista do Conselho de Administração, que engloba personalidades ligadas à actividade económica de Portugal e do mundo árabe.

Segundo a CCIAP, no decurso do almoço que será oferecido aos membros árabes, para além da intervenção feita pelo representante da União Geral das Câmaras de Comércio, Indústria e Agricultura dos Países Árabes, haverá a possibilidade dos agentes económicos portugueses estabelecerem contactos com representantes das áreas económicas congéneres, com

vista a futuros negócios.

Mais que uma recepção protocolar, esse almoço deverá ser uma sessão de trabalho, com a presença não só dos embaixadores árabes acreditados em Portugal, como também de responsáveis de organizações e instituições da vida económica portuguesa e representantes de empresas associadas da CCIAP.

Papel da CCIAP

A Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, fundada em Janeiro de 1977, tem por objectivo fomentar o intercâmbio económico, fomentar as trocas comerciais e encorajar a formação de «joint-ventures». Segundo disse o seu presidente, Alexandre Vaz Pinto, há que intensificar as ligações com as suas congéneres do mundo árabe.

Dados referentes a 1988 apontam para que as relações de comércio com os países árabes tenham tido uma evolução positiva, já que as exportações aumentaram cerca de 8,5 por cento e as importações diminuíram 22 por cento, em comparação com o ano anterior.

QUOTIDIANO

Incêndio no Chiado não serviu de emenda

Um relatório realizado pelos bombeiros, até hoje mantido confidencial, revela as mazelas da baixa pombalina

Ano e meio após o incêndio do Chiado, nenhuma medida foi tomada para evitar que nova catástrofe destrua o que resta da Baixa pombalina, revela um relatório do Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa.

Os 594 imóveis existentes na zona, vistoriados por duas equipas especiais, continuam «sem os meios considerados mínimos de prevenção e combate a incêndios», sublinha o documento até hoje mantido confidencial no município lisboeta.

O estudo solicitado aos bombeiros pelo presidente cessante da Câmara de Lisboa, Nuno Abecassis, logo após o incêndio do Chiado, afirma que «salvo raras excepções os edifícios não dispõem de extintores adequados, de sistemas de detecção automática de incêndios e de sinalização de emergência» e «as instalações eléctricas não obedecem aos preceitos regulamentares em vigor».

Os edifícios na generalidade

só têm bocas de incêndios nas fachadas, consideradas insuficientes, porque se ocorrer fogo de certas proporções não existe rede que abasteça um número razoável de viaturas de ataque.

Em vários edifícios os bombeiros registaram situações que consideram «como de maior cuidado, por representarem perigos potenciais» nomeadamente um hotel com índice de ocupação muito elevado, um depósito de produtos químicos a ocupar o terceiro e quarto piso de um prédio e vários estabelecimentos comerciais.

O hotel tem uma oficina de reparações várias no último andar, com materiais combustíveis facilmente inflamáveis, «sem estarem devidamente guardados».

As únicas medidas de segurança deste estabelecimento são bocas de incêndio que não correspondem à legislação em vigor.

O relatório regista ainda, como anomalia mais saliente,

o caso de duas fábricas de confecções inseridas em dois segundos andares, uma com setenta e a outra com cinquenta empregados, que não têm saídas de emergência, desconhecendo os trabalhadores o modo de funcionamento dos extintores existentes. As duas equipas especiais dos bombeiros detectaram casos de vãos de comunicação abertos nas paredes corta-fogos que separaram os prédios, não estando protegidos com dispositivos anti-fogo. A ocorrência de um fogo num qualquer compartimento de um destes prédios pode, segundo os bombeiros, propagar-se fácil e rapidamente aos edifícios vizinhos, tomando proporções alarmantes.

O relatório salienta ainda o facto de todos os edifícios da Baixa serem de construção antiga, com paredes em alvenaria e tabiques de madeira e tijolo, bem como as escadas e soalhos em madeiras velhas altamente inflamáveis.

Inspecção não consumada

Nova visita à TSF indigna Rangel

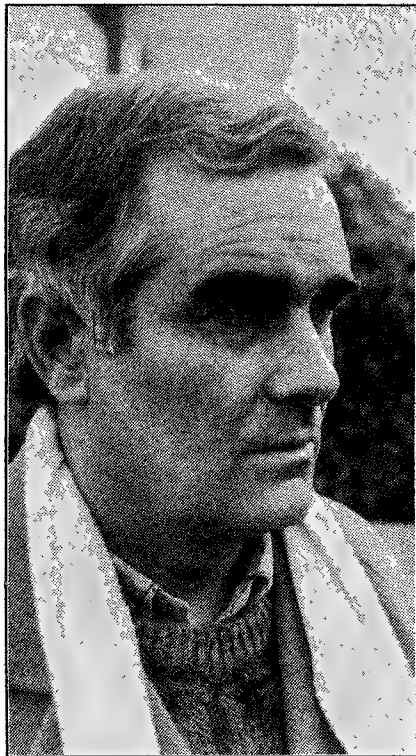
«O que se passou aqui é no mínimo uma situação triste» - palavras de Emídio Rangel, director da TSF, ontem, em Monsanto, junto ao centro emissor da estação, após mais uma verificação técnica dos serviços rádio-eléctricos dos CTT.

«A última vez que cá estiveram foi há quinze dias. E estiveram cá hoje de novo. Em seis meses esta é a oitava vez que vem à TSF. Isto é clara e inequívoca

ivocamente uma acção persecutória». A estranheza de Emídio Rangel deve-se ao facto de mais nenhuma rádio da zona da grande Lisboa ter recebido a visita dos serviços rádio-eléctricos. Intimidação é outra das acusações, assim considerada por se ter agora iniciado a discussão do «processo de cadeias».

A nova verificação, acompanhada por força policial, acabou por não se efectuar. Os técnicos dos CTT dirigiram-se a Monsanto por volta das treze horas, quando o responsável da estação aí chegou, três horas mais tarde para franquear as portas de acesso ao emissor, foi-lhe dito já não ser necessária a verificação.

Emídio Rangel considera ainda que atitudes deste tipo deverão «merecer da parte do Governo e das forças vivas do País acção e protesto», repudiando a utilização deste serviço como «manobra policial intimidatória».



Emídio Rangel, director da TSF: «Em seis meses, esta é a oitava vez»

Prémio Stendhal assinala papel da Imprensa

Prémio Stendhal é a designação de um novo galardão para trabalhos de meios de comunicação social que acaba de ser criado a nível europeu.

Patrocinado conjuntamente pela Comunidade Europeia e pela Federação Internacional dos Editores de Jornais (FIEJ) -- onde a Associação da Imprensa Diária portuguesa está filiada --, o galardão, com um valor global de 180 mil contos, compreende quatro prémios para a imprensa escrita e um para a televisão. A data limite de apresentação dos trabalhos jornalísticos é o próximo dia 30 de Abril, e poderá ser apresentado para apreciação tudo o que for publicado entre Janeiro e Março deste ano. O objectivo do Prémio Stendhal, que será outorgado anualmente, é o de «acentuar o papel decisivo da Imprensa na educação do cidadão europeu». A atribuição do galardão reconhecerá «a melhor primeira página de jornal», a «melhor capa de revista», os «melhores artigos de fundo» ou as «melhores séries de artigos» (em jornais ou revistas) sobre problemas sociais ou económicos, e a «melhor emissão televisiva» que tiver contribuído para a compreensão de um grande assunto da actualidade social europeia.

A selecção será efectuada por um júri composto por personalidades eminentes, conhecidas por terem contribuído para a causa europeia.

Informação

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES GREVE DE 16 A 26 DE JANEIRO DE 1990

Período das 12.00 horas do dia 16/01/90 às 24.00 horas do dia 26/01/90

Atendendo às características parciais das paralisações levadas a efeito pelas estruturas sindicais dos Trabalhadores da Empresa e tendo como objectivo minorar os inconvenientes para os Senhores Passageiros, a CP informa o seguinte sobre a circulação dos comboios e dos barcos, naquele período:

1. ZONA SUBURBANA DE LISBOA

1.1. Linha de Sintra

São garantidos pelo menos os comboios de Sintra e Cacém, mantendo-se, nestes casos o horário dos dias úteis. Todos os comboios terão paragem em Campolide.

1.2. Linha de Cascais

Prevê-se que seja praticado o horário que vigora aos domingos.

Todos os comboios terão paragem em Santos.

As últimas partidas de Cais do Sodré e de Cascais terão lugar respectivamente às 23.40 e às 00.30 horas.

Prevêem-se igualmente circulações com partida de Cais do Sodré às 03.00 horas e de Cascais às 03.45 horas que terão paragem em todas as estações.

1.3. Lisboa-Azambuja

Prevê-se a realização do serviço normal.

1.4. Barreiro-Praias do Sado

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal.

1.5. Via Fluvial — Lisboa/Barreiro

Será praticado o serviço normal.

1.6. Cacém-Torres Vedras

Prevê-se a realização de grande parte destes serviços.

2. ZONA SUBURBANA DO PORTO

Linha da Póvoa, Porto-Marco, Aveiro-Porto e Porto-Braga

Prevê-se a realização de grande parte do serviço normal

3. ZONA SUBURBANA DE COIMBRA

Coimbra-Figueira da Foz e Coimbra-Serpins

Efectuar-se-á um número significativo de comboios.

4. SERVIÇOS «ALFA» E «INTERCIDADES»

4.1. «ALFA»

Serviço assegurado com excepção dos comboios 121 (de Lisboa 07.15), 122 (do Porto 08.30), 128 (do Porto 17.10) e 129 (de Lisboa 17.00) que serão suprimidos.

Os comboios 120 (do Porto 07.15) e 131 (de Lisboa 20.20) efectuarão paragens adicionais em Coimbra e Aveiro.

4.2. «INTERCIDADES»

Serviço assegurado, com excepção das ligações Lisboa-Aveiro (comboios 520 e 521) e Porto-Viana do Castelo (comboios 550 e 551) que são suprimidos.

5. LIGAÇÕES INTERNACIONAIS

Serão asseguradas todas as ligações internacionais, com excepção da ligação Porto-Vigo que será suprimida neste período.

6. SERVIÇOS INTER-REGIONAIS E REGIONAIS

Prevê-se a supressão de grande parte destes serviços.

NOTA —

Na restante rede e nos restantes serviços haverá circulação ferroviária, afectada, no entanto, por supressões e atrasos. Por tal motivo — lamentando o incómodo — solicita-se aos Senhores Passageiros que contactem com as Estações ou as Secções de Informação da CP.

10.Jan.1990

Informação divulgada pela
Divisão de Relações Públicas da CP



Caminhos de Ferro
Portugueses

Limpeza de Porto Santo vai demorar três meses

As condições climatéricas poderão salvar a Madeira da «maré negra». A CEE vai enviar material para limpar o crude das praias de Porto Santo

Do nosso enviado especial

A palavra de ordem é limpar, limpar, limpar. E três centenas de portosantenses fazem-no desde ontem, refeitos do susto, porque as consequências das 150 toneladas de crude derramado poderiam ter sido mais graves, quase irreparáveis. Está ainda por saber quais serão os reflexos na principal actividade desta Região Autónoma: o turismo. Em parte, o seu futuro depende das condições climatéricas dos próximos dias e do êxito desta operação - limpeza das praias poluídas pelo crude - inicialmente prevista para dois meses, mas que não deverá demorar menos de três, na melhor das hipóteses.

As últimas indicações de Porto Santo, em cujas praias se alinharam grandes toneladas do crude vertido por um petroleiro desconhecido, são auspiciosas: a CEE vai mesmo ajudar os técnicos aqui afadigados no combate à poluição e cresce a esperança de uma mancha que flutua no mar, entre a Travessa e as Desertas, não venha a afectar a costa Sul da Ilha da Madeira. O director regional da Meteorologia prevê que assim seja, dando tempo a que os primeiros dias de combate sejam decisivos. «O vento vai continuar de nordeste e as manchas deverão passar a Sueste da

Madeira, sem afectarem, portanto, a ilha» - é esta a previsão de José Manuel Martins.

A posição do director regional das Pescas não é assim tão optimista. José Alberto Ornelas teme pelas espécies cujo *habitat* se estende ao longo do litoral, nomeadamente os moluscos (lapas), os crustáceos (caranguejos) e o conhecido peixe fino. «A pesca do atum poderá ser afectada indirectamente, já que é feita através da utilização de iscos vivos que vivem nas zonas costeiras.

Pescadores avisaram ninguém lhes ligu

Aqui, em Porto Santo, fala-se correntemente na «maior catástrofe ecológica» ocorrida até hoje em Portugal. Não é essa, como se sabe, a opinião de Macário Correia, que em situações desta natureza é isoladamente optimista, como o foi por ocasião do derrame na costa alentejana de Sines, com os desastrosos resultados turísticos que se conhecem, para além das consequências que o desastre produziu na fauna e flora da zona. Para essas consequências, ainda hoje por recuperar, por mais de uma vez os presidentes de Sines e Odemira (Francisco do Ó e Justino Santos) chamaram a atenção. Mas em vão.

Não deverá suceder o



Um funcionário camarário limpa, com palha de aço e detergente de loiça, uma tartaruga afectada pelo crude

mesmo aqui, onde se espera a todo o momento que chegue o material de combate à poluição da CEE, instalado em Marrocos, por iniciativa do almirante Martins Cartaxo, que comanda todas as operações de limpeza. A decisão de Martins Cartaxo, que a deu a conhecer ao ministro do Ambiente por ocasião da visita deste a Porto Santo, na passada terça-feira, contraria a posição do secretário regional do Equipamento Social, que inicialmente afastara a hipótese do recurso ao auxílio internacional, apesar de reconhecer não haver meios para «dispersar ou desviar a rota de uma mancha com a dimensão da que se abateu nas costas de Porto Santo».

José Pestana Leão, há muitos anos pescador, encontrou vários pedaços de massa e chegou mesmo a estar junto a uma bolsa de crude a Leste

do Ilhéu da Fonte. Deu conta do que viu à Marinha, como admitiu o comandante Janes Semedo, mas ninguém lhe ligou. «Fiquei admirado e também assustado», disse Pestana aos jornalistas, acrescentando ter passado a notícia a amigos, que a espalharam pela ilha.

Ilha Dourada agora vestida de negro

Nesta fase, o plano acionado considera prioritário conservar limpa a praia de Porto Santo, também chamada Ilha Dourada, a cujos destinos preside o social-democrata Góis Mendonça (que no corropio suscitado por toda esta movimentação quase nem tempo disponível tem para se agarrar às obras da Câmara). Porto Santo é desde meados desta semana ponto de visita de personalidades que, em condições normais, nunca aqui se deslo-

cariam, apesar da proposta turística que a todos faz.

Dominada por pequenas povoações isoladas na geografia e no espaço, Porto Santo juntou agora o negro às duas cores que dominam a sua proposta turística: o verde da sua vegetação e o azul que o mar espelha. Por instantes, quem se abeira da costa Norte tem a sensação que esse negro fúnebre impera. As aves, que ecologistas e ambientalistas consideram os melhores geógrafos do silêncio, bateram em retirada destas paragens, por não resistirem ao mau cheiro.

Como outra consequência, o peixe continua a aparecer morto e as ilhas Desertas poderão ser ameaçadas. Por ora, a manterem-se as condições climatéricas, como já se disse, não há perigo de maior: a sua reserva natural está segura. Mas nunca fiar, tanto mais que o crude

«beijou» a costa nortenha da Madeira, nomeadamente São Vicente e Ponta Delgada, freguesias que distam cerca de 50 quilómetros do Funchal. Mas não só: também Martins Júnior, presidente da Câmara Municipal do Machico, comunicou a Alberto João Jardim (por quem espera ser recebido, mas por outras razões) a presença de crude nas praias de Maiata e Lagoa, no concelho para que surpreendentemente foi eleito em 17 de Dezembro.

A situação em São Vicente, onde apareceram polvos e tartarugas mortos, é mais preocupante, se bem que não seja grave. O presidente da Câmara Municipal local, Gabriel Drummond, chamou a atenção para uma mancha de crude aparecida na costa, por ora «sem proporções alarmantes», disse.

Júlio Rodrigues

Lotaria Nacional

1ª EXTRAÇÃO
NÚMEROS PREMIADOS
42 652 - 70 000 contos
26 842 - 12 000 contos
25 871 - 3 000 contos

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO
42 651 - 750 000\$00
42 653 - 750 000\$00

APROXIMAÇÕES AO 2º PRÉMIO
26 841 - 350 000\$00
26 843 - 350 000\$00

APROXIMAÇÕES AO 3º PRÉMIO
25 870 - 157 250\$00
25 872 - 157 250\$00

PRÉMIOS DE 1 000 CONTOS
7 355; 23 405; 24 941; 25 115; 25 146;
36 822; 38 773; 40 797; 59 523 e 59 942.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS
1 000 000\$00 - 1 279 Fracção nº 3
300 000\$00 - 652
60 000\$00 - 842
30 000\$00 - 871
15 000\$00 - 012, 039, 383, 414 e 446.
7 000\$00 - 2 e 7

PRÉMIOS DE CENTENAS
20 000\$00 - 42 601 a 42 700
12 500\$00 - 26 801 a 26 900
10 000\$00 - 25 801 a 25 900

Precisa-se

Empregada, de preferência c/ menos de 40 anos para tratar de pessoa idosa.

Resposta para o telefone 8511598.

Carlos Pimenta acusa inoperância portuguesa

«A maré negra ao largo das Ilhas da Madeira e Porto Santo mostra a falência e a impotência dos sistemas portugueses e comunitários de vigilância, prevenção e combate à poluição do mar». A acusação vem do deputado europeu Carlos Pimenta, o qual defende que Portugal precisa de «rever todo o dispositivo operacional existente e reforçá-lo urgentemente com meios e pessoal». Carlos Pimenta destacou, entre os serviços que terão de ser reforçados e coordenados, a Marinha, a Força Aérea, as Administrações Portuárias e o recém criado Ministério do Ambiente.

Este deputado recordou que o petroleiro «Kharg» começou a verter crude a 19 de Dezembro e nada se fez de imediato. Criticou as administrações portuárias por permitirem que o lixo dos nav-

ios e dos respectivos tanques sejam lançados ao mar e as autoridades governamentais portuguesas e as dos restantes países comunitários por ignorarem as propostas que vêm sendo feitas há vários anos, quer pelo Parlamento Europeu, quer por organizações não-governamentais sobre prevenção e combate à poluição do mar.

O ex-secretário de Estado do Ambiente preconizou ainda a reestruturação da Comissão Nacional Contra a Poluição do Mar, organismo que considerou «inoperante» por ter sob a sua alçada vários serviços e direcções-gerais e apenas um representante da Secretaria de Estado do Ambiente. A nível comunitário defendeu a criação de um sistema eficaz e permanente (24 horas por dia) de vigilância da zona económica exclusiva da CEE.

B R E V E S

Sindicato dos Jornalistas contra posição da RTP

O Sindicato dos Jornalistas tomou já posição sobre a ordem de serviço do Conselho de Gerência da RTP com o título «Dever leal de não concorrência», repudiando-a «frontalmente».

O Sindicato dos Jornalistas considera que através desta ordem de serviço «e com recurso a uma argumentação jurídica inaceitável», a RTP pretende «violiar não só as disposições convencionais que outorgou, mas também garantias constitucionais», como sejam «a liberdade de trabalho e de expressão».

Controladores aéreos em greve durante três dias

Durante três dias, nos céus portugueses (quase) só se vislumbrarão nuvens: a maioria dos aviões ficam em terra, à espera que termine a greve dos controladores de tráfego aéreo que ontem, em mais uma reunião com os representantes da ANA, lograram ver as suas reivindicações aceites. Iniciou-se às zero horas de hoje e prolongar-se-á até ao dia 21 a paralisação dos 300 controladores de tráfego aéreo português, luta que não só limita a saída e entrada de aviões nos aeroportos portugueses, como também afecta a circulação no nosso espaço aéreo. Excepção feita apenas aos voos inter-ilhas, do continente para as ilhas, militares e de emergência, ou seja, serão cumpridos os chamados «serviços mínimos».

CULTURA

Crítica de Teatro

Equilíbrio dos contrários

A PÉCORA (Auto da Paixão de Santa Melânia), de Natália Correia. Dramaturgia e Encenação: João Mota. Assistente de Encenação: Alfredo Brissos. Música: José Mário Branco. Colaboração: António José Martins. Assessor musical: José Pedro Caiado. Figurinos: Carlos Paulo. Adereços: Cecília Sousa/Jorge Loureiro. Produção: Comuna. Interpretação: Manuela de Freitas, Carlos Paulo, Cucha Carvalheiro, Alfredo Brissos, Victor Rodrigues, Victor Soares, Almeno Gonçalves, Cristina Torres, Manuela Couto, Rita Salema, Adélia Loureiro, Álvaro Correia, Antónia Terrinha, Jorge Estreia, Cecília Sousa, Jorge Loureiro, Paulo Ferreira. Comuna. Estreia mundial: Festival da Convenção Teatral Europeia/Saint-Étienne-17.11.89. Estreia em Portugal: 7-12-89 (14-01-90).

Vejo, pela terceira vez, o espectáculo da Comuna com «A Pécora», de Natália Correia. Deslumbradamente. A primeira vez, foi a do temor: era ainda um ensaio geral com público. Como teria podido um grupo como a Comuna, com os seus parâmetros estilísticos, afrontar e aceitar o barroquismo de uma autora como Natália Correia, de que maneira teria passado uma tão forte, inovadora, implacável crónica anti-milagreira, ou seja, anti-vendilhões do templo, anti-uma certa igreja, para um espectáculo que, aceitador dessa ética que o texto implica, se sentiria cercado por uma sociedade defensora (sincera ou não) de outros valores, inclusivé, de outros valores estéticos?

Da primeira vez, pois, o temor, logo dissipado pela convicção, energia, honestidade e beleza com que a Comuna aceitara e trabalhara a proposta do texto, como a transformara em acto teatral sem a atraioar, e sem se atraioar.

Da segunda vez, nos arredores de Saint-Étienne, no

Festival da Convenção Teatral Europeia, como aqui se contou («DL»/21-11-89), já sem temor, sem inquietação, a não ser a que poderia provir do próprio público. Sem temor, não sem espanto, contudo, pela vitória do espectáculo sobre um público outro, conquistado para uma experiência de que absorvia, sem peias, a estupenda corrente emocional. Um espectáculo, talvez, pobre, se comparada com as máximas ricas que vimos, mas exprimindo uma visão diferente, situando-se num outro universo teatral que recuperava linguagens que pareciam esquecidas mas que não estavam esquecidas e, muito menos, mortas.

Deixei que passasse o tempo suficiente para me sentir distanciado, nesta terceira vez em que recebo o espectáculo em condições normais: o público da Comuna, e outro, num domingo à tarde, casa esgotada. O espectáculo conserva as mesmas tensões, a mesma inteireza, o mesmo rigor (um ou outro problema de voz é insignificante), a mesma força e as mesmas zonas frágeis, também por



Carlos Paulo e Manuela de Freitas contracenando em «A Pécora»

razões de um texto ainda a precisar de alguma depuração.

A terceira vez

Em duas ou três palavras porque o espaço é curto, dir-se-á que o trabalho de João Mota recupera uma estética dos anos 70 que teve nas experiências de Ariane Mnouchkine, possivelmente, a sua dimensão mais considerável e brilhante, mas passou também por alguns espectáculos da Comuna: mudanças de espaço, máscaras, relação com o público (que se movimenta, os actores por vezes a segredar-lhe o texto), relação com a música, o canto. Nesta recuperação não há nada de passadista ou de revivalista ou de académico: o espectáculo utiliza processos cénicos que não são novos, com uma limpidez, um rigor, uma capacidade imagética, que é como se fossem novos.

O trabalho de encenação de João Mota, com a música e o espaço sonoro de José Mário Branco (com António José Martins e José Pedro Caiado), é sublime: aceitando o texto como um auto medieval. João Mota criou as «estações» que marcavam o percurso desses espectáculos e que aqui surgem através de transparências, como imagens transfiguradas: o enforcado e os dançarinos, o diálogo do bispo com Ardinelli, por exemplo.

O trabalho de encenação, a música e o espaço

sonoro, o trabalho de construção do espaço (as «estações» já citadas, o pequeno altar com velas, o pano branco estendido pelos actores que cria o caminho da procissão), as máscaras e os fatos (as capas dos peregrinos), os troncos do poder do casal Zenóbia-Teófilo, o teatro no teatro, a marcação dos corpos, o movimento, a gestualidade, todos estes elementos, nas suas contradições e nas suas harmonias, jogam equilibradamente entre si. Ao mesmo tempo, o espectáculo joga-se fundamentalmente no equilíbrio da sua realidade cénica e da sua realidade textual. Numa palavra: o grande teatro é, também e necessariamente, o grande texto teatral. «A Pécora» é o grande teatro português: uma grande peça e um grande trabalho teatral. Nisto, o papel dos actores é, também ele, essencial: Manuela de Freitas, mas não apenas ela, maravilhosa Melânia, também Carlos Paulo, magnífico Ardinelli, além de ser o autor dos admiráveis figurinos, Cucha Carvalheiro, Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Adélia Loureiro, Manuel Couto, Antónia Terrinha, Rita Salema, e os outros, num trabalho individual e coral

que contribui para o resultado final que o espectáculo atinge: um dos melhores espectáculos da Comuna e do teatro português depois do 25 de Abril.



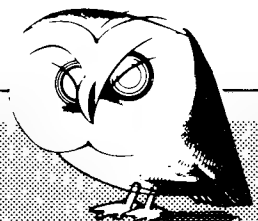
Carlos Paulo

Adeus British Bar

O British Bar, situado junto ao Cais Sodré, encontra-se encerrado para obras. O bar «art deco», que serviu de cenário a algumas das cenas do filme «A Cidade Branca» de Alain Tanner, só mantém duas prateleiras da época. As paredes encontram-se já «picadas». Os trabalhadores que aí, hoje de manhã, se

encontravam, disseram à reportagem do DL que o British Bar reabrirá com a sua anterior actividade.

Até ao encerramento desta edição, porém, não pudemos confirmar junto dos proprietários do bar qual o destino de um dos locais de encontro emblemáticos do Cais do Sodré.



olhar de mocho

Jornalismo burocrático

Quando não se sabe fazer bom jornalismo, quando não há unhas para tocar o jornalismo de investigação, então, a receita é simples: pega-se num lugar-comum da vida da sociedade e vã de zurzir com lágotos pesados esse mesmíssimo lugar-comum. Os azorragues, por duros que pretendam ser, nunca doem, são sempre chuva no molhado. Ontem no 2, saíu-nos na rifa a burocracia, um tema que é ao mesmo tempo, lugar-comum e filão de jornalismo de investigação. «Na Câmara pediram-me mais um papel», ouviu-se dizer.

Falou-se também em «luvas» para conseguir licenças camarárias. Houve um presidente de Câmara que deu a cara, mas a jornalista Margarida Marante, «esqueceu-se» de comentar que o presidente é por definição o responsável pelo executivo - é para executar coisas que ele lá está, não para cantar fadinhas à desgarrada, nem ter a oportunidade de exhibir conceitos filosóficos sobre a administração local. Essa entrevista feita ao presidente de Cascais veio demonstrar o que a jornalista da «Hora da Verdade» não quis ou não sabe fazer: ir à busca de casos concretos de corrupção, pôr o nome aos bois, mostrar fotocópias de cheques, filmar as casas e os carros dos subpagos funcionários e explicar como é que com ordenados de 70 ou 90 contos há quem viva em quase luxo asiático nas paisagens portuguesas.

Porque será que a burocracia só toca alguns? Porque será que solidíssimas minorias de portugueses nunca se queixam da burocracia? Estou a falar das minorias que conseguem tudo ou quase tudo, os tais que não têm entraves, nem nas Câmaras, nem nos notários, nem nas Conservatórias.

O jornalista que tenha talento para a investigação, não precisa de perdigueiro para encontrar caça abundante. Precisa apenas de não ser um burocrata, a fazer programas televisivos como quem põe carimbos ou o cuspo nas cartas. Depois daquela horita de ontem, que nem nos deu o prazer de uns spots comerciais no intervalo para aliviar os ânimos e nos fazer ir ao frigorífico buscar uma refrescante Coca-Cola, ficou a imagem de uma burocracia (a televisiva) a ralar com outra burocracia: pareciam duas velhas a dizerem ao mesmo tempo uma para outra: «Tu és mais velha que eu.»

Tudo o que ontem foi visto, inclusive a discussão, já foi dito, redito e massacrado pela Imprensa escrita. Não vamos exigir génios na 5 de Outubro, mas não seria pedir a Lua, reivindicarmos para programas que podem ser de chameira, de vez em quando, a presença de um ou outro jornalista que em matéria de jornalismo tivesse um

pouco mais que a quarta classe. No fundo, o pequeno ecran também deve ter espaço para uma investigação própria e autónoma. Bater na burocracia pode ser excelente receita para tapar a cara aos burocratas, deixando-os multiplicarem-se como coelhos.



José S. Monteiro

Prémios Garrett de 1989

O «Prémio Garrett» de 1989 para a melhor produção teatral do ano foi atribuído «ex-aequo» a «Fausto, Fernando, Fragmentos», de Fernando Pessoa, e a «O Público», de Garcia Lorca.

A peça «Fausto, Fernando, Fragmentos», que esteve em cena no Teatro Nacional D. Maria II, foi ainda atribuído o prémio para a melhor produção com texto de autor português.

A Antónia Lagarto coube o prémio para a «melhor cenografia» e a António Emiliano o «sétimo prémio» (dedicado à música), ambos pela participação em «Fausto, Fernando, Fragmentos».

A quarta edição do «Prémio Garrett» contemplou ainda Rogério de Carvalho com a «melhor encenação do ano», pelo seu trabalho em «O Paraíso não está à vista», de Fassbinder.

A «melhor interpretação masculina» de 1989 coube a Diogo Dória pelo seu trabalho em «A Hipótese», de Robert Pinget, enquanto o prémio para a «melhor interpretação feminina» foi conferido a Manuela de Freitas, em «Final», de Samuel Beckett.

Os «Prémios Garrett» que contemplam a Literatura Dramática/melhor peça inédita, tiveram a seguinte classificação: 1º prémio - não atribuído; 2º prémio - «De Graus» de Helder Prista Monteiro; menção honrosa - «Não é preciso ir a Houston», do mesmo autor.

O júri para a «melhor peça inédita» era composto pela actriz Glória de Matos, Liberto Cruz representando a Associação Portuguesa de Escritores, Luís Figueiredo Tomé e Luzia Maria Martins pela Sociedade Portuguesa de Autores e pelo actor Varela Silva.

Morrer estupidamente

Poirot-Delpech escreve sobre Camus, trinta anos depois do desaparecimento do escritor

«Morrer estupidamente»: se esta fórmula possui um sentido, será certamente adequada ao caso de Camus. Essa guinada fatal, a 4 de Janeiro de 1960, no meio de uma vida sem derrapagens, dir-se-ia uma vingança do Absurdo, irritado por ter sido observado demasiado de perto. Que desperdício de dons e de promessas em toda essa chapa amolgada!

Os franceses receberam a notícia com revolta. Tanto como aos seus livros, amavam o êxito desse filho da miséria e do sol. Admiravam-no por ter enfrentado o ridículo; pois era disso que se tratava, nesses tempos de ideologias e de hermetismo, ter a coragem de acreditar numa moral humanista, que incluiria a limpidez.

Uma sombra no quadro, na alvorada de 1960: o drama argelino. Está prestes a explodir a «semana das barricadas». A «trégua civil», que Camus propunha, não era aceite pelos combatentes. Perfilam-se, no horizonte, a independência e o êxodo dos europeus. Os dois campos acusam o pied-noir (francês nascido na Argélia), sedento de justiça, de pactuar com as solidariedades natais e os ideais entre os quais forjou um destino de tragédia grega. Ele deixa-os falar, não sem sofrer.

Quanto ao resto, tudo lhe parece sorrir. Regressa de Lourmarin, onde as coroas suecas do Nobel recebido em 1957 lhe permitem comprar, alguns meses antes, uma sólida construção a seu gosto, perto da casa do seu amigo, René Char. A luminosidade branca de Lubéron recorda-lhe a sua infância, em Mondovi. É lá que sua mãe talvez se irá refugiar. E é lá que conseguirá trabalhar bem.

O projecto da futura obra já está traçado. Depois de ter exposto os males da existência em ensaio, romance e teatro, continuará a cultivar estes três géneros literários sobre o tema do amor. O teatro ocupará a posição devida ao único local, juntamente com os estádios, em que o autor do «Malentendido» se sente feliz, porque inocente e fraternal. Os seus «Possessores», bem acolhidos na Primavera

de 1959, irão ser motivo de nova digressão. Irá dirigir o Ateneu ou Hébertot, já que recusou a Comédie Française? O seu primeiro encontro, em Paris, com Malraux, destinase a tomar esta decisão; mas, antes, irá em peregrinação ao local das suas raízes profundas, a Grécia....

O acidente

As férias em Lourmarin estão perto do fim. Decorreram na doçura da amizade. É Michel Gallimard quem conduz. Sua mulher, Janine, e a filha, Anne, vão no banco de trás. Passaram a noite na estrada, perto de Macon, e fizeram uma refeição ligeira em Sens. Camus não gosta de automóveis, mas sente-se em confiança. Gracejam sobre os seguros de vida, fala-se da felicidade de amar. Quando, subitamente, na estrada recta, árida e vazia, dá-se a hesitação, o choque contra uma árvore, a 135 kms. à hora, depois contra uma outra, a 50 metros de distância. As mulheres saíram quase indemnes. O condutor morrerá, passados seis dias, devido à gravidade dos ferimentos. Quanto ao escritor, foi projectado contra o vidro de trás (o cinto de segurança ainda não era obrigatório). Morte imediata, por fractura da coluna vertebral; diz-se que os seus olhos permaneceram abertos.

Mas, que não se disse! O desgosto leva, por vezes, ao pugilato. Incriminou-se o veículo. Michel Gallimard ter-se-ia queixado da direcção. Elegante coupé, do qual poucos exemplares foram distribuídos, e concebido pelo irmão do escritor, Pierre Daninos, a partir de um modelo da Chrysler, o Facel-Vega não beneficiou das experiências a que é submetida uma grande série. Ter-se-ia partido um eixo? Reventado um pneu? Que importância tem! Ficou registado que não houve imprudência. A fatalidade escolheu, simplesmente, sabe-se lá que palha no aceiro, como só ela o sabe fazer.

Depois do golpe, procuram-se as lógicas. Max Jacob teria descoberto, em 1942, no horóscopo de Camus, sinais de um fim brutal. O próprio

autor de O Estrangeiro sonhava em ser «abatido na esquina da rua, em plena perseguição, com uma bala perdida». Mas as balas, mesmo as perdidas, têm algum sentido; um plátano não. O epílogo da questão argelina tê-lo-ia dilacerado: «Perdida a minha terra - escreveu -, já não valerei nada».

De que serve revoltar-se contra o irrevocável! O acidente de Villebrevin - nome da aldeia mais próxima, entre Sens e Montereau - faz parte dos golpes do destino, simultaneamente mecânicos e literários, inaugurados pela Hipólita de Fedra, na sua carruagem, e dos quais Isadora Duncan se tornou o símbolo moderno, com a sua écharpe presa numa roda de cabriolé; o círculo completa-se, dois anos mais tarde, a alguns dias de intervalo, com Nimier e Huguenin.

Se o Facel-Vega não tivesse derrapado, Camus teria setenta e seis anos. Aos trinta, jurara terminar a sua obra antes dos sessenta. Não era homem para se acomodar ao menor declínio. Mas quem sabe se o viria a experimentar? Talvez tivesse reeditado o milagre da Vida de Rancé. A sobriedade da idade avançada num escritor que, desde os seus começos, dera prioridade à economia de meios, seria bom de ver! Na política, se não fosse pelo seu horror de dar nas vistas, teria podido triunfar, ele que recusara os esquematismos da guerra fria, para preservar a esperança. O triunfo de uma certa ética sobre os sistemas, tal como o enuncia, teria, pelo menos, silenciado os seus detractores.

Enquanto foi vivo, era contra a sua moral que se dirigiam, sobretudo, os ataques. O posicionamento político era, então, sectário, alusivo ao preço de distorções com os princípios. A zanga com Sartre desenvolveu-se, em 1952, precisamente nesse campo. O Homem revoltado forneceu o pretexto.

Camus não pretende edificar um sistema; não crê o suficiente na razão para isso. A memória da sua licenciatura sobre o neoplatonismo e o pensamento cristão não



Albert Camus

chega para o transformar num profissional, como bem o sabe. «Mais escritor que filósofo» - decidiram, e profetizaram, os arguentes da sua tese, em Argel. Só reconhece a si próprio o direito de julgar sobre o que já viveu. Perante a exuberância conceptual de Sartre, não tem grande peso. O seu antigo cúmplice das noites de Saint-Germain-des-Prés fá-lo sentir isto mesmo, elogiando ironicamente o seu sentido espanhol da grandeza e da morte.

Um puritano voluptuoso

O seu diferendo é alimentado pelas respectivas origens; e não há como isso para eternizar as falsas disputas. Camus tem que se fazer perdoar pela sua falta de agitação; Sartre, pela sua infância sem miséria. De origem bur-

guesa, o autor das Mãos sujas acha que se deve violentar para se juntar ao povo, via os comunistas.

Camus não tem necessidade de tais contorsões. Aprendeu a revolta na miséria de Belcourt, e não em Marx. Recusará, sempre, «colocar um volume do Capital entre a vida e o homem».

Mas é, também, uma questão de atmosfera. O alsaciano, Sartre, vê melhor as negruras da nossa condição; Camus, a luz.

A reboque dos ideólogos de direita e de esquerda - que, na época, se atacam frontalmente, sem deixar lugar para uma terceira via -, a pequena burguesia da inteligência adopta a moda de denegrir: a obra de Camus serviria os desígnios de um certo «escutismo» bem pensante e um pouco oco. Já Saint-Exupéry tinha incorrido em semelhantes perfídias.

Rapidamente, os liceus beatificaram Camus e tornaram a sua obra motivo de cursos, de louvores a um justo meio termo, de tema de teses. Em França, este destino esprieta os autores que, ao conciliarem tradição e sensibilidade moderna, ajudam a maioria a atravessar os períodos de dúvida e de catástrofe. Anatele France e Valéry conheceram estes epítetos.

Em trinta anos, estas modas deram lugar a uma apreciação mais serena e matizada de sua obra. Como proceder quando não se crê em Deus nem na razão? Retomando a questão aberta por Dostoiévsky e Malraux, o autor de O Homem revoltado coloca-a da seguinte maneira: que fazer de um mundo ao qual a burguesia não soube dar forma, e que procura, simultaneamente, o bem-estar e uma aristocracia, quando só existe a aristocracia do sacrifício? A Europa triunfará onde os blocos fracassaram? É esse o seu voto. O resto - a felicidade quotidiana numa História sem dignidade - é delineado por ele com os seus livros e a sua própria vida.

A posteridade, como é habitual, fez uma triagem da sua obra. A juventude dos anos 80 reteve a moral como substituto dos sistemas desqualificados, mas não a exigência de coerência, que pouco lhe interessa. Camus não se sentiria, sem dúvida, emocionado com esta mova mistura de generosidade e de cinismo. A ideia de servir de exemplo repugnava-lhe. «Sempre que me dizem que admiram o homem em mim - confessava -, tenho a impressão de ter mentido ao longo de toda a vida». A sua única justificação residia no facto de falar por aqueles que não o podem fazer, e não queria dar de si próprio uma imagem de pregador. Puritano, seja, mas voluptuoso.

Teria gostado, creio, que se fizesse mais caso do seu estilo - que é o próprio homem, como se sabe. No seu tempo, escrever demasiado bem parecia suspeito, gideano. Quando o relêmos, apercebemo-nos que a forma, na sua obra, é mais do que um ornamento. A sensualidade das Nourritures e a busca de um sentido fraternal para a vida, à semelhança de Malraux, encontram-se nos seus livros, de uma forma mais natural. Algo estremecia nele quando o sagravam de consciência ou homem de virtude.

O Bogart e o fidalgo secretamente invejados por Sartre, o filho de pobres coberto de honras, de mulheres e de grandes tiragens, nem sequer tem a certeza de ser um Justo. Acreditamos que sim, mas é porque ele o nega com arte. Podemos ouvi-lo murmurar, com a sua voz um pouco surda, a testa alta, o cigarro ao canto dos lábios: «Sou um homem sem justiça, e a quem essa enfermidade atormenta; eis tudo».

Bertrand Poirot
Delpech, da Academia
Francesa
Exclusivo
«Le Monde» DL
(Tradução de Isabel Joyce)

SANTOS & NASCIMENTO
AV. DA LIBERDADE, 177-LISBOA
SALDOS
PRONTO-A-VESTIR
FATOS * CAMISAS * CALÇAS * BLUSÕES *
MALHAS * CASACOS * ETC.



ESCOLA DE CONDUÇÃO
ANTÓNIO DA ESCOLA, LDA.

Aulas diárias de mecânica e código, trata de todos os documentos para condutores de veículos.
Aberto ao sábado de manhã

Sede: Praça Olegário Mariano, 6 - 2.º 1100 Lisboa
(À Rua Pascoal de Melo) Telef. 822894-821826

DESPORTO

Rescaldo das Antas

Da montanha saiu um ratinho

Paulo Autuori castigado com 20 dias de suspensão. Sousa Cintra também foi punido disciplinarmente pela Federação Portuguesa de Futebol

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, na sua reunião de ontem, decidiu suspender por 20 dias o técnico do Vitória de Guimarães, o brasileiro Paulo Autuori e aplicar-lhe uma multa de 27 500 escudos.

Este castigo resulta de afirmações proferidas por aquele treinador no final do encontro disputado domingo passado entre o FC Porto e o V. Guimarães.

O mesmo órgão resolveu ainda instaurar um processo disciplinar a Paulo Autuori, em virtude da denúncia feita pelo Conselho Nacional de Arbitragem, relativamente a afirmações públicas do referido treinador no final daquela partida. Esta decisão do Conselho de disciplina revela a inexistência, no relatório do árbitro Francisco Silva, de qualquer referência a uma alegada tentativa de agressão, por parte de Autuori e que chegou inclusive a ser comentada na RTP por Lourenço Pinto, presidente do Conselho Nacional de Arbitragem.

Reagindo ao castigo que lhe foi aplicado pelo Conselho de Disciplina, Paulo Autuori já afirmou: «aceito esta decisão do Conselho de Disciplina, pois é o preço que tenho de pagar por ter dito a verdade face à lei em vigor. Acho que é uma punição justa».

E acrescentou: «com as críticas que fiz a Francisco Silva consegui duas coisas. Uma, evitar que qualquer um dos meus jogadores tivesse sido punido por desobediência extemporânea. Em segundo lugar, consegui a solidariedade de todos os vitorianos na defesa do clube».

Relativamente à tão comentada tentativa de agressão a Francisco Silva, Paulo Autuori foi peremptório: «Também nesse aspecto foi feita justiça, nunca me passou pela cabeça agredir o árbitro, nem quem quer que fosse, o que se pretendeu montar era uma farsa que visava prejudicar-me a mim e ao Vitória de Guimarães».

«Vou pensar sobre se vale a pena ir para a justiça com aqueles que tentaram fazer de mim um monstro, ao ponto de dizerem na televisão que até as crianças tinham ficado envergonhadas da minha atitude», concluiu o técnico brasileiro, Cintra: um mês de castigo

O presidente do Sporting, Sousa Cintra, afirmou que a suspensão por 30 dias que lhe foi aplicada pela Federação Portuguesa de Futebol lhe parece «um retorno ao antes do 25 de Abril, em que não se podia criticar o Salazar».

Sousa Cintra foi suspenso por deliberação do Conselho de Disciplina da FPF, com fundamento em declarações que prestou aos órgãos de in-

formação, a propósito da transferência de Fernando Mendes para o Benfica, em Agosto último.

O Conselho considerou as declarações em causa ofensivas da dignidade da Federação Portuguesa de Futebol e do seu então presidente, Silva Resende.

O presidente dos «leões» disse que não recebeu ainda a notificação oficial da penalização que lhe foi aplicada, mas, «a ser exacta a descrição que me fizeram os jornalistas, na origem da suspensão está, ao fim e ao cabo, o facto de ter erguido a minha voz em defesa dos interesses do meu clube».

Sousa Cintra sublinhou que, nas declarações emitidas, «nunca quis atingir ou ofender quem quer que fosse e quando muito pode ter havido uma incorrecta interpretação das mesmas». «Trata-se de uma injustiça, mas cabe-me respeitar a decisão do Conselho de Disciplina e assim farei.»

Outros «contemplados»

Os futebolistas André (FC Porto), Chico Zé (Portimonense), Barny (Estrela da Amadora) e Abreu (União), foram suspensos por dois, quatro, um e dois jogos, respectivamente, revelou Chumbita Nunes, membro do Conselho de Disciplina da Federação.

O jogador do FC Porto foi punido com dois encontros de suspensão por acumulação de cartões amarelos, após ter sido admoestado com aquela sanção disciplinar no encontro frente ao Guimarães.

Chico Zé, do Portimonense, expulso no encontro frente ao Vitória de Setúbal, foi o futebolista mais penalizado pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, quatro encontros de suspensão e Barny, que viu o cartão amarelo no encontro Benfica - Estrela da Amadora, foi suspenso por dois encontros, enquanto o jogador Abreu, do União da Madeira, foi punido com um jogo de castigo.

Calendário da ronda

A jornada futebolística do fim-de-semana começa amanhã com a realização dos encontros Nacional - Penafiel (16 horas) e V. Setúbal - Sporting (21 horas e 45 minutos com transmissão directa pela RTP) jogos referentes ao «nacional» da I Divisão. Nas divisões secundárias realizam-se igualmente, amanhã, os encontros Olivais e Moscavide - Alverca (2.ª divisão), Sanjoanense - Ermesinde e Alba - Estarreja (3.ª divisão).

Vejamos o programa para domingo:

DIVISÃO 1 — Beira Mar - FC Porto; V. Guimarães - Portimonense; Belenenses -

Benfica; União da Madeira - Braga; Boavista - Feirense e Tirsense - Chaves.

DIVISÃO 2. Zona Norte: Desportivo das Aves - Marco; Gil Vicente - Trofense; Infesta - Lexões; Joane - Varzim; Freamunde - Paços de Ferreira; Rio Ave - Famalicão; Maia - Felgueiras; Vianense - Fafe e Bragança - Vizela.

Zona Centro: União de Lamas - Oliveira do Bairro; Académico de Viseu - Benfica e Castelo Branco; Guarda - Oliveirense; Académica - Peniche; Mirense - União de Leiria; Caldas - Lousanense; Salgueiros - Marialvas; Sporting da Covilhã - Mangualde e Águeda - Sporting de Espinho.

Zona Sul: Juventude de Évora - Torreense; Portalegrense - Lusitano de Vila Real; Sintrense - Farense; Estoril - Seixal; Silves - Atlético; Olhanense - Barreirense; Louletano - Samora e Elvas - Lusitano de Évora.

Divisão 3 (Série A): Vieira-Valpaços, Prado-Macedo de Cavaleiros, Amares-Vila Pouca, Maria da Fonte-Valdevez, Ribeirão-Delães, Ponte da Barca-Esposende, Lanheses-Moreirense, Mirandela-Santa Maria e Caminha-Celoricense.

Série B: Vila Real-Santa Marta, Rio Tinto-Valadares, Lixa-Paivense, Amarante-Lousada, Cinfães-Lourosa, Sandinense-Valonguense, Leça-Pedrouços e Paredes-Régua.

Série C: Valonguense-Oliveira do Hospital, Argus-Ovarense, Santacombadense-Seia, Tabuense-Luso, Anadia-União de Coimbra, Mealhada-Sabugal, Gouveia-Mortágua e Valecambrense-Oiveirinha.

Série D: Naval 1.º de Maio-Sertanense, Alcobaça-Bombarralense, Castelo de Vide-Alfeizerense, Torres Novas-Desportivo de Fátima, Mirandense-Alcanenense, Marrazes-União de Tomar, Ferrel-Estrela de Portalegre, Marinhense-Nazarenos e Alcains-União de Santarém.

Série E: Borbense-União de Almeirim, Oriental-Campomaiorense, Lusitânia dos Açores-Fronteirense, Cartaxo-Santa Clara, Odivelas-Câmara de Lobos, Futebol Benfica-Atlético do Cacém, Vilafranquense-Praiense, Sacavenense-Portosantense e Fanhões-Loures.

Série F: Trafaria-Almancilense, Vasco da Gama-Quarteirense, Beja-Sesimbra, Quimigal-Montijo, Estrela de Vendas Novas-União de Montemor, Amora-Palmelense, Imortal-Moura, Esperança de Lagos-União de Santiago do Cacém e Leões de Tavira-Caparica.



António Capela

Sporting foi treinar à Tapadinha

NA SUA AGENDA

Para além dos encontros de futebol Nacional - Penafiel e Vitória de Setúbal - Sporting, teremos, durante o dia (e a noite) de amanhã, um vasto leque de actividade desportiva. Vejamos:

ANDEBOL: Benfica - Sporting jogam em Loures a partir das 15 horas a 1.ª mão da Supertaça **BASQUETEBO:** Benfica - Beira Mar, no Estádio da Luz, Pavilhão 1, às 17.30 horas; Imortal - Illiabum, no Pavilhão do Imortal, às 16 horas; Esgueira - Sporting, no Pavilhão do Esgueira, às 17.30 horas; Guifões - Futebol Clube do Porto, no Pavilhão do Guifões, às 18 horas; Estrelas da Avenida - Ginásio Figueirense, às 16 horas e Ovarense - Barreirense, no Pavilhão de Ovar, às 17 horas.

HÓQUEI EM PATINS: Paço de Arcos - Quimigal; Óquei Clube de Barcelos - Sanjoanense; Académica - Sporting; Oliveirense - Benfica; Grundig - Sporting de Tomar; Turquel - Valongo e Parede - Futebol Clube do Porto.

RÁGUEBI: Belenenses - Benfica, no Estádio Nacional, Campo 2, às 14 horas; Académica - CDUL, no Estádio Universitário de Coimbra, às 14 horas; Direito - Cascais, no Estádio Universitário de Lisboa, às 14 horas e CDUP - Técnico, no Estádio Universitário do Porto, às 15 horas.

TÉNIS DE MESA: Zona Norte — Benavente - Cultural das Antas e Sporting das Caldas - «Os Amigos», às 16 horas. Benavente - Alvinegro, às 20.30 horas. Zona Sul — Estrela da Amadora - Benfica, às 16 horas.

VOLEIBOL: Campeonato Nacional da I Divisão (seniores masculinos) — Académico de Espinho - Benfica, às 21.30 horas; Esmoriz - Sporting, às 21.30 horas; Futebol Clube do Porto - Sporting de Espinho, às 17 horas e Grundig - São Mamede, às 17 horas.

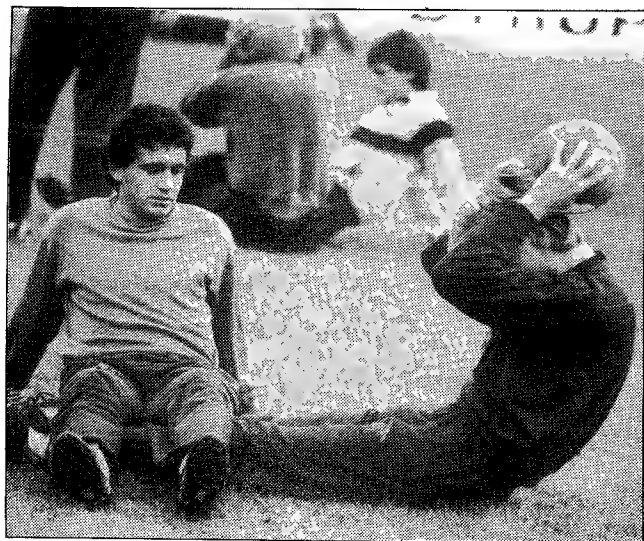
MINISTÉRIO DAS FINANÇAS DIRECÇÃO-GERAL DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

I R S - 1990 TABELAS DE RETENÇÃO

Informam-se as entidades interessadas de que as tabelas de retenção sobre rendimentos de trabalho dependente para o ano de 1990 estão a ser divulgadas, por antecipação, através da Circular nº 2/ 90, de 4 de Janeiro, da qual poderão ser obtidos exemplares nas Repartições de Finanças e nos Serviços de Apoio ao Contribuinte.



DESPORTO



Mário Jorge (da Silva Pinho Fernandes): nove vezes internacional, quando alinhava no Sporting, vai sair da actual obscuridade?



Jean Girard Amadeo Thissen: um técnico belga que está viajando no fio da navalha

Aveiro à espera dos «dragões»

O comandante do campeonato nacional de futebol vai actuar em Aveiro: e, embora se conceda larga quota de favoritismo aos portistas (com mais 14 pontos amealhados que o Beira Mar) não poderá afastar-se a hipótese de uma supresa por parte dos alunos de Thissen, que estão em nítida oscilação de forma e longe do momento que, na época transacta, quase os anunciava como candidatos a torneio uefeiro.

Certo que os pupilos de Artur Jorge devem apresentar-se na força máxima: mas, nas hostes aveirenses, intensificou-se o trabalho, prometendo um rijo embate para a tarde dominical, na hora em que um clássico lisboeta (Belenenses - Benfica) do mesmo modo equaciona os directos acompanhantes do Vitória de Guimarães na escala dos mais aptos candidatos ao título futebolístico.

ANÚNCIO

Dado que foi devolvida a carta registada com aviso de recepção enviada em 10/1/90 a Carlos Manuel Conceição Ferreira Marques para o 2.º andar direito do prédio com número 20 da Rua Alexandre Herculano, em Lisboa, avisando este de que no dia 23/1/90 pelas 15 horas seria celebrada no 15.º Cartório Notarial de Lisboa a escritura de compra e venda do prédio misto (parte rústica e parte urbana) identificado no contrato promessa de compra e venda de novo prédio, celebrado em 6/4/89, vêm os promitentes vendedores do dito prédio avisar formalmente e para todos os legais efeitos o promitente comprador, Carlos Manuel Conceição Ferreira Marques, de que a escritura será efectuada na data e Cartório Notarial acima indicado e que a sua não comparecimento à mesma escritura terá como efeitos a perda do sinal e a resolução do citado contrato promessa compra e venda.

Lisboa, 19 de Janeiro de 1990

Os promitentes vendedores (assinaturas ilegíveis)

«DL» 19/1/90 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DE SINTRA 2.º JUÍZO — 2.ª SECÇÃO ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio.

Execução — Sentença n.º 2.586/B.

Exequentes — Deolinda da Silva Alípio.

Executado — JOSÉ LOPES SIMÕES ALÍPIO, com domicílio actual no Lar da 3.ª idade, Exército de Salvação, Praia das Maças, Colares/Sintra.

Sintra, 12 de Janeiro de 1990

O Juiz de Direito
Jorge Ramos Silva

O Escrivão de Direito
Silvino Branco Martins

«DL» 19/1/90 — 2.ª Pub

Andebol

Sporting sobe um degrau e Porto bate Benfica

Disputaram-se os seis encontros correspondentes à jornada n.º 19 do Campeonato Nacional de Andebol da 1.ª Divisão (seniores masculinos). Cumpru-se, deste modo, mais uma etapa da prova, nem sempre pacífica, como o prova o descontentamento público do seleccionador nacional (Costache Mircea) a respeito dos encontros agendados para anteontem, alguns dos quais (como fez questão de frisar o romeno) de verdadeiro choque. Tivemos, pois, jogos de grande interesse e onde avultava o confronto entre «dragões» e «águias». Actuando no seu ambiente os portistas chamaram a si o triunfo, vingando a única derrota averbada até ao momento (precisamente na Luz, na 1.ª volta), apesar dos benfiquistas terem comandado durante quase toda a primeira metade, chegando ao intervalo a vencer por 11-8.

Outro facto interessante teve por palco Coimbra, onde a Académica recebeu o ABC de Braga. Venceram os estudantes, ultrapassando assim os bracaraenses na tabela classificativa. Expectativa igualmente em Setúbal, com sadinos a receberem o Belenenses (com estes a sentirem o espectro do possível não apuramento) e a fazerem prevalecer o factor casa. No Garcia da Horta, o Boavista confirmou o seu favoritismo, batendo os mamedenses com o resultado mais desnivelado da jornada. Em Fafe, a Associação local impôs-se ao Francisco de Holanda (num confronto de lanternas vermelhas), deixando

os vimarenenses só no derradeiro lugar da classificação.

Por último, só resta falar do encontro a que assistimos, que opôs o Clube TAP ao Sporting, no Pavilhão da Ajuda. Aos aviadores interessava sobremaneira a vitória para uma possível conquista do 8.º lugar, caso o Belenenses viesse a baquear perante os homens do Sado (o que se veio a verificar). Só que os pupilos de José Manuel não cumpriram a sua parte do «plano», não conseguindo levar os leões de vencida. Diga-se desde já que o pouco público que se deslocou à «catedral» do andebol lisboeta assistiu a uma contenda fraquíssima, mormente nos primeiros 30 minutos, realmente maus de mais para ser verdade. Para se ter uma ideia mais da pobreza do espectáculo, o 1.º golo foi apontado por Janeiro aos 4m30s, seguindo-se um interregno de 6 minutos até ao próximo remate certo (por Tó Leite), para termos 1-2 aos 15m, 2-3 aos 20m, 4-4 aos 25 e 5-8 ao intervalo. Confrangedora capacidade atacante, com as defesas a superiorizarem-se claramente aos contrários, com grandes dificuldades no ataque. Empregando o mesmo sistema defensivo (3.2.1) ambos os técnicos optaram pelas substituições defesa-ataque, com Caldeira (TAP) e Xavier (e mais tarde António Costa) a defenderem e Moratore, Tó Leite (e Mário Santos) a atacarem, respectivamente. Atacando de maneira idêntica (3x3 com sistemáticas passagens a 2x3), ambos os «setes»

se foram equiparando em tudo, até que as exclusões a elementos da TAP permitiram a vantagem conquistada pelos sportinguistas nos últimos 5m do 1.º tempo. Notas mais da 1.ª parte: ausência total de contra-ataque, 4.º e 5.º golos dos aviadores conseguidos em inferioridade numérica, exhibições mais em destaque por parte de Nuno Silva, Tó Leite e o «rejuvenescido» José Janeiro (que levou a Xavier ter mais atenção sobre ele).

No recomeço, o Sporting pareceu querer resolver de vez a questão, aparecendo com uma defesa mais agressiva, quase homem a homem sobre os elementos-chave da TAP (Moratore e Janeiro). Esta situação não convenientemente resolvida, acrescida de um continuar de exclusões, levou os pupilos de José Manuel a ficarem para trás no marcador. Com a maior diferença a registar-se cerca dos 15m, (15-10), os leões a passarem por maus bocados até final, devido aos pontos seguintes: dificuldade em atacarem em igualdade numérica perante a defesa mais profunda dos adversários; a existência de faltas técnicas; o «aparecimento» de atletas contrários em muito bom nível (João Manuel, João Curto e Moratore). E terá sido a lesão deste último que terá cercado, de algum modo, a hipótese de um completo volta-face na partida, assim como a prestação final de categoria do jugoslavo Dragan.

Por tudo isto, vitória justa do Sporting perante um Clube TAP muito limitado, ainda para mais com vários elemen-

tos lesionados. Janeiro (atenção ao jogo «durinho»), João Manuel, João Curto, Paulo Moratore e Prezado foram os melhores nos visitados, enquanto Nuno Silva (um senhor guarda-redes), Dragan, Tó Leite e Mário Santos (terivelmente eficaz no pouco tempo que jogou) destacaram-se na turma de Alvalade.

CLUBE TAP: Prezado e Pedro Miguel; José Duarte (1), Rui Silva (2), Paiais, João Manuel (4), João Curto (3), Sérgio, Caldeira (1), Janeiro (5, 1 de 7 mts) e Paulo Moratore (2).

SPORTING: Nuno Silva, Xavier, Luís Pires, Tó Leite (7, 3 de 7 mts), Cabaço (2), Carlos José (2), Luís Filipe, Dragan (5), Tuka, Mário Santos (4) e António Costa (1).

Eis os resultados finais: Fafe, 25 - G. Holanda, 20; Académica, 17 - ABC, 15; Boavista, 31 - S. Mamede, 25; TAP, 18 - Sporting, 21; V. Setúbal, 21 - Belenenses, 18 e Porto, 20 - Benfica, 18.

Classificação: 1.º FC Porto 55 pontos; 2.º Benfica 50; 3.º Sporting e Académica 44; 5.º ABC e Setúbal 43; 7.º Boavista 36; 8.º Belenenses 31; TAP 29; 10.º Fafe 28; 11.º S. Mamede 27 e 12.º F. Holanda 26.

Programa da 20.ª jornada: F. Holanda - Académica (17-32 na 1.ª volta); S. Mamede-Fafe (29-29; ABC-TAP (27-15); Belenenses-Boavista (17-17); Sporting-Porto (18-19) e Benfica-Setúbal (13-13).

Jorge Marques

Golfe: Taça Glenfiddich

Três mil contos para «tacadas»

O primeiro torneio entre profissionais de golfe de Portugal e da Espanha e o primeiro PRO-AM ibérico vão disputar-se em Vilamoura, entre 22 e 27 do corrente, com a participação de 160 jogadores profissionais e amadores. O torneio, organizado pelo Clube Dom Pedro, vai distribuir 2880 contos em prémios aos jogadores profissionais, e troféus aos amadores primeiros classificados.

Na terça-feira e quarta-feira (dias 23 e 24) disputa-se a Taça Glenfiddich entre os dez profissionais de Portugal e de Espanha, indicados pelas respectivas associações. A primeira volta será na modalidade de «foursomes» e a segunda em «match-play». A equipa vencedora irá receber o prémio de mil contos, enquanto os dez vencidos dividem entre si o prémio de 500 mil escudos.

A equipa da Associação dos

Profissionais de Golfe de Portugal será constituída por Sebastião Gil, Domingos Silva e Rogério Valente (todos da Quinta do Lago), Daniel Silva (Pinne Cliffs), Joaquim Rodrigues (Estoril), Abílio Coe-

lho (Vilamoura), Joaquim Sequeira (Marinotel), António Dantas (Quinta da Marinha), João Couto (Miramar) e Nelson Cavalheiro (Palmares).

Os seleccionados pela PGA espanhola, a que preside Ma-

nuel Ballesteros, irmão de Severiano Ballesteros, é constituída por Manuel Moreno, José Davila, Mariano Aparicio, José M. Carriles, Juan Rosa Flores, José A. Carmo, German Garrido, Angel M. Sierra, Victor Casado e José Escamilla.

Nos dias 26 e 27 disputa-se o primeiro PRO-AM (profissional/amadores) ibérico, em que participam os profissionais e cerca de 120 amadores, grande parte dos quais estrangeiros. Neste PRO-AM, os profissionais vão disputar 1380 contos em prémios, a atribuir aos cinco primeiros classificados individuais e aos três primeiros por equipas.

Este torneio, inédito em Portugal a nível do golfe profissional, é organizado pelo Clube Dom Pedro, com o apoio da Lusotur, Caves Aliança, Casino de Vilamoura e Região de Turismo do Algarve.



O representante das Caves Aliança anuncia o apoio à actividade golfista

DESPORTO

Rego Mendes, vereador eleito da Câmara Municipal de Lisboa, ao «DL»

«O Palácio de Desportos de Lisboa será construído na zona de Chelas»

Na distribuição dos pelouros da Câmara Municipal de Lisboa, surge Rego Mendes como futuro vereador do Pelouro de Desporto, Educação e Juventude. Eleito «Por Lisboa» e proposto pelo Partido Comunista Português, um engenheiro da CP aparece preocupado em colocar o desporto lisboeta sobre carris.

«DL» — Tem especial apênia pelo cargo?

RM — Não o nego. Desde sempre que me preocupo com as questões da educação e da juventude e porque me encontro bem identificado com os problemas com que os nossos jovens se debatem, das carências que lhes são impostas, e, ainda, porque tenha dedicado uma larga fatia da minha existência à prática desportiva e à gestão de algumas colectividades de desporto, cultura e recreio, é com esperança e empenhamento que encaro as funções que agora me destinaram.

«DL» — Disse ser praticante desportivo: de que modalidades?

RM — Desportos náuticos e montanhismo.

«DL» — O que, fundamentalmente, vai mudar no Pelouro, até aqui confiado a Vítor Gonçalves?

RM — Prioritariamente, estamos preocupados em alargar os espaços desportivos, uma vez que a cidade de Lisboa tem grande carência nesse domínio. Queremos aumentar essas áreas para possibilitarmos que um maior número de jovens tenham melhores condições para a prática desporti-

va. Nós pensamos que o investimento que a CML tem feito nos espaços desportivos, não tem tido o peso suficiente, pelo que se impõe a mudança de estilo nesse domínio. Outra área em que pretendemos actuar, é ao nível da gestão urbanística, já que os planos que têm vindo a ser feitos, não têm tido em conta os espaços desportivos, nomeadamente o plano de intervenção a médio prazo. Todos sabemos que se têm feito planos de construção de habitações sem ter em conta as necessidades em termos de equipamento e das áreas para a prática desportiva. Vamos exigir que nos loteamentos em urbanizações de terrenos camarários, sejam cedidos espaços para equipamento desportivo.

«DL» — Quanto às instalações das colectividades populares, vai continuar a política de apoios para o seu alargamento, recuperação e conservação?

RM — É evidente que estaremos receptivos a colaborar como nos cumpre com todas as estruturas desportivas e culturais, porque essa é uma forma de promover, estimular, orientar e apoiar a difusão e a prática do desporto e temos plena consciência da relevante missão que esses clubes prestam no desenvolvimento físico-social e cultural dos nossos jovens. Temos de estar atentos a um fenómeno extremamente importante, que consiste em possuir estruturas que permitam à juventude o preenchimento dos tempos livres que, para além dos benefícios de ordem física, permite afastá-la dos perigosos cami-

nhos da marginalidade, da droga, da prostituição e de outras chagas sociais.

«DL» — Que balanço faz da gestão do vereador Vítor Gonçalves?

RM — Reconheço que criei uma estrutura, partindo do zero. Implantou os Jogos Desportivos da Cidade com algumas características que julgamos puderem ser melhoradas e mais massificadas, apoiou as colectividades no âmbito de equipamentos, obras e construção de novas instalações. Isto, evidentemente, que uma pequena parte do que foi feito, pois é sabido que foram criadas outras iniciativas que merecem aplauso e eu quero-lhe dizer que, sendo vereador, mantive permanente atenção à actividade do pelouro.

«DL» — Naturalmente que não houve obra perfeita?

RM — Longe disso e se pretende fazer desde já alguns reparos.

«DL» — Faça favor.

RM — Olhe, no apoio dado às colectividades houve análise pontual mas sem diálogo, retirando-lhes a possibilidade de participarem nas decisões da Câmara, não foi feito nenhum esforço para a construção de novos equipamentos e espaços por parte da Câmara que poderiam ser utilizados, quer pelas colectividades quer pela população em geral; houve uma ausência total no diálogo quanto ao equipamento nas zonas verdes fundamen-

tais. Quer um exemplo flagrante? Neste momento, estão a ser construídos alguns equipamentos no parque oriental da cidade e o Departamento de Desporto não tem conhecimento. É minha convicção que, no domínio dos espaços nas zonas verdes, o dr. Vítor Gonçalves não foi suficientemente ofensivo.

«DL» — Pelo que fica dito, os Jogos Desportivos da Cidade vão continuar.

RM — Naturalmente que sim e procuraremos intensificar a sua dinamização com mais modalidades, mais jovens e mais tempo de actividade, mas para isso teremos de criar estruturas. Por isso, que eu lhe tenha transmitido qual o ponto principal das prioridades: mais instalações, mais espaços, mais recintos, mais equipamento.

«DL» — Mais projectos?

RM — Temos várias ideias. Realizar um grande torneio internacional de futebol em Lisboa, organizar um Grande Prémio de Atletismo com a presença de atletas da maior reputação europeia e mundial, realizar outra prova de atletismo que inclua a travessia da ponte, queremos que, futuramente, todas as voltas a Portugal em bicicleta tenham um final de etapa em Lisboa e já agora quero dizer-lhe que ire-

mos avançar com a construção do Pavilhão de Desportos a

RM — Cerca de um milhão e quatrocentos mil contos,



«A Volta a Portugal em bicicleta deverá fazer escala em Lisboa»

construir na zona de Chelas.

«DL» — Que orçamento conta para tantos projectos?

mas nós não vamos fazer tudo isto num ano.

Alves Henriques



«A gestão do livro de cheques não está na nossa mente»



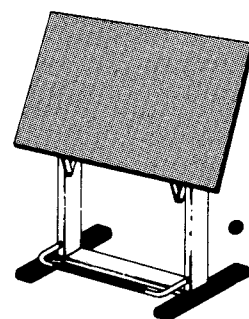
TOPOMÉTRICA

INSTRUMENTOS PARA TOPOGRAFIA E DESENHO, LDA.

REPRESENTANTE EXCLUSIVO DOS
TEODOLITOS
E DISTÂNCIOMETROS

SOKKISHA

- INSTRUMENTOS DE MEDIDA
- MÁQUINAS E PAPÉIS HELIOGRÁFICOS
- MÁQUINAS DE DESENHAR



- ARTIGOS DE ESCRITÓRIO E PAPELARIA

- ESTIRADORES



- SOFTWARE PRÓPRIO PARA PASSAGEM AUTOMÁTICA AO PLOTTER.

RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 100-A • TELES. 53 37 23 - 53 37 43 • 1000 LISBOA

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território: - céu pouco nublado ou limpo. Vento geralmente fraco do quadrante Leste. Formação de geada. Nevoeiro matinal nas regiões do Norte e Centro, que será pressistente em Trás-os-Montes e Alto Douro.

Mar encrespado com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

MADEIRA

Céu geralmente pouco nublado. Vento Nordeste moderado, sendo fraco na região da cidade do Funchal. Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã: - céu muito nublado. Vento Leste moderado, sendo fraco na região do Funchal. Depois de amanhã: - céu pouco nublado. Vento Leste moderado, sendo fraco na região do Funchal.

AÇORES

Grupo Ocidental: - céu muito nublado. Vento Sul moderado, por vezes forte. Períodos de chuva. Mar cavado com ondulação Noroeste de 3 metros.

Grupos Central e Oriental: - céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sul. Períodos de chuva fraca. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de 2 metros.

Amanhã: - No grupo Ocidental, céu muito nublado. Vento Sudoeste moderado por vezes forte e períodos de chuva fraca. Nos grupos Central e Oriental, céu com períodos de muito nublado e vento Sul moderado.

Depois de amanhã: - No grupo Ocidental, céu geralmente muito nublado. Vento Sul moderado e períodos de chuva fraca. Nos grupos Central e Oriental, céu com períodos de muito nublado e vento Sueste fraco a moderado.

AMANHÃ

No Continente: - céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de Leste no Algarve. Nebulosa ou nevoeiro matinal nas regiões Norte e Centro. Formação de geada.

Depois No continente: - céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de Leste no Algarve. Nebulosa ou nevoeiro matinal nas regiões Norte e Centro. Formação de geada. Pequena subida da temperatura máxima.

MADEIRA

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

Funchal

PORTUGAL

Min. T. 6 h Às 18 h.

Bragança.....	0	0	Limpo
V. Castelo.....	2	2	Limpo
Vila Real.....	1	1	Limpo
Porto.....	4	6	Limpo
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	6	6	Limpo
C. Carvoeiro.....	8	8	Limpo
C. Branco.....	3	3	Limpo
Portalegre.....	4	5	Limpo
Lisboa.....	7	7	Limpo
Évora.....	5	5	Limpo
Beja.....	4	4	Limpo
Faro.....	6	6	Limpo
Sagres.....	6	7	P. nub.
P. Delgada.....	15	15	M. nub.
Horta.....	15	16	Encoberto
Funchal.....	12	12	P. nub.
Sines.....	-	-	-

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 15; Porto, 15; Faro, 16; P. Delgada, 17; Funchal, 19.

EUROPA

Min. T. 6 h Às 18 h.

Madrid.....	-2	-2	Limpo
Londres.....	5	8	M. nub.
Paris.....	-2	-1	P. nub.
Bruxelas.....	2	3	M. nub.
Amsterdão.....	3	5	Nebulosa
Genebra.....	-2	-2	P. nub.
Roma.....	1	3	Nebulosa
Oslo.....	-3	-3	P. nub.
Copenhaga.....	1	1	M. nub.
Estocolmo.....	-6	-4	P. nub.
Berlim.....	2	4	Chuva
Viena.....	0	2	P. nub.
Varsóvia.....	2	3	M. nub.
Atenas.....	9	10	M. nub.
Moscovo.....	1	2	Nebulosa

MUNDO

Min. Máx. Às 13 h.

Chicago.....	-5	1	Limpo
Houston.....	18	23	P. nub.
Los Angeles.....	4	17	P. nub.
Montreal.....	-16	-12	Limpo
Nova Iorque.....	2	6	Limpo
S. Francisco.....	4	15	M. nub.
Toronto.....	-6	-2	Limpo
Vancouver.....	-1	6	P. nub.
Washington.....	4	9	Limpo
Hong Kong.....	12	18	Chuva
Melbourne.....	11	21	Limpo
Pequim.....	-6	3	Limpo
Perth.....	21	31	Limpo
Singapura.....	24	29	Trovoada
Sydney.....	16	23	Chuva
Tóquio.....	1	7	Chuva
Wellington.....	5	17	Limpo

HÁ 20 ANOS



Santos voltou a ser estação

Após dezoito dias de penúria (tantos quantos durou um horário posto em vigor pela Sociedade Estoril no primeiro dia do ano), Santos voltou verdadeiramente a ser estação. A partir das 7 e 5 de hoje, mais 87 composições (na maioria exclusivamente com três carruagens) passaram a escalar Santos, o que permitiu certo descongestionamento no trânsito da zona do Cais do Sodré e tornou possível a milhares de utentes da "linha" chegar mais cedo aos seus empregos.

Presidente Nixon não quer ganhar menos

O secretário da Habitação e do Fomento Urbano dos EUA, George Romney, propôs ao presidente norte-americano, Richard Nixon, que todos os elementos do governo, incluindo o próprio presidente, aceitassem uma redução de 25 por cento nos seus vencimentos, mas a proposta não foi aceite - afirma o semanário "Time", no número agora distribuído.

Aulas de Sociologia nas Belas-Artes

Os estudantes do curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa já não precisam de ir, a partir de hoje, assistir a aulas de Sociologia na Faculdade de Ciências: pela primeira vez, a sua escola conta com um professor daquela disciplina, o Dr. Francisco Pina Prata, de 45 anos, formado na Universidade belga de Lovaina, com 20 valores, e doutorado, com dispensa de provas, em Psicologia Social, na Universidade de Rennes.

EFEMÉRIDES

1938

• A Força Aérea das forças nacionalistas do general Franco bombardeia as cidades de Valência e Barcelona, matando mais de 700 pessoas.

1969

• Manifestações anti-soviéticas na Checoslováquia, que incluem a imolação, pelo fogo, de estudantes em Praga, protestando contra a ocupação do seu país por tropas da União Soviética.

1975

• A Grã-Bretanha e o Exército Republicano Irlandês (IRA) anunciam a realização das primeiras negociações directas desde o início da actividade guerrilheira na Irlanda do Norte, cinco anos atrás.

1978

• O Partido Socialista e o Partido do Centro Democrático Social (CDS), representados por Mário Soares e Freitas do Amaral, respectivamente, assinam o acordo que levaria à formação do Segundo Governo Constitucional.

1981

• Os Estados Unidos e o Irão assinam, separadamente, um acordo que prevê a libertação, no dia seguinte, dos 52 reféns norte-americanos detidos em Teerão.

1986

• Morre o professor Tierno Galvan, presidente do município de Madrid.

AGENDA

FARMÁCIAS
LISBOA
PERMANENTE

Alvalade: Líbia, Av. Igreja, 4 B-C, Tel. 891681; Arco Cego-Estefânia: Délio, Rua Açores, 32-34, Tel. 572388; Av. Novos - João Crisóstomo: Cosmas, Av. João Crisóstomo, 44-C, Tel. 520592; Zona J de Chelas: Serejo, Av. João Paulo II, 531 - Loja B, Tel. 8592611; Benfca - Bairro Santa Cruz: Lavinha, Rua Eng. Paulo Barros, 28-A, 708242; Cais do Sodré: Africana, Rua Bernardino Costa, 43-45, Tel. 3469120; Calvário: Monge, Rua Lusíadas, 30-32, Tel. 3636704; Encarnação: Zira, Praça das Casas Novas, 5-A, Tel. 311216; Lapa: Paiva da Costa, Rua da Lapa, 105-107, Tel. 664414; Lumiar - Quinta do Lambert Reis, Rua Pedro Bandeira, 2-A, Tel. 7597432; Rato - Príncipe Real: Cunha, Rua Escola Politécnica, 18, Tel. 325455; Brandoa - Amadora: Tavares Matos, Rua Irene Lisboa, Lote 108, Tel. 993220; Carnaxide: Central Carnaxide, Av. Portugal, 16-B, Tel. 4184913; Moscavide: Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; Olivelas - Quinta do Mendes: Almeida, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, Lote 110, Tel. 9324242; Pontinha: Fora, Azinhaga dos Besouros, Lote R8.

REFORÇO

Areeiro: Garantia, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5 A-B, Tel. 887300; Belém: Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A, Tel. 611454; Campo de Ourique: Linada, Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Campolide - Bairro Liberdade: Salutar, Rua B, 75 A-B - Bairro da Liberdade,

Tel. 683694; Graça: Morão, Largo da Graça, 63, Tel. 860700; Jardim dos Anjos: Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A, Tel. 821653; Jardim Zoológico: Alegria, Estrada de Benfca, 180 A-B, Tel. 780511; Pampilha - Janelas Verdes: Lealdade, Rua Olival, 226-228, Tel. 663441; Praça da Alegria: Brites Moita, Praça da Alegria, 33-34; Picheleira: Laruz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; Quinta da Luz - Carnide: Findor, Rua Adelaide Cabete, 10-E, Tel. 7145271; Saldanha: Dalva, Av. Duque de Ávila, 125, Tel. 545225; Xabregas: Salter, Rua Xabregas, 63-65, Tel. 381185; Buraca - Amadora: Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; Olival Basto: Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA
DE CASCAIS

Algés: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B, Tel. 4101161. Permanente; Linda-a-Velha: Pinto, R. Antero de Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; Tires: Guimarães, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; Alcibideche: Carvalho, B.ª Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; Porto Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; Carcavelos: Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037; Vilar, Av. M.ª Conceição, Lote B, Tel.

2470777. Permanente; S. Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; Malveira da Serra: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; Oeiras: Godinho, R. Cândido Reis, 88, Tel. 4430090. Permanente; Parede: Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 5, Tel. 2477838. Permanente; S. João do Estoril: Das Areias, Urb. Areias. Até às 22 h; Sassoeiros: Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; Birre: Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; Madorna: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; Amoreira: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; Cascais: Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 2801070. Permanente.

LINHA
DE SINTRA

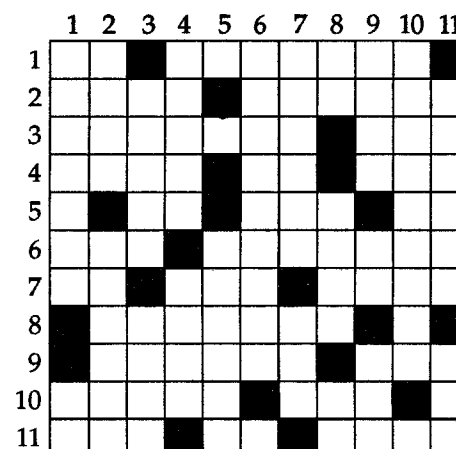
Amadora: Central, Av. Cardoso Lopes, 25, Tel. 4932210. Permanente; Melo, P. D. João I, 9-B, Tel. 4932756. Até às 22 h; Damaia: Damaia, P. Alex. Gusmão, 9-A, Tel. 970523. Até às 22 h; Queluz: Pereira Dias, Monte Abrão, Tel. 4375566. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; Cacém: Rico, L. Adriano S. Gil - Aqualva, Tel. 4312833. Permanente; Mem Martins: Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; Mercês: Clarro

Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; Rinchoa: Rinchoa: Dumas Brousse, Calc. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; Sintra: Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. Permanente; Colares: Abreja, Tel. 9290088.

OUTRA
BANDA

Almada: Reis, R. Com. Ant.ª Feio, 19, Tel. 2750504. Permanente; Cova da Piedade: Louro, R. Alex. Herculano, 6-B, Tel. 2763517. Permanente; Monte de Caparica: Guerreiro, Lote 31, IJ, Moinho, Tel. 2950727. Até às 19 h; Costa de Caparica: Chai, Av. General Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; Laranjeiro: Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22 h; Sesimbra: Lopes, R. Cândido Reis, Tel. 2233028. Até às 19 h; Lavradio: Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A, Tel. 2042016. Até às 19 h; Barreiro: Diogo Roque, Av. Miguel Bombarda, 299, Tel. 2070602. Permanente; Baixa da Banheira: Nova Fátima, Est. Nacional, 244-A, Tel. 204041. Até às 19 h; Corroios: Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; Amora: Nova Amorense, E.N. 10 - Bloco A, Loja A, Paivas, Tel. 2216824. Permanente; Seixal: Godinho, L. Igreja, 51, Tel. 2213580. Até às 22 h; Montijo: Moderna, R. Bulhão Pato, 60, Tel. 2310156. Até às 22 h; Moita: Silva Rocha, P. República, 16, Tel. 2390029. Até às 19 h; Alhos Vedros: Portugal, Av. Bela Rosa, 8, Tel. 2040250. Até às 19 h; Alcochete: Nunes, L. Coron. Ramos Costa, 10, Tel. 2340137. Até às 19 h; Setúbal: Isabel, L. Batalha Viso, Lote 86, Tel. 21677. Permanente; Alice, P. Quebedo, 6, Tel. 23743. Permanente; Nova, R. General Gomes Freire, Tel. 22052. Até às 22 h.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17840

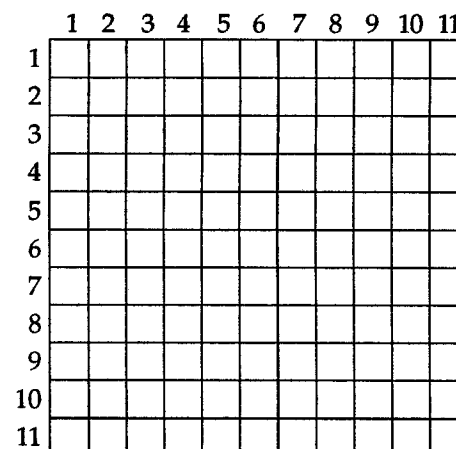
HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Extensos.
- Planta de fibras têxteis em Angola. Nome de pássaros.
- Pessoa influente (pl). Gavinha.
- Ópera de Verdi. Reis. Acrescentei.
- Arsénio (s.q.). Acrescentei.
- Seguias. Considerando.
- Antes de Cristo. Nome de dois rios da China. Malas.
- Ancorai.
- Trabalhai à noite. Cabelos brancos.
- Sofrimento físico ou moral (pl). Sadio.
- Membro de ave. Pertences. Primeiro rei dos Hebreus.

VERTICAIS:

- Cidade da Turquia. Concede.
- Xaile das mulheres índias e persas. Eventualidades.
- Deslocas. Nome de fruto.
- Semideuses indianos servidores de Xiva. Habite.
- Azia.
- Tortura.
- Pronome possessivo (pl). Suspiros.
- Doutor. O mesmo que rabino. Carta de jogar.
- Cidade dos Camarões. Em a. Filtra.
- A parte soldada.
- Matas de castanheiros. Um dos pontos cardeais.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16650

HORIZONTAIS:

- Nome de um estofo indiano. Rebuliço.
- Preposição. Vaguear. Rénio (s.q.).
- Satélite de Júpiter. Batráquio. Basta! Pertences.
- Escarneceu. Esteiro. Matemática.
- Rio da Toscana. Brisa. Anel.
- Fôra para fora. Baús.
- Rio que banha Setúbal. Colina na Suécia.
- Pecai.
- Sacudidela. Previno.
- Cidade de Itália. Atraioara.
- Fruto da amoreira. Seguias.

VERTICAIS:

- Courelas. Um dos estados do Brasil.
- O mesmo que amoras. Bondoso.
- Ligava. Patrão.
- Adivinhar. Mandar.
- Rezar. Gorgulho tropical.
- Seguia.
- Roera. Ilha do Pequeno Belt.
- Larva das feridas dos animais. Ódio.
- Nome de fruto. Terceiro.
- Arejaras (Bras). Senhora.
- Sobras. Filtras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA
N.º 17839

HORIZONTAIS: 1 - Manda. Carpa. 2 - Afie. A. Ruim. 3 - Nin. Não. Alá. 4 - Alaca. CÉSAR. 5 - Rã. Eu. As. Sa. 6 - As. O. Tal. 7 - Alvas. Catam. 8 - Cairo. Arato. 9 - Ema. LII. QUE. 10 - Rara. E. Ruar. 11 - Asada. Soera. VERTICAIS: 1 - Manar. Acera. 2 - Afila. Lamas. 3 - Nina. Aviera. 4 - DE. CÉSAR. AD. 5 - Nau. Sol. 6 - Aa. Je. 7 - Oca. Cai. 8 - Ar. Estar. Ro. 9 - Ruas. Ataque. 10 - Pilas. Actuar. 11 - Amara. Moera.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA
N.º 16649

HORIZONTAIS: 1 - Zigoma. Zama. 2 - Amoras. Isar. 3 - Colar. Rã. 4 - Erê. Chamo. 5 - Algas. Me. 6 - Suas. Aba. Lu. 7 - Trairas. 8 - Zargo. Caída. 9 - Ira. Mias. Ar. 10 - Tardais. 11 - Ama. Ri. Fiam. VERTICAIS: 1 - Zaclas. Zita. 2 - Imo. Lutaram. 3 - Golegã. Rara. 4 - Oraras. 5 - Marés. Tomar. 6 - Asa. Ar. III. 7 - Cabaças. 8 - Ziph. Aias. 9 - As. Ri. Si. 10 - Marmelada. 11 - Arão. Usaram.

PROVÉRBIO: A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA CLUB

Avenida Almirante Gago Coutinho Tel.806496

ENTRE PRIMOS

Filme de Joel Schumacher c/ Ted Danson e Isabella Rossellini.

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

ALFA 1

CHUVA NEGRA

Filme de Ridley Scott c/Michael Douglas e Andy Garcia.

Maiores de 16 anos.

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00.

ALFA 2

REGRESSO AO FUTURO PARTE II

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14, 15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 3

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Um filme de Jamie Uys com Nixau e Lena Farugia.

Maiores de 6 anos

Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas.

ALFA 4

O CLUBE DOS POETAS MORTOS

Filme de Peter Weir c/Robin Williams

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa

Telef. 691275

CHUVA NEGRA

Com Michael Douglas e Andy Garcia

Maiores de 16 anos.

Sessões às 13.30, 15.30, 16.30, 19.30, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos.

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 3

REGRESSO AO FUTURO PARTE II

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas

AMOREIRAS 4

HOMEM APAIXONADO

Filme de Diane Kurys c/ Greta Scacchi e Peter Coyote

Maiores de 12 anos

Sessões às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 5

SEXO, MENTIRAS E VIDEO

Filme de Steven Soderbergh c/ James Spader e Andie MacDowell

Maiores de 16 anos.

Sessões às 13.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15 horas.

AMOREIRAS 6

ENTRE PRIMOS

Maiores de 12 anos.

Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas

AMOREIRAS 7

CINEMA PARAÍSO

Filme de Giuseppe Tornatore c/ Philippe Noiret e Jacques Perrin

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 8

ABISMO

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 horas.

AMOREIRAS 9

A SOMBRA DO ASSASSINO

Filme de Robert Kirk c/ Anthony Perkins e Deborah Foreman

Maiores de 16 anos.

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 horas.

AMOREIRAS 10

O CLUBE DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos.

Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15 horas..

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A

Telef. 763319

O CLUBE DOS POETAS MORTOS



CINEMA Paradiso

SOVEREIGN

Cinema Paraíso
Em exibição na sala 4 Quarteto Filme qualidade

PUB

M/12 anos

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10

Telef. 776098

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.15, 18, 21.30

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15

Telef. 324194

O IMPÉRIO DA HONRA

Filme de James Dearden

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.15, 16.30 e 21.30 horas

CAPITÓLIO

Parque Mayer

COLEGIAIS E MUITO MAIS

Hard-core-1º escalão (porno)

Maiores de 18 anos

Sessões às 15, 17, 19, 21 e 23 horas.

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27

Telef. 573407

A TURMA DO SEXO

Hard-core-1º escalão (porno)

Maiores de 18 anos.

Sessões às 12.30, 14.3, 16.45, 19, 21.30 e 23.30.

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37

Telef. 533253

ABISMO

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

TERROR NAS PROFUNDIDADES

Filme de Sean S. Cunningham

Maiores de 18 anos

Às 24.00 horas

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

Telef. 9434762

EMANUELLE

Com Monique Gabrielle e C. Hadester

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CINE PORTELA

ESTÚDIO SHEZA

SKINDEEP - O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA

Com Vicent Gardenia e Alyson Reed

Maiores de 12 anos.

Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

CINEMATECA PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - Telef.

546529/546085

CICLO ANOS 60/ANOS 80

LES PARAPLUIES DE CHER-

BOURG

De Jacques Demi c/Catherine Deneuve, às 18.30 horas.

TRUE STORIES

De David Byrne c/David Byrne e John Goodman, às 21.30 horas.

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34

Telef. 549999

HOMEM APAIXONADO

Maires de 12 anos.

Sessões às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 horas.

CONDES

Av. da Liberdade, 2

Telef. 322523

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos.

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas

ESTÚDIO

Alameda D. Afonso Henriques, 35

Telef. 555134

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos.

Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas.

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F

Telef. 8487255

TENNESSEE BUCK E OS SALTEADORES DA TRIBO PERDIDA

Com David Keith e Kathy Shower

Maiores de 12 anos.

Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

FORTE NOVA 1

Estrada de Benfica 503

Tel 7145088

REGRESSO AO FUTURO PARTE II

Maiores de 6 anos.

**GRUPO TEATRO HOJE/TEATRO DA GRAÇA
NO TEATRO DA TRINDADE
ÚLTIMA SEMANA SO ATÉ DOMINGO 21**

Verão
de
Edward Bond

«Elenco de Ouro». «O duelo Isabel de Castro, Fernanda Alves é algo de inesquecível, os jovens M.ª José Pascoal e José Walenstein não deixam os seus créditos por mãos alheias, Ruy Furtado é só por si um espectáculo» — **Diário de Notícias**
«Um festival de interpretações e uma das melhores encenações de Carlos Fernando» — **A Capital**

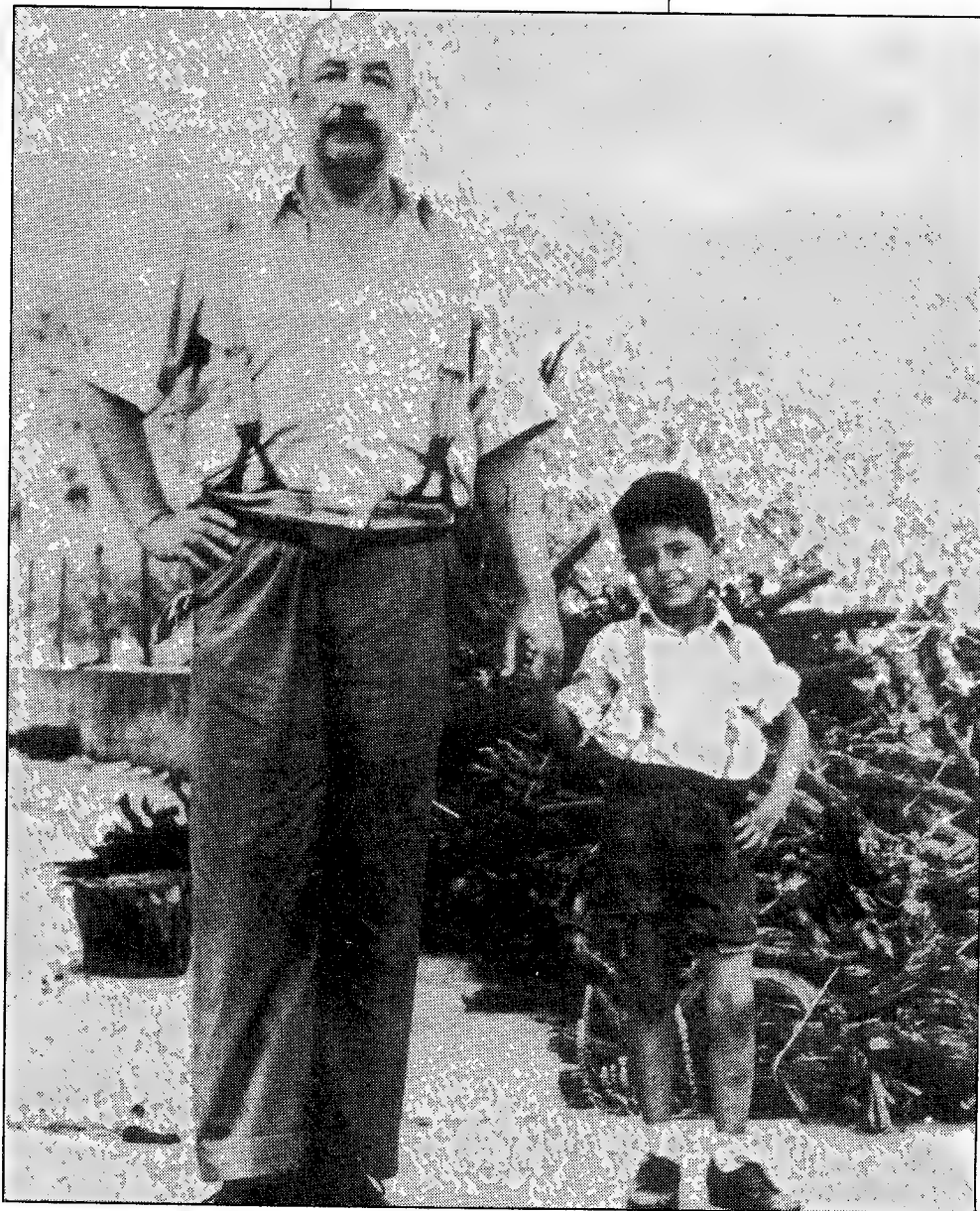
3.ª a Sáb. às 21.30h.
Domingos às 16.00h.

Marcações pelo Telef.: 32 00 00
SUB. SEC

C PATROCÍNIO
Círculo de Leitores

APOIOS:

Lanalgo, Louis Vuitton, Paris em Lisboa, Pinhol, Pollux, Antena 1, Rádio Comercial, Rádio Minuto, Diário Lisboa, JL, Vitor Hugo, Voz do Operário, Ytong Ibérica.



«Cinema Paraíso» em exibição em várias salas de Lisboa

CARTAZ

Sessões às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 horas

FONTE NOVA 2 O ABISMO

Maiores de 12 anos
Sessões às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3 OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Um filme de Jaime Uys com Nixau e Lena Farugia.
Maiores de 6 anos.
Sessões às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15.

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo
Telef. 541037

AUDITÓRIO 1

O PROCESSO DO REI

Filme de qualidade de Mário Grilo
Maiores de 12 anos
Sessões às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45 e 21.45 horas.

FORUM PICOAS

AUDITÓRIO 2

A BELA DE DIA

Filme de qualidade de Luis Buñuel com Catherine Deneuve e Jean Sorel.
Maiores de 16 anos.
Sessões às 14.00, 16.00, 19.00, 20.00 e 22.00 horas.

IMPÉRIO

Alameda D. Afonso Henriques
Telef. 555134

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes

Telef. 8480808

CÓDIGO COBRA

Maiores de 16 anos.
Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 1

Rua Bulhão Pato, 1-C

Telef. 8480808

O CLUBE DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos.
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 2

COMO O CÉU SE ENGANOU

De Emile Ardolino

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 horas.

KING TRIPLEX 3

KINJITE - JUSTIÇA À MARGEM DA LEI

Com Charles Bronson

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45 horas.

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara

Telf. 3631162

CINEMA PARAÍSO

Maiores de 12 anos

Sessões às 15.15, 18.30 e 21.30 horas.

LAS VEGAS 2

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos.

Sessões às 15.30, 18.45 e 21.45 horas.

LONDRES

Av. de Roma, 7-A

Telef. 801313

CINEMA PARAÍSO

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão

Telef. 538743

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos.

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

MUNDIAL 2

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos.

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

MUNDIAL 3

ENTRE PRIMOS

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 horas.

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B

Telef. 574362

O CLUBE DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

ODEON

R. dos Condes, 4

Telef. 326283

O INFERNO DOS HERÓIS

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14.15, 16.45, 19 e 21.30 horas.

OLIMPIA

R. dos Condes, 13

Telef. 325309

A FLORESTA DO PRAZER

Filme porno

Maiores de 18 anos

Sessões contínuas a partir das 14 horas.

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos

Sessões às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45 horas.

PLAZA 2

ENTRE PRIMOS

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00 horas.

POLITEAMA

R. Portas de Stº Antão

Telef. 326305

O DESAFIO DOS CAMPEÕES

Filme de Fritz Kiersch c/Don

Michael Paul e Kathleen York

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 horas.

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16

Telef. 771378

SKINDEEP-O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14.30, 16.30, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00 horas.

QUARTETO 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 3

REGRESSO A VIENA

Filme de Alex Corti

Maiores de 12 anos

Sessões às 15.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00 horas.

QUARTETO 4

CINEMA PARAÍSO

Maiores de 12 anos.

Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24 horas.

SÃO JORGE 1

Avenida da Liberdade, 175

Telef. 579144

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas.

SÃO JORGE 3

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II

Maiores de 6 anos

Sessões às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

7ª ARTE

Av. da República

Telef. 730715

OS CAÇA FANTASMAS II

Maiores de 12 anos.

Sessões às 14.45, 17, 19 e 21.30

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Telef. 804210

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos.

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30.

TERMINAL

Estação do Rossio

Telef. 371573

JUSTIÇA À MARGEM DA LEI

De J. Lee Thopson

Maiores de 16 anos.

Sessões às 13, 15, 17, 19 e 21.30

TURIM

Estrada de Benfica, 723-A

Telef. 706666

PROFISSÃO. DURO

Filme de Rowdy Herringtony

Maiores de 16 anos.

Sessões às 15, 17.30 e 21.30 horas.

XENON

Av. da Liberdade, 9

Telef. 368446

CARATÉ KIDD

Maiores de 16 anos.

Sessões às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 horas

O PRADADOR

Com Arnold Schwarzenegger

Maiores de 18 anos.

De Seg. a Sáb às 23.30 horas.

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia

Telef. 4934871

CHUVA NEGRA

Maiores de 16 anos.

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas.

CACÉM- ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570

C Y B O R G

Maiores de 16 anos

Sessões às 15.00 e 21.30 horas

QUELUZ - KING D. PEDRO III

Telef. 4364845

SALA 1

JUSTIÇA À MARGEM DA LEI

Mairoses de 12 anos

Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.15 horas

SALA 2

EM BUSCA DO MARFIM MÁGICO

Mairoses de 12 anos

Sessões às 14.15 e 16.45 horas.

SALA 3

O AMOR É UMA GRANDE AVENTURA

Mairoses de 12 anos

Sessões às 14.30, 17, 19.30 e 21.45 horas

CASCAIS

OEIRAS

ALTO DA BARRA 1

Telef. 4439759

CYBORG

Mairoses de 16 anos.

Sessões às 15.15 e 21.30 horas

ALTO DA BARRA 2

UMA HISTÓRIA DE VERÃO

Mairoses de 12 anos.

Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

NOVA OEIRAS - CINE

PALMEIRAS 1

Telef. 2479144

O VELHO GRINGO

Mairoses de 12 anos.

Sessões às 15.15 e 21.30 horas

CINE PALMEIRAS 2

CHUVA NEGRA

Mairoses de 16 anos

Sessões às 15.30 e 21.45 horas.

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653

O ABISMO

Mairoses de 16 anos.

Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

CASCAIS - MIRAMAR

1

Telef. 2841744

CHUVA NEGRA

Mairoses de 16 anos.

Sessões às 15.15 e 21.15 horas.

MIRAMAR 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS

Mairoses de 12 anos.

Sessões às 15.15 e 21.30 horas.

OXFORD

Telef. 2865027

GOLPE DE VINGANÇA

Mairoses de 16 anos

Sessões de 2ª a 6ª às 16.00 e 21.30;

Sáb. Dom. e Feriados às 15.30,

18.00 e 21.30 horas

ALMADA

ALMADA

ACADEMIA ALMAD-ENSE

Telef. 2752127</

CARTAZ

Sessões às 15.30 e 21.30 horas.

COSTA DA CAPARICA
CINEMA PESCADOR
Telf. 2905350
TRÊS LOUCOS PARA UMA RUIVA

Maiores de 12 anos
Sessões às 15.30, 21.45

TEATRO LISBOA

A BARRACA - CIN-EARTE

Largo de Santos, nº 2 -
Telf. 665360 ou 686300
De 3ª a Sáb. às 21.30 e Dom.
às 16 horas.

MARGARIDA DO MONTE
De Marcelino Mesquita

INSTITUTO FRANCO-PORTUGUÊS

Av. Luís Bivar, 91 - Telf. 544389
De 5ª a Sáb. às 21.30; Dom.
às 17.00 horas.
LES BATISSEURS D'EMPIRE
De Boris Vian. Encenação
de Daniel Beauron.

TEATRO DA COMUNA

Praça de Espanha - Telf. 7260818
De 2ª a Sáb. às 21.30 horas.
Dom. às 17.00 horas,
descanço à 4ªFeira.

SALA 1
PÉCOR de Natália Correia.

SALA 2
Sexta às 21.30, Sáb. às 16.00
e 21.30; Domingo às 16
horas.

A PREGAÇÃO
De João Brites, pelo Grupo
O Bando

CAFÉ TEATRO FESTIVAL DA OTITE
De Carlos Paulo. Sáb. às 24
horas

RITZ CLUB

R. da Glória, 57 - Telf. 325140
De 3ª a Sábado às 21.30;
Sábado e Domingo às 16.00
horas.

O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA.
Encenação de Mário Viegas.

TEATRO ABC

Parque Mayer - Telf. 3466783
De 3ª a Domingo às 20.30 e

22.45. Domingos e Feriados
às 16 horas.

AI CAVAQUINHO
De Eduardo Damas c/
Camilo de Oliveira, Miguel
Simões e Paulo César.

TEATRO ABERTO

Praça de Espanha -
Telefone 778898
De 5ª a Sábado às 21.30
horas. Domingos às 16
horas.

HAPPY END
De Dorothy Lane/Bertolt
Brecht.

TEATRO MAIZUM

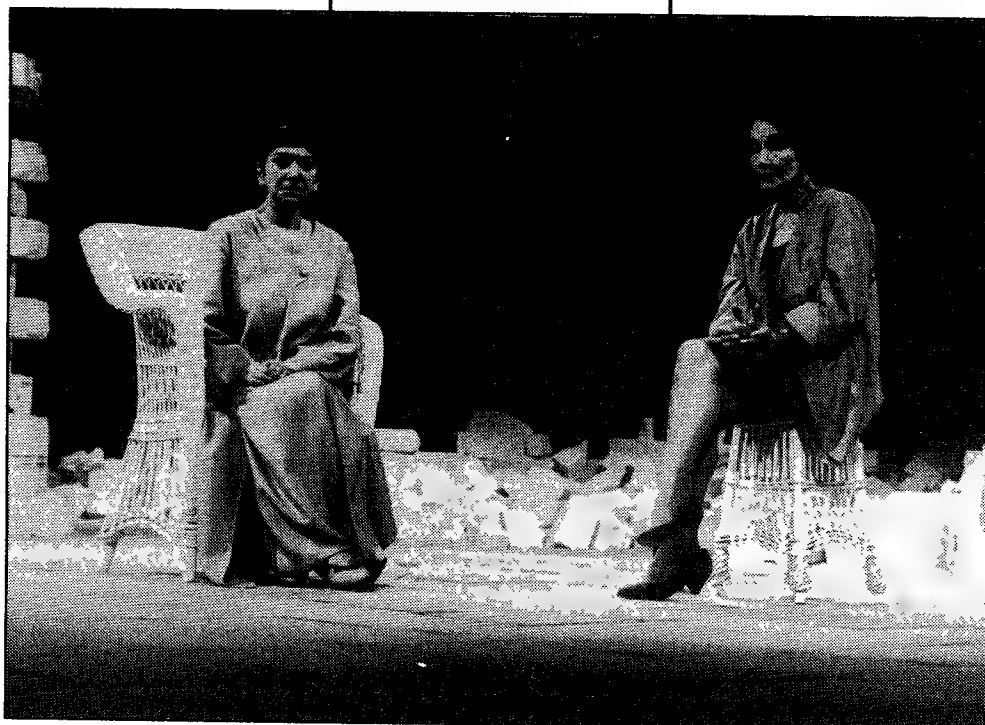
R. dos Poiais de S. Bento,
75-B. Telf. 601866
Sáb. e Dom. às 16 horas.
A LINGUAGEM DOS ANIMAIS
De António Botto.

TEATRO DA POLITÉCNICA

R. da Escola Politécnica, 58
- Telf. 674474
De 3ª a Sábado às 21.00;
Domingos às 16 horas.
D. JOÃO E A MÁSCARA
De António Patrício

TEATRO DA TRINDADE

R. Nova da Trindade -
Telf. 320000
De 3ª a Sábado às 21.30;
Domingos às 16 e 21.30
horas.



Fernanda Alves e Isabel de Castro numa cena da peça «Verão»
em exibição no Teatro da Trindade até ao dia 21

«VERÃO»
De Edward Bond c/
Fernanda Alves e Isabel de
Castro. Em exibição até dia
21

VARIEDADES

Parque Mayer - Telf. 326037.
De 3ª a Domingo às 21.30;
Domingos e Feriados às
16.00 horas.

OS MENINOS À RODA DA MAMÃ.
Versão livre de Henrique
Santana.

TEATRO VILLARET

Av. Fontes Pereira de Melo,
31-A - Telf. 538586
De 3ª a 5ª às 21.30, 6ª e
Sáb. às 20.30 e 22.45;
Domingos e Feriados às
16.00 e 21.30 horas.

ORA BATE...BATMAN'SO

OUTRAS LOCALIDADES

ESTORIL

TEATRO DO CASINO
Telefone 2684521
De 3ª a Sáb. às 22 horas;
Dom. às 17 horas.
WHAT HAPPENED TO MADALENA IGLÉSIAS?
Texto e encenação de Filipe
La Féria.

ODIVELAS
TEATRO DA MAL-APOSTA

R. de Angola, Olival de
Basto - Telefone 9873299
De 3ª a Sáb. às 21.30;
Domingos às 16.00 Horas.
O RENDER DOS HERÓIS
De José Cardoso Pires.
Encenação de José Martins,
pelo Centro Dramático
Intermunicipal
Almeida Garret.

PORTO
TEAR

R. do Heroísmo, 86 - Telf. 573265.
De 3ª a Sáb. às 21.30;
Domingos às 16.00 horas.
JARDIM DAS CEREJEIRAS
De Anton Tchekov, pelo
TEAR. Encenação de
Rogério de Carvalho.

EXPOSIÇÕES

LISBOA

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA (Jerónimos): de terça a domingo,
das 10 às 12,30 e das 14 às
17, uma exposição permanente
que integra centenas
de milhares de peças, entre
as quais um conjunto pré-
histórico de 300 peças de
ouro.

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: até 27 de Março
(Dia Mundial do Teatro),
"Amália, 50 Anos" com
entrada gratuita aos
domingos de manhã.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: até Abril de 1990,
"Tramas e Sortilégios" de
Teresa Segurado Pavão;
BIBLIOTECA

NACIONAL: a exposição
"Portugal no Século XVIII:
de D. João V à Revolução
Francesa

GULBENKIAN (Galerias
das Exposições Tem-
porárias): organizada pelo
Museu Stedelijk de
Amsterdão em colabo-
ração com a Fundação
Gulbenkian, uma exposição
de Pintura, Escultura e
Fotografia do Uruguai,
Argentina, Brasil e Chile,
constituída por algumas
dezenas de obras contem-
porâneas, representativas
das novas correntes
artísticas daqueles países e
em que estão representados
os principais artistas sul-
americanos; até 5 de
Fevereiro, "Três Séculos de
Gravura Cubana", uma
exposição constituída por
obras da Coleção do
Museu Nacional Cubano de
Havana, representada por
110 obras dos principais
artistas cubanos dos séculos
XVII, XVIII, XIX e XX.

ALFAMA-GALERIA DE ARTE (R. das Flores, 109):
Pintura e Escultura Espan-
hola Contemporânea.
ALFA MIXTA (Escola
Gerais, 34): até 10 de
Fevereiro, de terça a sábado
das 14 às 20 horas, Pintura
e Escultura de Liane
katsuki, Romy Castro,
Scoditti e Sobral Centeno

REGRESSO DE BUCHA E ESTICA

3.ª a sábado às 21.30
Sáb. e dom. 16h

Nunca pensei que a
nossa dupla a cores em
carne e osso, tivesse
tanto êxito!! Marquem
já as vossas mesas.
Depois dançam...

Homens e mu-
lheres, meninos e
meninas com mais de 90 kg.
Há uma balança automática
e séria na Rua da Glória.
O novo secretário da
cultura é magrito...

Este ano é do
centenário do estica.
Ando cheio de inveja...
Vou sábado e domingo com
o meu miúdo!! Do que vou
gostar mais é das
pombinhas!!! Toma!!

O regresso de Bucha e
Estica fez-me rir!! Ainda
estrago a minha imagem
séria...

2.º MÊS !!!

PIMBA!

Quero ir papá

APOIO JL

Ritz Club
Rua da Glória, 57
1200 LISBOA
Telf. 32 51 40

P/Todos

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

ENCENAÇÃO GENIAL DE JOÃO MOTA... UM GRANDE MOMENTO DESTA FESTIVAL...
UMA PAIXÃO! - P.B. - «LE QUOTIDIEN» - FRANÇA - NOV. 89

NOVOS HORÁRIOS: DE SEGUNDA A SÁBADO ÀS 21.30H - DOMINGO ÀS 17H - DESCANÇO QUARTA-FEIRA

ESPECTÁCULO DE QUALIDADE - D.G.E./D.A.

TEXTO: NATÁLIA CORREIA
ENCENAÇÃO: JOAO MOTA
MÚSICA: JOSE MARIO BRANCO

A PECORA

«AUTO DA PAIXÃO DE SANTA MELÂNIA»

APOIOS: PUBLICAÇÕES D. QUIZOTE - FNAC - CAFELEIRO CITY - RADIO COMERCIAL - ANTENA UM - DIÁRIO DE NOTÍCIAS

PRACA DE ESPANHA - NARCISOS TEL. 726 08 18
Subsídios: - Secretaria de Estado da Cultura e Fundação Calisto Tanzi

NO ESPACO DO CAFE-TEATRO * UM NOVO EXITO *

FESTIVAL DA OTITE!

SABADOS AS 24 h

APOIO SAMSUNG

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

- 16.40 - HOSPITAL CENTRAL
17.25 - BRINCA BRINCANDO
Depois de "Virgul", os mais novos terão oportunidade de assistir a "Um Olhar sobre o Mundo", uma série que aborda a manutenção do equilíbrio da natureza e chama a atenção dos mais novos para tudo o que os rodeia.
18.30 - RUA SÉSAMO
55º episódio: Hoje, os mais pequenos podem aprender coisas novas e interessantes sobre as emoções. Seguem-se uns momentos dedicados à contagem até ao número 6, bem como à forma de somar.
19.00 - JOGO DE CARTAS
Concurso
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.11 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
20.15 - BOLETIM AGRÁRIO
20.25 - VALE TUDO
31º episódio
21.20 - MOBIL NOS CAMINHOS DE PORTUGAL
3º programa: esta noite iremos conhecer de perto a pesca e as suas múltiplas variantes, das formas mais primitivas às mais sofisticadas. O itinerário seguido passa por Torreira, Vagos, Ílhavo, Gafanhas e Costa Nova, com o seu cunho pitoresco, peculiar dum ambiente balnear.
21.35 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
25º episódio: a equipa da Missão Impossível tem que descobrir um assassino que conseguiu acusar o seu chefe, Jim Phelps, de ter matado um ex-membro desta força especial.
22.25 - TELEMUNDO
23.15 - CHEFE, MAS POUCO...
23.40 - 24 HORAS
00.10 - REMATE
00.20 - PELA NOITE DENTRO
"A Ameaça do Passado": Uma carismática senadora norte-americana, cujo perfil está a ser analisado por um repórter de Washington, vive obcecada pela resolução do crime que vitimou os seus pais. À medida que a investigação prossegue, a política põe a sua vida em perigo... Um filme de Rod Holcomb,



Angie Dickinson no filme "A Ameaça do Passado", no 1º canal às 00.20



No 2º Canal, a partir das 21.30, mais um episódio da série brasileira "Dona Beija"

com Angie Dickinson, Linda Carte, Don Murray, Stuart Whitman, Barry Primus, Louise Latham e Bobi

Osterwald. Duração: 100 minutos.

RTP-2

- 16.50 - 3, 2, 1 CONTACTO
17º episódio: dando continuação ao ciclo de programas dedicados aos mamíferos, este novo episódio fala-nos da lontra, da sua adaptação ao meio ambiente e dos seus hábitos em comunidade.
17.20 - UM BILHETE PARA O MUNDO
17.50 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
22º episódio: Túlio encontra Zezé escondido na praça e leva-o para casa para conversar. O menino dá uma explicação sobre a mentira que inventou relativamente a Jandira. O padre Rosendo encarrega-se de desmentir o boato, na missa. Eugénia fica descepcionada ao saber que Caetano não terminou o noivado.
18.30 - HAJA MÚSICA

- 19.30 - CLÁSSICOS DA TV
«O Homem da Carabina» e «O Homem Invisível»
20.25 - AS CIDADES E AS TERRAS
20.45 - OBRAS PRIMAS DA PINTURA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
18º episódio: Depois de Beija dizer a António que não a procure mais, este abandona-a, embora venha a confessar mais tarde, a Cláudiovaldo, que não consegue esquecer a sua amada. Ceci aconselha Aninha a reconquistar António, enquanto Beija dá à luz uma menina, a quem põe o nome de Teresa. Entretanto, a vida de Beija altera-se com a chegada de João Mendonça a São Domingos, onde tem casamento marcado com Maria sem, no entanto, esquecer o amor da sua infância: Beija.
22.50 - ACERTO DE CONTAS
23.20 - ROTAÇÕES

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

- 09.01 - JUVENTUDE E FAMÍLIA
12.00 - SINFONIETA
13.00 - NOTÍCIAS
13.10 - OITO E BASTA
14.00 - PARLAMENTO
14.30 - CRIME, DISSE ELA
15.20 - O COMBOIO MAGISTOSO
16.10 - SESSÃO DA TARDE
"O Grande Amigo"
18.00 - VIVAMÚSICA
18.45 - O MAR E A TERRA
19.10 - SETE FOLHAS
19.45 - TOTOLOTO
20.00 - JORNAL DE SÁBADO
21.15 - O TEMPO
21.20 - DESCOBRIR OS DESCOBRIMENTOS
21.30 - A MORGADINHA DOS CANAVIAIS
22.30 - BECAUD NO OLYMPIA
23.30 - CINEMA DA MEIA NOITE
"Os Vencedores"

RTP-2

- 09.01 - VIA RÁPIDA
10.00 - TV 101
10.40 - COMPACTO
"Meu Pé de Laranja Lima"
13.15 - MUSICAL
14.15 - CIRCO
15.00 - ESTÁDIO
19.00 - MUSIC BOX ESPECIAL
19.40 - MEU FILHO, MEU FILHO
20.35 - DOCUMENTÁRIO
21.15 - ESTÁDIO

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

RTP 1
PELA NOITE
DENTRO



RTP 2
DONA BEIJA

● **BLAUPUNKT**
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de mapas veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — somniers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.
Entregas em qualquer ponto do país.

Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 2 exposição)



«Como secretário de Estado tenho como objectivo fundamental tornar a vida da oposição mais difícil.»

Carlos Encarnação, «Tempo», 18.01.90

A PERGUNTA DO DIA



Hermínio Martinho
presidente do PRD

Que futuro para o PRD
no actual quadro partidário?

«No actual quadro partidário não só os partidos são os mesmos como no essencial nenhum deles se alterou significativamente. É talvez por isso mesmo que, apesar das alterações estruturais entretanto operadas são praticamente os mesmos os grandes problemas do País e da sociedade portuguesa. No entanto, no plano estritamente político verificaram-se dois factos novos. Por um lado, formou-se uma maioria absoluta que veio cercear a livre expressão de divergências potencialmente criadoras. Depois e segundo tudo parece indicar, vamos viver, nos próximos anos, uma envolvente político-partidária caracterizada por uma bipolarização apostada numa luta sem quartel pelo exercício do poder. Para o PRD, a radicalização da bipolarização pode ser positiva, visto que quanto maior aquela fôr maior é a probabilidade de um partido mais pequeno influir, realmente, no exercício do poder, fazendo ou desfazendo maiorias. A optimização daquela eventualidade obrigará, face à experiência adquirida, a uma profunda transformação da estratégia e das próprias tácticas de intervenção do partido, e sobretudo à eliminação de algumas ambiguidades e muitos equívocos que ainda persistem no próprio partido e na imagem externa. Não estará em causa a nossa declaração de princípios - essa mantém-se válida e, infelizmente actual. O que estará em causa é saber se nas suas próprias forças, o PRD saberá encontrar o ânimo, a energia e as capacidades bastantes para continuar a lutar, endogeneizando inteligentemente as experiências vividas. É o que hoje se discute no PRD. É isso, que em breve terá que deliberar-se.»

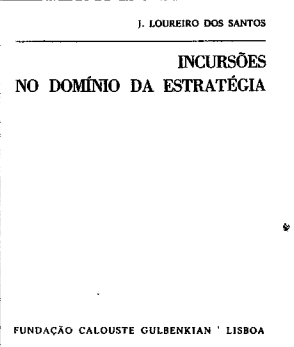
O DIÁRIO SUGERE

a Carlos Brito

Leia INCURSÕES NO DOMÍNIO DA ESTRATÉGIA, de José Loureiro dos Santos. Agora que chegou a ministro da Defesa é uma leitura imprescindível para melhor compreender as relações internacionais e as estratégias de dissuasão. Depois do curso de auditor de Defesa Nacional, que recentemente concluiu, importa continuar a ler para não ficar tão impressionado com aquelas conversas dos militares. Mas não desanime, pois sempre há algo de comum entre a sua especialização e a instituição castrense. É que os militares também têm transportes colectivos...

a Alberto João Jardim

Leia MADEIROLÂNDIA: O PAÍS DAS MARAVILHAS, um artigo de Ricardo Vieira publicado na edição desta semana do semanário «Tempo». É uma história, necessariamente de um país imaginário, que o deve divertir. Então não é que um nativo se atreve a pôr em causa a imagem do chefe «que tudo manda e faz» e a dizer que «Cavaco seria um bom sacerdote do chefe madeirolês»? Castigue-o e mande-o apanhar crude para o Porto Santo!

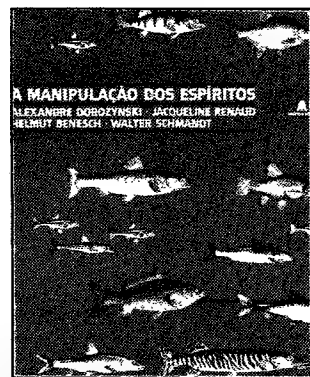


a Coelho Ribeiro

Não perca CASINO ROYAL, um programa de Herman José na sua RTP. Herman é o senhor Royal, proprietário de um casino onde ocorrem as mais obscuras subversões. Inconfessáveis conspirações aí têm lugar num ambiente de vício e espionagem. Fique atento ao evoluir dos programas porque não estamos livres de atentados aos melhores costumes. Aliás, já não seria a primeira vez que o seu conselho de (in)gerência se via obrigado a actuar. A partir de segunda-feira temos estado de alerta na «querida televisão»...

a Henrique Garcia

Leia A MANIPULAÇÃO DOS ESPÍRITOS, um livro de Alexandre Dorozynski. Depois daquela entrevista ao primeiro-ministro importa aprofundar conhecimentos e apreeçoar a arte de bem questionar. O livro já não é recente, como aliás este tipo de entrevistas, mas vale a pena ler algo mais sobre as manipulações a que estamos expostos. É que o condicionamento às vezes torna-se operante e as entrevistas a um qualquer ministro de uma qualquer pasta podem intensificar-se...



Grupo de trabalho
sobre
Política Internacional

A REUNIFICAÇÃO
DA ALEMANHA

Diário de Lisboa

SEGUNDA E TERÇA-FEIRA



Imagem invisível

Classificamos tudo. Na meteorologia a sério, não nesta, até classificamos as nuvens. A classificação ajuda a compreender, a tomar posse das coisas, dos actos, das pessoas.

Por vezes revoltamo-nos contra essa actividade de arrumar, de catalogar. Nem sempre corresponde à realidade integral. Por isso gostamos de ouvir ou ler histórias inclassificáveis de pessoas não arrumadas num esquema, por isso gosto de ler os jornais, onde em anónimas notícias, podem revelar-se imponderáveis. Assim li, e cito, transcrevo: «O ex-ministro da Agricultura, Álvaro Barreto foi, ontem, recebido em audiência por Cavaco Silva. A reunião, a pedido do ex-ministro, decorreu entre as 11 e as 12 horas, não tendo sido autorizada a recolha de imagens. No final, Álvaro Barreto abandonou a residência oficial sem prestar declarações aos jornalistas.»

Porque é que os caçadores profissionais de imagens foram excluídos da festa? Enumero várias hipóteses:

- a) a festa não era muito festiva;
- b) Cavaco, quando fala com os ex transforma-se vidé Dr. Jeckyll e Mr. Hyde. Quando fala na TV, também se transforma. Quem é quem?
- c) Barreto, quando fala com o seu ex-Primeiro-Ministro, muda a sua imagem calma.
- d) Desde os recentes prejuízos que o vídeo perpetuou na vida pública e púdica, os responsáveis políticos decidiram castigar as imagens.
- e) O tal encontro entre as 11 e as 12 não teve lugar.
- f) A notícia tivesse sido inventada pelo fotógrafo que chegou atrasado por causa da cunhada.

O gosto pela imagem, a fome de imagens, a obsessão da imagem, a ditadura da imagem, a escravatura da imagem, o triunfo da imagem, saiu-se deste encontro ferido mas estimulado. Obriga-nos a meditar sobre o caso que não podemos confrontar com a reprodução fotográfica. Reclassificar, a nosso gosto.

Jorge Listopad

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO

42 652

70 000 Contos

2.º PRÉMIO

26 842

12 000 Contos

3.º PRÉMIO

25 871

3 000 Contos

120 000 Contos

2.º Prémio
Distribuído hoje

aos BALCÕES da

CASA DA SORTE

LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU
• COIMBRA • SETÚBAL • FARO



Entradas de Lotaria
Sai sempre. Experimente

CASA VIOLA — A sorte que
«Toca»

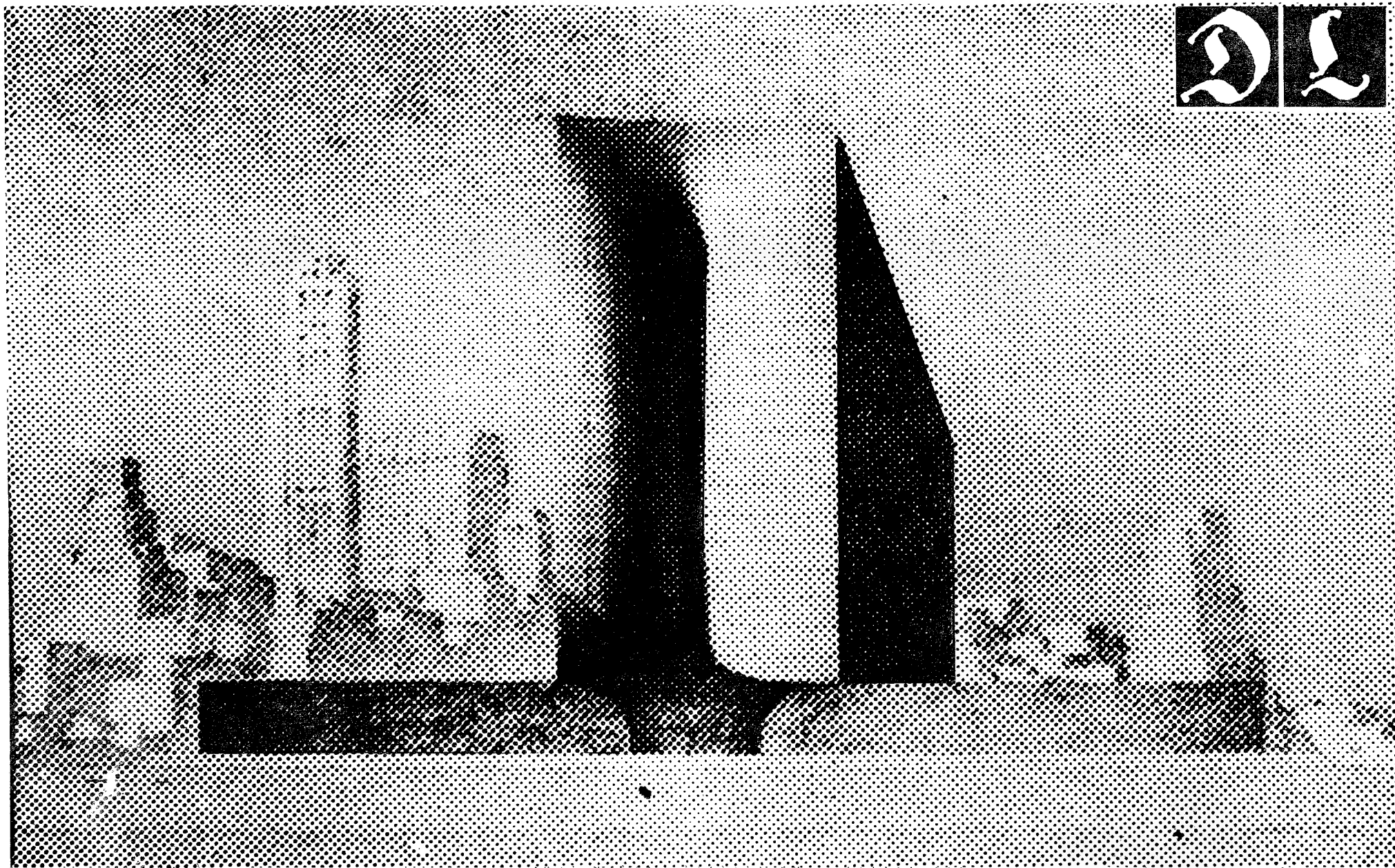
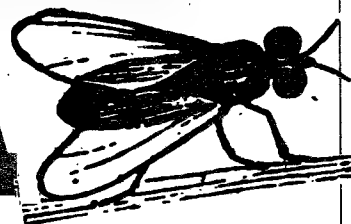
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO •
SETÚBAL

Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

UTOPIA
REALIZÁVEL

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
19 DE JANEIRO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA





O MUSEU ELECTRÔNICO

Sexta, 12

O mesmo João Mário Grilo que na noite de hoje antestreia «O Processo do Rei», centralizando as atenções de toda a Imprensa sobre o seu último filme, subscreeve no semanário «O Jornal» estas linhas de antologia: «Submetido à geografia do pequeno bidé televisivo, o anónimo cliente do vídeo clube é sobretudo um leitor das legendas que se destacam do pardacento cinescópio ou, quando muito, o sujeito que percute os traços que o possam prender à ficção (no som e nos diálogos, evidentemente, mas também na superficialidade dos grandes planos convertidos aqui num verdadeiro paradigma de visibilidade).» Não sei se percebi alguma coisa mais do que a palavra «bidé», mas sem dúvida que este é um grande exemplo de erudição. A fita, se coincidir, não nos deve dar uma folga que seja. Parabéns.

Sábado, 13

Champlainaud, acerca do actual sistema político português: «Trata-se de uma ditadura. Pode ser electiva, podem dizer que é democrática. Na verdade, é uma ditadura, exercida por Cavaco Silva. É, além disso, confrangedora a mediocridade a que a maioria dos governantes, desde a abrida de 1974, reduziu os horizontes nacionais. Ainda hoje em dia a política que predomina não ultrapassa o projecto de um guarda-livros. Onde está o projecto português?» Um calafrio para a direita, que nenhum homem de esquerda antes soubera provocar. «Não há maior desventura/do que sentirmos a presença/de quem es-

tá longe de nós», cantaria com jeitos de fado o Primeiro-Ministro, se soubesse cantar. Não sabe.

Domingo, 14

«(...) a gente no sólo podrá crear mundos artificiales con un detalle extraordinario, sino que, además, también podrá crear complejos personajes con un comportamiento similar al de los humanos y que vivirán en esos entornos artificiales.» É um extracto de prosa publicada no «El País», e para que o leitor destas linhas não crie ilusões sobre o objecto de tão pertinentes reflexões, aqui se garante que não se trata de um panegírico ao Governo português ou um elogio ao seu líder, extremado ao ponto de se conjugar a primeira pessoa do plural no singular, participativa e abrangentemente. O artigo em questão versa sobre «el museo electrónico».

Segunda, 15

«Os Estados Unidos descobriram a ideia da decadência com uma espécie de prazer perverso. Como se tivessem descoberto, de repente, a história. Se um povo tem uma história atrás de si, estará destinado, de um momento para outro, à decadência. Este é inegavelmente um fenómeno psicológico, um fenómeno social de obsessão, que se aloja na intelectualidade americana, perplexa diante das inúmeras mudanças pelas quais o país passou nos últimos 50 anos» - a afirmação só podia ser feita a partir de fora, no caso foi Octavio Paz, e é mais uma acha para a fogueira dos que vêm dizendo que ao decadentismo germânico com valor cultural corresponde finalmente o decadentismo americano, mesmo que os próprios não o confessem com facilidade. E pronto, está visto que os advogados da América «sem-história» e da América

do «fim-da-história» estão igualmente enganados. Já se ergueram castelos, do outro lado do Atlântico, e a nós isso interessa-nos, nem se sabe bem porquê.

Terça, 16

«Não procurem encontrar significados ocultos nisto tudo que eu digo, porque os não há», escreveu Agustina Bessa-Luís já não sei onde. Nas centrais do «Blitz», hoje publicado, lemos a seguinte declaração de Sei Miguel, o trompetista português que é um pequeno Karajan autoritário da música improvisada: «Há uma mediocridade de fim de século que se reparte entre aqueles que querem chegar ao ano 2000 e mais valia morrerem já e aqueles que não vão chegar, de qualquer maneira, mas chateiam até ao fim (...) Há uma vulgarização de tudo e de todos que não leva a nada.» Obviamente que o músico não queria dizer mais nada do que disse. Ou seja, incluía-se a ele também na panorâmica da crítica. Como é ingénua, a nossa Agustina!

Quarta, 17

Não é democrata quem quer. Na Roménia «libertada» a eminência parda é o Exército, e a auto-intitulada Frente de Salvação Nacional pretende governar ad infinitum, reunindo no

seu seio todos os partidos políticos que venham a surgir. Mihai Dragănescu, vice-primeiro ministro romeno, questionado pelo «DL» em entrevista, só não deixa cair a máscara porque nunca a teve. «Precisamos de um manual de democracia», diz sem perceber o alcance do que diz. É que se a democracia é coisa para ir aprendendo, não consta porém em nenhuma cartilha. Ceausescu não morreu nem morrerá tão depressa. Uma questão política? De modo algum: antes cultural, funda, difícil de mudar.

Quinta, 18

É a máxima de todas as personalidades públicas, mas Herman José confessa hoje no «Se7e» que só há pouco tempo teve plena consciência dela. Conta o humorista que conversando certa vez com um seu antigo professor este perguntou-lhe se era muito popular. Respondeu-lhe que sim, que toda a gente gostava dele. O professor retorquiu: «Então ainda não és importante. Quando tiveres os teus detractores fiéis serás um artista importante.» Remate de Herman para o jornalista: «Hoje já os tenho, sei onde estão...» É a influência da filosofia Zen na comédia portuguesa, pois então.

Rui Eduardo Paes

NACIONALISMOS À SOLTA

O que seria da Imprensa se não existisse o Leste? Fora algumas dificuldades pontuais como saber como se chamam os habitantes do Azerbaijão (no «DL» vigora azerbaijani e é óbvio que está correcto) e quantos mongóis ainda existem (mais de quatro milhões), os jornais estão agradecidos por mais um manancial de notícias, agora que a Roménia, a Checoslováquia e a RDA parecem ter esgotado momentaneamente a paciência do público.

Mesmo assim, o assalto às instalações da polícia política da RDA, a Stasi, trouxe à memória outras épocas e outros locais, com a já tradicional queima de ficheiros. Agora vai ser mais difícil identificar os «democratas» feitos à pressa, entre aqueles dez por cento da população que se diz terem sido funcionários ou informadores do «povo da RDA».

Mas são as nacionalidades da União Soviética que estão na berra. Gorbachev foi à Lituânia para ver se isso de separar o PC local do partido-irmão da URSS era mesmo o desejo dos lituanos. Uma manifestação de 200 mil pessoas a pedir não só o divórcio dos PC's mas também a separação entre as repúblicas, deve ter contribuído para o esclarecer.

No entanto, o líder soviético saiu-se bem, mais uma vez, de uma situação complexa. Os 200 mil foram-se manifestar longe dele e Gorbachev, em frente às câmaras de televisão e objectivas dos repórteres fotográficos (como convém ao líder pós-moderno), foi para o meio dos cerca de 2,5 milhões de lituanos que não estavam a gritar pela independência, respondendo a perguntas, discutindo soluções, mostrando que não há nada como a conversa para tudo se resolver.

Mal tinha recuperado o fôlego, eis que chegam más notícias para o pai da perestroika. Em Nagorno Karabakh, um enclave arménio que Estaline decidiu

que pertencia ao Azerbaijão («genial» descoberta dos anos 1920), ninguém estava disposto a conversar e já havia mortos a contar.

Ontem o ministro da Defesa falava abertamente em «desastre» e «guerra civil», convocou os reservistas e parece que só uma força externa poderá acalmar os ânimos entre arménios e azerbaijanis, motivados não só por diferenças étnicas mas pelo velho conflito entre cristãos e muçulmanos. Para piorar, os azerbaijanis estão ligados ao Irão xiita por laços históricos e familiares e um novo Afeganistão, agora interno, não é hipótese a afastar.

Embora as semelhanças sejam muitas há uma diferença considerável a registar. Os Estados Unidos já demonstraram a sua «compreensão» pelo envio de tropas para a região e embora «lamentem» que se tenha que usar a força, acham que desta vez se justifica. Afinal, depois da cimeira de Malta e da frouxa indignação soviética contra a invasão do Panamá, outra coisa não seria de esperar.

Ainda carregado pelos ventos da perestroika registe-se que os mongóis, de que já não se ouvia falar desde os tempos de Gengis Khan, derrubaram enfurecidamente uma estátua de Estaline no centro da capital Ulan-Bator. A Mongólia, um Estado independente ainda que satélite da vizinha URSS, foi a segunda nação do mundo a adoptar o marxismo-leninismo como «religião» oficial.

Finalmente, os não menos desconhecidos 7.500 comunistas britânicos, têm um novo secretário-geral. Trata-se da «ecológica, feminista e democraticamente socialista» Nina Temple, de 33 anos, que vem substituir Gordon McLennan, de 62, exibindo um «passado de luta» ligado à Imprensa e à Publicidade.

Duarte Calvão

GRACAS E DESGRACAS DA CORTE DE EL-REI CERTINHO

Era uma vez um rei que nunca se enganava. Ouvia os seus conselheiros, organizava tudo cuidadosamente, traçava planos com dois a três anos de antecedência e, diziam os arautos do reino, era tão previdente que até conseguia evitar catástrofes naturais. Chamava-se El-Rei Certinho.

Depois de reinar três anos tinha apaziguado o País, conseguira transformá-lo em local próspero, onde não havia fome nem jorna por pagar. Era um reino de abundância, onde os artesãos recém-enriquecidos davam festas todas as luas novas, nos seus castelos acabados de fazer. E onde o povo - o pouco que ainda havia - comemorava dentro de casa a prosperidade, à maneira do povo, com cautela sabida.

Tudo isto se passava graças a um tesouro vindo de uma terra distante e descoberto pelos antecessores do El-Rei. Gente que não ficou na história porque os pagens nomeados por Certinho para cuidarem dos arquivos do reino, começaram por apagar tais nomes do livro das memórias de todos. E os antecessores, ainda vivos muitos deles, também não estavam para se ralar com as memórias perdidas. Iam fazendo o que podiam à nova maneira do reino, calados alguns, a falar baixinho outros e uns quantos a passar para o lado de quem mais mandava, à espera, até ver onde tudo ia parar.

Até que um dia El-Rei resolveu convocar as cortes, alargadas a nobres de riqueza fresca, a artesãos acabados de fazer e, claro, ao pouco povo que ainda restava no reino. E por qualquer razão que não ficou na história do país de El-Rei Certinho, muitos disseram que não gostavam daquele rei que nunca se enganava, nem estavam contentes com a riqueza acabada de chegar, nem queriam continuar fartos e cansados de esperar.

El-Rei ouviu mas fez ourelhas moucas. Ouviu outra vez, percebeu enfim e fez a única coisa possível para diminuir tantos não: convocou os Estados-Reais, coisa

restrita e só para alguns desta vez. Mas, quando os barões vindos de terras distantes se preparavam para explicar ao rei porque tinham abanado a cabeça para a direita e para a esquerda, em vez do habitual movimento de cima para baixo, Certinho mostrou de novo que sabia planear: para apaziguar os descontentes já tinha uma corte nova, feita à pressa, num domingo depois da missa de mas que, pensava o rei, seria capaz de dar aos nobres recém nomeados, aos artesãos enriquecidos e ao povo que ainda restava outras formas de embirrar.

E, depois de assim resolver um problema não planeado, El-Rei Certinho foi passear, partiu deabalada para uma terra distante de riqueza antiga e mais consolidação. Por lá andou uns dez dias, em viagem relatada pelos arautos do reino, de forma a todo o povo perceber que mesmo com menos sins el-Rei continuava bem relacionado com monarcas de outras terras.

Mas nem isso apaziguava o desejo de dizer não das gentes da terra de El-Rei Certinho, num desejo que começara tarde mas ia crescendo. Por isso só restava ao rei falar ao povo e assim fez. Uma noite, sem planear - ou pelo menos sem anunciar os planos - veio à janela e contou. Disse das suas preocupações com o preço das alfaces, das cenouras e dos nabos, disse que tinha nudado alguns peões da Corte porque eles estavam cansados de tanto governar, disse que sim mas que não e foi-se embora sem mais nada explicar.

O povo e os nobres e os artesãos da corte de El-Rei Certinho não sabem, até agora, de que há-de acreditar. Mas já não lhe chamam Certinho. Começam a achar que lhe fica melhor outro nome, Tadinho, talvez, como na história de outro reino onde havia muitas janelas e muito mais coisas a contar.

MGL

AS VIAGENS DA MINISTRADA

Ai meu Deus minha virgem Maria meu san Semprônio e meu anjo da guarda que nunca vi uma coisa assim e que se me contassem o que está a acontecer em Portugal eu não acreditava nem à bala porque é indecente e ninguém fala nisso lá porquê não sei mas já repararam que agora os nossos ministros e deputados e chefes de secção directores-gerais e outros vips com «V» pequeno passam o dia no estrangeiro a parlapatarem uns com os outros a encherem a pança de bons petiscos a viajarem à borla (isto é a viajarem à custa do contribuinte) a viverem em bons hotéis daqueles que tem uma data de estrelas a ganharem um dinheiro (à custa do contribuinte) a passearem em automóveis caros a parlapatarem sobre coisas que não interessam a ninguém quando vão e quando vêm na televisão e no rádio que se isto se passasse no antigamente revoltava toda a gente e provocava uma revolução e agora não provoca nada porque as pessoas pensam que como vivemos em democracia eles fazem essas coisas porque tem autorização de alguém quando não pediram autorização a quem lhes paga (que é o contribuinte) e que não vai a parte nenhuma porque se tem o azar de sair de casa cai num buraco da rua e arrisca-se a partir uma perna ou cai-lhe uma casa em cima porque as casas estão todas a cair ou fica numa esquina com fraqueza por não ter almoçado sim porque a comida está cara como burro e ninguém pode comer o que precisa para essa gente toda andar a viajar (à nossa custa) e viver em Bruxelas e noutros sítios à tripa forra enquanto a gente aperta o cinto no outro dia a Cristina que é prima duma chamada Genoveva que é tia duma que é prima de outra que é criada de um ministro de qualquer coisa não sei o nome dele porque a gente agora não sabe os nomes deles e conhece-os pelas asneiras que eles vão dizer à televisão como aquela que o primeiro-ministro disse na noite das eleições mas vai essa que é criada do ministro contou à minha Tia Adelaide que a mulher desse ministro tinha-se queixado de que não tinha um casaco decente para ir a um banquete e que ele tinha respondido «se quiseres vamos comprar um a Paris que eu invento uma viagem impor-

de fazer um discurso sobre o PORTUGAL DAS DESCOBERTAS PROJECTADO NO MUNDO DA ENERGIA ATÓMICA ou que ia outra vez falar de O ESCANDALO DE TIMOR PROJECTADO NA CONSCIENCIA DOS POVOS DA MARGEM SUL DO DANÚBIO ou qualquer outro assunto igualmente importante e vamos de borla até lá que é o que todos estão a fazer nestas coisas é preciso não ser parvo» eu cá por mim digo que tudo isto é escandaloso e que só não lhes acontece o que devia acontecer porque a gente é parva sim porque a gente fica toda escandalizada quando o Taveira fez umas coisas a umas voluntárias mas fica na mesma quando esta toda vive de manha à noite a fazer a mesma coisa à gente eu cá até pergunto o que é que é pior se é fazer as vontades a umas

meninas que doutra maneira não tem dinheiro para fazer a vida que fazem ou se é andar a fazer turismo de luxo à custa de um povo de involuntários que fica sem dinheiro para nada? e ainda por cima tanto faz que eles lá vão como não vão que façam discursos como não façam que fiquem em hotéis caros como baratos que vão em primeira classe ou em excursões económicas que falem ou que estejam calados que comam caviar ou carapaus fritos que bebam vinho tinto cá da terra ou de outra terra qualquer que existam ou que não existam porque está-se toda a gente nas tintas para eles e quem não acreditar nisto que veja a importância que a imprensa estrangeira lhes dá e quantas vezes é que eles são citados nos jornais dos outros países e quantas vezes é que vão às televisões dos outros e fica logo a perceber que está a gastar dinheiro para nada senão para ficar mais pobre do que era querem um exemplo? querem? então eu dou um que sempre tem importância prática para a gente porque o que interessa é o preço do carapau não são os discursos da ministrada parece que agora vamos apresentar uma queixa num tribunal qualquer sobre aquilo de não podermos pescar o que queríamos na Islandia pois sabem o que vai acontecer? vamos gastar um dinheiro em advogados almoços jantares viagens de técnicos e de políticos viagens de reporters da televisão deslocações de funcionários ajudas de custo e não sei que mais e se ganharmos os nossos pescadores vão ter de pescar quarenta anos para compensar essas despesas todas e se não ganharmos ficamos com a mesma despesa mais a humilhação de não termos ganho e... ficamos sem peixe para não falarmos da alta do preço que o peixe vai ter eu cá só pergunto uma coisa: mas então as viagens todas as discursatas todas as despesas todas o PRESTÍGIO que eles dizem que temos no estrangeiro a amizade do presidente Mitterrand ao nosso presidente a amizade da rainha de Inglaterra ao nosso ministro dos estrangeiros a presença da Lurdes Pintasilgo lá fora o nosso corpo diplomático todo cheio de boas relações o peso das nossas descobertas e da nossa cultura não serviram para a gente evitar que eles botassem cá para fora a lei que nos impede de pescar o que queremos na Islandia? mas então para o que é que serve isso tudo? cá por mim digo com toda a franqueza que antes queria ir visitar o Taveira ao atelier do que pagar a esta gente toda para viajar à minha custa o

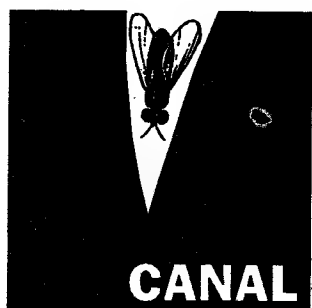
Taveira sempre pagava às voluntárias enquanto que estes viajam à custa dos involuntários que são os contribuintes

E até para a semana

GUIDINHA

PS - Esta minha carta é escrita no dia 23 de Dezembro com o nosso ministro dos Estrangeiros na conferencia euro-árabe a dizer que a nossa posição tem sido de «neutralidade por omissão» ora esta afirmação importantíssima e profundíssima e actualíssima e genialíssima que podia ter sido feita por carta ou por telefone e ficava também baratiníssima mostrou-me que eu não tinha razão nesta redacção porque é fundamenlíssimo para o país ter ministros a dizer coisas destas no estrangeiro nem que custem tres mil contos a palavra isto sim é diplomacia a sério e os estrangeiros ficam todos parvos a ouvir estas coisas e para acabar dou um viva às despesas que a gente faz no estrangeiro viva!!!!!!! e aos senhores que as fazem (à nossa custa) viva!!!!!!! mas eu volto ao assunto olá se volto





CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

Missão Impossível (coitada. Êxito ressuscitado, êxito morto) conta-nos a história de Madame Balzac que se apoderou das mortíferas bactérias xerxes. Tramado. Como apanhá-la? Através da acção subliminar da gravação musical: por baixo da música vai uma mensagem gravada numa frequência tal que só pode ser apanhada pelo subconsciente. Esta arma - dizia-se lá - pode ser utilizada em época de eleições, para influenciar o voto. Ah, agora percebo onde é que o *Telejornal* aprendeu!

Brincadeira

Reunião dos militares. Aniversário da Academia. Três mil.

Repórter - Qual é a finalidade desta reunião?

Galvão de Melo - Vamos fazer uma revoluçãozinha... Brincava, claro.

A fronteira

1 - Silas, jogador do Sporting:

- O que me tem acontecido de bom na vida é porque Deus o tem permitido.

2 - Futebol entre Benfica e PSV. Lima marcou dois golos. O Romário dos holandeses marcou outro. Após o que os jogadores se benzeram, dando graças a Deus.

3 - Milhares de jovens foram excluídos do Ensino Superior. *Telejornal* ouviu uma aluna, das excluídas. Não estava grandemente preocupada porque:

- Graças a Deus tenho possibilidades de frequentar uma Universidade privada...

4 - Ainda futebol. Feirense-Tirsense. O árbitro olha para o relógio, apita para o final, perfila-se, benze-se. Graças a Deus, não houvera problemas...

Como é imperceptível, em tantos casos, a fronteira entre a religião e a superstição...

Pincelada

A ingenuidade morreu em mim. Acabei por me tornar nisto: um puro malandro lusitano. Sou um produto, mais, sou um subproduto das anedotas do Bocage, das polémicas de Camilo, dos bonecos de Bordalo. Só quando escrevo, o meu riso é sorriso. No real é um sorriso desbragado. À Parque Mayer.

Diz aquela gentil pintora, no programa de amanhã:

- *Agarrar no pincel é uma responsabilidade muito grande.*

Verdade profunda. Porquê, então, na solidão da minha toca, me ponho a rir como qualquer macaco? Devo estar chalupe.

TV privada com uma perguntinha

Intensifica-se a pressão sobre a TV privada. No *Parlamento*, com Arons de Carvalho, Corregedor da Fonseca, Nuno Delarue; em *24 Horas*, com Magalhães Crespo; no *Jornal de Sábado*, com Soares Louro e Proença de Carvalho.

Exceptuando Corregedor da Fonseca.

(segundo o qual, lucidamente, não é a existência da TV privada que vai fazer que os actuais profissionais trabalhem melhor...) todos os outros consideram, embora com várias matizes, que a concorrência é factor de qualidade.

Não é. Não há um só exemplo disso. Pelo contrário. A proliferação de cadeias de TV nivela pelo mais baixo. O exemplo clássico é o da Televisão americana, conhecida no meio por «máquina de cretinizar».

Faça-se aqui um pequeno intervalo para fazer o ponto da situação.

a) A massa da audiência recruta-se na pequena burguesia e nos assalariados. À medida que o bolso enche, a TV esvazia.

b) O telespectador típico não tem interesses culturais. Quando chega a casa, arrasado pelo trabalho, desgastado pelas preocupações, o seu *instinto* imediato é para a distração. Aqui, de duas uma: ou a Televisão o solicita para um esforço intelectual e lhe oferece formas superiores de diversão (o teatro, a música, a ópera, o bailado, etc., etc.) ou o empurra para as dores maciças de historietas, de passatempos acifalados, de espectáculos desportivos, etc.

c) A TV privada tem por objectivo o lucro. Quanto mais audiência, mais publicidade; quanto mais publicidade, mais discussão; quanto mais discussão mais audiência...

d) Tem-se considerado a TV estatizada como vocacionada para a cultura, e a TV comercial para o divertimento. Se considerarmos que, onde a inteligência não se exercita, cultura é sinónimo de chatice, melhor se compreenderá o anseio pela TV privada em Portugal.

e) Experiências já conhecidas em Portugal, com as estações piratas, mostram que há um imenso público não vacinado contra a mediocridade. A questão não se resolve com mais estações: resolve-se com uma política cultural e realista das estações existentes.

Mais alíneas podiam acrescentar-se. Estas bastam para compreender que, por trás das estações privadas, se engalfinham interesses (ambição pessoal, interesse financeiro, influência política...) que, como se compreende, nada tem a ver com a cultura, a humanidade, a inteligência.

Sendo negócio de milhões, querem apostar que não se falaria tanto de TV privada se os trabalhadores pudessem ter acesso às estações?

Nesta perguntinha está a chave para compreender o essencial...

Querida Televisão!

1 - Greve em Maputo. O inefável, burocrata e neura Blanco diz que é produto do vento Leste. Deve ser. Escute, meu. Tudo o que está a acontecer é produto do vento Leste.

Mas não é por isso. É um cartaz que os trabalhadores empunham e onde reclamam os *retroativos*.

O acordo ortográfico, pois. Para quando? Queremos ser, do comboio, a locomotiva, ou queremos descarrilar?

2 - Pedro Pires, um dos correspondentes da RTP nos Estados Unidos. Que nas conversações Cavaco-Bush se falou da possibilidade de Portugal ser «o trampolim dos interesses americanos na CEE...»

Ó Pires! Você pensa que os índios da Europa não estão a pau?

3 - A voz *off* feminina conta, sobre as imagens do *Telejornal*, o que se passou na escola Maria Amélia Vaz de Carvalho. Daí a momentos tornou a falar na Escola Maria Amélia...

A ignorância desta juventude! E por lá ninguém ouviu a tolice, ninguém emendou. Será a isto que se chama solidariedade?

4 - Depois do Panamá, os americanos

desencadearam a operação Colômbia: cruzadores, submarinos, porta-aviões. Resultado segundo o *Jornal da Tarde*: a prisão de três suspeitos de passadores da cocaína.

Isso faz a nossa Judicária, sem porta-aviões. Uns exagerados, aqueles americanos...

5 - A estrada aluiu, em Frossos. Nunca mais a arranjavam. Esqueciam-se. Então, um habitante de Frossos cavou o local, transformou-a numa horta. Belas couves! *Repórter* - Quantas couves plantou?

Cidadão - Meio cento. Já chega, para vergonha deles...

As autoridades perceberam o protesto. Fez-se a reparação.

- Na *Família Oppermann* uma personagem referia-se àquilo a que a legenda chamava a *noite das grandes medidas*...

Tratava-se da «noite das facas longas» como ficou a chamar-se à noite de 30 de Junho de 1934, em que Hitler mergulhou a Alemanha num sangrento ajuste de contas.

A tradutora confundiu *masse* (medidas) com *messer* (faca).

Daí a tolice.

Outra hipótese mais verosímil. *Messer*, em alemão, além de *faca* significa *medidor*. A tradutora terá pensado: «Mas que raio vem aqui fazer o *medidor*? Vamos pelas medidas, que é o mais seguro...

Pois é. Não se pode conhecer tudo. Mas na RTP não haverá, para as legendas, um serviço de revisão? Um bocadinho culto?

Um conto do Saramago

Haverá muitas maneiras de conhecer a popularidade de certas figuras. Hoje, para mim, a máxima é serem citadas nas telenovelas.

Até hoje, dois escritores portugueses mereceram essa honra: Fernando Pessoa e Eça de Queirós.

Ora há dias, no *Vale Tudo*, vimos a seguinte cena: Leila, secretária da reevista «Tomorrow», de que Renato é director, diz para as companheiras:

— *Vamos publicar no número de Julho aquilo que o Renato mais queria: um conto inédito do Saramago.*

Assim mesmo: do Saramago. A simplicidade do tratamento denuncia o conhecimento generalizado do escritor, a sua popularidade.

José Saramago vai ser (conforme os astros me confidenciaram) o primeiro prémio Nobel da nossa literatura. Aguarde mais uns tempos. Até lá, a honra desta citação ninguém lhe tira. Citado numa telenovela? Puxa!

Tu cá, tu lá

Os «Skinheads» atacam no Porto. A RTP promete uma peça de artilharia sobre o assunto. Veremos.

Aquilo era um apontamento. O repórter fala com um negro, em contraluz, para não o denunciar. E por aqui se vê como o perigo existe de facto.

A certa altura, quando o entrevistado contava a agressão de que fôra vítima, o repórter perguntou:

— *E não ficaste muito maltratado?*

Serão amigos? Será que também o negro trata aquele branco por tu?

Oxalá que sim. Se não, a cena foi de muito mau gosto.

Uns espertalhaços

Fico a saber que o Japão vai intervir nos países do Leste à grande e à francesa, sem se importar muito com a imposição legal de o investimento não ultrapassar os 49 por cento.

Os países da Europa Ocidental não estão

a gostar muito da brincadeira, pois «o mercado de Leste é muito promissor». Começam a chatear-se com o Japão, depois de se terem chateado com os Estados Unidos.

Morgadinha - ou a importância de ser pequeno

1 - Não se trata, certamente, de um qualquer revivalismo. Tratar-se-á, antes, de um apelo ao conhecimento do outrora-agora de nós próprios. Saudável? Sem dúvida.

2 - Os brasileiros cultivam intensamente a época escravagista. Mais propriamente: a luta antiesclavagista. São várias as telenovelas sobre a matéria já conhecidas dos portugueses. Creio que o tema, sendo do passado, é visto para o presente, também aí, para utilizar o chavão de todos os tempos, a luta continua.

3 - Ingleses e alemães retomam a cruel lembrança do nazismo. Duas histórias passaram na RTP e no primeiro canal (enal): *Christabel*, inglesa, e *A Família Oppermann*, co-produção da Alemanha, Inglaterra, Áustria. Excelente a *Christabel*, mais romanceada, notável a segunda, verdadeira descida aos infernos, com impressionantes documentos históricos. Embora realizada em 1982, a história ganha uma impressionante actualidade...

4 - Entre nós, a tendência é para a descoberta dos clássicos na televisão. Correm ao mesmo tempo Camilo e Júlio Dinis.

A *Morgadinha dos Canaviais* é geralmente considerada a obra mais notável de Júlio Dinis e por vários motivos: a complexidade da trama, a galeria de personagens, a definição da actualidade histórica.

A RTP abalançou-se a muito. De Ferrão Katzenstein, se mais não houver, louvemos a coragem.

5 - Estas notas referem-se apenas ao primeiro episódio. Serão, pois, susceptíveis de alteração.

Para já: esta Morgadinha vê-se. Não há repelões, a imagem é boa, o som é excelente, como acontece aliás na Ricardino e Marta. Literários embora, os diálogos não chocam. Eunice Muñoz, Orlando Costa, Rui Mendes, Virgílio Castelo, São José Lapa, etc., sabem o que fazem.

6 - Pronto. Onde me parece que este primeiro episódio falha é na atenção aos pequenos pormenores. Quando se falha nos pequenos, desconfia-se logo dos grandes.

Começa pela incorrecta caracterização do Madalena. No livro, a jovem andará, no máximo, pelas 24 anos. Não é essa a conclusão a que se chega aqui. Ó Eunice, como você era tão, tão Madalena naquele tempo, lembra-se?

Aquela tempestade tão pouco tempestuosa, viram? Mais parecia um dia de Primavera.

e quando Henrique chega à quinta, não vai encharcado. Vai levemente salpicado... Repare-se no Henrique, de olhos na parede onde se vislumbra, com dificuldade uns rabiscos que depois vimos a saber que são uns versos...

E aquele açude onde o Tio Vicente quase se afoga... com água pelos tornozelos?... Etc., etc. Dir-se-á que são pequenas coisas. Pois. Mas nas pequenas coisas todos reparam, por isso são importantes e difíceis.

7 - Não esquecer os nossos clássicos, hem. Mas sem exclusividade. Antes devemos aprender com Júlio Dinis cuja *Morgadinha* é uma obra do tempo dele.

8 - Ainda com possibilidade de uma leitura actual nos nossos dias? Em vários aspectos, sim. Veremos até onde foi Ferrão Katzenstein, realizador e adaptador.

Estava mesmo para resmungar.

E, meio a dormir, tinha planeado uma crónica assim:

Primeira Parte. Falar de um livro lido há pouco (11 da noite - 3 da manhã). Elogiar a inteligência. A liberdade do tom. A insistência, a combatividade. A linguagem incisiva - tão rara no português que para aí anda à espera de ser encadernado. Falar da curiosidade, da atenção ao real, do cuidado prestado aos grandes como aos pequenos acontecimentos, desse insistente gosto, de que gosto, pela polémica, pelo pensamento, pela ironia.

Um Livro que é um bloco-notas, que talvez seja um diário, que também é uma revisão de pequenos artigos, e também uma autobiografia, e também é uma ficção. Um livro em que o pensamento vive e se vai fazendo numa despreocupada (mas inquieta!) conversa connosco. Comigo.

O que eu gostei desse livro.

Que livro?

O Dito e o Feito. De João Martins Pereira (edições Salamandra).

E esta primeira parte desta crónica acabaria assim: *mas é um livro.*

Segunda parte. Começava por uma pequena perspetivação histórica. Fim dos anos 50. A liberdade de tom descoberta a partir da *revolução Rossellini* faz pensar aos jovens dos *Cahiers du Cinéma* que o cinema se pode libertar dos espartilhos da ficção oitocentista para que o sonoro o arrastara. Admiradores da grande literatura francesa que desde Montaigne inventa o *ensaio* como forma persuasiva de se fazer uma realidade, os jovens de então pensam que o cinema pode vir ao correr da pena e descobrir-se a si próprio um novo e diversificado acordo com a realidade. O embaratecimento dos custos de produção que caracterizou a *nouvelle vague*, o aperfeiçoamento de maneiras de filmar mais leves (como foi bela a descoberta entusiástica do 16 mm e o que eu gosto do grão nessas imagens de então que culminam para mim nesse filme belo como poucos que é a *Wanda* de Barbara Loden), permitiam pensar nesses últimos anos antes da televisão que o cinema poderia ter a forma surpreendente dos livros: de umas vezes ficção, outras poesia, outras ensaio... A câmara, ligeira, passaria a ser tão leve, tão barata e tão ao alcance da mão como uma esfereográfica - Kodak rimaria com Bic.

O Dito e o Feito, podia ser um filme. Devia ser um filme.

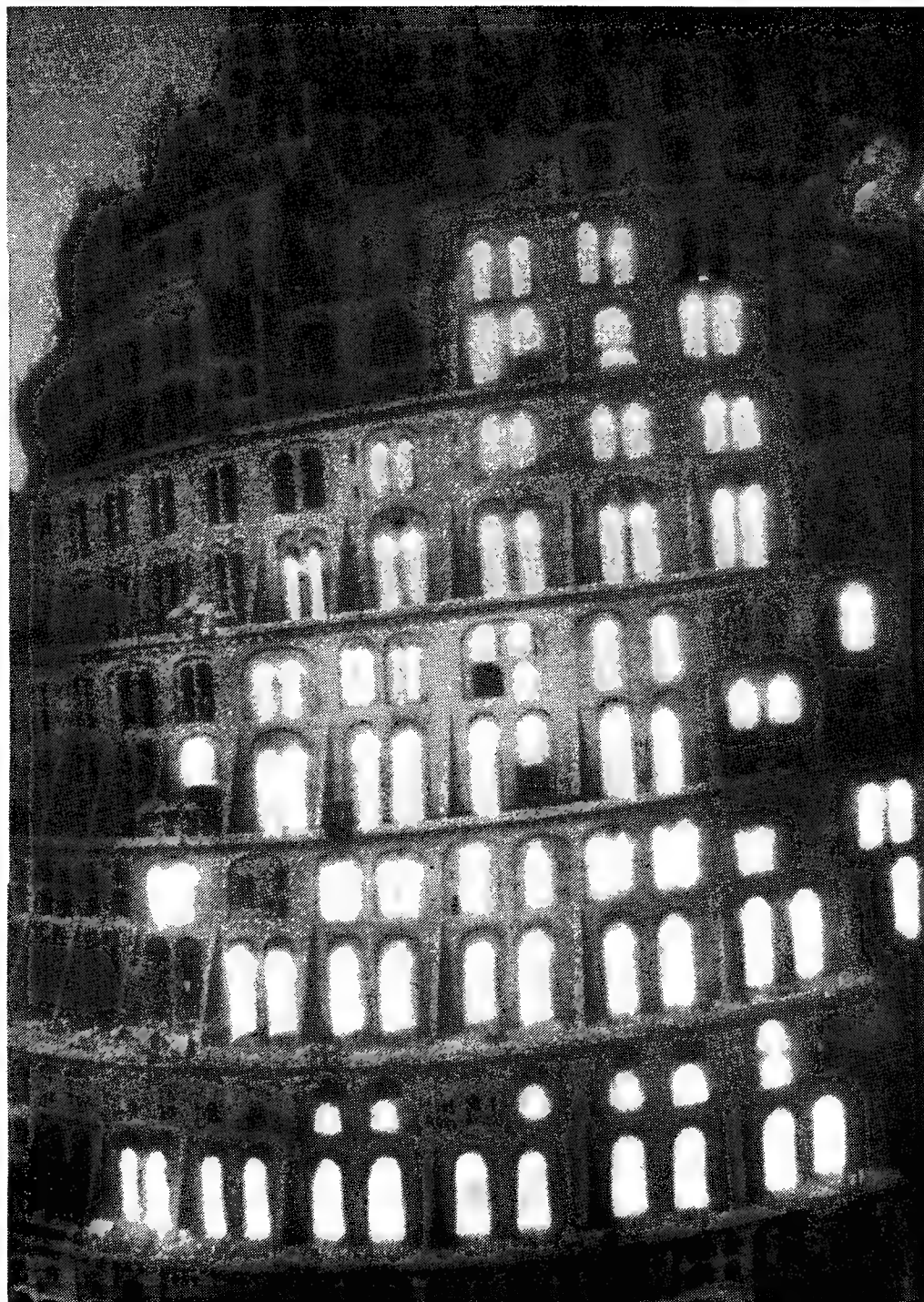
Isso era o que se pensava.

E por isso tínhamos Jean Rouch por um lado, Peter Watkins por outro, Leo Hurwite (que bonito *Dialogue with Woman Departed!*), Wiseman ou Richard Dindo...

Disso tudo, ficou Godard.

(Je te salue, vieil océan!)

Terceira Parte. Aqui, punha-me mesmo a resmungar. A pouco e pouco o cinema voltou a entalar-se nos apertados sapatos da ficção. Truffaut fez-nos voltar a Carné. E os filmes que por aí se vêem têm, como o desejava Aristóteles, um princípio, um meio e um fim. E a *mimesis* voltou a ganhar o cinema. O Actor's Studio e o seu naturalismo histórico (adoro a tão maldosa como pertinente frase de Luc Moullet: esse *stakhanovismo da significação*) prolonga-se em suor e bilhetes vendidos. A



COM CINCO PEDRAS NA MÃO

necessidade que temos de compreender o mundo e o nosso dia-a-dia levou-nos a pouco e pouco a preferir o reconforto da imitação à inquietação da invenção.

E das salas de cinema foram a pouco e pouco sendo evacuadas as formas mais livres de deixar a câmara pensar o atrito do real.

Belarmino, essa obra-prima de liberdade e viril amor, estreou nas salas de cinema. No Aviz da Sara Montiel agora emparedado como outrora Berlim. Mas os filmes (chamemos-lhe *ensalísticos*, podíamos chamar-lhes *poéticos*) que recentemente a si próprios se outorgaram o direito de pensar a sua própria forma, quem os vê?

Que é feito desse filme fundamental que é *Gestos e Fragmentos* de Alberto Seixas Santos?

E de *Rosa de Areia* de António Reis e Margarida Cordeiro? (tanta pena de não ter visto! Como eles não podem comigo, não fui convidado para a antestreia, e só sei de ouvir dizer).

E de *A Ilha de Moraes*, esse comovente *ecce homo* de Paulo Rocha?

E aqui interpelava o leitor, agarrando-lhe pelo imaginário colarinho: porque é que não os vê? Porque é que preferes *aquilo que sabes aquilo que não sabes* (aquilo que

compreendes aquilo que não compreendes?).

Não gostas de te aventurar por terras não conhecidas?

E por meios de transportes não conhecidos?

E de andar à bolina? Que não é o mesmo que à deriva?

E, de dedo acusador, olhos nos olhos: que foi que se passou contigo? Na vida também andas assim? Casa-emprego-casa ou férias-trabalho-férias? Não olhas para o lado? Não saís do caminho previsto? Todos os teus dias têm princípio, meio e fim?

E acabava estas imprecações todas com ditirâmbica apóstrofe: o cinema será livre ou não será!

Quer queiras quer não.

E o problema é teu.

Era essa a crónica que eu andava por magiciar ontem.

Mas deu-me a preguiça, saí cedo de casa.

Pequeno-almoço no *Soleil* com o admirável Pedro Henriques, metro, banco, livrarias (dei por mim, quem mo havia de dizer há três meses!), a folhear manuais do MS-DOS!!!), os grandes armazéns em saldos (porque é que em todo o lado os candeeiros são bonitos mas em Lisboa não???) e upa, sessão das duas na querida

sala do St. André des Arts. *Palombella Rossa* de Nanni Moretti. Que dizer? Detesto tudo. Detesto a maneira pedestre de filmar, detesto o lado metafórico da piscina de water-polo, detesto o narcisismo ululante da personagem, detesto a encenação pata aqui pata acolá. Mas provavelmente por isso mesmo, gosto de tudo. Da maneira inocente de filmar como se a câmara fosse apenas uma maneira de gravar o visível. Gosto da imprevisibilidade da intriga que a todo momento parte em direcções diversas, gosto da pobreza da mise-en-scène que ao contrário do horrendo e riquíssimo Scorsese das salas de bilhar de *Colour of Money*, não tenta divertir mas segue a linha mais curta. E invejo a estupenda liberdade de tom que é permitida pela utilização (eu sei, teatral, sub-felliniana) da piscina, etc.

Saio do cinema e não me apetece já resmungar.

É possível *pensar* no cinema.

Mesmo que não seja pensar o mesmo que eu (ainda bem!). Nem pensar da mesma maneira. Mas defrontar o real e pensá-lo na liberdade das formas que a maravilhosa expressão *ao correr da pena* designa. Não era isso o que Stendhal queria para o romance que também ele inventava? («O Romance? Um espelho que alguém leva ao longo de uma estrada»).

O dia está bonito. Um cigarro. Outro filme?

Sweetie da jovem australiana Jane Campion. Detesto tudo: a maneira afirmativa de filmar, esse tique que consiste em enquadrar deixando um espaço artístico à esquerda e por cima, essa forma voluntária de dizer *que tudo aquilo que ali está é arte e da fina*. E no entanto... a emoção nasce, o sub-faulknerianismo do ambiente, a extraordinária actriz que interpreta *Sweetie*, a sujidade. Detesto a precaução fotográfica com que Jane Campion se preserva do sujo de que fala. Mas gosto que o sujo acabe por vencer. E que o real irrompa.

E pimba, outro filme: *Pequena História de Amor* de Kieslowski.

Ah, belo, belo filme! Desse não falo.

Comoveu-me.

E o melhor é não jantar, apanhar o RER e ir a Nanterre.

Ver o *Édipo-rei*. Sófocles. Jean-Pierre Vincent.

Ah! os gregos!

E quando volto para casa, tarde, estou contente.

Já não vou resmungar.

O cinema existe. O cinema pode pensar. Melhor, pior, o que se queira. Não será o lugar do debate democrático como o teatro o foi para os gregos. Mas ainda há grandes cineastas a descobrir (Kieslowski!) e esta semana estreia o livre filme do livre *Iosseliani Et la Lumière Fut*.

E em vez de te agarrar pelos colarinhos, hipócrita leitor, *mon semblable, mon frère*, dou-te hoje um paternal conselho.

Começa por ler *O Dito e o Feito* de João Martins Pereira (edições Salamandra). E pensa.

Ola em teu redor.

Como o cinema que vês podia ser diferente.

Se tu quisesses.

Texto de
J. Galamba de Oliveira

O CABIDE

«Há muitos lugares lá à frente!». Empurrado pela voz do cobrador, o homem avançou pelo corredor do eléctrico. Com não menos de cinquenta anos, era franzino e quase completamente calvo. Trazia um ar cansado, um fado cinzento puido e um cabide quase da sua altura, a que, julgo, os entendidos chamam «cabide manequim»: duas hastes verticais de madeira, unidas por travessas para dependurar as calças, um esboço de ombros em cima, para colocar o casaco, e um estrado na base, onde se podem pôr sapatos mas que existe sobretudo para manter a estrutura de pé.

À frente não havia realmente lugares, mas apenas algum espaço, na zona mais larga do corredor, entre os bancos de costas para as janelas. Foi aí que o homem e o cabide se acomodaram, lado a lado.

Na paragem seguinte, a loura que ia encostada à porta da frente, atenta a qualquer vacatura nos lugares sentados, detetou as primeiras tentativas para se levantar da senhora gorda que ia numa das coxias e desapareceu nessa direcção. A meio caminho, tropeçou na base do cabide, chocou com a passageira que saía e devolveu-a violentamente ao assento.

Na confusão, quem ficou sentado foi o rapaz que ia logo atrás, no corredor, mas foi o ar indefeso do homem do cabide que encorajou a loura a voltar contra ele a sua fúria: «Veja lá onde põe isso! Ia rompendo as meias! Isto é um carro de passageiros, não é de mercadorias!». A morena da segunda fila mostrou-se solidária: «Isso não são coisas que se tragam para aqui... Umas meias decentes custam um dinheiro!» Lá de trás, veio outra achega: «De mais a

mais a uma hora de ponta... Devia levar aquilo de taxi...», mas um vozeirão masculino atalhou: «Se você tem dinheiro para andar de taxi, era nele que devia ir agora, em vez de estar para aqui a chatear o homem!».

Consequindo, entretanto, sentar-se, o homem levava agora o cabide abraçado, com a base assente no colo. Mas uma paragem mais brusca fez com um dos vértices tocasse a coxa da velhota sentada ao lado e desejosa de participar na delapidação verbal do infeliz: «Já me aleijou com isso! Já não tenho idade para andar nestes apertos e estou muito doente. Ainda agora venho do médico...» O homem levantou-se, colocou a base do cabide atravessada no assento e ficou de pé, ao lado. «Tirava, por favor, isso daí, para eu me sentar...» Era um recém-chegado, de sobretudo «pelo de camelo» e outros sinais exteriores de pequeno comerciante. O homem do cabide ia obedecer, quando o homem do vozeirão atalhou: «Não tira nada: Não vê que, se fosse para tirar, sentava-se ele?» Retomando a posição, enquanto o do sobretudo seguia para a plataforma da frente, com receio de que alguém o despenhasse, o homem do cabide pôs fixamente em mim o seu olhar triste, talvez surpreendido por eu, ali mesmo à sua frente, não ter dito ainda nada. Reparara já, aliás, que o meu mutismo começava a despertar uma certa suspeita entre os circundantes mais chegados e por certo convencidos de que ninguém no seu perfeito juízo poderia perder uma oportunidade tão de perto oferecida para participar na discussão.

A conversa, entretanto, alastrara eléctrico fora, com toda a gente a falar

ao mesmo tempo, na maioria dos casos sem saber de quê e a propósito de quê. «A culpa é da Carris. Se...» Qual Carris, qual nada, a Rodoviária ainda é pior... A culpa é mas é do Governo! É da bandalheira que anda por aí!... «Se o meu marido viesse aqui, iam ver como era...». «Já não há respeito. É o 25 de Abril...».

Só eu e o involuntário causador do incidente nos mantínhamos calados, ele parecendo que nada daquilo era consigo. Dir-se-ia surdo-mudo, se não acatasse tão prontamente as ordens ou as sugestões sobre a arrumação do cabide expressas ou subentendidas nas intervenções dos restantes passageiros.

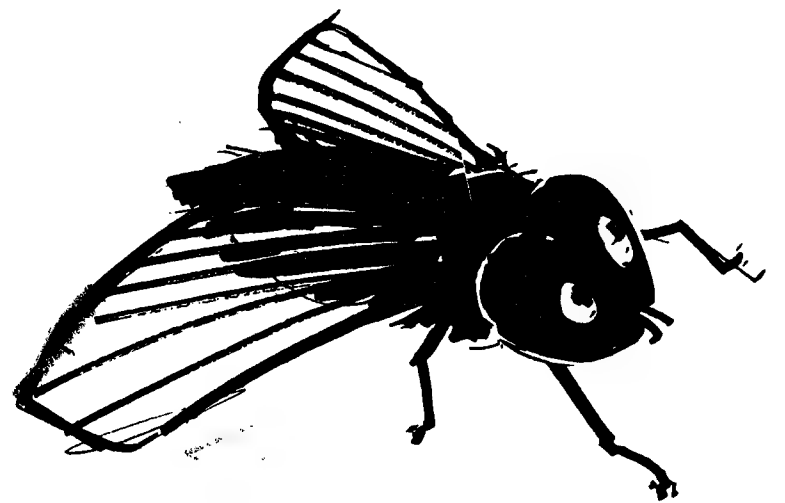
No banco mais próximo, voltara-se ao tema do taxi: «Gostava de saber o que é que você fazia, se tivesse uma coisa daquelas para levar para casa e não tivesse dinheiro para o taxi...». «De taxi? Aquilo não vale uma corrida de taxi!». «Mesmo que quizesse ir não ia. O motorista não deixava...». «Isso é que era bom! São obrigados a levar, taxa, que se pague a taxa...». «Pois é. Pagam acho que é cinquenta contos de multa...».

Quando voltei a olhar em frente, já não havia sinais do homem e do seu cabide. No entanto, a ausência da causa não fizera de modo nenhum aquietar o alvoroço, nessa altura já plenamente generalizado.

Chegara também a minha vez de sair. Esperei, à beira do passeio, que os semáforos dessem passagem aos peões. Na fila lenta do trânsito, um taxi passou por mim. Levava um homem resignado, no banco de trás, e um cabide de pé, à frente.

Rui Camacho

A LÓGICA DO MACACO



A melancolia e a depressão não são um exclusivo do homem. Tal como a agressividade e o instinto de reprodução. Por isso, há quem tente ir mais longe ... e estabeleça surpreendentes comparações

A vulgar depressão resulta, no fundo, da desregulação da **dominância**, que é uma característica das sociedades de primatas terrestres e das sociedades humanas, com particular incidência na classe política. Em entrevista ao «DL», Hannibal-Cannibal, professor de psiquiatria e de etologia humana na Universidade de Providence, comenta as repercussões da recente remodelação do Governo português na óptica dos ministros afastados, considerando que na dinâmica da dominância intervêm factores genéticos e não genéticos, estes últimos estabelecidos essencialmente em fases precoces de ontogénese, na relação com a mãe e/ou os seus equivalentes alo-maternais.

— É assim que pretende justificar o sofrimento dos ministros afastados por Cavaco Silva, entendido como o equivalente alo-maternal da recente remodelação?

— Precisamente. E quando se dá uma interrupção brusca desse processo de dominância, que acarreta uma queda catastrófica de segurança e estatuto da cria, está-se na presença de uma **depressão anaclítica**.

Porém, se ao declínio hierárquico de mecanismo endógeno corresponde um acesso **melancólico**, então, ao declínio provocado pela ruptura de alianças sociais — de que a perda da mãe e a depressão anaclítica, não humana e humana, constituem o paradigma e o modelo originário — corresponde a eclosão de uma **depressão reactiva**.

Por um lado, as formas endógenas da melancolia correspondem a uma alteração patológica do sistema de regulação da dominância do sujeito, arrastando-o num declínio abrupto de estatuto, nele reflectido enquanto vivência e comportamento.

Esta perturbação representa um vector de um sistema mais complexo, o **esquema hierárquico**, cuja desregulação

em sentido inverso (como ascensão da dominância) implica uma outra forma, inversamente configurada de estar-no-mundo, correspondente à síndrome maniforme.

Gregarius irritantis

— Considera então que Eurico de Melo, mais do que Miguel Cadilhe, foi a vítima paradigmática dessa perturbação?

— Sem dúvida. O comportamento do vice-primeiro-ministro e ministro da Defesa demonstra que o mecanismo alterado de retro-acções, partindo da perturbação matricial, leva (num caso como noutro, e, alternadamente, nos acessos de psicose maníaco-depressiva) a um sentimento vital deformado do próprio estatuto do sujeito psicótico em situação gregária.

No entanto, o **esquema hierárquico** mantém conexão íntima com outro sistema de comportamentos sociais e políticos — o chamado **esquema espaço-territorial** — cujo desregulamento explica, por seu lado, a emergência de estados psicóticos esquizomorfos, de configuração variável ao longo de um vector de «desterritorialização».

Ou seja, quando a habitual relação hierárquica com pessoas íntimas se torna em relação de **intolerância territorial**, elas transformam-se, para o sujeito que assim as percebe, em estranhos cujos desígnios são apreendidos como inquietantes e ameaçadores. Como se depreende, também este esquema é bipolar, correspondendo os deslocamentos centrífugos à síndrome paranóide e as fixações centrípetas à paranóia verdadeira.

— Sendo assim, podemos concluir que Eurico de Melo e Álvaro Barreto se deslocaram centrífugamente, enquanto Leonor Beleza e Silva Peneda se fixaram centrípeta-

amente?

-- Não necessariamente, até porque todas as transições e estados mistos são teoricamente possíveis entre estas tendências vectoriais dos dois sistemas, configurando as diversas síndromes típicas e atípicas das psicoses endógenas.

O modelo assim articulado decorre de uma perspectiva filogenética, e evoca dois sistemas de comportamento -- um de repartição do espaço habitado, outro de hierarquia de dominâncias -- que mantêm a «homeostasia social e política» entre inúmeras espécies gregárias nos mais variados níveis taxonómicos.

-- Mas porquê tanta melancolia?

-- Não podemos esquecer que a comparação dos comportamentos depressivos endógenos com os comportamentos de colapso hierárquico observados em primatas não humanos é consentânea com aquela interpretação: a mesma equivalência motivacional se obtém ao comparar a atitude do animal melancólico e a dos políticos em declínio hierárquico.

-- Será que não conseguem suportar o insucesso?

-- Em parte, pois é de admitir como muito provável que o sucesso genético dos homínidos (incluindo os primitivos) tenha aumentado pela adopção de estratégias espaço-territoriais entre grupos vizinhos dispondo de extensas áreas vitais e de estruturas intragrupais hierárquicas.

Revisões recentes do problema das relações de dominância na espécie humana suscitam inúmeras dúvidas conceptuais e metodológicas neste domínio, mas comprovam a existência e a importância do fenómeno da dominância e das escalas hierárquicas nos grupos humanos, nomeadamente os políticos.

-- Mas o que é que prevalece num ministro. Auto-estima ou o desejo de vencer?

-- Não sabemos ao certo. Mas a verdade é que a quase totalidade dos actos humanos e dos comportamentos sociais e políticos dos homens têm como objectivo e motivação, consciente ou inconsciente, quer a definição, quer a promoção de estatuto social.

A auto-estima, objectivo importante dos seres humanos, encontra satisfação na conquista de prestígio social, e os mecanismos accionados para o conseguir decorrem do sistema hierárquico do comportamento. Contudo, raras vezes nos apercebemos de quanto os nossos gestos do dia-a-dia e o nosso projecto existencial servem uma função hierárquica -- de ascensão, definição ou sinalização de estatuto.

Tal fenómeno, segundo os especialistas, diz respeito ao significado biológico de «vencer» nas diversas situações de contexto competitivo, e que constitui influência primordial nas interacções sociais dentro de cada grupo.

Macaca mulatta

-- Considera legítimo fazer este tipo de extrapolações analíticas, da etologia para a política?

-- Seguramente. Até

porque o que se pretende é mostrar a compatibilidade e a complementaridade entre o modelo filogenético da depressão atrás formulado e o seu modelo ontogenético, há longo tempo proposto por Spitz com base nas suas observações da «depressão anaclítica» na espécie humana, nomeadamente na classe política, e por Harlow no decurso de experiências de privação empreendidas nos últimos 20 anos pela Escola de Wisconsin com crias da *Macaca mulatta*.

Assim, o estatuto que uma cria (leia-se político) vem a adquirir na idade adulta está correlacionado directamente com o grau de dominância da mãe (leia-se chefe de partido). No entanto, a observação do comportamento social das mães pelas próprias crias pode modelar nelas um estatuto futuro equiparável. Curiosamente, quando a adopção por uma fêmea de estatuto social elevado é bem sucedida, a cria adoptada eleva paralelamente o seu futuro estatuto hierárquico, em termos de acesso prioritário aos alimentos, protecção e interacções favoráveis com os outros membros do grupo ou do seu próprio lobby.

-- O que acontece com Fernando Nogueira...

-- Precisamente. Por isso, no estado actual dos conhecimentos, parece dever admitir-se que o estatuto de cada indivíduo advém da predisposição genético-temperamental, mas também de uma aprendizagem social, na qual o estatuto da mãe é determinante.

-- Foi por aí que Cadilhe se espalhou?

-- De certo modo. Quando se dá a perda da mãe, o estatuto da cria sofre

uma interferência catastrófica, mesmo quando, em ambiente protegido, todas as exigências fisiológicas estão asseguradas.

A consequência, para a cria, dessa catástrofe na ontogénese da sua dominância, é uma depressão anaclítica.

-- Mas Cavaco só se afastou de Cadilhe muito depois de as Amoreiras terem vindo a lume!

-- Não interessa. O que invariavelmente acontece é que o afastamento da mãe, além de expor a cria a riscos que comprometem, na natureza, a sua sobrevivência, representa para ela a perda do motor social do seu estatuto, da sua segurança imediata e da sua posição hierárquica futura.

Tais semelhanças sugerem formalmente a existência de mecanismos homólogos -- entre o homem político e os primatas não humanos de alta gregariedade -- no que respeita à ontogénese e à patologia da vinculação e da dominância.

Et dominans fuit

-- Não percebo é como encaixa neste quadro a saída de Eurico...

-- É simples. Também entre os indivíduos adultos, o estatuto de cada sujeito e a sua estabilidade dependem dos elos relacionais que estabelece com os seus congéneres e das alianças sociais que consegue formar.

De facto, mais do que de simples interacções agonísticas, a dominância decorre das estratégias sociais intra-grupais.

Ao longo da ontogénese, a estratégia social para o sucesso de cada indivíduo

complexifica-se e individualiza-se. Não tanto por uma dominância intrínseca absoluta e abstracta como pelas interacções estabelecidas de altruísmo familiar e de altruísmo recíproco.

A ruptura delas acompanha-se de um declínio de dominância real, que é reafirmado por retro-acções ao nível do comportamento.

-- E as outras razões de queixa que não vieram a público?

-- A memória do estatuto anterior e a sua comparação com a maior vulnerabilidade actual rege a transformação comportamental -- inibição dos impulsos vitais, lentificação dos movimentos, jogos (nas crias), isolamento social progressivo, recusa de alimentos e, no limite, emaciação letárgica e a morte.

Isto é, toda a síndrome da «depressão do macaco»

-- O contrário do que aconteceu a Fernando Nogueira ou Dias Loureiro?

-- Sim. Por quê, inversamente, o estabelecimento de elos significativos com figuras de estatuto hierárquico elevado constitui garantia de promoção e estabilidade hierárquicas.

No caso das depressões humanas, os terapeutas representam essas figuras dominantes, com quem a «aliança terapêutica» tem o valor de estimular a recuperação hierárquica, a elevação de estatuto dos doentes, isto é, as melhoras da depressão.

-- Será que o primeiro-ministro assume e desempenha esse papel de terapeuta?

-- Sem dúvida. O papel do terapeuta e da psicoterapia pode, então, ser fundamentalmente o de assegurar uma aliança

susceptível de elevar a dominância, em pleno declínio, do doente depressivo, garantindo-lhe, no plano das instituições político-partidárias, uma protecção a partir da qual possa reasumir a sua actividade.

Aliás, a figura terapêutica do ego auxiliar desempenha análoga função.

-- Pelas teses que defende, presumo que o sofrimento dos ministros agora afastados não vai durar muito tempo...

-- Não vai, não, porque Cavaco está atento.

O papel imediato do terapeuta é o de um aliado político dominante que permite que o doente, protegido, venha a reconstruir a sua auto-estima e o seu estatuto abalados.

Por tudo isto, é curial concluir que a dominância é, por um lado, uma variável independente, característica intrínseca de cada político.

Por outro lado, também é uma variável dependente, resultante da situação relacional do sujeito em cada momento e da sua estratégia competitiva no grupo em que se situa.

O declínio patológico do primeiro factor desencadeia formas endógenas de depressão, enquanto a desorganização do segundo factor é o motor etiopatogénico decisivo das depressões reactivas.

Depressão ... melancolia. A lógica do macaco!



CARETAS TIQUES & CACOETES

Eles não são *caretas*, apenas estão a fazer *caretas*. Pois há *careta* & *careta*. Está nos dicionários: «contratação ou trejeito do rosto» ou «pessoa que não faz uso da droga», ainda «pessoa muito presa aos padrões tradicionais, quadrado». Fim de citação.

Não é o caso dos nossos ilustríssimos convidados que embelezam com as suas fotos esta *díptera* página. Não são quadrados, são *ciclorrafos* - como a MOSCA.

Mas o facto de eles estarem a fazer esgares tem algum significado. Expressões faciais reflectem emoções. Não é nenhuma novidade - está na cara - que a mímica facial seja um sistema de comunicação não verbal entre seres humanos. Há códigos universais e outros que dependem de raças e culturas. Um sorriso com a comissura dos lábios arqueados é sinal universal de simpatia, enquanto o sorriso com os cantos da boca para baixo é um sinal evidente de decepção ou tristeza.

O bocejo, por exemplo, pode ser um sinal de sono mas pode ser também de um profundo tédio ou de apenas uma chateação difusa.

Ler através da fisionomia a personalidade ou o estado de espírito dos outros sempre foi um objectivo dos cientistas. Há mais de um século, o naturalista Charles Darwin e o psicólogo William James sugeriram que as expressões faciais eram apenas um reflexo visível de uma emoção interna. Em 1885 Gilles de Tourette descreveu um grande

número de casos de tiques com localização estranha, forma curiosa e progressiva, motivados por processos psicológicos, ora alterando o sensorial ora produzindo alteração motora. Daí nasceu o síndrome de Tourette.

Outro cientista, Cesare Lombroso (1835/1909), italiano de origem judaica, revolucionou a criminologia ao sustentar a opinião de que o criminoso é mais um doente do que um culpado. Para Lombroso, o criminoso se auto-reflectia no seu próprio rosto - estava na cara.

Os médicos *Physiognómicos* tiveram grande aceitação e respaldo científico até ao começo do século XIX. A Fisiognomia é a *arte* de conhecer o carácter das pessoas pelos traços fisionómicos.

Dr. Brás Luís de Abreu, no seu livro «Portugal Médico» ou «Monarquia Médico Lusitana» (Coimbra, 1726), escreveu: «É a Fisiognomia uma lei, ditame ou norma da Natureza, mudamente estabelecida nas partes do corpo humano; acerca dos seus costumes e disposições, a qual se deduz de certos sinais e acidentes sigilados no mesmo corpo», mas faz uma ressalva: «nem sempre o rosto é pregoeiro das acções, nem sempre os olhos são intérpretes da alma».

Para os médicos fisiognomistas, parafraseando o poeta Vinicius de Moraes, a beleza é fundamental. Sigo com o dr. Brás de Abreu: «Por isso os etíopes só elegiam para o trono aquele que topavam mais agradável para a vista, porque por força da fisionomia, a que viam proporção de partes no semblante do príncipe, entendiam ser harmonia do Governo no corpo da monarquia».

«Pelo contrário, a disforme - continuo com o médico lusitano - e horrível presença



do gesto é pregoeira de costumes depravados e fiscal, que acusam o licenciado das acções torpes; e tanto que havendo em um cárcere alguns presos por culpa grave e que seja necessário oferecê-los ao tormento para confessarem quem têm sido os delinquentes, deve principiar-se a atormentar o que for mais feio e disforme na fisionomia do corpo, como mais apto para cometer delitos e por isso mais suspeito de ter delinquido no crime de que o acusam».

Lombroso assinaria em baixo.

Dr. Abreu vai ao Eclesiástico e de lá retira: «A maldade da mulher conhece-se-lhe no rosto, porque nele, como em Teatro se representam as suas acções».

Dicionário dos gestos

Um grupo de psiquiatras, chefiado pelo professor Irinaeus Eibl Eibesfeldt, realizou um interessante trabalho investigativo sobre as expressões faciais e seus resultados foram publicados em forma de dicionário especial pela Associação Max Plank de Psiquiatria, da RFA.

O dicionário é fruto da análise de 300 mil metros de filme que mostram sinais fisionómicos de todas as raças humanas e estabelece uma espécie de código de interpretação mímica. A partir deste pode-se, em vários casos, diagnosticar pela simples observação de sinais faciais, no momento expressivo de estados de ânimo, problemas psíquicos.

O psiquiatra Hans Ellring, também do Instituto Max Plank, afirma: «Cada doença psíquica está relacionada com distúrbios emocionais e, como o comportamento mímico está muito ligado às emoções, podemos concluir que é possível uma melhor compreensão das doenças mentais

com uma análise mais pormenorizada das expressões faciais».

Na década de 70 um sueco, Carl Hermann Hjortsjo, criou um sistema de análise de expressões faciais e a partir daí a psicologia especializada adquiriu um notável impulso.

O sorriso forçado ou a tristeza aparente podem ajudar as pessoas a sentirem de facto as sensações agradáveis ou desagradáveis que exibem nas expressões faciais. Actualmente, alguns cientistas chegaram à conclusão de que a relação recíproca também é verdadeira, isto é, que as expressões faciais, mesmo forçadas, podem induzir estas sensações.

Não se afirma que rir é o melhor remédio para mudar o humor de quem tem vontade de chorar, mas sim que forçar uma expressão de alegria contribui modestamente para abrandar a tristeza. Antes assim.

Tiques & cacoetes

O tique é descrito classicamente como uma contracção rápida, abrupta e involuntária de um músculo ou um conjunto de músculos. Normalmente o tique é um movimento repetitivo, podendo ou não obedecer a uma sequência, por exemplo, há pessoas que principiam uma assim chamada crise, piscando um olho e a seguir movimentam o pescoço ou os ombros, numa ordem já estabelecida; outras, apresentam apenas um tipo de gesto, um tipo simples de cacoete. O cacoete pode ser voluntariamente controlado, mas parece que, após esse esforço, ele sobrevém mais acentuado e por um período mais prolongado.

Qual a natureza exacta do tique? Este é um ponto ainda não bem definido. Muitas vezes é difícil estabelecer a diferença entre tique e *maneirismo*. Há pessoas que iniciam uma frase sempre com a mesma palavra ou encerram com expressões características, isto segundo os investigadores é antes de tudo um *maneirismo*, não um cacoete. Parece portanto que todos concordam que o tique deve ser acompanhado de gestos e os mais frequentes são os faciais e respiratórios - fungar, tossir, respirar fundo etc.

Mas as vítimas destes tiques, alguns bastante comprometedores, como piscar para estranhos, que produzem mal-entendidos constrangedores, já podem respirar aliviados. Um japonês, Takanori Fukushima, da Universidade de Tóquio, desenvolveu uma técnica que pode eliminar definitivamente os cacoetes por meio de uma microcirurgia em apenas 25 minutos.

Aí está uma boa novidade para os careteiros e *caretas* desta praça.



O REI VAI NU

«Eles» e Nós. Talvez!!

Estabelecer e manter um «circuito de Comunicação» - ou seja, a intercomunicação de mensagens através de um qualquer «media», alternando os receptores e os emissores, é, quiçá, uma das mais árduas tarefas sociais da actualidade. Clichés da Sociologia e Psicologia popular ou profissional, tais como: «não chegar lá», «não estamos na mesma onda», «falha de comunicação», ou outros do género, aludem metaforicamente aos problemas de comunicação entre os indivíduos e entre os grupos, resultantes das ineficiências ou rupturas na troca ideal de mensagens, sejam elas de informação ou comércio (vide publicidade) ou de contacto humano directo:

Na comunicação verbal, os discursos, palestras, diatribes ou arengas, os discursos políticos e escolásticos ou os doces sussurros aos ouvidos apaixonados; na comunicação escrita, a poesia ou prosa, os ensaios e o ilusionismo da quarta parede (o texto dramático).

Os mass-media; TV, Rádio, Imprensa escrita e similares, sem dúvida alguma responsáveis no fazer da cultura, reflexo e barómetro desta, ainda que tal nem sempre aconteça de uma forma isenta, representam, na sociedade dos nossos dias, um papel determinante no equilíbrio das forças políticas e económicas. Não será por acaso que vimos assistindo à corrida pelo controlo de jornais, revistas e rádios sem falarmos nas guerras da TV privada. Também sintomático, o insurgimento cíclico contra a Imprensa que divulga as actuações menos transparentes de políticos intranquilos.

Estar nos centros de poder é para os políticos um jogo, que dá fama e fortuna e os faz personagens públicos e colunáveis, mas isto tem um preço que algum dia será pago. Contradições que a social-democracia não consegue evitar e ainda bem.

Com mais ou menos artimanhas, os políticos e governantes vão puxando a brasa à sua sardinha, que é o mesmo que dizer, ao seu voto. O voto é a moeda de troca dos políticos e para o conseguirem recorrem aos mais espectaculares malabarismos; alguns são tão exímios nestas habilidades que dir-se-ia terem errado a profissão. Aqueles que os votam aguentam-se à bronca se

lhes der jeito e for conveniente no momento (nem imaginam a quantidade de gente que agora diz não ter votado na «maioria»; são tantos que nas próximas legislativas a maioria muda de mãos ou não há votos para contar. Era capaz de ser interessante!) Os que de facto não votaram ou não votam, não têm que aguentar e manifestam-se mais ou menos ruidosa e contundentemente como podem e onde podem, contra quase todos e tudo que tenha a ver com poder, estando quase sempre tramados por serem poucos e remarem contra a maré. A crise das ideologias e a social-democracia deram as mãos para arrumar os inconformistas.

Os votantes arrependidos quando a coisa começa a dar para o torto rapam do «ELES» (denominação popular da fauna política) que serve às mil maravilhas como «objecto» catártico das frustrações nacionais. Qualquer animada conversa de café ou em família, inclui irremediavelmente o «ELES» e não é que o que dizem não tenha plena justificação, só que pôr as trancas à porta depois da casa arrombada não serve de muito.

Nos últimos tempos voltámos a ouvir o «ELES» com bastante assiduidade, seja a propósito das negociatas, trafalhões e patéticos ou da remodelação que não era para ser, mas como convinha que fosse acabou por ser. Quem não gostou muito

da ideia foram «ELES» (os remodelados), mas «ELE» (o Manítú dos ministros) quase a entrar no «Guinness» dos enganados e enganados, não quis saber de misérias e remodelou mesmo. Para isso é que «ELE» é o chefe e «ELES» nem se deviam queixar, se fosse o Salazar nem os chamava, mudava-lhes as fechaduras e pronto.

Bem vistas as coisas, fosse «ELE» a mandar ou não, «ELES» fizeram tudo para ser remodelados. O «ELE» das Finanças e a «ELA» da Saúde foram os campeões e toda a gente já sabe porquê; convém só acrescentar que o «ELE» fez o que fez para se vingar de quando era pequenino os meninos ricos o terem apanhado a copiar as contas de somar e a «ELA» para ajustar contas, em diferido, com um dentista (que se calhar nem era médico) por lhe ter tratado mal da boca. Estes traumas compreendem-se mas resolvem-se com terapia de grupo. O «ELE» da Agricultura há muito que queria ser remodelado, pois, como é sabido, estava farto de ganhar mal e para todo o mundo é evidente que com trezentos e tal contos por mês, mais carro, mais ajudas de custo, mais os etc., não se pode viver em Portugal. O «ELE», compadre do «ELE» chefe, tinha que ir à vida pois podia parecer mal, mas a «ELA» da cultura é que foi uma injustiça; coitada,

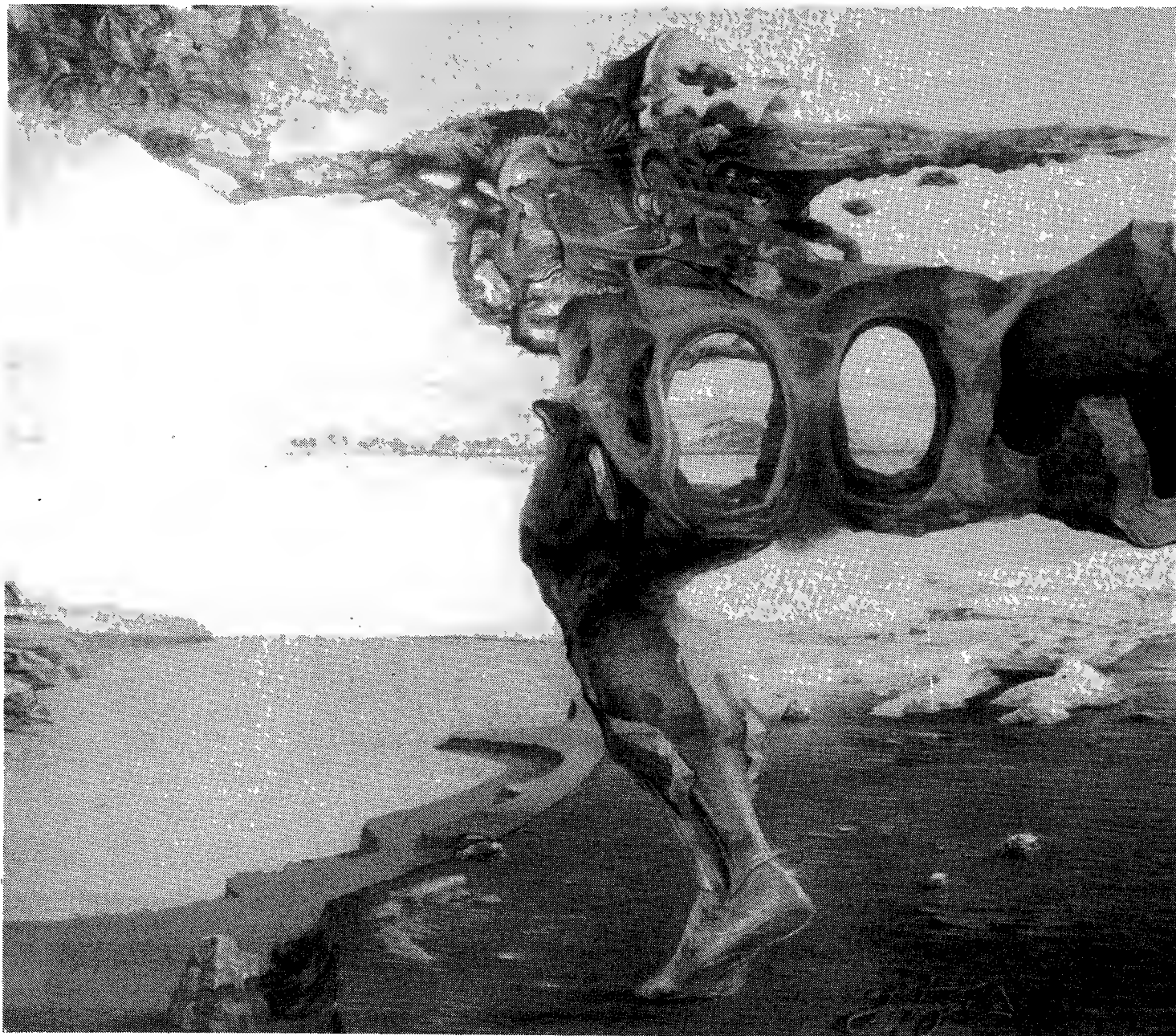
precisamente «ELA», que até nem fez nada. Há males que vêm por bem, pois com a «ELA» da Cultura o «ELE» do Instituto do Pandemónio Nacional numa de «solidariedade» deu corda aos sapatos e livrou-nos de uma desgraça.

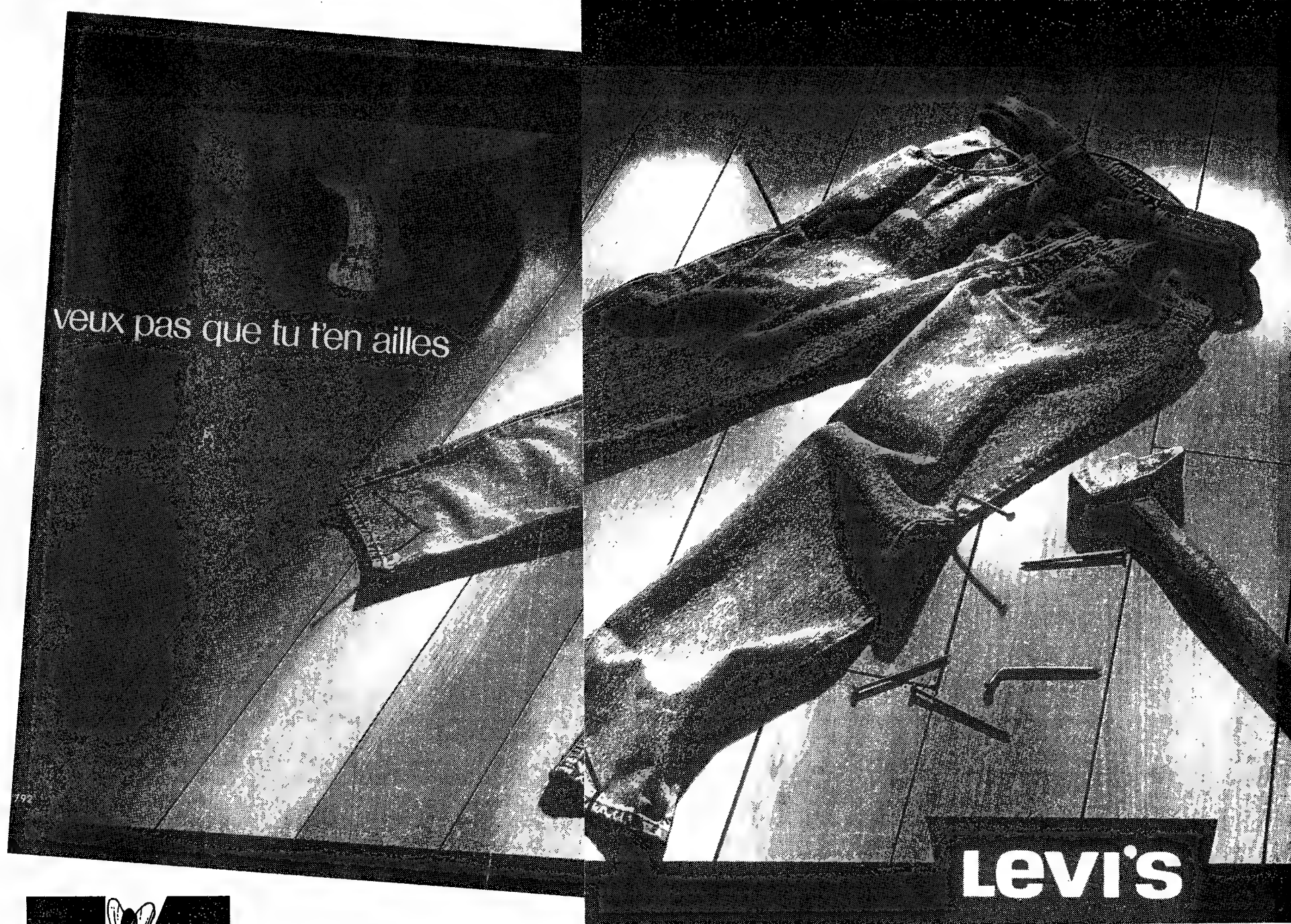
No entanto nestas coisas da remodelação também há filhos e enteados. O «ELE» da Educação (filho com certeza) lá está de pedra e cal, gozando das prerrogativas e gozando com os estudantes, professores e sindicatos, como poucos o sabem fazer, reconheçamos. Assegurou a religião e moral não fosse a Opus Dei zangar-se, arrumou com a educação sexual (temos cá poucas vergonhas, não!) porque a miudagem pode aprender no recreio e na rua e as meninas que se quiserem especializar nas coisas do sexo em sistema *leasing* podem recorrer aquela escola especial das bandas de Aveiro. Programas escolares e reforma educativa, foi em três tempos; uma mudança de nome aqui e acolá, uns parágrafos reajustados e está a andar. O Superior, exigiu mais folclore e como resultado, algumas medidas coerentes com a conjuntura e a complexidade do organigrama estrutural, devidamente inserido na problemática..... Para os leigos: Fechou o 5.º ano (último) do ramo educacional dos cursos de Letras da Universidade Clássica que é o mesmo que resolver o problema de futuro

desemprego daqueles candidatos a professores. Não há curso, não há professores, não há emprego e como é óbvio não havendo emprego não há desemprego. Brilhante, não é?

Quanto aos outros problemas vão-se fazendo reuniões, promessas, conferências e palestras. Enquanto os cães ladram a caravana vai passando.

Europa! dizem-me; qual Europa qual carapuça, se ainda não há país. Esqueceu-se Abril; os putos de então, viraram skins ou yuppies de pacotilha, as promessas, clientelismos e privilégios vestiram outras casacas ou viraram-se do avesso, ao sabor dos ventos e salve-se quem puder é a palavra de ordem. Curiosamente não parece haver muita gente preocupada com o que se passa. Será que por viverem mal se envergonharam de dizê-lo? Talvez!





**CRÔNICAS
DO EFÊMERO**

**MARIA
JOÃO
FREITAS**

CORAÇÕES COM MEMÓRIA

1 2 3

O MARTELO

Só ontem é que percebeu tudo. Ele andava há dias a fazer a sua mala, em segredo. De forma a que ela não reparasse. Retirou os seus objectos, um a um. A casa está quase vazia da sua presença. Agora, só faltam as calças de ganga. As suas preferidas. Já não se lembrava onde ele tinha guardado a caixa dos pregos. Afinal, estava no sítio mais óbvio. Tal como o martelo. Foi quando pegou na caixa de ferramentas que teve esta ideia. Vai pregar as calças dele no chão. Assim não pode fugir. Vai ficar para sempre ali. Ela vai martelar com muita força. Ele nunca conseguirá escapar. Não adiantava pedir-lhe que ficasse. Ele arranjava uma maneira de fugir. Sabe que está a ser violenta. Tudo isto parece quase uma crucificação. Mas não o pode deixar partir, de forma alguma. A sua memória é demasiado grande. Não consegue esquecer nada. Preciso dele.

O CARRO

Ela faz sempre aquilo que quer. Como se a sua vontade fosse a única no mundo. Cada dia arranja um motivo para sair. E ele segue-a em silêncio, pelas ruas da cidade. Ela deve desconfiar dele, porque olha para trás de vez em quando. Ela sai todos os dias, e todos os dias regressa. Mas hoje talvez seja diferente. Está a pegar nas chaves do carro. Hoje não vai andar pelas ruas, a pé. Vai para um sítio mais longínquo. E assim, ele não a pode seguir. Vai ter de arranjar uma maneira de ir também no carro. Porque é que ela nunca o quer levar? Estará a pensar em ir-se embora? Ele não quer ficar sozinho nesta história. Desta vez, vai-se revoltar.

AS MENTIRAS

Entre eles existe um espaço que tenta preencher, em vão. Preferia que ele nunca falasse com ela. Parece que as palavras foram inventadas para encobrir a realidade. Ele está-lhe sempre a deixar nas mãos as palavras erradas. Fragmentos de discursos. Altera sempre o sentido das coisas. As suas mentiras já só a conseguem deixar com um profundo cansaço. É verdade. Está cansada de estar sempre a tentar manter a unidade de uma imagem que se fragmenta a cada instante.

Agora sabe que nunca fará parte da vida dele. Já não acredita. Apenas finge. Fica muito quieta, a ouvir tudo o que ele diz e repete muito baixinho: «Pára de me mentir. Pára de me mentir.»

Gostava que ele lhe deixasse antes o seu silêncio. Ao menos, podia interpretá-lo como quisesse. E mentir para si própria. Sem palavras.

Emmène-moi.

Levi's

On n'est jamais trop Levi's.

4

SER OU NÃO SER LEVI'S

Estes três anúncios constituem a continuação da fantástica campanha de Imprensa da agência francesa Roux, Seguela, Cayzac & Goudard, para a Levi's.

Nestes anúncios não há verdadeiramente uma presença humana. As peças de vestuário constituem a representação dos personagens. Marcam a sua presença e adquirem uma autonomia quase humana, para lá da carga simbólica que as caracteriza. A relação homem-mulher determina-se pela violência dos sentimentos, neste caso o ciúme. As histórias dos personagens são feitas de desencontros, de ausências e de silêncios. Mesmo quando estes são preenchidos com palavras.

Ao nível da motivação psicológica, o tom permanece intimista e rebelde. Este conjunto de anúncios, intencionalmente ambíguos, deixa o espaço para a projecção do imaginário do consumidor e para a sua interpretação subjectiva. Afinal, tudo depende do olhar. E da maneira de ser. Porque nunca se é demasiadamente Levi's.

Arrête de me mentir.

Levi's

On n'est jamais trop Levi's.

**O OLHAR
EM DIA**
JORGE FALLORCA

AS IMAGENS DO SILÊNCIO

Mais que uma exposição de fotografia, Eduardo Nery revela-se-nos sem ilusionismos laboratoriais

Metamorfoses da Imagem, é o título escolhido por Eduardo Nery para o seu livro publicado pelo Anuário Português de Fotografia. E é com as imagens degradadas de um quotidiano em ruínas que, sem as preocupações imediatas de um alerta, estimula a memória dos visitantes da exposição de fotografia, Lugares, na Galeria Diferença.

Ainda bem presente na nossa memória, está a destruição que em nome do inominável se permitiu *apagar* com tinta branca a pintura mural que Eduardo Nery fizera para a Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, no Monte da Caparica. Porque a luz, é a um dos aspectos fundamentais de toda a obra de Eduardo Nery.

"Tanto na pintura, como na fotografia, a luz tem sido tratada e pesquisada ao longo dos anos de diversas formas. As fotografias que exponho na Galeria Diferença foram, na sua maioria, tiradas em interiores de edifícios degradados, ou mesmo em ruínas. Funcionam um pouco em câmara escura, na medida em que a luz foi captada do interior para o exterior, em contraluz, desmaterializando frequentemente os elementos que se interpõem entre a câmara e a luz. Aliás, um dos temas que tratei com frequência em fotografia foi a captação de raios de luz, ou de sombras, projectadas sobre paredes. Também existem fotografias de 1980 com eixos de luz, verticais ou diagonais, que atravessam uma paisagem transfigurando-a com base nessa geometria luminosa. Mais recentemente, é a sua difusão que caracteriza a maior parte das minhas imagens, com áreas focadas e outras difusas, com efeitos de transparência resultantes da sobreposição total ou parcial de imagens distintas. Nessas duplas exposições transfigurei o real comum (quase sempre paisagens) fazendo irromper astros e fenómenos cósmicos. Ou então figuras insólitas e seres inquietantes, extraídos de pinturas conhecidas, em situações de analogia e de osmose, ou ainda de contraste e paradoxo".

«DL» - Eu diria que o fantástico está subjacente a toda a sua obra, quer na pintura, mesmo enquanto op, quer na fotografia. Nestas, atingiu uma tal maturidade que já não necessita de recorrer a montagens, colagens, etc.

"Bom, eu não considero que as fotografias actuais sejam superiores a muitas das que mostrei em 1979 na Galeria Quadrum, Estruturas, onde agrupei mais de duzentas fotografias 2 a 2, 3 a 3, ou 4 a 4, tentando mostrar que o acto de ver não é estático, e que se enriquece na relação de diversos aspectos complementares da mesma realidade. Se posteriormente enveredei por sobreposições de imagens

distintas no mesmo negativo, é porque essa procura - ainda não abandonada - correspondeu ao aprofundamento por meios fotográficos da pesquisa no Imaginário até aí efectuada no domínio da colagem. Concretamente, nas colagens do ciclo **O Museu Imaginário na Sociedade de Consumo**. Seja como for, estou plenamente de acordo que o fantástico é um aspecto importante na minha obra, exceptuando o período op e os desenhos

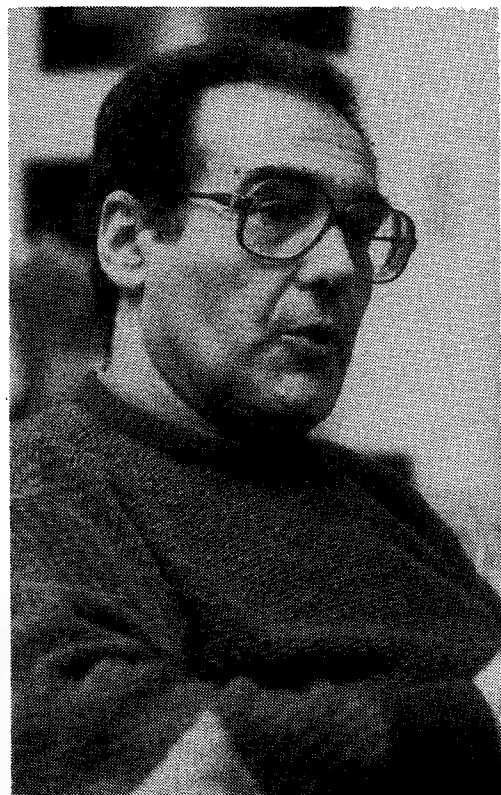


Foto Rui Vasco

gestuais que lhe são anteriores. Por essa razão, em 1986 fiz a exposição **Percursos no Fantástico**, na SNBA. Nela juntei pinturas e serigrafias de 73 a 75, colagens de 75 a 76 e fotografias dos anos 80, e no conjunto da exposição tomava-se consciência da existência na minha obra de um forte vector do fantástico. Nessa exposição revelava uma faceta mais onírica e espontânea, na qual o rigor geométrico deu lugar ao alietório na técnica, na composição e na livre associação de elementos antagónicos. Aliás esse lado alietório existe também nessas imagens sobrepostas por meios fotográficos, de que falei há pouco, que muita gente julga serem o resultado de um lento e paciente trabalho de laboratório, quando se passa precisamente o contrário. São imagens feitas com todo o risco de não correrem bem, à luz do dia, numa paisagem em frente da qual improviso as sobreposições com outras imagens, que arrasto comigo para o local".

«DL» - Esta exposição poderá servir como um alerta, não para a degradação do património, mas da degradação de uma memória.

"Mais do que mostrar espaços em ruínas, interessou-me extrair deles close-ups,



ps, nos quais um certo ambiente de degradação foi superado pelo sentido plástico das imagens. São fotografias tiradas a promenores de texturas de paredes, janelas, que desligadas de um determinado enquadramento arquitectónico poderiam ter sido captadas em qualquer edifício em ruínas. Tenho um grande fascínio pelo silêncio e pela melancolia que se sente em ruínas. Por outro lado, considero que existe um vector importante na minha obra que se apoia precisamente na destruição prévia de elementos visuais, para a partir desses fragmentos reconstruir e compor novas pinturas ou imagens. Aliás, a última exposição que fiz na Quadrum (1985), chamava-se precisamente **Paisagem: Re-Construção**. Nas fotografias que mostro na Diferença, não houve de facto esse objectivo de militância sobre a degradação do nosso património, porque para tal a exposição teria de ter um carácter didático, que obviamente nunca pretendeu ter. Porém, devo dizer-lhe que me tenho batido, e até em textos meus, pela defesa e conservação do património, e afinal eu próprio fui vítima o ano passado, da destruição de uma obra minha a que dava grande importância".

«DL» - Vamos então falar do caso...
"Trata-se da destruição das pinturas murais que organizavam plasticamente todas as fachadas do edifício da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, no Monte da Caparica, mandadas pintar a branco por cima, pela direcção da Faculdade, em Maio do ano passado. Não será demais lembrar que se tratava de uma obra projectada em 1979, no extinto Fundo de Fomento da Habitação, por mim e três colaboradores meus, que foi divulgada em duas revistas de arquitectura portuguesas e que se tornou conhecida internacionalmente através do livro americano **Public Art/New Directions**, livro muito bem documentado sobre obras de arte em espaços públicos, em diversos países. Vale a pena sobretudo recordar que a direcção da Faculdade afirmou publicamente, por mais de uma vez, que estaria pronta a rever a sua atitude se se provasse tratar-se de uma obra de arte... Ora, ainda em fase da destruição das pinturas a direcção da Faculdade teve conhecimento através dos meios de comunicação, que os murais tinham sido divulgados em Portugal e no estrangei-

ro. Ainda nessa fase inicial, o arquitecto Pedro Brandão, da Associação dos Arquitectos Portugueses, num noticiário da Rádio Comercial, referiu-se à atitude da Faculdade como inculta e de violação do Código do Direito de Autores. Pouco depois, o director da Faculdade recebeu cartas de protesto da SNBA, e da Associação Internacional dos Críticos de Arte (AICA). Mais adiante, o presidente da Sociedade Portuguesa de Autores criticou e meteu a ridículo no «JL» a artificiosa defesa pública elaborada pela Faculdade e pelo seu advogado. Também nessa altura foi tornado público um manifesto que reuniu assinaturas de mais de 250 pessoas de diversas profissões ligadas à cultura, nele se destacando muitas dezenas de colegas meus, numa surpreendente tomada de posição de classe, pouco vulgar no nosso meio, a que posteriormente viria a aderir o pintor espanhol Eduardo Arenillas na qualidade de presidente da Associação Internacional dos Artistas Plásticos. Perante o apoio de tantas entidades ligadas à cultura e às artes plásticas em particular, é caso para perguntar à Universidade Nova se ainda necessita de mais confirmações de que eram mesmo obras de arte as pinturas que tão levemente mandou destruir? E para quando a sua reconstrução com base no meu projecto? Seja como for, considero que esta tomada de artistas plásticos e de outras pessoas ligadas à cultura não significa apenas o repúdio pela destruição de uma obra minha. Creio que uns e outros terão compreendido que em Portugal, qualquer proprietário ou pessoa investida na administração de um edifício que não lhe pertença - como é o caso de uma universidade estatal - se poderá julgar com poder para ordenar a destruição ou alteração de uma obra de arte nele integrada, sem se sentir com quaisquer obrigações morais de o justificar, e muito menos de pedir autorização prévia ao seu autor, como o Código de Direito de Autores obriga. Penso que uns e outros, recearão que essa prática se torne coisa corrente no nosso País, tanto mais que o Estado e o Governo não defendem o património artístico actual. Bastará verificar-se que não foi tomada até agora qualquer atitude oficial de condenação da destruição dos murais da Universidade Nova, e muito menos o compromisso de repor a obra como ela era em 1979".

O VÔO AZIAGO O TEU OMBRO PARA A MINHA CABEÇA

- Mas são muitas fotografias, D. Mafalda!

- Ora muitas! Num instante se vêem todas. Tinha prometido que tas trazia...

Ambas iam sentadas frente a frente, junto à janela, a carruagem quase vazia, e o comboio de pequeno curso, muito certo no andamento, ia-se afastando de Lisboa a caminho de Sintra.

- Ora vejamos então a primeira fotografia... - disse Irene com um grama de ironia nos lábios, cruzando as pernas e debruçando-se para a frente.

Mafalda tinha já disposto as fotografias no regaço, à semelhança de um leque que se abrisse e mostrasse caras, braços, sorrisos, flores, olhos, garrafas de champagne, abraços, lampreias de ovos, fitas nos cabelos, um véu branco esvoaçando por aqui e por ali...

- Mas que animado casamento! - E Irene, ora pegando numa fotografia, ora pegando noutra, ia demorando a atenção, por breves instantes, nos diversos ângulos da festa.

- A noiva é linda - confessou. - Tem um pescoço alto, uma garganta leve, uma nuca muito fina... E que mãos, meu Deus!

Mafalda sentiu-se um tanto agastada:

- E do noivo, do meu filho, de Miguel, não dizes nada...? Ele não chegou a fazer-te a corte...?

Irene fixou-o: era o mesmo jovem alto,

desenvolto, ia-lhe bem o fato escuro, uma taça de espumante erguida numa das mãos. E recordou a sua voz: «Irene, o teu ombro para a minha cabeça...»

- Um brinde...? - perguntou Irene, segura, ignorando a insinuação de Mafalda e fazendo por afastar as suas lembranças.

Mafalda hesitou, olhando a foto uma, duas, três vezes. Confessou, por fim, que não se lembrava já. Tantos tinham sido os brindes, tantas as saudações, tanto os cumprimentos, que, francamente...

- Não se lembra, é...?

Mafalda tornou a hesitar, um tanto embaraçada, o casamento tinha sido precisamente a uma semana. Os noivos, naquele momento, seguiam em viagem de longo curso a caminho do Porto, terra dos sogros de Miguel. Disse:

- Talvez um qualquer entusiasmo...

- Enfim, digamos que um brinde ao futuro... - E Irene passou para outras fotografias, um tanto vaga, como se tivesse nas mãos um baralho de cartas quase sempre do mesmo naipe. Desde que começara a ver as fotografias (umas, três, cinco dúzias...), familiarizara-se já com todos os rostos, com os requintes da mesa, com todos os cantos e esquinas da festa. Dir-se-ia que procurava agora um Rei, um Príncipe-Valete, uma Dama de Alta Confidência. Mas nada... Mafalda notou-lhe um certo enfado, uma falta de curiosidade, uma lenta distração...

Perguntou:

- A noiva é um hino, disseste. E o noivo, o meu filho...?

Irene sorriu:

- Um encanto, D. Mafalda!

- Palavra...?

- Palavra!

- Sinceramente - lamentou-se Mafalda -, vê-se mesmo que nunca foi o homem dos teus sonhos...

Irene passou-lhe todas as fotografias - e disse, num tom meio sério, meio irónico:

- Vê-se bem que é seu filho único, D. Mafalda!

- Ah, querida, se o perdesse... Oxalá a

mulher que ele escolheu o faça...

Não chegou a concluir o voto que ia formular: o comboio de pequeno curso, a meio do trajecto, era agora um montão de ferros retorcidos. O sangue dos passageiros infiltrava-se pelo balastro da linha, havia um braço com pelos numa das travessas, pequenas coisas tombadas pelas bermas...

Quando os socorros chegaram, e removidas que foram as carruagens, um bombeiro exclamou:

- Olha aqui fotografias! E são de casamento... Ena, tantas! E todas estragadas, amachucadas, ensanguentadas...

De todas as fotografias, unicamente a

da noiva se mantinha impecável: um pescoço de cisne, uma garganta leve, uma nuca fina. O sangue cobria a do noivo, rasgada por um dos ferros retorcidos, e só a mão de Miguel, naquele momento em viagem de longo curso, erguia na foto uma taça de espumante ao passado alegre de uma semana atrás.

- Este tipo devia ser o noivo... - disse o mesmo bombeiro.

Um polícia interveio:

- Deixe de ser curioso, homem! Ponha a fotografia onde ela estava...

O bombeiro obedeceu e colocou a fotografia de onde a tinha levantado: no ombro morto de Irene.



A caridade está fora de moda. Dos tempos em que voluntárias senhoras faziam disso o seu «hobby» sobraram algumas coisas agradáveis. O simpático Salão de chá das vicentinas foi uma delas. Servem-se «scones» e chocolate quente. Fomos falar com as responsáveis pelo Salão. Têm saudades.

MEMÓRIAS DE DONA CARIDADE

«Por vezes digo nas reuniões da nossa conferência que tenho saudades do tempo em que fazíamos um trabalho social, mas depois começo a pensar que andar de um lado para o outro é uma canseira, e logo agora que já nem tenho *chauffeur*» desabafou a Dona Laura, que já lá vão 35 anos que é vicentina e que trabalha no famoso Salão de Chá da Casa da Nossa Senhora do Amparo, perto do Rato.

O Salão existe há mais de 20 anos. É um dos mais frequentados de Lisboa. Nasceu para financiar obras de caridade de um grupo de *vicentinas*, ligadas à hierarquia da igreja. Sobreviveu e tem a fama de ser um dos melhores. As empregadas são todas mulheres e na sua maioria idosas.

O Salão ainda estava vazio e pudemos aproveitar a calma para rever o passado da obra. Foi no Hospital Curry Cabral que começaram as suas actividades caritativas. Aí faziam refeições para os tuberculosos. Nos dias que calhavam à Dona Laura a refeição era de cozido e sopa de carne. «E eles comiam que não queira saber» diz. Chegava o natal e ofereciam-se xailes às senhoras, cigarros ou camisas de flanela ao homens e cantavam-se canções adequadas à quadra. «Era muito comovente» diz uma das responsáveis por esta Obra religiosa. Todos os domingos, durante muitos anos, o padre da obra rezava a missa no hospital, enquanto as senhoras da Casa da Nossa Senhora do Amparo se esforçavam para que mais gente fosse internada.

«O mais difícil era convencer os médicos. Casos que nós achávamos preocupantes eles achavam interessantes» explica a Dona Laura.

As vicentinas estão divididas em várias conferências e ligadas a diversas paróquias. Fizeram da caridade o seu *hobby*, mas os tempos são outros e os serviços sociais ultrapassaram-nas.

Mas as vicentinas da Casa da Nossa Senhora do Amparo não estão ligadas a nenhuma paróquia e nos velhos tempos ocupavam-se apenas de tuberculosos. No Hospital onde costumavam trabalhar a maioria dos doentes vinham do bairro da Curraleira e por isso abriram dois barracões naquela zona: num funcionava um infantário, onde trabalhavam mulheres humildes, e noutro elas aprendiam a costurar e bordar. «No início só sabiam juntar trapos mas depois já faziam fatos para passagens de modelos» conta a Dona Laura.

As máquinas de costurar, oferecidas pela Gulbenkian, eram permanentemente delapidadas por alguns habitantes do



bairro, mas o trabalho foi-se fazendo. Criaram-se equipas com o objectivo de arranjar empregos, de reconstruir barracas e de ajudar à recuperação de doentes. «O princípio da Obra foi muito bonito» afirma a Dona Mariazinha, funcionária do Salão há mais de 20 anos. As senhoras juntavam-se, iam às obras buscar madeiras, às paróquias pedir cimento, e assim ajudavam a fazer melhorias nas barracas já degradadas.

Depois a Dona Laura ia visitá-las: «elas sabiam que eu lá ia e tinham tudo muito limpo» conta-nos, acrescentando: «eu elogiava as mulheres quando tinham a casa bem arranjada, e só houve uma família que nunca consegui recuperar». Neste caso a história é simples: Laura Torres mandou fazer roupa interior e exterior para todos os membros da família. Contentes com a oferta da *vicentina*, aqueles habitantes do bairro da Curraleira nunca mais a tiraram.

E as duas senhoras continuaram a contar-nos histórias da Curraleira, desde as hortaliças que havia quem plantasse na banheira, até à família, que tendo vários quartos, insistia em dormir toda na cozinha. «São pessoas difíceis e com quem já não temos relacionamento» dizem, com uma certa saudade.

Uma das poucas coisas que sobra desses tempos é a casa de Caneças. Para aí

iam mulheres e homens em recuperação da tuberculose. Na casa dos homens havia uma grande quinta e na das mulheres ensinava-se costura, sendo as peças vendidas no natal. Quem ofereceu a casa foi um homem, que, ouvindo uma conferência do Padre David, o assistente espiritual da obra, se dirigiu a ele e lhe disse: «tenho duas casas em Caneças, estou em demanda com o tribunal, se ganhar dou-vos as casas». E assim foi.

Triste fim

A meio da conversa com as vicentinas abriram-se as portas do aconchegante salão de chá. Num ápice, a sala encheu-se de senhoras bem dispostas que falavam de linhagens, de apelidos e de férias em São Pedro de Moel. Também muitos jovens, estudantes quase todos. A Dona Mariazinha levantou-se do banco de madeira, pediu desculpas, mas tinha de ir servir às mesas. Começou então a dona Laura a contar-nos o declínio da Casa da Nossa Senhora do Amparo.

Dos tempos antigos restavam o Salão de chá e a *kermesse*, da rua de São Bento, e a casa de Caneças para as mulheres. Pouco antes do 25 de Abril houve um incêndio no bairro da Curraleira e estas vicentinas perderam o contacto com os seus protegidos. Depois foi a revolução.

As barracas não acabaram, mas passaram a existir pensões e segurança social. Os tuberculosos quase desapareceram, tal como as criadas, e das mais de 40 senhoras ligadas à obra ficaram seis. «Muitas aproveitaram para se reformar, outras, sem empregadas, deixaram de ter tempo» explica-nos Laura Torres. Os barracões do bairro da Curraleira mandou-os a câmara abaixo. As senhoras da Casa da Nossa Senhora do Amparo deixaram de ter a mesma aceitação: «faziam troça de nós e diziam que a igreja só praticava a caridadezinha» contam-nos e, por isso, aos poucos deixaram o trabalho social.

Nos tempos agitados do PREC continuaram a trabalhar no salão e dizem que uma vez lhes abriram a porta, e gritaram que o que estavam a precisar era de uma bomba.

Pois bem. Acabou a caridade. O salão de chá tem a UDP como vizinha, e eles «são muito amáveis». A numerosa clientela que têm chega para pagar às 24 funcionárias que são, quase todas, de origem humilde. O dinheiro que sobra vai para a casa de Caneças.

Os clientes também mudaram: «dantes eram senhoras pacatas, agora vem muita garotada do Liceu. São os netos de quem aqui vinha» disse-nos a Dona Mariazinha, que se sente melhor com os seus novos clientes, se bem que sejam «mais barulhentos».

Um dia, este já tradicional salão de chá, famoso pelos seus *scones* e chocolate quente, vai fechar. «Ficaremos aqui até aguentarmos, mas quando nos formos embora não há quem tome conta disto», dizem com uma certa tristeza. A Dona Laura tem saudades dos tempos em que trabalhava no hospital. O seu marido era director dos Hospitais Cívicos de Lisboa, ela era, e continua a ser, dona de casa. Aquele era o seu *hobby*. Queixa-se que as voluntárias «talvez por não terem andado no Liceu ou na faculdade, não sentem a obrigatoriedade de se comprometerem com uma coisa: se lhes apetece aparecem, caso contrário não vêm».

A Dona Mariazinha não é voluntária. Há 20 anos que é funcionária da casa. Viúva de um economista e dona de casa desde sempre, resolveu trabalhar para se entreter.

Quando acabou a entrevista tomámos o lanche. À nossa mesa sentou-se um grupo de senhoras já idosas. Animadas beberam chá e puseram as conversas em dia. Disseram que aquele era dos poucos salões onde se podia comer *scones*. Mas do passado do salão de chá das vicentinas nada sabiam.



Fotografias de Sérgio Maia

As imagens mais evidentes também podem ser misteriosas, perturbando-nos com a sua aparente simplicidade. Não se trata de escolher cenas espectaculares, nem de conservar os vestígios de um acontecimento imprevisto, mas de fixar a expressão matizada de um rosto, jogar com a luz, organizar uma imagem, trabalhar os cinzentos, contrastar os negros com os brancos, enfim, interrogar incessantemente a natureza, a essência, o fascínio da fotografia.



PERCURSOS

PERCURSOS



Fotomontagens de
Bárbara Cabral

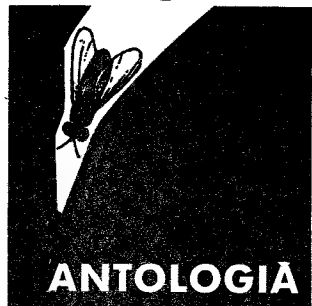




A mão está apoiada no braço da cadeira, uma mosca poisa nela e permanece, mínima. A mão não mexe. Ouve-se entre o pesado silêncio um som riscado, a intervalos, como se a cidade toda se concentrasse nesse raspar. O olhar poisa sobre as unhas da mão, depois desvia-se e vê o disco na velha grafonola: é a agulha que não passa, que recua eternamente ao mesmo ponto para de novo se enterrar no vinil. Ao lado, na mesa, está um copo meio cheio de água, e um charuto apagado jaz no cinzeiro. Os objectos mal se distinguem na penumbra, mas ainda assim adivinham-se as rugas da mão caída. Nada acontece, por longos momentos. Até que no recorte da porta, à direita, um rapaz entra, pára e observa. O canto da boca esboça um sorriso. Não se vê o homem que está sentado. O rapaz aproxima-se da sombra de onde emerge a mão, e leva uma almofada consigo. Ergue-a lentamente, até a empurrar para a frente com um gesto brusco. Só se percebe, no ar, um estranho baque, talvez um suspiro. Confirma-se: o verdadeiro movimento é interior, não se expõe. Suceder-se-ão as imagens, porventura, num galope de esgares e luzes, corpos e olhares. Tudo se mistura, tudo ganha sentido, supomos. A morte é uma explosão de acontecimentos, mas não o podemos saber ao certo. A mosca na mão, o charuto, a agulha que balança sobre o disco, permanecem mergulhados em absurdo.

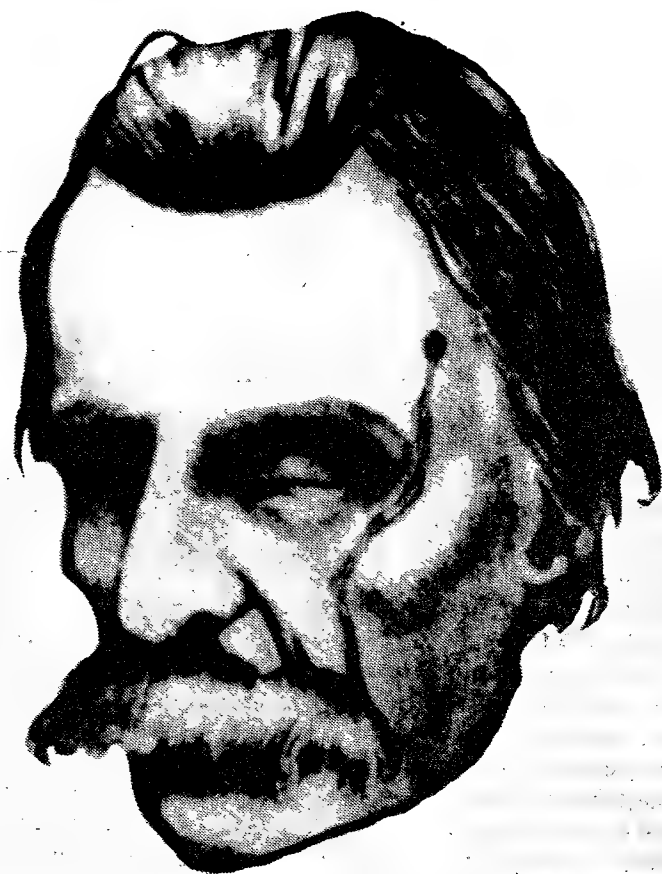
Rui Eduardo Paes





CAMILO
CASTELO BRANCO

CALISTO DE BARBUDA NO PARLAMENTO **VIRTUOSAS PARVOIÇADAS**



Camilo (desenho de Stuart de Carvalhais)

A estreia parlamentar de Calisto de Barbuda fez hiperbólico estrondo nos salões da aristocracia legitimista, que abriu suas portas ao esperançoso Berryer de Portugal.

Algum tempo se andou furtando o morgado às solicitadas apresentações. Impediam-no o natural acanhamento de provinciano, e o afecto entranhado aos seus clássicos, que lhe eram o deleite das horas feridas do dia, e dos serões do Inverno.

Como à força, fora ele uma noite ao teatro lírico, em companhia do abade de Estevães, que amava a música pelo muito amor que tinha à guitarra, delícias da sua mocidade, e consoladora da velhice, já saudosa do tempo em que o coração lhe gemia nos bordões do instrumento apaixonado.

Calisto inteirou-se do enredo da ópera, e assistiu em convulsões ao espectáculo, que era a Lucrécia Bórgia. Saiu da plateia frio de horror e protestou, em presença de Deus e do abade, nunca mais contribuir com oito tostões para a exposição das chagas asquerosas da humanidade. Rompeu-lhe então do imo peito esta exclamação sentida: Amici, noctem perdid! Melhor me fora estar lendo o meu Eurípides e Séneca, o trágico! Medeia não mata os filhos cantando, como a celerada Lucrécia! As devassidões postas em música dão bem a entender que geração esta é! Brinca-se com o crime, abafando-se os gemidos da humanidade com o estridor das trompas e dos zabumbas. É um tripúdio isto, amigo abade! Quem sai do seio da natureza rude, e de repente se acha à lavareda destes focos das grandes cidades, é que atina com a providencial filosofia destas tramóias de teatros!

Assanhou o abade de Estevães o azedume do fidalgo, dizendo-lhe que o Estado subsidiava o teatro de S. Carlos com vinte contos de réis anuais. Calisto fez pé atrás, e exclamou:

- Obstupui!... O abade zomba!... O Estado!... O meu colega disse o Estado!

- Sim, o tesouro... - confirmou o clérigo.

- A res pública? o dinheiro da Nação?

- Certamente: pois de quem há-de ser o dinheiro, senão da Nação?

- Pois eu e os meus constituintes estamos pagando para estas cantilenas do teatro de Lisboa!

- Vinte contos de réis.

Calisto Elói correu a mão pela fronte humedecida de suor cívico, e sentou-se nas escadas da Igreja de S. Roque, porque ao espanto, cólera e dor de alma seguiram-se cáibras nas pernas. Minutos depois, ergueu-se taciturno, despediu-se do abade, e foi para casa.

Os alvares da primeira manhã acharam-no passeando e declamando na estreita saleta do seu aposento. Via-se-lhe no rosto a palidez dos Fabrícios.

Às onze horas entrou na Câmara. Dir-se-ia que entrava Cícero a delatar a

conjuração de Catilina. Deu nos olhos dos seus três correligionários que entre si disseram:

- Calisto vai fazer alguma interpelação de grande alcance!

Acabava de sentar-se, quando um deputado do Porto se ergueu e disse:

- Sr. presidente. Muito a meu pesar, e talvez da Câmara, volto de novo a expender as razões já três vezes inutilmente expendidas sobre o dever e justiça com que o Porto reclama um subsídio para o seu teatro lírico. Sr. presidente...

- Peço a palavra! - bradou Calisto Elói, erguendo-se inteiriço e fulminante. - Peço a palavra!

O representante do Porto expendeu a quarta edição piorada das suas ideias

sobre o dever e justiça com que o teatro de S. João reclamava subsídio, e sentou-se.

- Tem a palavra o Sr. Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda - disse o presidente.

O morgado da Agra escorvou-se de rapé, trombeteou a pitada, e orou deste teor:

- Sr. presidente. Em Grécia e Roma as festas anuais eram solenizadas com espectáculos. Os cidadãos timbravam em se despendarem aforriadamente para o maior realce das representações teatrais. Na Grécia, o arconte epónimo, a cargo de quem o Estado delegava as despesas das representações, estimava o dispêndio de cada uma em dois talentos, 3250\$00 réis, pouco mais ou menos da nossa moeda. Este dispêndio faziam-no espontaneamente os ricos; e se era o tesouro nacional que adiantava as despesas, a concorrência convidava pelo preço diminutíssimo do theorikon ou entrada que correspondia ao vintém da nossa moeda. E de Péricles em diante, sr. presidente, tomou o Estado à sua conta o pagamento das entradas dos pobres. Entre os Romanos, eram os poderosos, como Lépido e Pompeu, e, ao diante, os imperadores, que sustentavam do seu bolsinho as representações teatrais. Os impérios opulentos, sr. presidente, os impérios que digeriam a substância do universo, os impérios que edificavam teatros para trinta mil espectadores, não impunham aos povos a obrigação de se privarem do necessário para o abrihantarem. Atenas ou Roma, com luxuosas superfluidades. Os serranos das províncias do Lácio não eram constrangidos a pagarem as delícias dos patrocínios romanos. Estes, sr. presidente, quando queriam divertir-se em espectáculos teatrais, pagavam-nos, e regalavam a gente pobre em vez de a obrigarem a entrar no erário com o estipêndio dos actores. (Sussuro e alguns «apoiados» provocados pelo sussurro).

Sr. presidente - continuou o orador, tomando rapé com a sofreguidão de quem teme que o raio inspirativo se



arrefente - sr. presidente! Eu tenho o desgosto de ter nascido num país em que o mestre-escola ganha cento e noventa réis por dia, e as cantarinas, segundo me dizem, ganham trinta e quarenta moedas por noite. Eu sou de um país, sr. presidente, em que se pede ao povo o subsídio literário para pagar com ele as tramóias da Lucrecia Borgia. Eu sou de um país pobríssimo em que a veia da Nação exangue sofre cada ano a sangria de algumas dúzias de contos para sustentar comediantes, farsistas, funâmbulos e dançarinas impúdicas! Sr. presidente, V. Ex.^a sorriu-se, vejo que a Câmara está sorrindo, e eu ousei dizer a V. Ex.^a e aos meus colegas, como o poeta mantuano: sunt lacrimae rerum. Aqui é o ponto de se carpirem por seus filhos aqueles que se cuidam muito avantajados em civilização a seus avós. Aqui é o ponto de nos lembrarmos dos Israelitas livres, que sorriam em Jerusalém, e choravam depois escravos às margens do rio estranho. Depois será o declamarmos com o épico:

Em Babilónia, sobre os rios, quando
De ti, Sião sagrada, nos lembramos,
Ali com grã saudade nos sentamos
O bem perdido, míseros, chorando.

Os instrumentos músicos deixando

Peço à Câmara que repare nos três versos que completam a quadra e a profecia:

Os instrumentos músicos deixando
Nos estranhos salgueiros pendurados

Hic, sr. presidente:

Quando aos cantares que já em ti cantamos

Nos estavam inimigos incitando.

Nos cantares, sr. presidente, é que bate o ponto do meu discurso. (Hilaridade, Sussuro nas galerias. O presidente tange a campainha).

O orador: - Sr. presidente! que me não queiram persuadir de que estou em casa de orates! Que é isto? Que bailar de ébrios é este em volta de Portugal moribundo? Como podem rir-se os enviados do povo, quando um enviado do povo exclama: Não tireis à Nação o que ela vos não pode dar, governos! Não espremais o úbere da vaca faminta, que ordenhareis sangue! Não queirais converter os clamores do povo em cantorias de teatro! Não vades pedir ao lavrador quebrado de trabalho os ratinhos das suas economias para regalos da capital, enquanto ele se priva do apesigo de uma sardinha, porque não tem uma pojeia com que comprá-la.

E vinte contos e trinta contos de subsídios que moralidade fomentam, que lâmpadas acendem nos altares da civilização? Eu peço à Câmara que leia atentamente o discurso teológico do padre Inácio de Camargo, lente no real colégio de Salamanca acerca dos teatros. Não menos fervorosamente

peço a V. Ex.^a e às Câmaras que leiam mas miríficas páginas do nosso oratoriano Manuel Bernardes sobre representações teatrais. O que são comédias? Responda por mim o eminente moralista e mais que todos vernaculíssimo escritor: «Os assuntos das comédias pela maior parte são impuros, cheios de lascivos amores, de galanteios profanos, de papéis amorosos, de rondas, passeios, músicas, dádivas, visitas, solicitações torpes, finezas loucas, empenhos desatinados, quimeras, empresas impossíveis, que as solicita ordinariamente um criado, uma mulher terceira, uma chave, um jardim, uma porta falsa, um descuido do pai, ou do irmão, ou do marido da dama e tudo isto costuma parar em uma comunicação desonesta, em um incesto, ou em um adultério, em que há muitos lances torpes, louvores lisonjeiros da formosura, expressões afectadas de amor, promessas de constância, competências de afectos, temores, ciúmes, suspeitas, sustos, desesperações, e em suma, uma gentilíca idolatria, ajustada pontualmente às infames leis de Vénus e Cupido, e aos torpes documentos de Ovídio no Livro De Arte amandi.

Vozes da galeria: Muito bem! Bravo! (Espirram as risadas de vários sujeitos. Gargalhada compacta).

O orador: - Sr. presidente! Eu irei contar aos povos que me aqui mandaram as gargalhadas com que fui

recebido no seio da representação nacional, porque ousei dizer que um país carregado de dívidas não instaura divertimentos atentatórios dos bons costumes com o dinheiro da Nação. Irei dizer aos meus constituintes que se desfaçam das arrecadas e cordões de suas mulheres e filhas, para enfeitarem as gargantas despeitoradas das Lucrecias Bórgias que custam quarenta libras por noite!...

Sr. presidente, nossos avós, os coevos de el-rei D. Manuel e D. João III, tiveram teatros. Era no tempo em que as frota da Índia rompiam Tejo acima carregadas de ouro. O Plauto português deliciava os paços dos reis, e os pátios e tabladros do povo. Quando se abriu o erário para locupletar o alto engenho de Gil Vicente? Quando foi necessário ir fora em cata de gritadores que vendem tão caro o ar dos pulmões vibrado no mecanismo da garganta?

Uma voz: - Fez-se a civilização depois.

O orador: - E a pobreza também. A civilização que canta e dança, enquanto três partes do País choram. A civilização dos civilizados que dizem: Coronemus nos rosas antequam marcessant. A civilização do perdulário irrisório, que traja de luzente lemiste no exterior, e aconchega da pele uma camisa surrada e fétida. Magnífica civilização! Não sei de selvagens que no-la possam invejar, queiram cambiar connosco a sua selvaticueza!

cont. na pág. 20



Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro



CAMILO
CASTELO BRANCO



cont. da pág. 19

Sr. presidente, gozem nas boas horas os sátrapas da capital os deleites da sua civilização teatral. Despendam-se, arruinem-se, doudejem com essas ficções e visualidades, que relembram factos de alto escândalo que não deviam ser vistos à luz da civilização, que o meu ilustre colega preconiza. Se gostam, não serei eu, homem de outros

tempos e gostos, quem lhes impugne a racionalidade de seus passatempos. O que eu requeiro, em nome da justiça e da pobreza do País, é que se não sisem os povos provinciais para manutenção dos divertimentos de Lisboa. O que eu contesto é o direito de me fazerem pagar a mim e aos meus vizinhos as notas garganteadas dos ganha-pães que não têm na sua terra ofício honesto em que vivam com seriedade e utilidade comum. O que eu sobretudo lamento, sr. presidente, é o silêncio desaprovador dos meus colegas. Sou eu só: serei eu só o vencido. Não importa! Victis honus! As pequenas coisas tratam-nas os pequenos: Parvum parva decent. Eu abro mão das glórias prometidas ao nobre colega que, pouco há, pediu subsídio para o teatro do Porto. Dêem-lho. Desenrolem a onda aurífera do Pactolo do nosso tesouro até Braga. Quem pede subsídio para o teatro bracarense? A equidade reclama-o. O meu círculo também quer um teatro. Teatro e subsídio para todo o lugarejo onde morar um contribuinte. Estamos em vida fictícia como país independente. Somos como o sapateiro que se veste de príncipe no Entrudo. Pois bem! Comédia geral! Seja Portugal um teatro desde Monção ao cabo da Roca! Peço uma companhia italiana para a minha terra. Os meus



Camilo (água-forte de Abel Salazar)



A Queda de um Anjo pelo Grupo de Campolide

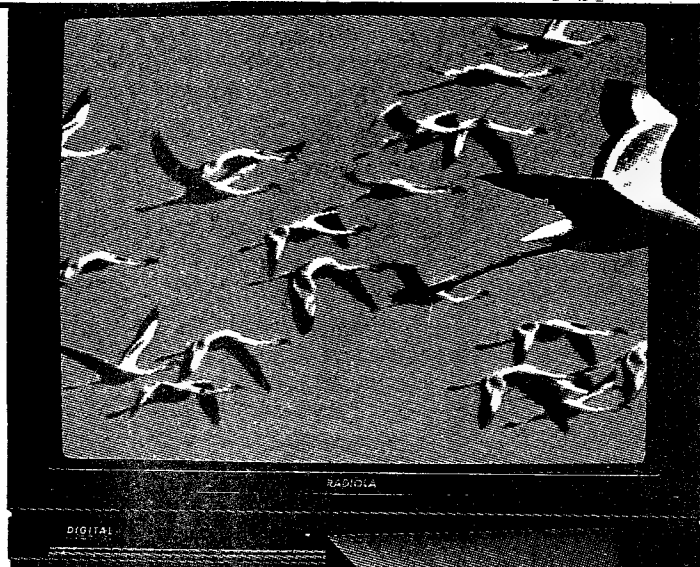
constituintes querem provar o sabor das delícias que têm estipendiadas em Lisboa. Se eu não posso, sr. presidente, levar-lhes a boa nova de que vão ter estradas que os liguem à sua nação, seja-me permitida a glória de lhes levar a Lucrécia Bórgia, a incestuosa e envenenadora Lucrécia que os há-de edificar e converter à civilização. Disse.

Algumas vozes por entre frouxos de riso: Muito bem! Bravíssimo!

Eram as ironias dos sublimes engenhos, que, às vezes, não sabem como hão-de havê-las com espíritos selváticos do desplante montesinho de Calisto de Barbuda.

(De A Queda de um Anjo)

COMUNICAR



NOVO PLANO DE IMAGEM NOVO ESPAÇO DE SOM

Com Radiola, ver televisão é mais do que olhar para o ecran. É entrar num novo espaço de imagem, mais real e envolvente. É vibrar com um novo plano de som, mais puro, mais presente. Radiola, um espectáculo constante.



CONSÓRCIO RÁDIO ELÉCTRICO LDA
Av. da Liberdade, 211 — 2.º Esq. 1200 LISBOA



RADIOLA
TELEVISÃO · VIDEO



Maria João Martins

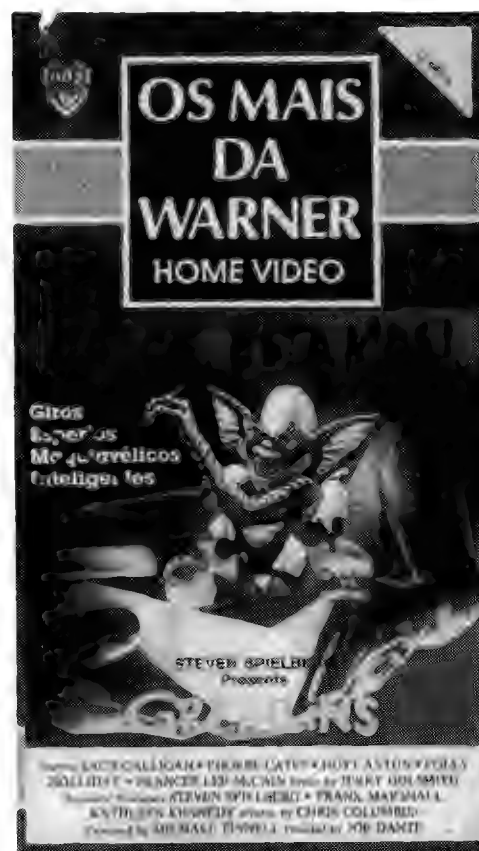
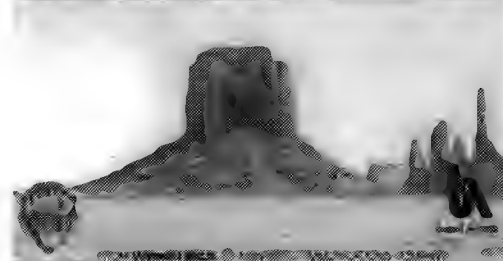
Vida Nova

Realizado em 1939 pelo inesquecível Michael Curtiz, o autor de «Casablanca», «Vida Nova» é um produto típico dos melhores anos de Hollywood. 39 foi, por exemplo, o ano em que Victor Fleming, devidamente acompanhado por Cukor e outros autores da mesma deslumbrante igualha, nos brindou com fitas do calibre de um «E Tudo o Vento Levou» e de um «Feiticeiro do Oz». É evidente que Curtiz não é um mestre do «western», sentindo-se muito mais à vontade no cinema de aventuras, género em que nos ofereceu filmes como «O Gavião dos Mares» e «Missão para Moscovo», película que, rodada em plena Segunda Guerra Mundial, lhe viria a causar diversos problemas quando as investigações da Comissão de Actividades Anti-americanas se abateu sobre Hollywood. Sem ser um grande filme, «Vida Nova» conta, no entanto, com todas as coisas que foram importantes no cinema da época; um «cast» de luxo que tem nos principais papéis Olivia de Havilland e Errol Flynn, belo e heróico como só ele sabia ser.

«Dodge City». Realização: Michael Curtiz. (E.U.A- 1939). Intérpretes: Errol Flynn, Olivia de Havilland, Ann Sheridan, Bruce Cabot. Cor. 90 minutos. Western. Para maiores de 12 anos. Música de Max Steiner. Edição Kodak/ Warner Home Vídeo. Venda directa.

007 - Missão ultra-secreta

Rodado em 1981, sob a direcção de John Glenn, habitual nesta já (demasiado) longa série de filmes, «007- Missão Ultra-Secreta», tem a seu desfavor a presença de um Roger Moore já avô, que, ao contrário do vinho do Porto, quanto mais velho pior. A aventura narrada nada tem de inovador. Um casal inglês é assassinado



ao largo da costa greco-albanesa e James Bond tem de investigar o porquê do acontecimento.

«For your eyes only». Realização: John Glenn. (E.U.A- 1981). Intérpretes: Roger Moore, Carole Bouquet, Topol, Lynn-Holly Johnson. Cor. 127 minutos. Aventura. Para maiores de 13 anos. Música de Bill Conti. Edição Kodak/Warner Home Vídeo. Venda directa.

Bozo (volume 2)

É uma «cassete» dedicada ao público infantil, que tão esquecido tem sido do mercado videográfico. Nela se reúnem seis divertidas histórias do palhaço Bozo, o desenho animado que a RTP preferiu até à descoberta das «virtualidades» japonesas.

«Bozo». Realização: Tom Baron. (França-s.d). Cor. 78 minutos. Música de Charles Shows. Para todos. Edição Prisvideo.

Gremlins o pequeno monstro

Sob a batuta produtiva de Steven Spielberg, «Gremlins» é um filme assinalado pela magia e pelo encantamento que os efeitos especiais, quando bem geridos, sabem proporcionar. A história resume-se, todavia, em poucas linhas: Billy Peltzer fica com um pequeno animal de estimação, mas recomendam-lhe que não o molhe e que o afaste da luz forte. Porque será?

«Gremlins». Realização: Joe Dante. (E.U.A - 1985). Intérpretes: Zach Galligan, Phoebe Cates, Hoyt Axton. Cor. 102 minutos. Comédia. Para maiores de 12 anos. Música de Jerry Goldsmith. Edição Kodak/Warner Home Vídeo. Venda directa.

CLUBES DE VIDEO



ALUGUERES DESDE

100.00

NOVO CLUB

Loja 1 — Rua Barão de Sabrosa, 78-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 2 — Rua Barão de Sabrosa, 35-A • Tel.: 83 83 03 • LISBOA
Loja 3 — Cç. do Monte (à Graça) • Tel.: 87 82 78 • LISBOA
Loja 4 — Av. Madrid, 14-B (ao Areeiro) • LISBOA
Loja 5 — R. José Galhardo, 7-A (Quinta do Lambert) • LISBOA
Loja 6 — Rua Nova • Pederneira • NAZARÉ
NOVO CLUB Loja 7 — R. Aldolfo Coelho, 12 • Tel.: 82 12 42 (Alto S. João) • LISBOA

FILMES DA SEMANA

- Assalto ao Arranha-Céus
- Roger Rabbit
- William na Terra da Magia
- Cocktail
- A Última Tentação de Cristo
- Águia de Ferro II
- Nico, à Margem da Lei

SISTEMA INÉDITO • SEM JÓIA • 4.^{AS} FEIRAS 1 ALUGUER GRÁTIS

Texto de
Jorge Lima Barreto

Esta semana «Músicas Oblíquas» está de folga. O conteúdo do que se segue, no entanto vai dar ao mesmo. É o mais completo estudo da música de Carlos Zíngaro feito em Portugal: emprestamos-lhe o espaço mas depois voltaremos...

A ESTÉTICA MUSICAL DE CARLOS ZÍNGARO

I. O Músico e a Música de Hoje

A obra de Carlos Zíngaro, expressa por uma biografia animada e rica, é um significativo notável das problemáticas da música dos nossos dias.

Se em pintura - sirva de exemplo -, a estética abriu possibilidades a pintores gestuais como Pollock, ao tachismo de Tapiés ou ao minimalismo radical em Klein, libertando a Arte do vínculo darwiniano que cristalizava formas e pragmatismos, dogmas e tecnicismos, nas escolas e nas academias, também vigorando como sistema unívoco entre o pintor e o público, em Música nós constatamos a tirania do formalismo, a exclusiva valorização de uma música de génese europeia, a exaltação da métrica e da notação ocidentais, o obsoleto elitismo dos instrumentos que na volta do século já estavam devidamente catalogados, bem como as suas técnicas de uso e a previsibilidade do seu discurso.

Não obstante a ideologia dominante e os seus aparelhos burocráticos musicais, sob a tutela dos Estados e das instituições, este século tem sido uma constante metamorfose musical. Desde a electricidade à electrónica e à computação que a música avança para outras vivências, e fá-lo subversivamente; também os conceitos, as experiências, a improvisação se têm concretizado nos mais diversos ideótipos, a tal ponto que só podemos considerar verdadeiramente um grande criador musical pela diferença, pela originalidade, pelo seu pensamento progressista, como numa revolução permanente. O que se verifica é que o conceito de «moderno», classicista, hierarquizador, domina ainda o campo estético numa época pós-moderna, de música interactiva.

Carlos Zíngaro começou, como é vulgar, por uma dupla actividade de aprendizagem académica e de práticas livres correlativas à música pop e depois ao jazz. Inicialmente, o seu discurso consistia em elaborações sintéticas e dedutivas a partir de situações axiomáticas definidas nestas várias tipologias: desde o princípio que a multiplicidade dos saberes convergiu num estilo em que se mantinham vivas as forças da intuição, o calor da emocionalidade, o rasgo aventureiro da improvisação.

O seu vocabulário de solista de violino, instrumento que elegeu como preferência, reflecte uma interpenetração de valores universais da música contempo-



rânea e de efúgios tecnomusicais, com aportes estritamente subjectivos, que viariam a marcar definitivamente o seu próprio estilo. Zíngaro, nos anos 70, fugiu à frieza da estética britânica, atonalista, à espectacularidade tendencialmente jazz-rock de Jerry Goodman, Sugarcane, Ponty, ao estereótipo «bluesy» do academismo jazzístico, e fecundamente os incluiu como sublinguagens ou elementos subsidiários de uma fenomenologia que progressivamente desenhava a sua autonomia musical.

Mas o valor de Zíngaro não se limita ao seu papel de solista, executante ou intérprete, e com a criação dos Plexus ele pretendeu um laboratório de música improvisada e concretizou os pontos de vista de uma composição polimórfica, pós-moderna e vagamente conotável com o jazz de vanguarda. No III Manifesto da Associação de Música Conceptual (1970, subscrito pelo violinista e pelo autor deste texto) dizia-se: «Um concerto não é uma actividade totalmente prevista e oferecida como acabada - existe apenas durante a sua concepção... é a diferença entre a arte informal e a arte antiformalista.» Esta militância musical seria axial das suas atitudes e das suas concepções futuras.

A sua vida musical consta de interven-

ções em concertos internacionais por todo o hemisfério Norte e junto dos nomes mais significativos da nova música. Zíngaro, tendo participado em alguns dos maiores festivais mundiais de nova música improvisada, electro-acústica, jazz e música popular, especialmente a portuguesa, pôde observar nos bastidores conceptuais, instrumentais, humanísticos, os maiores músicos destas tipologias. Como experimentado viajante, fixado em Portugal, conviveu com músicas indígenas de teor tecnológico diversificado, clássico, tradicional, popular, ou de vanguarda. Tesouros da sua memória musical. A reminiscência: fonograções, os sons do quotidiano.

II. O Solista

Como se apurou, o estilo de Zíngaro é polissémico, ou seja, consiste na manipulação de diversos conceitos e sentidos musicais, de inúmeras abordagens tipológicas, numa atenção profunda à estética do momento. A sua música existe como um «texto» na acepção que Barthes tinha da palavra «texto»: discurso plural, não hierarquizado e que pode ser experimentado. Desde a pop music ao minimalismo e às representações conceptuais, o violino de Zíngaro é fragmentário, com o carácter esquivo do artefacto cultural.

O imperfeito e o incompleto são noções descabidas para a sua análise, já que vive num conflito, nunca superado, de formas para lá dos catálogos, das classificações ou das taxinomias. Inclui formas maiores (jazz, modalismo, tonalismo) mass dissipadas por fluxos inventivos e descentralizadores. Como tal é apátrida - não se vincula a evolucionismos ou escolas nacionais.

O componente dramático, mais que inspirado no teatro musical, vai à filosofia da «cantora careca» de Ionesco, ao teatro do absurdo, ou às narrativas do realismo fantástico, como leitor habituado. As influências directas e detectáveis não são forças centrípetas que arrementam o discurso na imitação ou na repetição de fórmulas, mas apenas intensidades, mesmo paroxismos linguísticos, polarizados desde Grapelli, Stuff Smith, Ray Nance, J.-L. Ponty, Galasso, Billy Bang, Blake, David Cross, J. Cale, Fred Frith, e também memórias recursivas de vanguardistas, de uma desagregação de escolas ou de hermetismos superiores dos grandes violinistas clássicos, ou executantes etno de cordofones.

Mas todas estas influências citadas são como alegorias do discurso, porque Bailey, Evan Parker, Roger Turner, Teitelbaum, Tom Cora, Toshinori Kondo, Braxton, Kent Carter são influências vividas. A assíntaxe e a pluralidade impedem qualquer filiação de génese e o violino é então um instrumento próprio para experiências, campo fértil (e absurdo) de procura de novas sonoridades, explorações tímbricas e fraseológicas, da electrónica «live». Sendo assim, o estilo do violinista abre-se aos sentidos metafóricos daqueles que acompanha como Teitelbaum, Lacy, Centazzo ou Leandre, em mimetismos explícitos destes mundos musicais tão particulares.

Trabalha o violino acusticamente ou conecta-o com uma parafernália electrónica que conspicuamente transforma o enunciado, o gesto, a linguagem instrumental em si. Um estilo que vai contra a continuidade dos estilos e contra a submissão das influências. A música de Zíngaro é aberta e, nesta óptica, anti-convenção, aderente ao «momento» (como Stockhausen o definiu) derivado da improvisação, do sortilégio composicional e da interacção. Afluências no devir da improvisação de motivos melódicos ou figuras rítmicas.

cas das músicas popular (maxime: a portuguesa) e etnográfica, especial referência a África, onde temporariamente viveu, ou ao jazz de vanguarda. Toda a música que usa microfone ou amplificador é electro-acústica, e assim o campo da electrónica «live» em Carlos Zíngaro é uma hibridação resultante da capilaridade eléctrica entre o violino acústico e os dispositivos electrónicos.

A electrónica (sintetização, sampling) permitiu-lhe o acesso a uma paleta orquestral e instrumental e à inclusão de sons concretos e electrónicos puros. Especial referência à sua relação com Teitelbaum, talvez a mais valiosa até hoje.

III. O Intérprete

Intérprete é aquele músico que executa a obra escrita ou codificada por outro músico, o compositor. No mundo das hibridações estilísticas e tipológicas da música de hoje, a interpretação sofre profundas alterações de sentido e ganhou foros de grande independência. Ao interpretar, Zíngaro não reduplica o discurso mas cria preferencialmente um método de análise e leitura do cado composicional escrito ou oral. Uma enorme versatilidade que o leva a tocar com músicos tão díspares como George Lewis ou Max Eastley, Centazzo ou Barre Phillips, Derek Bailey ou Braxton, Daunik Lazro...

A simulação, a citação, o pastiche, imbricados numa rede intertextual, já que o seu trabalho tem sido desenvolvido junto de compositores-intérpretes, raramente inserido na interpretação pura e fria de uma notação unívoca. Os signos acumulam-se, descentram-se do denotatum escrito num processo de expansão/desconstrução, até à atonalidade.

O carácter melódico-harmónico é uma superfície indelevelmente conjugada com a simbologia escrita. Uma mimese interna marca este jogo à deriva, como disse Derrida: «O prazer como causa da mimesis é o prazer de saber, de aprender pela semelhança, o reconhecimento do mesmo.» A dicotomia da repetição (do que se escreveu, da notação) e da originalidade, que é uma reflexão espontânea surgindo no devir da execução. Por isto mesmo, pela sua capacidade sui generis de leitura musical, Zíngaro é solicitado por tão importantes nomes da nova música.

Se por vezes atinge momentos críticos de concentração e introversão, outras declina para o humor, referencial sonoro da sua satírica banda desenhada (tragicómica).

IV. O Compositor

A sua actividade de compositor-intérprete distorce também os conceitos vigentes de composição. Na acepção moderna do termo «composição», seria um dictatum escrito numa codificação universal de gestos e posturas previamente definidas para um ou vários intérpretes.

Ora, o pluralismo da estética pós-moderna é contra o sentido das leis imutáveis, caracteriza-o a indeterminação, a ambiguidade, a interpelação técnica que o intérprete pode fazer da composição. O improvisador executa, o intérprete lê.

Os avanços na técnica electrónica (Midi, PCL, automatismos de vária ordem, como harpejos e sequências, módulos e sistemas), que dentro do próprio discurso do compositor autorizam isomorfismos, expressividades artificiais... O uso do computador no compositor Carlos Zíngaro não estipula uma práxis definidora de um acto único, antess pressupõe uma série de operações lógicas, que arbitrariamente são eleitas pelo intérprete (ele mesmo, os Plexus ou outros músicos que aceitem a sua proposta como compositor).

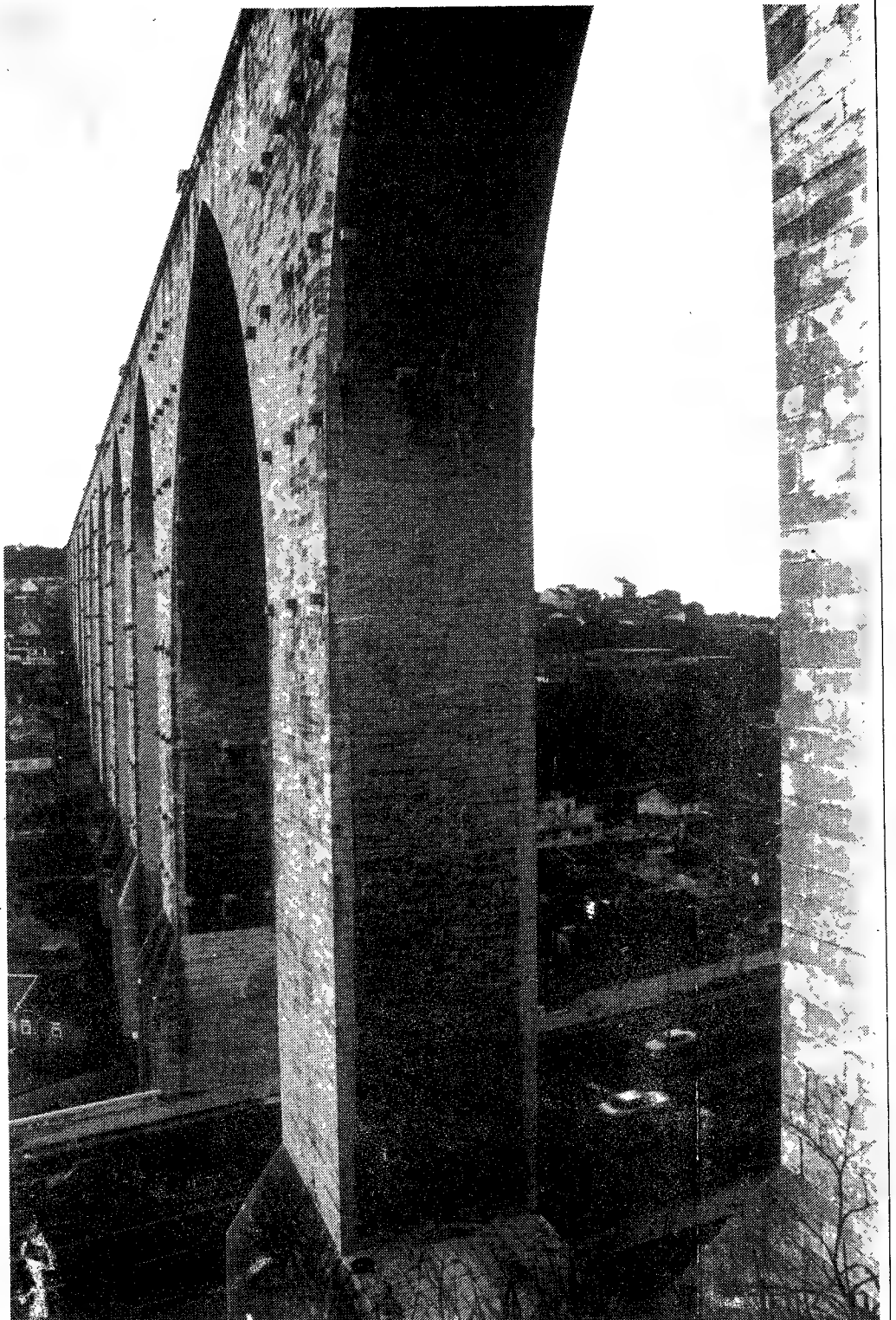
Os velhos avatares do autêntico, do perfeito, do histórico (como correntemente funcionam na musicologia do jazz, da electrónica, do minimalismo, entre outros) perdem o sentido numa composição-mosaico. Elementos diversificados e fracturados, incursões tonais, etnomusicais, modais, abstrações electrónicas, dão na circularidade viva que vai do extremo subjectivismo do intérprete à interdisciplinaridade das sínteses musicais possíveis no computador. Uma musicografia mista de escrita tradicional em pentagrama e o feérico das operações lógicas no computador. Este é, aliás, um princípio de interacção musical.

As estruturas axiomáticas dos programas computacionais são manufacturadas em simbiose com as mais simples formas de notação convencional, irradiando semiologias da nova música improvisada. Como a sua composição é polissémica, também facilmente tem o dom da plasticidade e da adaptabilidade aos contextos mais tipificados (caso dos seus «fundos sonoros», aderentes ao formalismo minimalista, ou das suas colagens inspiradas na pop art, tal como na sua arte gráfica e nos seus desenhos...).

A funcionalização constante que a sua composição sofre (teatro, dança, cinema, performance, instalação) faz com que a composição seja tão somente um processo útil à erupção da linguagem, moldado pelo sensual e pelo energético, ou pelo gongorismo de um ritual do instante. A composição é sujeita durante a execução aos incidentes da improvisação e da liberdade interpretativa, autoconsome-se na performance musical.

V. O Discurso

Música aberta em que o experimentalismo do violinista goza com os isomorfismos (homomelodias, homoritmias) ou com derivações insuspeitadas, sem horizontes definidores, numa liberdade estética cujos limites são as contingências da inteligibilidade do discurso, interacção. Carlos Zíngaro é assim um paradigma da nova música.



FOTOGRAFIA DA SEMANA
GIL TEIXEIRA

DEAMBUAÇÕES II

A cidade grunhe, incuba-se, a sua pele apodrece e é renovada mas certos acontecimentos não apreendem pela sua inconspícua e marcante Permanência.

CARTAZ DA MÚSICA

LISBOA

Aula Magna

Alameda da Universidade (Campo Grande)

Dia 19, pelas 21.30h — Concerto pela **Orquestra Gulbenkian** sob direcção de **Max Rabinovitsj**, com a pianista **Elizabeth Allen**. Obras de Chostakovitch, Chopin e Haydn.

Dia 20, concerto pela **Orquestra do Porto** sob direcção do maestro **Jan Krenz**, com **Hallan Rosengren** (clarinete). Obras de Mozart. **Fundação Gulbenkian**

Av. de Berna, 45
Telef. 735131

Dia 19, pelas 18.30h — **Trio Uitti, Sperry, de Haas** com **Frances-Marie Uitti** (violoncelo), **Harry Sperry** (clarinete baixo), **(Polo de Haas)** (piano). Obras de W. Rihm (Chiffre IV), J. Straesser (Intersections V-3), S. Bainbridge (Trio; M. Jarrel Nova obra em estreia mundial), F. Donatoni (Soft para clarinete solo), T. Bruynel (Toccata para piano solo), J. Harvey (Curve with plateau para violoncelo solo).

Dia 22, pelas 18.30h — **Esther P. Georgie** (clarinete) e **Nigel Clayton** (piano) interpretam peças de Finzi (Prelúdio, coral e fuguetta), Brahms (Sonata para piano e clarinete em fá menor, op. 120 n.º 1), Françaix (Tema com variações), J. Ireland (Fantasy sonata).

Dia 23, pelas 18.30h — Recital de piano por **Jorg Demus**, Concerto de Homenagem a César Franck no 100.º Aniversário da sua morte. Dia 25, pelas 21.30h — Concerto pela **Orquestra Gulbenkian** sob direcção do maestro **Claudio Sci-mone**, com **Richard Stoltzman** (clarinete). Obras de Weber (Der Frischut, abertura da ópera); Concerto n.º 2 para clarinete e orquestra em mi bemol maior, op. 74), Bizet (Sinfonia em dó maior), Ravel (Isabel Rainha de Turca da ópera).

maior), Ravel (Isabel Rainha de Turca da ópera).

Palácio da Ajuda

Dia 21, pelas 18.00h — concerto pela **Orquestra de Câmara de Folia**. Direcção de **Manuel Graça Moura**. Produção Acarte.

Sé Patriarcal

Dia 21, pelas 16.00 — Recital de órgão por **António Duarte**. Peças de A. Carreira (Fantasia a quatro do 8.º tom), S. Durón (Gaitilla de mano izquierda), Correa de Arauxo (Tiento de medio registro de tiple de 4.º tono), Jiménez (Batalla de 6.º tono); Buxtehude (Prelúdio e fuga em ré maior, Buxw 139); Ciacona em mi menor, Buxw 160), J.S. Bach (dois prelúdios corais; Toccata, adagio e fuga em dó maior, BWV 564), J. Langlais (Hino de Ação de Graças, op. 5 n.º 3).

Teatro de S. Carlos

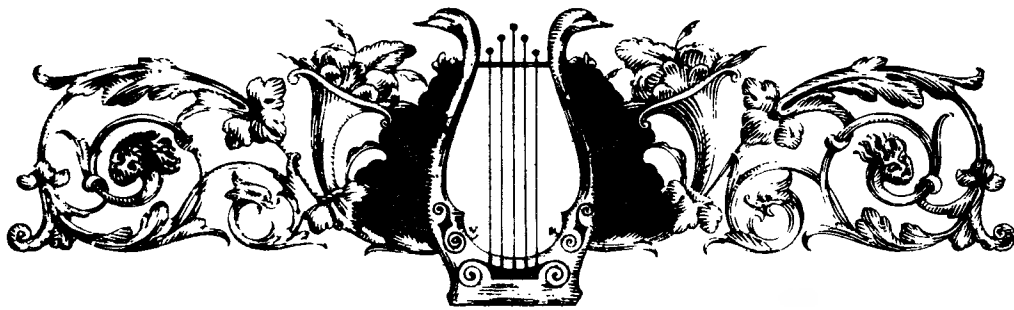
Largo de S. Carlos

Telef. 3465914

Dias 19, 23 e 25 às 20.30, e dia 21 às 16.00h — «Gli Orazi e i Curiazi», ópera de **Domenico Cimarosa**, direcção musical de **Alan Curtis**, encenação de **João Perry**, cenografia de **Manuel Reis**, figurinos de **Manuela Gonçalves**. Elenco: **Anna Caterina Antonacci**, **Helena Vieira**, **Elvira Ferreira**, **Lia Altavilla**, **Carlos Guilherme**, **António Silva** e **José Far-dilha**.

Salão Nobre

«Perspectivas da Música de Câmara» — Concertos Vocais, dia 24, pelas 18.30h **Elsa Saque** (soprano) e **Armando Vidal** (piano). Obras de Luís de Freitas Branco.



OS SONS À NOSSA PROCURA

ANA MAFALDA CORREIA

HELENA LIMA

O ENSINO DO NOSSO DESCONTENTAMENTO

Imagine-se que não estamos em Portugal. Imagine-se então que desde o primeiro ensino, a par do «b-a-ba», é permitido às crianças desenvolverem as suas capacidades criativas e expressivas através da pintura, do movimento corporal e da música. Em relação a esta última, imagine-se de facto que as crianças, desde a pré-primária, são alertadas para o universo sonoro que as rodeia, são levadas a **ouvir** e a **trabalhar** com os sons, familiarizando-se com a sua presença de um modo consciente e criativo. Imagine-se que este ensino se prolonga durante toda a escolaridade obrigatória, digamos até ao 9.º ano, altura a partir da qual se escolhe uma via profissional, desenvolvendo-se assim a sensibilidade dos jovens durante a adolescência, período crucial na sua formação. Já na antiguidade Grega, Platão atribuía um valor primordial à música na formação dos jovens: «O Jovem, a quem a educação musical é dada como convém, sente muito vivamente a imperfeição e a fealdade (...) Louva as coisas belas, recebe-as alegremente na alma, para fazer delas o seu alimento, e tornar-se assim nobre e bom;»

Mas estamos de facto em Portugal, e a realidade é bem diferente.

Se actualmente já ninguém põe em causa que a educação física e a educação visual parte do «currículo» de um estudante, assim não acontece em relação à música. — O quê? Formar músicos na escolaridade normal? É claro que não! O lugar do ensino específico da música é nos conservatórios, nas academias. Mas é essencial desenvolver as capacidades expressivas do indivíduo, formar auditores, abrindo assim campos musicais que tradicionalmente só são acessíveis a «elites». A Educação Física e Visual, integrada no ensino normal, não formam igualmente desportistas profissionais, nem pintores ou escultores, mas desenvolvem capacidades e interesses fundamentais à formação geral do indivíduo. Desde que ingressa no ensino pré-primário, e também em casa, com a família, a criança é levada a usar como meios de expressão o lápis de cor, as tintas e os pincéis. Todos os pais gostam de mostrar os desenhos que o filho já consegue fazer, tendo consciência da enorme importância que estas actividades têm no seu desenvolvimento tanto ao nível motor, sensorial e intelectual. Também a educação física já adquiriu um estatuto próprio no ensino, sobretudo a partir de 74, altura em que sofreu um grande impulso. — «Mente sã em corpo são».

Verificamos assim a necessidade da existência, também ao nível musical de disciplinas que permitam o desenvolvimento do nosso sentido auditivo, normalmente tão pouco tido em conta. De facto a educação do ouvido começa no útero materno. Várias experiências têm demonstrado que a criança em gestação é sensível aos sons recebidos pela mãe; conforme esses sons lhe produzam prazer ou desagrado, são transmitidos à criança sensações mais tarde associadas aos sons. Se a mãe estiver desperta para os fenómenos musicais, haverá uma maior predisposição por parte da criança para a eles se mostrar receptiva.

É pois imperativo que a formação musical seja uma matéria obrigatória nos «currículos» dos jovens. A diversidade e complexidade

da vida moderna exige cada vez mais um melhor apetrechamento cultural e técnico do indivíduo, devendo a formação escolar satisfazer minimamente tais exigências. No entanto, e em vez disso, continuamos limitados a dois anos de «educação musical» no Ciclo Preparatório, durante os quais nem sempre é fácil despertar o interesse dos alunos, não só pela sua falta de bases (até aos 9/10 anos não tiveram qualquer formação, a esta idade não é a ideal para se fazer uma iniciação musical), mas também pela inexistência de um programa consistente e bem direccionado, factores aos quais se junta o modo depreciativo como a disciplina é vista. Se em alguns colégios a formação musical é parte integrante da formação geral, logo desde a pré-primária, na maioria dos casos ela é inexistente. E de que servem dois anos de música, mesmo que tenham sido proveitosos, se não existir uma continuação? Que se pretende de facto com esse ensino? Ensinar umas canções que depois os meninos «muito bonitinhos» e «muito (des)afinadinhos» cantam no final do ano lectivo? Descobrir aqueles que têm «jeitinho»? E para quê? Por certo ninguém pensará que em dois anos é possível educar minimamente um jovem, sobretudo se ele não tiver uma preparação prévia. Porque é por volta dos 2/3 anos que se deve iniciar musicalmente a criança visto ser nessa idade que ela começa a tomar contacto de um modo mais activo com o mundo que a rodeia, fazendo um enorme apelo a todos os seus sentidos. A música tem que ser vivida fisicamente para ser interiorizada. O ritmo, por exemplo, é um fenómeno físico de movimento; a música não é somente um exercício mental. Na Hungria, graças a um programa verdadeiramente eficaz, Kodaly, no início do

século, inventou um método de ensino da música permitindo a toda a população uma iniciação ao canto coral desde a mais tenra idade. Assim conseguiu-se que a pessoa comum não experimente qualquer dificuldade na compreensão musical, usando esta linguagem como se se tratasse da sua própria língua.

Muitos pais / educadores sentem já a necessidade de possibilitar aos seus filhos uma formação musical (por terem uma tradição familiar musical ou por terem um sentido de educação mais completo), confrontando-se então com a dificuldade prática que é proporcionar aulas de música que motivem e sensibilizem a criança. A opção está nas academias e escolas de música que cada vez são em maior número, bem como cada vez são mais extensas as suas listas de espera. Muitas dessas crianças não seguem uma profissão relacionada com a música — («Músico? O meu filho nunca! A música não dá sustento a ninguém»; ainda é, infelizmente, uma ideia generalizada.), pelo que se levanta um novo problema: deverão instituições como conservatórios e academias «tapar brucado» de um sistema de ensino defeituoso, ou deverão antes visar a formação de músicos profissionais? São problemas graves e de difícil resolução, enquanto não se encarar a necessidade da formação musical para todos a começar na idade certa, possibilitando obter na criança a motivação para que, por volta dos 10/12 anos, esta se situe atraída por uma carreira musical. Esta é uma das causas das vocações tardias, tão frequentes no nosso meio; muitas vezes só na idade adulta o indivíduo toma consciência da sua verdadeira vocação, sendo normalmente já tarde para iniciar e concluir de forma satisfatória os es-

tudos instrumentais. São as **vocações** descobertas na altura certa que dão origem a bons músicos, embora nem seja fácil a opção por carreira musical.

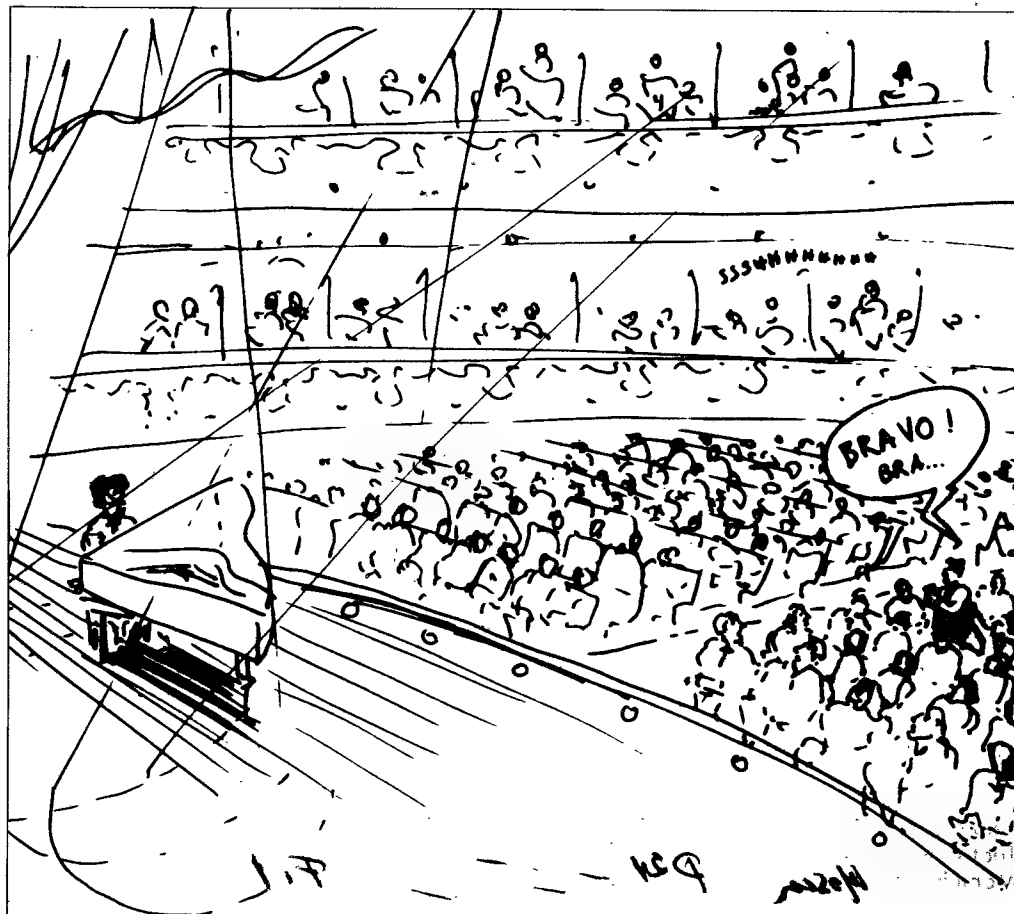
Os conservatórios e academias lutam com muitas dificuldades para manterem um nível de ensino aceitável, não só por falta de instalações, mas sobretudo por nunca se ter definido uma política própria para o ensino artístico, factor que afecta não só os alunos mas também os professores; — um professor de instrumento é normalmente um concertista, pertencente a uma orquestra ou solista, não podendo cumprir uma carga horária que não lhe permita fazer o seu estudo pessoal, necessário à «manutenção da sua forma» e ao seu desenvolvimento. Será que nestas condições os bons músicos estarão dispostos a ensinar os músicos do futuro?

Mais uma vez se verifica a necessidade da formação musical para todos, de modo a que os «patrões» da educação e da cultura do nosso país também a tenham e invistam numa reforma real e eficaz do ensino, demonstrem capacidade de realizar projectos de interesse para a elevação do nível cultural dos portugueses, e não comecem por construir o telhado sem ter esboçado sequer o projecto do edifício. Será que o encerramento das orquestras sinfónicas da RDP foi uma medida justa e frutuosa? Será que a constituição de orquestras como a «Regie» contribui para a elevação do nosso nível musical, uma vez que a maior parte dos músicos que a compõem são estrangeiros?

Só incluindo a formação musical na «cultura integral ao indivíduo» será possível deixar de ouvir dizer a grandes nomes da nossa sociedade que «Eu de música até não percebo nada», como se tal facto fosse algo de irremediável.

É preciso acabar de vez com ideias como «não tenho ouvido nenhum», «não tenho voz nenhuma», «sou irremediavelmente desafinado», e outras semelhantes. Todos nós temos à partida, pondo de lado condicionantes sociais, ambientais, económicas, as mesmas potencialidades. O ouvido só se torna musical se for formado, e tal como no fenómeno da fala, só **ouvindo** é que podemos reproduzir correctamente; claro que uns terão mais facilidade em correr e outros em fazer «bacalhau com natas», mas **todos** têm possibilidade de fazer ambas as coisas razoavelmente. Tal como não se pode fazer um ginasta de alguém que nunca **exerceu** os seus músculos, também não se pode exigir que alguém identifique um instrumento, através do seu som, se pra tal não foi formado. É preciso entender a música, de um modo geral, como uma linguagem à qual se pode ter acesso, não sendo necessário nascer-se «predestinado» para a sua compreensão.

Se por um lado queremos formar músicos o mais qualificados possível, por outro é necessário educar as pessoas para que a sua vivência em sociedade seja o mais «saúdável» e completa. Não interessa formar somente «mariaes joões pires», mas sim criar uma sociedade com **ouvidos vivos**, capaz de ter uma atitude inteligente e inteligível perante os fenómenos musicais e capaz de usufruir plenamente deles.



Desenho de João Pernão



RETRATOS NO TEATRO GLICÍNIA QUARTIM

Tem a simplicidade que só atinge quem passou por muitas e complicadas coisas. Fala do seu passado teatral com empenho e do muito que fez destaca com grande clareza apenas duas ou três coisas. Hoje, Glicínia Quartim é uma atriz exigente; de medidas difíceis de satisfazer. Há um certo desencanto nesta mulher, no que diz respeito ao presente. Mas há também uma grande crença nos jovens que actualmente fazem teatro. Serão eles capazes de tudo mudar?

Glicínia Quartim teve um infância de privilégio estranho: o facto de ter feito a instrução primária na «Escola-Oficina n.º 1» veio a ter grande importância no seu futuro. E no entanto, não era nenhuma escola fina para meninos ricos, antes pelo contrário. Tratava-se de uma escola onde experiências pedagógicas importantes foram feitas, numa época em que, antes do Estado Novo, ricas experiências deste tipo eram possíveis. Uma das quais foi precisamente o facto de a sua professora primária dar desenvolvimento a uma actividade teatral. As peças eram em geral escritas pelos próprios professores e Glicínia assim se estreou no teatro.

Teve muito sucesso, acharam logo que tinha muito jeito e ela sentiu imenso prazer nisso. Se era vaidosa? Claro que sim, que sempre gostou muito de se ver ao espelho, de encenar a sua própria imagem, de a compor da maneira mais interessante, de se mostrar. Acha aliás que muitas vezes, é assim que o teatro vem às pessoas: começando por tocar nestas coisas, no desejo de se mostrar, de se exhibir.

A escola em que se encontrava, ligada à Maçonaria, tinha uma atitude particular para com os alunos, que consistia em, numa escola mista, dar uma ligação muito forte entre o trabalho manual e o científico e pôr os alunos a ligar-se desde cedo a ambas as coisas. Se juntarmos a isto a experiência teatral precoce, compreenderemos que Glicínia se tornou cedo uma criança activa e rodeada de conhecimentos aliciantes. Foi sendo pela vida fora uma pessoa inquieta, sempre procurando a novidade, que para ela parece ao fim de certo tempo pedir outra, numa sucessão de experiências que se vão alimentando mutuamente, e também numa sucessão de vivências que necessitam regularmente de mudança.

A casa de Glicínia reflecte grande simplicidade. Alguns objectos falam do passado, os gatos que por ela passeiam falam da ternura. É uma ternura pouco visível à primeira, a desta mulher. Será alguma amargura que a essa ternura se sobrepõe? No entanto, adivinho que as paixões pelas coisas foram sendo grandes, e quando me fala de uma das experiências que mais a marcaram, o seu trabalho em AS CRIADAS, de Jean Genet, com o encenador Vítor Garcia, os seus olhos enchem-se de entusiasmo. Falam de algo que passa por nós uma vez na vida, tornando muitas outras coisas como que menores, ou aquilo que foi apenas «o resto», apenas bom ao lado dessa excelente experiência. De facto, todos aqueles que me têm falado desse homem notável que era Vítor Garcia me dizem coisas semelhantes, de tal modo a experiência de por ele passar era forte. Estávamos em 1972, Portugal estava sem saber à beira de uma revolução, e a censura era uma instituição particularmente cretina e notável: conta-me Glicínia que foi necessário mais de um ano para os convencer a autorizar a encenação da peça; que no ensaio que se fez para os censores, vieram assistir os cerca de 14 censores com as respectivas esposas e que foi das experiências mais sinistras por que passou.

Adaptação da encenação que Vítor Garcia tinha feito desta mesma peça em Espanha, onde Glicínia a tinha ido ver, AS CRIADAS.

DAS tinham sido interpretadas nessa versão por Núria Espert, que aliás viria a Portugal acompanhar de perto o trabalho de Vítor Garcia, ajuda preciosa, de uma simpatia e generosidade extremas. Glicínia contracenou nesse espectáculo com Eunice Muñoz e Lourdes Norberto, e com a produção de Carlos Avilez, a peça esteve em cena no teatro Gil Vicente, em Cascais, onde esgotou todos os dias durante o primeiro mês. É uma experiência de que nunca se esquecerá. Quando chegava ao fim de um ensaio, era impossível recomençar a trabalhar, tal era a força despendida; ao fim de um espectáculo, também. Sofria-se uma transformação tal que as actrizes durante esse lapso de tempo ficavam, por assim dizer, irreconhecíveis. A própria cara de Glicínia muda radicalmente de expressão quando disso se lembra.

Depois voltamos a falar do passado mais longínquo; conta-me que começou muito cedo a fazer teatro amador, nessa rica época dos anos 50 em que surgiram no nosso país vários teatros experimentais; houve, por exemplo, o Teatro do Salitre, dirigido por Gino Saviotti, e a Guilherme Cossul, onde tantos actores hoje famosos trabalharam nessa altura.

A peça em que Glicínia se estreou foi **Roberto e Melisandra**, de Tomás Ribas, encenada pelo próprio, e coube-lhe a protagonista, num espectáculo em que essa peça foi apresentada em conjunto com outra de que ainda hoje muito gosta: **A qualquer hora o diabo vem** de Pedro Bom, em que entrava Cecília Guimarães.

Paralelamente, Glicínia tirou o curso de Biologia, vindo a fazer um estudo sobre a sobrepesca do bacalhau, que a levaria à Noruega e à Dinamarca. Hoje a Biologia está para trás, mas Glicínia reconhece que há sempre uma grande aproximação à vida quando se estuda a vida tão por dentro, e que isso foi muito enriquecedor.

Foi durante os anos de teatro amador que teve a sua primeira experiência profissional: por indicação de Augusto de Figueiredo, veio a participar em **CRIME E CASTIGO**, no Teatro Nacional, sob a direcção de Robles Monteiro. Entretanto, Glicínia dava-se com

as tertúlias literárias, com a surrealista, por exemplo, sendo amiga de pessoas como Cesariny e Mário-Henrique Leiria.

Era uma época rica a esse nível, estabelecia-se um tipo de comunicação entre os criadores que hoje já não existe.

Durante muitos anos, Glicínia fez teatro amador, mas que nessa altura era tão activo e intenso que chegava a ser encarado por assim dizer ao nível do teatro profissional.

Foi a sua participação no filme **DOM ROBERTO**, de Ernesto de Sousa, com Raul Solnado, em 1962, que representou uma viragem importante na vida de Glicínia Quartim. De facto, pela primeira vez, ao apreciar o seu trabalho no filme, teve aquela noção de que era realmente uma actriz, que criara um personagem em que não reconhecia a mulher de todos os dias mas sim uma outra; decidiu mudar algo; assumir-se como profissional. Foi então para Itália, (Roma) onde tirou um curso de técnica tipo Stanislavsky, com o professor Alessandro Forsen, numa escola ainda hoje respeitada, o Teatro Studio. Viria a interromper o curso antes do final, o que lamenta. Isso deve-se a ter sido convidada para o filme **CRIME DA ALDEIA VELHA**, de Manuel de Guimarães, após o qual já não regressou a Itália.

Viria em seguida a dar início à sua carreira de actriz profissional, que não mais interrompeu até hoje. Entrou para o Teatro Experimental do Porto, onde foi montado os **BU-ROSSÁURIOS**, uma comédia de Silvano Ambrogi que trouxera de Itália, e que foi encenada por João Guedes. Seguir-se-iam várias experiências, em várias companhias, a mais longa das quais no Teatro da Cornucópia. Assim, Glicínia trabalhou com Luzia Maria Martins, com Carlos Avilez (acompanhando o nascer do TEC, onde obteve grande sucesso com **A Maluquinha de Arroios**, por exemplo), com Artur Ramos, na Casa da Comédia, onde a sua interpretação em **DIAS FELIZES**, de Beckett, foi, além da experiência com Vítor Garcia, aquela que mais a marcou. De facto, a sua **Winnie** é um dos principais marcos do teatro português de todos os tempos.

O merecido sucesso que esse espectáculo obteve, no qual contracenava com Rui Furtado, levou a que no último dia de representações fossem feitos três espectáculos para satisfazer o público que tão numeroso ocorreu. Trabalhou com «Os Bonecreiros», grupo que deu origem à Comuna e que teve uma importante actividade de teatro em digressão e ao ar livre, juntamente com pessoas como Fernanda Alves e João Mota.

Foi nessa altura, numa altura em que Glicínia Quartim sentiu uma particular necessidade de mudança, que Vítor Garcia veio a Portugal, o que lhe permitiu ver um dos seus inesquecíveis espectáculos, e lutar com a censura durante um ano para que fosse concretizada a aventura de **AS CRIADAS**.

Pouco depois, Glicínia foi convidada a integrar o Teatro da Cornucópia, e o primeiro, **O MISANTROPO**, continua a ser para ela uma das coisas mais espantosas que Luís Miguel Cintra encenou. Embora reconheça que possa ter ficado ligada a esse espectáculo com um particular carinho pelo que ele representou na altura de inovação e de risco, acha ainda hoje que era um espectáculo de um valor que na altura não foi entendido, e que ninguém soube compreender totalmente. Depois, seguiram-se vários anos de participação na Cornucópia, e diz-me não haver nenhum espectáculo que não tenha gostado de fazer. Mas acha que se dá nela um fenómeno cíclico: assim que uma experiência começa a estabilizar e a perder frescura e capacidade de risco, Glicínia larga tudo e começa, algures, nova aventura. Mesmo que isso represente, como aconteceu neste caso, um período de grande vazio.

O passado mais recente da carreira desta grande actriz é do conhecimento de todos os que vão regularmente ao teatro: Savannah Bay, de Marguerite Duras e Electra, de Marguerite Yourcenar, por exemplo, ambas encenações de Filipe la Féria, deixaram boas recordações naqueles que a esses espectáculos puderam assistir. **FINAL**, de Beckett, recentemente encenado por Mário Viegas, foi também um dos espectáculos mais importantes que recentemente se fizeram entre nós e em que Glicínia participou.

Pergunto-lhe pelo futuro, Glicínia refere-me que tem um projecto com cada um destes dois últimos encenadores para o próximo ano. Mostra-se entusiasmada com o recente trabalho de Filipe la Féria e com o sucesso, a seu ver merecido, desse espectáculo; acha importante que haja também teatro assim: que divirta, que tenha uma parte de frivolidade importante. Fala-me também da sua vida como professora no Conservatório Nacional. Não que se ache imprescindível, mas sente alguma satisfação em ter, de algum modo, contribuído para a formação de actores que hoje estão a singrar. Mas também se sente lesada pelo tempo que a sua vida de professora lhe tem tirado, por questões de sobrevivência. Ela que no fundo é acima de tudo actriz.

Despeço-me. Os gatos passeiam, fazem tropelias. Mais tarde, lembro-me de às vezes ver passar Glicínia com engraçadíssimos chapéus, e isso liga-se ao meu pensamento com a importância que me diz ter a frivolidade e a alegria. Pensava eu, pelo seu elegante e pelo cuidado com que se apresenta, que Glicínia fosse um pouco diferente. Talvez menos simples; talvez também menos desencantada.

Mas guarda desta conversa uma certeza: o teatro, para um actor é, como o amor, uma construção. Se às vezes parece ficar pouco do muito que se fez, é porque nem sempre se sabe a que ponto se fez muito. E é assim mesmo que deve ser, enquanto o amor e o teatro puderem continuar a ser, e a fazer.



CARLOS PORTO

ESTANTE DA CRÍTICA

A história da crítica de teatro em Portugal, se podemos conferir essa designação nobre à actividade exercida nesse domínio na nossa imprensa, reflecte, como não podia deixar de reflectir, as vicissitudes que atravessam a prática teatral, e também as relações, nem sempre pacíficas, que sobrevivem entre esta e a Comunicação Social.

Se o teatro era, antes do 25 de Abril, uma actividade meramente tolerada, essa situação mantém-se, depois da euforia revolucionária, por razões que sendo outras acabam por levar aos mesmos resultados, ou seja, os do esvaziamento de uma actividade maduramente pensada, seriamente estruturada. Tudo isso tem a ver com o exercício da crítica.

Os críticos dos jornais eram geralmente recrutados na própria Redacção o que implicava o carácter mais jornalístico do que crítico, mais informativo do que analítico, desses trabalhos, embora essa escolha se baseasse, em certos casos, na consideração das capacidades e dos conhecimentos dos respectivos redactores. Lembremos, como exemplos, os casos de Noberto Lopes, Manuel de Azevedo e Urbano Tavares Rodrigues, que foram críticos do «DL», José Estêvão Sasportes e Joaquim Benite, para citar outros nomes da casa. Aliás, o primeiro crítico do «DL» foi António Ferro, antes do período fascista.

Lembremos ainda Jorge de Faria, no «Diário Popular» e no «Diário da Manhã», e Armando Ferreira, no «Diário Popular».

Paralelamente a esta crítica jornalística, para assim a definir, surgiram outros tipos de crítica, mais reflexivos, em publicações culturais, como a «Seara Nova», a «Vértice», «O Diabo», o «Jornal de Letras», mais tarde a «Gazeta Musical e de Todas as Artes».

Nessas e noutras publicações surgiram trabalhos de crítica mais analítica, marcados por mais evidente especialização, assinados por intelectuais e artistas como Eduardo Scarlatti, João Pedro de Andrade, Luiz Francisco Rebello, Jorge de Sena, Mário Vilaça. (Tenha-se em conta que os nomes citados são a título meramente exemplificativo).

Desses críticos naquele que teve uma maior projecção e exerceu uma maior influência, até pela vertente controversa das suas posições, foi Redondo Júnior que num semanário então muito popular, o «Século Ilustrado», exerceu, nos anos 50, um magistério crítico de assinalável importância, em especial pela informação que os seus artigos teóricos veiculavam sobre as grandes correntes estéticas do teatro do século XX que em Portugal eram totalmente desconhecidas. Redondo Júnior ajudou-nos a conhecer as aportações fundamentais de homens como Adolphe Appia, Gordon Craig, Stanislavski, Brecht, Artaud, entre outros, e esse trabalho, além das suas reflexões pessoais, foi precioso no sentido do alargamento dos horizontes estéticos do teatro português. Além disso, o grau de exigência imposto por Redondo Júnior na sua análise dos espectáculos portugueses se, na altura, parecia excessivo em face das circunstâncias técnicas e políticas em que os nossos artistas de teatro eram obrigados a trabalhar, não deixou de exercer uma função pedagógica insubstituível.

Nos anos 60, assistiu-se a uma viragem no relacionamento da imprensa com a crítica de espectáculos (cinema, teatro, música, bailado, televisão), com o recurso a colaboradores externos, tidos por especializados nos respectivos domínios. O «DL» voltou a ser pioneiro neste campo.

A crítica de teatro, no entanto, manteve-se a um nível mais informativo do que reflexivo,

e viu-se a certa altura impossibilitada do seu natural desenvolvimento pela ausência de publicações especializadas que permitissem a existência de uma crítica de análise mais do que uma crítica opinativa e valorativa. Além disso, as condições económicas em que os críticos eram e são obrigados a trabalhar impediam a sua profissionalização, com os inconvenientes que se calculam. Assistiu-se, então, à tentativa de fazer coexistir na crítica circunstancial do diário ou do semanário, a análise e a reflexão teórica, com resultados diversificados que não vem para aqui avaliar.

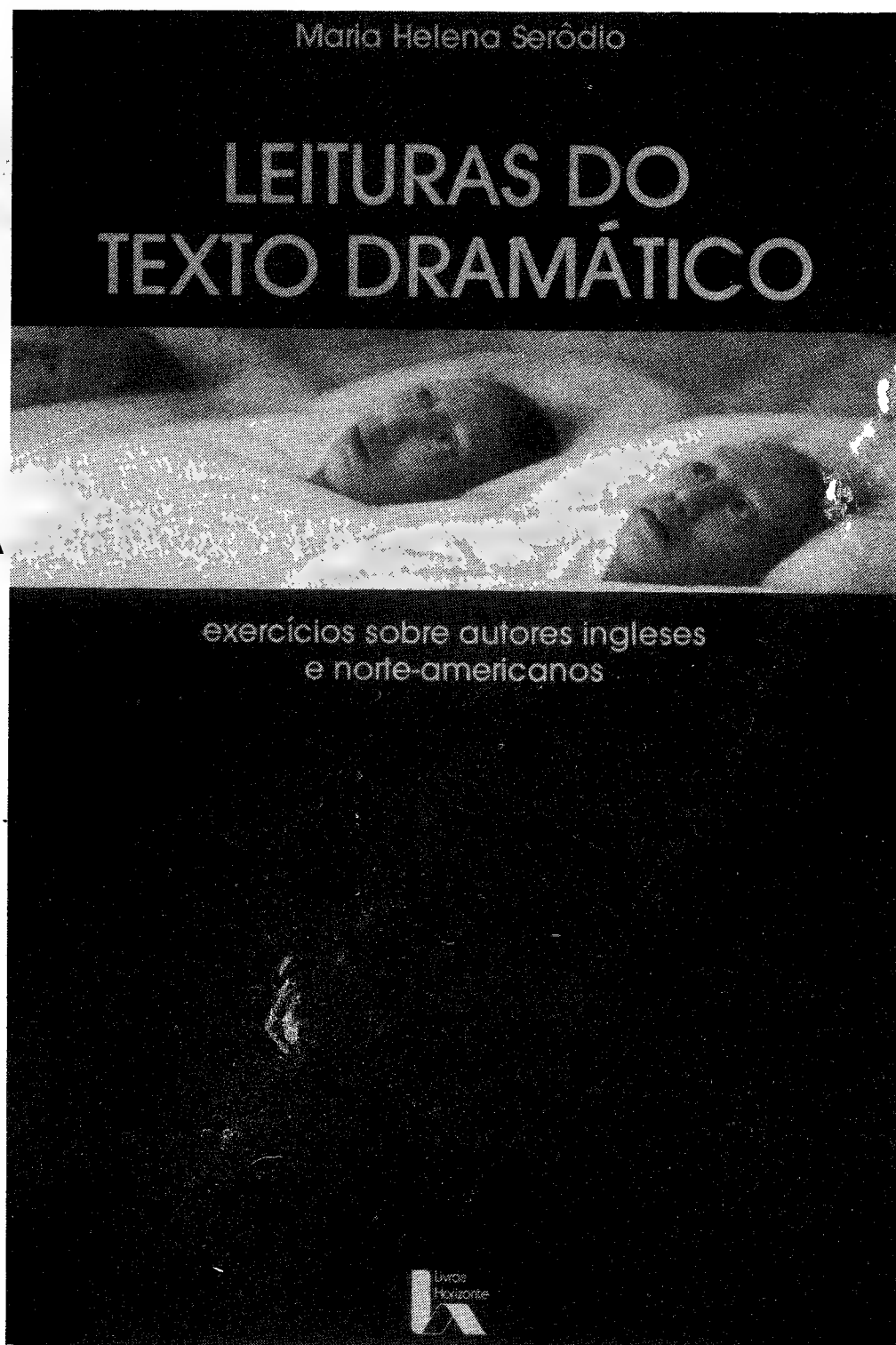
Rupturas

Entre os críticos então surgidos e sendo talvez o primeiro que levou à imprensa diária uma visão «científica» do teatro, aquilo a que é de uso chamar o ponto de vista universitário, foi Maria Helena Serôdio, primeiro no «Diário», depois no «Fim de Semana» e agora neste e no «Jornal». Outros críticos surgiram depois nessa linha, como Eugénia Vasques, Maria João Brilhante, Anabela Mendes, Teresa Coelho Lopes, António Augusto Barros, para citar estes nomes.

Os trabalhos de M.H.S., discretamente informados por uma teórica estruturalista, mas também por referências da semiótica e da sociologia política, logo chamaram a atenção pela seriedade de que se abonavam, pela qualidade da escrita, pelo carácter de reflexão das abordagens propostas.

Um trabalho de crítica em jornais é, necessariamente, condicionado por vários factores que têm a ver com o espaço disponível, com a actualidade, com a relação com os leitores, além da relação com os orientadores dos jornais. Tudo isso implica uma certa irregularidade das análises propostas cujo interesse, além disso, depende muito da capacidade de provocação do objecto analisado. No entanto, embora circunstanciais, os trabalhos da crítica teatral são indispensáveis para o conhecimento do teatro, como se sabe, arte marcada por absoluta efemeridade.

Por isso não só se compreende e aceita, como se aplaude, o esforço da reunião e publicação de textos críticos cuja leitura permite uma visão global do fenómeno artístico e social que o teatro é. M.H.S. publicou uma colectânea de críticas intitulada «Leituras de Texto Dramático» que tem a particularidade de ser de carácter linguístico, já que reúne «exercícios sobre autores ingleses e norte-americanos». Se se compreende a opção da autora, pois é essa a sua área de trabalho, ela não deixa de estreitar os limites do nosso conhecimento sobre essa actividade crítica como também sobre a actividade criadora a que se refere. Por outro lado, o título parece minimizar o que no trabalho da crítica teatral é, a meu ver, fundamental, a relação directa entre a leitura e o objecto em causa, na sua especificidade teatral. Porque a crítica de M.H.S. tem por referente um determinado trabalho teatral que, naturalmente, envolve a literatura dramática que lhes está subjacente e só por isso, claro, merece essa designação. Nas palavras da autora: «O meu projecto crítico realiza, na verdade,



uma dupla inquirição, ao texto e ao espectáculo, e procura avaliar a implicação dialéctica — de reacção recíproca de sentidos — que entre ambos se produz».

Depois de uma nota prévia, o volume abre com um estudo sobre Samuel Beckett, autor que M.H.S. tratou nos seus trabalhos académicos, mas que aqui surge insuficientemente tratado. A parte mais substancial do volume é constituída por um conjunto de textos no qual a autora reuniu críticas a espectáculos de origens diferenciadas e que confirma a singularidade da produção teatral portuguesa que atravessa, com maior ou menor qualidade, com maior ou menor interesse, zonas tão distintas como o teatro universitário, o teatro de amadores, o teatro independente e o teatro nacional. É assim que descobrimos ou redescobrimos espectáculos do Teatro da Universidade Técnica, de Jorge Listopad, com textos de Chaucer e outros, do Grupo de Teatro de Carnide que se atreveu a um **Rei Lear** de que os profissionais têm medo, espectáculo cujas qualidades M.H.S. sublinha. Um dos aspectos curiosos da colectânea é, precisamente, o de chamar a atenção para a redescoberta pelo nosso teatro dos anos 80, de Shakespeare, autor imenso que andava, compreensivelmente, afastado dos nossos palcos. Por isso, surgem, além do **Rei Lear**, o **Ricardo III**, do Teatro da Cornucópia, o **Hamlet**, do Centro de Arte Moderna/TEC; atenção ainda para outros clássicos ingleses, **Volpone**, de Ben Jonson, do Novo Grupo, com o encenador Norberto Barroca; «A Mulher do Campo», de William Wycherley, da Cornucópia. Não cabem aqui referências a todos os espectáculos tratados na colectânea (31 ao todo), mas não quero deixar de referir a variedade e o interesse dos autores, da área linguística em questão, mesmo que con-

cordemos com a alusão de M.H.S. à ausência no nosso palco de outros autores, caso de Sean O'Casey, sem dúvida, o mais esquecido em Portugal dos grandes dramaturgos do nosso tempo, e de que a crítica lembra **O Fim do Princípio**, inesquecível proposta do Teatro da Rainha, ao que poderia acrescentar um outro, **A Sombra do Franco-Atirador**, dos Bonecreiros.

Naturalmente, num trabalho destes nem sempre os textos merecem a mesma atenção e, por vezes, em confronto imediato com outros textos, surgem excessivamente circunstanciais, por razões de espaço e também por razões de fundo porque as peças em causa foram objecto de leituras menos produtivas, o que desmobiliza o interesse e o empenhamento do crítico, caso, por exemplo, de **Longa Jornada para a Noite**, de O'Neill, ou das peças de Pinter. Outros textos surgem como reveladores da sua competência crítica, como é o caso, por exemplo, da análise de espectáculos com peças de Tennessee Williams ou de Beckett.

O volume termina com uma breve nota biobibliográfica dos autores criticados, cuja utilidade é evidente, embora se possa observar um ou outro lapso (não tradução de títulos de peças de Albee e de O'Neill representadas em Portugal). Lamenta-se que, talvez por falta de espaço, o volume não contenha as fichas dos espectáculos em questão.

O conhecimento do teatro que se fez em Portugal nos anos 80 passa por este volume que só lamenta não se multiplique imediatamente em outros volumes, como espero venha a acontecer.

Leituras do texto dramático, de Maria Helena Serôdio. Col. Horizonte Universitário. Ed. Livros Horizonte — Lisboa/1989.

1990 ANO TCHEKHOV

OS MALEFÍCIOS DO TABACO

Vimos que a estreia de Tchekhov em Portugal foi no dia 15 de Junho de 1936 com a peça em 1 acto **Um Pedido de Casamento**, integrada no primeiro espectáculo do Teatro do Povo, com encenação de Francisco Ribeiro. Tão extraordinária como este atraso da estreia absoluta de Tchekhov foi o tempo que mediou entre essa estreia e o segundo Tchekhov português, que surgiu em Lisboa, também através de uma peça breve, o monólogo **Os Malefícios do Tabaco**, incluído num espectáculo do Teatro do Salitre, fundado por Gino Saviotti, Luiz Francisco Rebello e Vasco Mendonça Alves no Instituto Italiano de Cultura, primeiro grupo de teatro experimental de pós-guerra, que se propunha fazer teatro «essencialista». Tratou-se do 5.º espectáculo do T.E.S. e dele faziam parte, além da peça russa, **O Homem da Flor na Boca**, de Pirandello, **Curva do Céu**, de Branquinho da Fonseca, **Um Banco ao Ar Livre**, de Pedro Bom e Carlos Montanha.

Segundo nos disse Luiz Francisco Rebello, a ideia da apresentação de **Os Malefícios do Tabaco** ficou a dever-se ao interesse de João Villaret em interpretar esta peça. Numa reunião em que estava presente, entre outros, o escritor Alves Redol, este lembrou que tinha em seu poder uma tradução da peça que não lhe agradava (desconhece-se o autor dessa versão), pelo que Luiz Francisco Rebello foi incumbido de fazer uma revisão do texto, que Villaret viria a interpretar.

Com encenações de Gino Saviotti e Luiz Francisco Rebello, as peças citadas foram representadas por actores amadores (entre eles, António Vitorino que viria a ser um escritor estimável), com excepção de **Os Malefícios do Tabaco**, interpretação daquele que já era um grande actor do teatro português.

O espectáculo teve a sua estreia no dia 17

de Julho de 1947, data da segunda apresentação de Tchekhov em Portugal, sensivelmente 11 anos depois da sua estreia, como vimos. O espectáculo esteve em cena, no teatrinho do Instituto Italiano, três noites e sobre ele pronunciaram-se alguns críticos. Eis excertos de críticas publicadas. De Manuela de Azevedo, crítica do «DL»:

Os Malefícios do Tabaco, peça de Tchekhov, teve a interpretação do grande Villaret, ele próprio em carne e osso, que quis ir ao Teatro do Salitre testemunhar o seu apreço pela obra dos seus mentores. Foi sóbrio, humano, enterneceu o público com aquele seu «Ivan Ivanovitch Nokouline», um pobre farraço, chaga viva do sentimento de um povo dominado. A apresentação da peça-cena-monólogo, com tradução revista por Luiz Francisco Rebello, é uma alta contribuição do Teatro Essencialista, que afinal se define num conceito, apenas de teatro, sob novas formas, mas que deve ser acima de tudo, teatro antiburguês. («Diário de Lisboa»/19-07-74.).

Jorge de Faria, no «Diário Popular»:

A fechar o espectáculo, a «cena-monólogo» de Tchekov intitulada **Os Malefícios do Tabaco**. Foi uma magnífica lição de arte de dizer e da arte de representar dada por João Villaret, tão gentil como frutuosamente, aos seus camaradas. Digna de calorosos aplausos a inteligente ideia de trazer ao pequeno palco, dia a dia melhorado pela insaciável devoção de Gino Saviotti, alguns dos grandes valores do nosso teatro. (...) Gino Saviotti e Luiz Francisco Rebello foram os encenadores das três peças (aliás, quatro),

com a colaboração de Graziela e de António de Sena nos apontamentos cenográficos e de Júlio de Sousa, na caracterização. («Diário Popular»/19-07-74.)

O Da crítica de Jorge de Sena na «Seara Nova»:

Encerrou o espectáculo a cena-monólogo, **Os Malefícios do Tabaco** de Tchekhov, interpretada por João Villaret. A simpatia humana, compreensivelmente satírica e dolorosamente perspicaz, do criador genial de As Três Irmãs raras vezes terá tido uma encarnação tão rica de pormenores, tão magnificamente esmagadora. O drama daquele pobre esposo de uma directora de colégio familiar, a sua vida perdida, miserável coberto de ressentimentos e de parassitas («Lá em casa até há percevejos no plano de cauda!» — é o seu desabafo), que ali vem fazer uma conferência sobre os «malefícios do tabaco» e, em vez disso, explode em desesperadas minudências domésticas, até que a presença da esposa entre bastidores o faz esperar que «desta palestra o respeitável público extraia algum proveito» — é, sem dúvida, pela perfeição da sua técnica tão limpa, uma obra-prima, perante a qual empalidece mesmo o acto de Pirandello, que abria o espectáculo.

(...) As suas criações (de Tchekhov), se não vêm viver para sempre a vida que lhes cabe, é porque a vida deles é a de qualquer de nós e, se não são «possessos» (referência a Dostoevski) de altas dúvidas que os conduzem às últimas e eficazes degradações, é porque a vida quotidiana do homem comum é mais

quotidiana do que o próprio homem. Passado o exagero dramático, até a morte delas é medíocre; e o conferencista dos «malefícios do tabaco» veste, para regressar ao lar, a velha casaca de casamento, que para a solenidade envergada e para a confissão despira. A tradução, revista por L.F. Rebello, pareceu-me aproximar-se honestamente do estilo nervoso e coloquial que ao monólogo compete. Já me referi à composição de João Villaret: ver e ouvir esta bela obra, admiravelmente revivida, corresponde ao máximo que a imaginação de um leitor esperasse da leitura desse **Os Malefícios do Tabaco**, cuja verosimilhança artística é uma grande lição de dignidade literária e social. (...) (Jorge de Sena-«Seara Nova»/n.º 1046/16-08-1947.) (Transcrito no vol. das «Obras de Jorge de Sena», «Do Teatro em Portugal»-Edições 70-Lisboa/1989.)

O que impressiona nestes textos, mesmo em relação ao de Jorge de Sena que é, na íntegra, notável, é o facto de nenhum crítico se referir ao escandaloso atraso com que Tchekhov era apresentado em Portugal. Outro aspecto interessante da recepção do dramaturgo russo na Imprensa portuguesa tem a ver com a indiferença manifestada pelo «Diário de Notícias» em relação a este espectáculo (uma nota de duas dezenas de linhas) em contraste com a atenção dada ao espectáculo do Teatro do Povo, onze anos antes, como vimos.

A tradução de **Os Malefícios do Tabaco**, juntamente com a tradução da peça em 1 acto **Um Pedido de Casamento**, pelo seu autor, Luiz Francisco Rebello, no volume «Teatro Moderno (Caminhos e Figuras)»-Ed. Círculo do Livro-Lisboa 1957.

APARTES DA GERAL

Às mudanças na Comunicação Social também não têm escapado os críticos de teatro. A transferência mais sensacional foi, sem dúvida, a de Maria Helena Serôdio que passou de «O Diário», aliás sem drama, para O Jornal (Ilustrado) de onde Armando Correia (a quem a revista o Actor tinha dado o prémio de crítico jovem de 1989) tinha saído por irrevogáveis obrigações académicas, e que faz agora parte do Conselho Redactorial criado na citada revista. Entretanto, no Diário/Fim de Semana mantém-se Maria Helena Dá Mesquita.

Do «JL», Manuel João Gomes mudou-se, com armas e bagagens, para o Público, que continua privado, e onde vão reaparecer duas críticas que tinham deixado a actividade: Anabela Mendes e Maria João Brilhante. No Expresso, reaparece António Augusto Barros e desaparecem, pelo menos, no último n.º, Jorge Lima Alves e José Mendes. Entretanto, aguarda-se com ansiedade o regresso breve da saudosa Eugénia (Vasques, claro).

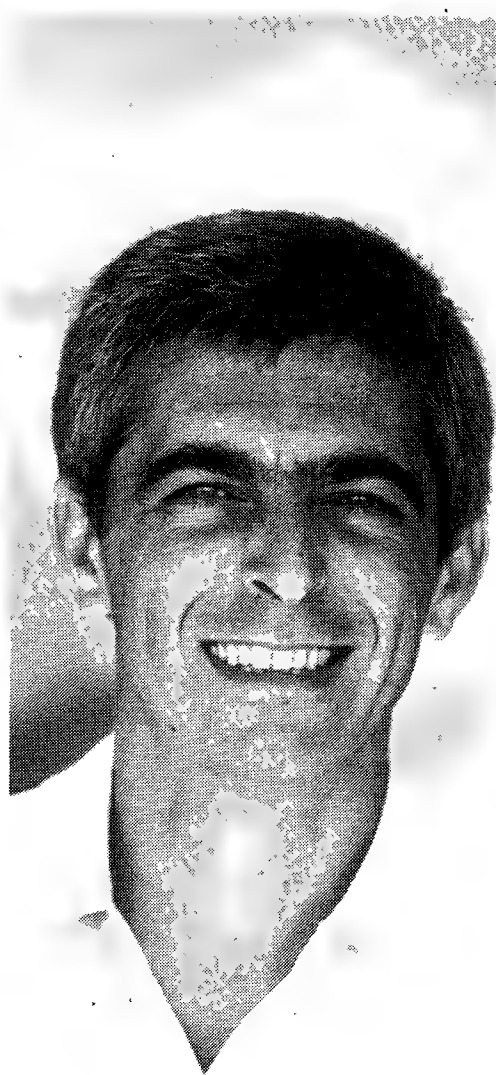
Outra novidade: a reaparição da coluna de crítica teatral no Sete, a cargo

de José Manuel da Nóbrega, que já por lá andou, com Clara Nunes Correia, que nunca andou por lá, que sabemos. J.L. firme no «JL», assim como Tito Lívio na Capital, Levina Valentim e Maria de Fátima Lopes, no Diário Popular; no sábado, Paulo Lages, no Independente, raramente, Carlos Quevedo.

Por falar em críticos e críticas, imagine-se a seguinte cena: vai um crítico da nossa praça ver o último espectáculo do grupo dirigido por Silvestre Silveirinha, aqui de Lisboa, e outro do grupo português Pôr do Sol na Foz, dirigido por Diogo Cão. Depois de ver esses espectáculos, vai o nosso crítico e desata a escrever, mas que desgraça o teatro português, uma prática artística inimaginável, denunciando um misarabilismo estético, uma preguiça mental, uma irresponsabilidade cultural insuportáveis.

Grande injustiça a desse crítico, tomando o todo pela parte, dir-se-ia, e com razão.

Mas não é isso o que fazem os detractores da crítica teatral quando se lhe referem, por vezes, com um ódio vesgo?



MARGENS PESSOA EM PARIS

Está em cena, desde o dia 16, o espectáculo *La Mort du Prince*, de Fernando Pessoa, encenação de Luís Miguel Cintra, interpretação de Maria de Medeiros e Luís Miguel Cintra. *Théâtre de la Bastille*, em Paris.

Este espectáculo teve a sua estreia no Festival de Avinhão e está agora a ser apresentado em Paris a convite do Festival de Outono. No «Monde» de 11 de Janeiro pode ler-se: *É necessário descobrir para quem não o conhece, o comediante e encenador Luís Miguel Cintra. Tem quarenta anos e defende desde o início dos anos 70 o melhor do teatro de criação em Portugal. Escolheu para esta passagem por Paris, Pessoa, que as edições Bourgeois nos permitiram recentemente apreciar no seu lugar exacto, o de um poeta e filósofo importante do século. É igualmente servido pela excelente e cativante Maria de Medeiros.*

Outro Pessoa em Paris, com a peça «O Marinheiro», espectáculo de Claude Merlin (esse *louco do teatro*), em cena no Théâtre Renaud-Barrault.



CARLOS PORTO

SEMANADA

A estreia desta semana foi em francês. É no Instituto Franco-Português a peça de Boris Vian **Les Bâtisseurs de l'Empire ou le Schmurz** encenação de Daniel Beauron.

Duas despedidas: a de **Verão**, de Edward Bond, pelo Teatro Hoje, no Trindade só até domingo, e a de **Jardim das Cerejeiras**, de Tchekhov, espectáculo do TEAR, última também no domingo, no Porto.

Mantêm-se: no Teatro Aberto, **Happy-End**, de Dorothy Lane e BB, no Cinearte, **Margarida do Monte**, de Marcelino Mesquita e Hélder Costa, com a Barraca; no Ritz, **O Regresso de Bucha e Estica**, espectáculo de Mário Viegas; na Comuna, **A Pécora**, de Natália Correia, **O Festival da Otite**, café-teatro, e **A Pregação**, do Bando.

Em Olival de Basto, aqui às portas de Lisboa, **O Render dos Heróis**, de José Cardoso Pires; no Casino do Estoril, **What Happened to Madalena Inglêsias?** de Filipe La Féria, no IFICT, A Companhia de Adolfo Gutkin.

No Parque Mayer, a revista **Ai Cavaquinho!**, no ABC; **Os Meninos à Roda da Mãe**, no Variedades; no Villaret, **Ora Bate Batman'so!**

Para crianças: **A Linguagem dos Animais**, no Maizum, **O Sabor dos Sonhos**, no TIL.

ESTREIA

Les Bâtisseurs d'Empire ou le Schmurz, de Boris Vian, pelo **Atelier-Téâtre de l'Institut Franco-Portugais**. Em francês, a encenação da peça de Boris Vian desamada pela censura do antigamente.

(Auditório Philippe Fridman-Av.ª Luís Bivar, 91. T. 54 43 89.

De quinta a sexta às 21.30; domingos às 17; até 4 de Fev.)



Um é gordo, outro não. Por pouco eram o Bucha e o Estica, ou o Eduardo Firmo e o Juvenal Garcês

ÚLTIMAS

O JARDIM DAS CEREJEIRAS, de Anton Tchekhov, pelo **TEAR**. Enc.: Rogério de Carvalho.

Embora com uma boa recepção por parte do público termina dia 21, domingo, a primeira série de espectáculos desta leitura nova da peça de Tchekhov.

(TEARTO. R. do Heroísmo, 86. T. 57 32 65, Porto. Hoje e amanhã, às 21.30; domingo, às 16.)

Verão, de Edward Bond, pelo **Teatro Hoje**. Enc.: Carlos Fernando.

Obrigações contratuais impedem a continuação deste espectáculo, o que se lamenta por se tratar de uma bela proposta de teatro político. Só até domingo, 21.

(T. da Trindade. R. Nova da Trindade. T. 32 00 00. Sexta e sábado, às 21.30; dom., às 16.)

SELECÇÃO

A PÉCORA, de Natália Correia, pelo grupo **Comuna**. Enc.: João Mota.

Depois do grande êxito em Saint-Étienne, um grande êxito em Lisboa. O grande teatro português.

A PREGAÇÃO, sobre o Sermão de S. António aos Peixes, do P. António Vieira, pelo **Bando**. Enc.: João Brites.

O teatro como forma de conhecimento. E de meditação.

(Comuna. Pr. de Espanha. T. 726 08 18. Sextas, às 21.30; sábados, às 16 e 21.30; domingos, às 16.)

D. João e a Máscara, de António Patrício, pelo **Teatro da Politécnica**. Enc.: Mário Feliciano.

A poética de um grande dramaturgo na leitura discutida de um dos nossos melhores encenadores.

(T. da Politécnica. R. da Escola Politécnica, 58. T. 67 44 74. De terça a sábado, às 21; dom., às 16.)

Happy End, do Dorothy Lane/Bertolt Brecht, pelo **Novo Grupo**. Enc.: João Lourenço.

De como Brecht continua na brecha. Graças a João Lourenço e à sua excelente equipa.

RENDER DOS HERÓIS, de José Cardoso Pires, pelo **CDIAG**. Enc.: José Martins.

Um texto mítico dos anos 60 num espectáculo (quase) para esquecer dos anos 80.

(T. da Malaposta. R. de Angola. T. 987 32 99. Olival de Basto. (De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.)

What Happened to Madalena Inglêsias?, de Filipe La Féria, pela Casa da Comédia. Enc.: Filipe La Féria.

Um êxito, sem dúvida. Ver para crer.

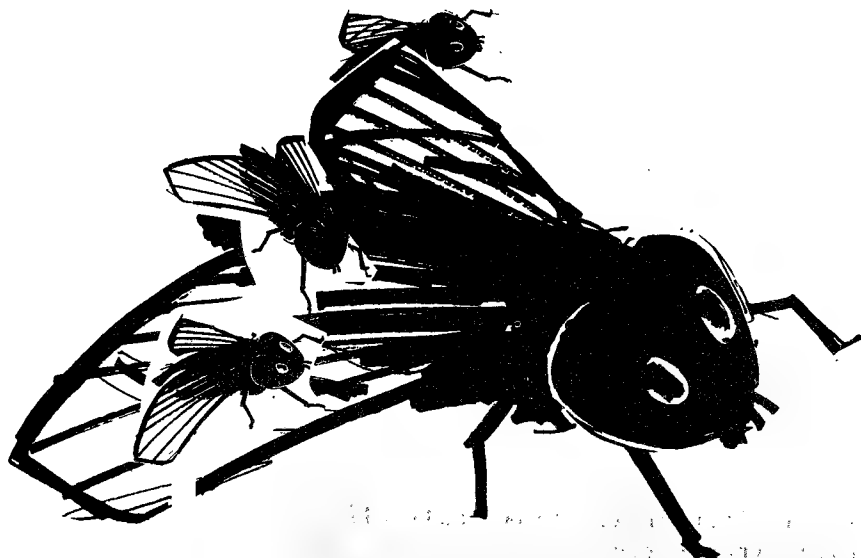
(Casino do Estoril. T. 268 45 21. De terça a dom., às 22; dom., também às 17.)

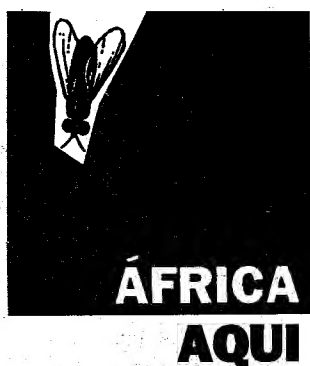
FALAS



A diferença está em que nós vivemos num sítio chamado Portugal em que procuramos ser úteis e quanto mais tentamos ser úteis e que o nosso trabalho tenha algum valor parece que mais incómodos nos tornamos. Realmente em Moçambique vivi a experiência oposta, que é a de uma pessoa que quer ser útil ter de ser mesmo útil, e a sua utilidade é importantíssima, e a responsabilidade que daí advém é enorme - qualquer erro é um «perigo de morte», entre aspas, de morte para os sonhos de uma data de pessoas, necessidades de uma série de pessoas, vontades. Há a vontade colectiva de que existam coisas. E essa noção de responsabilidade e de utilidade é exaltante para qualquer pessoa.

Maria do Céu Guerra
Entr. a Fernando Assis Pacheco
«O Jornal» (12-01-90.)





MARIA JOSÉ
BELO MARQUES

PAULINO VIEIRA:

UM BOM MÚSICO

UM HOMEM BOM

Não é novidade para ninguém que um dos melhores músicos africanos, residentes em Portugal, é o cabo-verdiano Paulino Vieira. A ele se deve o acompanhamento brilhante de muitos músicos, quer em palco, quer em disco, é ele também o responsável pela produção e orquestração de numerosos discos feitos cá, ou lá fora, de nomes como Bana. O que poucos saberão, porque na sombra se move, é a qualidade humana de Paulino, seria mesmo capaz de afirmar que ele é a melhor pessoa que jamais me foi dado conhecer, e não se pense que esta afirmação é leviana, porque é fruto de alguns anos de convívio com o músico. A ele acorrem muitos à procura de conselhos, apoio, ou só para ficarem mais leves ouvindo-o. É este músico de excepção, e ser humano raro, que de si, da música e do mundo, hoje preenche África Aqui.

- Um dos sonhos que tinhas, há uns anos, era o de arranjar um local onde pudesses dar aulas de música. Ainda não se realizou. Porquê?

- «O trabalho não me deixa. Inclusive, não tenho tido tempo para tudo, quanto mais pensar em dar aulas.»

- Mas continuas a ter esse sonho?

- «Isso hei-de conseguir, ou mais cedo, ou mais tarde. Porque o meu objectivo não é só dar aulas, mas sim chegar às pessoas, pois consigo ensinar o que sei e aprender com os alunos o que não sei.»

- Cada vez a tua produção musical é maior. No entanto, continuas a ser um músico na sombra, apesar das pessoas já te irem conhecendo.

- «Já cheguei à conclusão que gosto mesmo de estar na sombra. Neste momento, estou a fazer dois álbuns: um em português e outro em crioulo. Sinto-me muitíssimo realizado com este trabalho.»

- Estás a gravar por conta própria?

- «Sim. Com a ajuda de um amigo, chamado Farid, uma pessoa muito humana, que não só me ajuda financeiramente, mas também do ponto de vista humano. O meu único objectivo é chegar perto das pessoas, e penso que este trabalho o consegue. No outro dia estive a ouvi-lo e fiquei comovido, não pela música, mas pelo ambiente e o espírito de equipa que o trabalho transmite.»

- Gostaria que explicasses em que é consistem esses dois trabalhos. Podemos começar pelo disco em crioulo:

- «O trabalho em crioulo é dedicado à memória do meu falecido pai, que era músico, e não só, também à aldeia da Praia Branca, onde nasci e viveu o meu pai, ilha de São Nicolau. Este álbum começa com tambores e acaba com tambores. É um trabalho muito importante para mim.»

- Pelo que me tens dito sobre este trabalho, depreendi que, de algum modo, pretendes fazer um pouco a história de uma época da música cabo-verdiana. É isso?

- «Com este trabalho só quero chegar à aldeia da Praia Branca. Tenho muitas saudades da minha aldeia.»

- Ainda sonhas com o voltar para lá para

seres lavrador?

- «Hei-de voltar. Como lavrador, mas sem deixar de ser músico. Gosto muito da Natureza, penso aí viver à base da terra, continuando a tocar quando muito bem me apetecer.»

- E o projecto em português?

- «Já é um trabalho universal. Tem um pouco de toda a música, desde a africana à norte-americana.»

- Tudo originais teus?

- «Sim.»

- Esse trabalho em crioulo é feito com instrumentos acústicos?

- «Acústicos e electrónicos. Usar instrumentos electrónicos não quer dizer que se deixe de utilizar a linguagem tradicional.»

- Quando é que esses trabalhos virão a público?

- «Não tenho prazo. Vou fazendo-os até os considerar com a qualidade desejável.»

- Sei que tu tens um outro projecto em vista: a criação de um grupo chamado Alô, Alô. Qual a diferença do teu grupo regular para este?

- «É um grupo que penso ensaiar de forma a ter um repertório de música universal, por isso o seu nome, dar as boas-vindas ao mundo inteiro. Penso que o grupo terá elementos fixos, mas nunca o mesmo número, quanto mais elementos tiver, melhor. O objectivo é juntar músicos.»

Ajudar os outros antes de tudo

- Há muito tempo que não eras visto como músico de bar ou discoteca. Actualmente, estás todos os domingos acompanhando ao piano as noites cabo-verdianas do Bana, e o teu grupo, muitas vezes contigo, actuando diariamente no Baile. Porquê esta mudança?

- «As noites cabo-verdianas têm muito a ver com a minha sensibilidade. Não é só o objectivo comercial que está em causa, mas o fazer uma coisa bonita. O Bana gosta de ser acompanhado com instrumentos acústicos, e eu gosto desse tipo de trabalho, pois vem ao encontro da minha sensibilidade. O Baile a mesma coisa. Está a pensar fazer-se neste bar coisas interessantes. Esse é o trabalho que me

realiza, em termos espirituais muito mais que monetários.»

- Não será uma oportunidade que estás a dar ao teu grupo, também, principalmente quando actua sem ti?

- «Também, sim. Por isso não toco todos os dias. Penso que os músicos do meu grupo precisam de tocar regularmente e sem a minha presença, isso ajudará à evolução do grupo em posteriores actuações.»

- O teu irmão Toy Vieira, teclista do teu grupo, disse-me numa entrevista que devido à admiração que tem por ti como músico e ser humano, se sente inibido musicalmente em relação a ti.

- «É por isso que eu não tenho aparecido (ri-se). Eu posso fazer qualquer sacrifício pelo meu irmão, inclusive deixar de tocar algum instrumento, desde que isso faça com que ele se sinta realizado. Embora acredite que isso o deixaria desgostoso e não seja necessário. Ele faria o mesmo por mim.»

- Há alguma coisa de novo, em termos de música africana, por aí?

- «Com toda a minha humildade, independentemente de ser orquestrador, mas sim como músico, diria que se o pessoal continuar a fazer com frequência trabalhos, como muitos que tem sido feitos, daqui a um ano a música africana deixa de ter crédito. Há que aproveitar a oportunidade da música africana estar a ser reconhecida, mas sabendo aproveitá-la. Este é o momento ideal para tentar pôr o máximo de qualidade nos nossos trabalhos. Até porque, as pessoas vão começar a aprender a distinguir a qualidade da mediocridade. A música africana tem que ser reconhecida pela sua qualidade»

- Para terminar: como estão essas saudades? Continuas a ter uma ligação forte com os teus compatriotas? Frequentas os sítios onde vivem ou convivem?

- «O meu problema é tempo. A falta de tempo não me facilita a ida a esses locais, mas gostaria. Ando a pensar organizar para essas pessoas, que não têm dinheiro para ir a espectáculos ou a discotecas, e que são quem nos dá a inspiração e a memória viva da nossa música tradicional e da nossa História, concertos nos seus bairros, com apoios de empresas e entidades ligadas aos bairros onde vivem. Fazer tardes de espectáculos.»

- E noites de festa.

- «E noites de festa.»

- Sabes que tem havido um aumento da agressividade racista, em Portugal. Houve um grupo de jovens que resolveu responder com violência à agressão de que os negros tem sido vítimas. O que pensas disto?

- «Penso que isto não durará muito tempo. Mas se alguém me atacar, branco ou negro, eu tenho que me defender.»

- Tu tens defeitos?

- «Tenho, muitos. Acho que sou egoísta, pois, às vezes, ao tentar ajudar os outros estou a ajudar-me a mim próprio. No dia em que conseguir ajudar as pessoas sem pensar na minha paz de espírito, então deixo de ser egoísta.»





SÁBADO

RTP 1



«O Grande Amigo»

09.00 - Juventude e Família

«Cadichon», «O Cão Vagabundo», «Teatro Jovem»: desta vez são os alunos da Escola Francisco Arruda que levam à cena a peça «Reginaldo, o Atravido», uma história de amor entre um pagem e uma princesa; «Denver, o Último Dinossauro», «Transformers em Acção» e «Concurso de Cor e Salteado».

12.00 - Sinfonietta

Estreia

13.00 - Notícias

13.10 - Oito e Basta

14.00 - Parlamento

14.30 - Crime, Disse Ela!

15.20 - O Comboio Magistoso

Imaginem uma viagem através de alguns dos mais espectaculares cenários do mundo: uma paisagem de vales e montanhas, desertos e lagos; uma região extraordinária de cores e contrastes onde os palácios e as cidades têm um brilho mágico e que já foi o coração de uma grande civilização. Imaginem também que viajam no mais magnífico e romântico meio de transporte - o comboio a vapor. Trata-se de uma viagem através do «Deserto Rainha» e do Império Moghul, em Rajasthan, na Índia.

16.10 - Sessão da Tarde

«O Grande Amigo», de Lou Antonio (EUA-1982), com interpretações de Ricky Cshroder, Patty Duke Astin, Fred Dryer, James Farentino. Duração: 101 minutos.

Mais um telefilme americano que se debruça sobre as dificuldades do equilíbrio familiar na sociedade contemporânea que se transforma a pouco e pouco numa previsível história de amor em tons melodramáticos.

18.00 - Vivamúsica

18.45 - O Mar e a Terra

Ainda os Açores através da câmara de António Hipólito. Neste episódio as características de maior interesse da Ilha do Pico.

19.10 - Sete Folhas

19.45 - Totoloto

20.00 - Jornal de Sábado

21.15 - O Tempo

21.20 - Descobrir os Descobrimientos

21.30 - A Morgadinha dos Canaviais

22.30 - Becaud no Olympia de Paris

«Nathalie» na Praça Vermelha, «Laranja roubada ao vendedor», «Tia Jeanne» e «Quando morreu o poeta» são alguns dos temas que Becaud, uma «instituição» da canção francesa, interpreta neste programa gravado ao vivo.

23.30 - Cinema da Meia-Noite

«Os Vencedores», de George Roy Hill (EUA-1977)

RTP 2

09.00 - Via Rápida

10.00 - TV 101

10.40 - Compacto «Meu Pé de Laranja Lima»

13.15 - Programa Musical

14.15 - Circo

15.00 - Estádio

19.00 - Music Box Especial

«Hoje com a participação dos grupos «INXS» e «Art of Noise»

19.40 - Meu Filho, Meu Filho

21.15 - Estádio/Edição da Noite

DOMINGO

RTP 1

09.00 - Juventude e Família

«O Meu Pequeno Ponei», «All About Movies» e «Brincar É Coisa Séria».

10.05 - TV Rural

10.30 - 70 X 7

Programa religioso, que hoje se dedica ao problema da Sida.

11.00 - Eucaristia Dominical

12.05 - Juventude e Família

«Jim Henson Show»

13.00 - Notícias

13.10 - Allô, Allô

13.35 - A Conquista do Espaço

14.40 - Primeira Matinée

«Massacre», de Budd Boetticher (EUA-1953), com interpretações de Rock Hudson, Barbara Hale, Anthony Quinn, Richard Carlson, Hugh O'Brian, Russell Johnson e Lee Marvin. Duração: 83 minutos.

Em 1835 os tenentes da Academia de West Point, Lance Caldwell e John Powell são colocados no forte King, perto dos pântanos de Everglades, onde cresceram. Como Comandante têm o major Degan, um sádico paranoico que odeia os índios Seminole, sobretudo depois destes se recusarem a ir para uma reserva. Lance conhece os índios e defende-os, mas é obrigado a acompanhar Degan numa expedição punitiva contra eles.

16.15 - Filme

«A Colina da Saudade», de Henry King (EUA-1955), com interpretações de William Holden, Jennifer Jones, Torin Thatcher, e Isobel Elsom, entre outros. Duração: 98 minutos.

Hong Kong, 1949. Han Suyin, uma jovem viúva euro-asiática, tem um a vida muito ocupada como médico num hospital local... até que num cocktail conhece um jornalista americano. Os avanços dele e os recuos dela acabam num banho de mar, que deixa clara a sua paixão. Como qualquer outro filme do género, o amor não é fácil e ambos têm grandes obstáculos a vencer.

17.50 - Ricardina e Marta

18.55 - McGyver

20.00 - Jornal de Domingo

20.30 - O Tempo

20.35 - Descobrir os Descobrimientos

20.40 - Querido John

21.15 - Christabel

Segundo os críticos, é uma excelente série, sobre uma inglesa casada, com um advogado alemão, apanhada no país «inimigo» durante a II Grande Guerra. Hoje o 3º episódio.

22.20 - Domingo Desportivo



«Massacre»

RTP 2



«A Espera de Godot»

09.00 - Music Box Especial

Repete as exposições de «INXS» e «Art of Noise»

10.00 - Troféu

13.00 - Caminhos

14.00 - Veterinário de Província

15.00 - Troféu

17.00 - Sobrevivência

18.00 - Quem Sai aos Seus...

18.30 - Imagem e Imagens

Entrevista com o cineasta canadiano Pierre Veilleux, autor de filmes experimentais e professor de cinema de animação. O realizador de «La Revanche des Choses» e de «Una Ame à Voile» explica como os concebeu, o seu significado estético e técnico, revelando ao mesmo tempo alguns momentos da sua carreira. Ainda uma breve evocação dos 50 anos do Instituto do Filme Canadiano.

19.00 - Café Central

João Gonçalves Nunes, Jaime Nogueira Pinto, Fernando Alberto Marque, Rui Manuel da Silva e Diogo Pires Aurélio debatem o tema «Esquerda Direita». Três artistas - Manuela de Freitas, António Chaiinho e José Maria Nobrega interpretam um poema de Sophia de Melo Breyner Andersen.

20.00 - Os Trintões

21.00 - Artes e Letras

«Samuel Beckett segundo Max Wall»: Beckett faleceu há muito pouco tempo e a RTP lembrou-se, a nosso ver bem, de lhe prestar esta homenagem. Não é para nós um autor desconhecido, pois vários foram os grupos de teatro que trouxeram aos palcos portugueses as suas peças. Este documentário apresenta uma conjugação que parece pouco provável: a ligação entre Max Wall, talvez o último dos grandes palhaços, e Samuel Beckett, centro e emblema de alguma da literatura modernista deste século. Porém, numa recente produção da mais famosa peça de Beckett, «A Espera de Godot», Max Wall mostrou que o seu talento singular funcionou perfeitamente e duma maneira bastante cômica, neste clássico de Beckett. A realização é de Paul Foxall.

21.55 - Cineclube

«A Casa e o Mundo», de Satyajit Ray (Índia-1984), com interpretações de Soumitra Chatterji, Victor Banerji, Swatilekha Chatterji e Jennifer Kapoor, entre outros. Duração: 134 minutos. Nikhil é dono de um vasto domínio nos primeiros anos do século na região de Bengala oriental. Marcado por ideias ocidentais leva a sua mulher, Bimala, a abandonar a tradicional reclusão das esposas, que ele afirma nunca ter sido um costume hindu. Mas Nikhil não é um libertino ou um inconoclasta convertido à cultura e ao modo de viver ocidental. É, pelo contrário, um homem prudente e confiante, que sonha com a independência do seu país e acredita, acima de tudo, na plenitude do ser humano, nas suas ideias e actos, mesmo quando contrários à tradição ou às suas convicções.

SEGUNDA

RTP 1

09.00 - Bom Dia

10.00 - Às Dez

12.05 - Fera Radical

13.00 - Jornal da Tarde

13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)

13.30 - Rota de Howard

14.20 - Palavras Cruzadas

15.15 - Arco Íris Africano

15.45 - Ponto por Ponto

16.40 - Hospital Central

17.25 - Brinca Brincando

18.25 - Rua Sésamo

18.55 - Jogo de Cartas

19.30 - Telejornal

20.00 - Bolsa Dia a Dia

20.05 - O Tempo

20.08 - Descobrir os Descobrimientos

20.20 - Vale Tudo

21.10 - Clube dos Subscritores

21.35 - Casino Royal

Estreia: Depois da sua «expulsão» do pequeno ecran português devido às suas personagens históricas incluídas em «Humor de Perdição», ei-lo de volta: Hernan José, com novo programa de humor numa televisão quase sempre cinzenta. Com ele regressa praticamente todo o elenco de «Hermanias» e «Humor de Perdição»: Lúcia Franco, Ana Bola e Margarida Carpinheiro, entre outros.

22.45 - Quase Adultos

Mais uma estreia: Trata-se de uma nova série dramática acerca da relação de um jovem casal de New Jersey, com ênfase no aspecto musical que os une ao longo de três décadas algo tumultuosas. A realização é de David Chase.

00.45 - 24 Horas

01.15 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas

15.25 - Agora, Escolha!

Bloco A: «Director de Turma» e «Casa de Irene»; bloco B: «Caminho das Estrelas»

16.55 - Os Cinco

17.20 - Meu Pé de Laranja Lima

18.00 - Especial Desporto

Campeonato da Europa de Futebol de Salão

20.00 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível

20.30 - Elogio da Leitura

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - Teatro Estrangeiro

«A Espera de Godot». Ontem a RTP lembrou-nos precisamente esta peça de Samuel Beckett na rubrica «Artes e Letras», mas interpretada por um palhaço, Max Wall. Hoje estamos perante a realização para televisão de Walter Asmus, antigo assistente e amigo pessoal do autor. Esta co-produção, rodada em inglês e em francês, reuniu a Universidade de Rayland, a Sociedade de Produção Francesa «Câmaras Continentais» e os canais FR3 e a Sept. O orçamento de produção foi de 11 milhões de francos. Roman Polanski, Jean-François Balmer, Rupus e Jean-Pierre Jovis desempenharam os papéis de Lucky, Estragon, Vladimir e Pozzo, respectivamente. O chefe da troupe que interpretou a versão inglesa era um antigo locatário da Prisão de São Quintino, na Califórnia, Rick Cluchey. Tendo visto uma representação de «Godot» na penitenciaría, em 1956, entrou em contacto com o autor antes de montar, mesmo na prisão, a sua própria companhia, e consagrou a sua vida de homem livre à obra de Beckett. Esta versão, não conhecemos, mas a peça leva-nos a aconselhá-lo a não perder.

TERÇA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia - Porto
13.30 - Dallas
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Arco-Íris Africano
Vários temas num só episódio: a erupção de um vulcão e uma entrevista com um vulcanólogo; danças africanas e a descida dos rápidos.
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «A Viagem do Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras de Puchi»
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogos de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimentos
20.20 - Vale Tudo
21.10 - Primeira Página
22.20 - Crónica do Crime



Burt Lancaster em
«Uma Criança à Espera»

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Ilha da Fantasia»; bloco B: «Bonanza»
16.55 - Os Novos Caça-Fantasmas
Embora um rival da sua terra natal use de magia contra ele, Ray consegue, com a ajuda dos seus amigos, mostrar aos seus conterrâneos que é um heróico caça-fantasmas.
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.40 - Music Box - «Via Rápida»
19.30 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.25 - Cinemazine
20.50 - Obras Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Cinemadois
«Uma Criança à Espera», de John Cassavetes (EUA-1962), com interpretações de Burt Lancaster, Judy Garland, Gena Rowlands, Steven Hill, Bruce Richey, Gloria McGehee, Paul Stewart, Lawrence Tierney e Elisabeth Wilson. Duração: 100 minutos.
Filme com um realizador e um elenco considerado de «luxo», «Uma Criança à Espera» foca o problema das crianças inadaptadas. Jean Hansen tem cerca de 30 anos, é solteira e na sua profissão, a música, nunca alcançou sucesso. Tentando dar um sentido à sua vida emprega-se numa escola de ensino especial que se dedica a crianças atrasadas. Rapidamente ganha uma especial afeição por um dos garotos da escola, Reuben, acabando por tentar, para o ajudar, uma terapia contrária à indicação do director da escola. A experiência é desastrosa.

QUARTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Colt em Acção
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Arco-Íris Africano
O rio Zaire em destaque: a sua descida seguindo a pista de Stanley, o estudo da fauna e flora da região.
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «As Viagens do Albatroz», «O Urso Bolke», «Os Amigos de Ovide» e «As Aventuras do Bocas»
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogos de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimentos
20.20 - Vale Tudo
21.10 - Vamos Jogar no Totobola
21.25 - Lotação Esgotada
«Ladrão por Excelência», de David Siegel (EUA-1980), com interpretações de Burt Reynolds, Lesley-Anne Down, David Niven, Timothy West, Patrick Magee, Al Matthews, Susan Litterer, Joss Ackland, Isobel Dean, Wolf Kahler, Andrew Ray, Julian Holloway. Duração: 107 minutos.
Jack Rhodes é o protótipo do homem bem sucedido na vida, antes mesmo de chegar aos 40 anos: tem um luxuoso apartamento, conduz um Rolls e possui um restaurante chinês. Esta vida de ostentação só tem um senão: é que o dinheiro vem da venda ilegal de diamantes, e Rhodes já tem atrás de si o inspector-chefe Willis, da Scotland Yard, um velho «chato» que «embirrou» que o haveria de prender antes da sua reforma, que se aproxima.
Para isso montou um plano, que passa pela ajuda de Gillian, uma bela e sedutora cleptómana, sobre quem tem um ascendente: um escândalo público e subsequente prisão. Gillian, aparentemente, convence Jack a entrar num jorjado plano para roubar um grande carregamento ilícito de diamantes, mas mas que não passa de uma armadilha de Willis. Só que nem Jack se deixa apanhar num esquema tão óbvio, nem o esquema é tão óbvio como parece.
23.20 - 24 Horas
23.50 - Remate

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
Bloco A: «Mantacos do Desporto»; bloco B: «Vingadores»
16.55 - Os Campbells
17.20 - Meu Pé de Laranja Lima
18.00 - Especial Desporto
Campeonato da Europa de Futebol de Salão
20.00 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.30 - Lusitânia Expresso
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - O Jogo Final
Nicholas Thorne é forçado a jogar «O Jogo Final» com Magnus, um antigo sócio seu que roubou 2,1 milhões de libras e raptou a sua ex-mulher. Nick e a sua namorada seguem uma pista até um bosque onde ele tem que lutar contra Magnus e é forçado a recordar o seu passado. E tudo começou com a comercialização de inocentes jogos de computador...
22.30 - Século XX - a Revolução Genética
23.30 - Som da Surpresa

QUINTA

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Um Anjo na Terra
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Arco-Íris Africano
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
«Persil», «As Viagens do Albatroz», «Tom Sawyer», «Kate e Skubaneck» e «Vem lá Filme»
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Jogos de Cartas
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.15 - Descobrir os Descobrimentos
20.20 - Vale Tudo
21.10 - Justiça Cega
23.10 - 24 Horas
23.40 - Remate



«Emoções»: uma estreia

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora, Escolha!
Bloco A: «Quando as Mulheres Triunfam»; bloco B: «Dick Powell»
16.55 - Benji, Zax e o Príncipe Extraterrestre
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.40 - Os Henderson
Tam e Regina descobrem que os seus colegas de escola estão dispostos a pagar para poderem visitar a gruta. Porém, quando se dirigem todos para o local são descobertos por Andy, que fica bastante zangado. Steve apresenta Sylvain ao grupo, que entretanto desistiu da ideia do seu pai ser desonesto. Mas Steve sabe que Wheeler esteve a negociar Henderson's Point com homens de negócio japoneses.
19.30 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.25 - Magazine Musical
20.50 - Obras-Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Emoções
Diana Canova, Jonathan Prince, Jane Leeves e Richard Cummings são os intérpretes desta série, que estreia hoje. Sandy decide que ela e Blue se deveriam conhecer melhor, ideia que ele acha excelente... por isso bate-lhe à porta às 2 da manhã.
21.55 - Sinais do Tempo
23.05 - Quinta Dimensão
Um alcoólico que procura curar-se facilmente encontra a cura ideal - e descobre que, por vezes, há curas que são piores do que as próprias doenças.

HOJE

RTP 1

09.00 - Bom Dia
10.00 - Às Dez
12.05 - Fera Radical
13.00 - Jornal da Tarde
13.27 - Bolsa Dia a Dia (Porto)
13.30 - Gloss
14.15 - Palavras Cruzadas
15.15 - Arco-Íris Africano
15.45 - Ponto por Ponto
16.40 - Hospital Central
17.25 - Brinca Brincando
18.25 - Rua Sésamo
18.55 - Chegar, Apostar e Vencer
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - O Tempo
20.08 - Descobrir os Descobrimentos
20.25 - Vale Tudo
21.15 - Mobil nos Caminhos de Portugal
«Cores e Sombras» é o título do programa de hoje, dedicado às pescas e suas variantes, das formas mais primitivas às mais sofisticadas. Da arte da xávega na Praia do Furadouro, à seca do bacalhau, o filme desta noite mostra-nos ainda o fabrico dos jugos ou cangas, adornos tradicionais das juntas de bois e a indústria dos lacticínios na região de Aveiro. No termo do itinerário, rico em registos etnográficos, após breve passagem por Ilhavo, o cunho pitoresco do ambiente balnear da Costa Nova. No final, é de não perder as cores e as sombras da Ria. Esta série tem produção e realização de Francisco Manso, roteiro e texto do historiador Miguel Faria, imagem de Carlos Alberto Estevão e som de Filipe Santos. A locução está a cargo de Ana Zanatti.
21.30 - Missão Impossível
A equipa de Missão Impossível tem por missão descobrir um assassino que conseguiu acusar o seu chefe, Jim Phelps, de ter morto um ex-membro da força especial. Não tenha palpitações, estas histórias acabam sempre bem: vencem os «bons», são presos os «maus».
22.35 - Telemundo
23.05 - Chefe, mas Pouco
23.35 - 24 Horas
00.05 - Remate
00.15 - Pela Noite Dentro
«A Ameaça do Passado», de Rod Holcomb (EUA), com interpretações de Lynda Carter, Angie Dickinson e Don Murray. Duração: 120 minutos.
Um repórter da televisão em Washington constata que a sua carreira está ameaçada, ao descobrir graves implicações da sua família no passado que podem comprometer a sua vida presente. O caso prende-se com as circunstâncias da morte dos seus pais e para complicar tudo está em vias de trazer perante a opinião pública um escândalo político insuspeito.

RTP 2

15.00 - Filhos e Filhas
15.25 - Agora Escolha!
Bloco A: «Devlin Connection»; bloco B: «Ilha da Fantasia»
16.55 - 3, 2, 1 Contacto
17.20 - Um Bilhete para o Mundo
17.50 - Meu Pé de Laranja Lima
18.40 - Haja Música
19.30 - O Homem da Carabina e O Homem Invisível
20.25 - As Cidades e as Terras
20.45 - Obras Primas da Pintura
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Dona Beija
23.00 - Acerto de Contas
23.30 - Rotações
Programa desportivo



NOVIDADES

RÁDIO COMERCIAL

O CANTANTE — De 2.^a a 6.^a, das 10 às 12, em FM Estéreo; apresentação e realização de **Luís Montez**.

Luís Montez está finalmente no lugar merecido, no horário mais ouvido da Comercial. Amante da música rock, coisa que **Jorge Pêgo** não é, e mais flexível que **Augusto Seabra**, Montez vai «enterrar» definitivamente o TNT.

ROCK EM STOCK — De 2.^a a 6.^a, das 12 às 18, em FM Estéreo; apresentação e realização de **Miguel Quintão, Augusto Seabra e Luís Filipe Barros**.

Os amores serôdicos de **Luís Filipe Barros** pelo «heavy metal» não nos devem impedir de ouvir e boa música e o bom desempenho de **Miguel Quintão**, que apresenta o 1.º bloco do programa.

E Augusto Seabra também parece estar à altura...

O MERCADOR DE SONHOS — De 2.^a a 6.^a, das 21 às 24, em FM Estéreo; apresentação e realização de **Jaime Lopes**.

Recuperando o nome de um velho programa da Comercial, **Jaime Lopes** prepara os ouvintes para uma noite repousada e preñhe de (bons) sonhos.

RFM

ÁFRICA. Aos sábados, das 19 às 20; apresentação e realização de **Teresa Mesquitela e Rui Neves**.

Na primeira emissão de África o destaque vai para o pianista sul-africano **Dollar Brand** e para o violinista cabo-verdiano **Travadinha**.

Espaço ainda para ouvirmos os músicos Salif Keite, do Mali e **Ray Leema** do Zaire.

RIOS NEGROS — Aos domingos, das 21 às 22; apresentação e realização de **Teresa Mesquitela e Rui Neves**.

Jack Defohnette, que disputa com **Max Roch** o «título» de melhor baterista de jazz do planeta, é a personagem central desta emissão.

Defohnette será apresentado nas suas duas últimas gravações como «leader»: «Zebra», em duo com **Lester Bowie** e «Audio-Visualiscaper».

A ILHA DOS ENCANTOS — De 3.^a a sábado, das 1 às 3; apresentação e realização de **Amílcar Fidelis**.

Completado o ciclo de apresentação dos melhores álbuns do ano **Amílcar Fidelis** volta à programação normal, com boa música moderna.

Na rubrica «**Os tesouros da ilha**» teremos na 3.^a feira o grupo **Foreign Affairs** com «East ou Fire» e os **LUFM**, última preciosidade da etiqueta independente **4AD**, com o álbum «Sear».

CMR

ESPELHO D'ÁGUA — Aos sábados, das 13 às 15; adição e apresentação de **Teresa Fernandes**.

Van Morrison, o «eterno» trovador irlandês, dá o mote a mais uma emissão tranquila e repousante.

BAILE DE FINALISTAS. Aos sábados domingos, das 19, às 20; edição e apresentação de **Luís Ferreira de Almeida**.

A **Rádio Comercial** começou o ano a matar: «perdidos» os patrocínios da **Electroliber**, de **Valentim de Carvalho** e do **Círculo dos Leitores**, a Comercial reestrutura-se, enfrentando a concorrência.

Abandona-se o figurino dos pequenos programas de uma hora, criando-se espaços da programação mais alargados, com públicos-alvo e escolhas musicais mais fixadas.

A Comercial aposta nalguns nomes fortes da «nova vaga» — **Luís Montez, Miguel Quintão, Augusto Seabra, Adelino Gonçalves e Jaime Lopes** — capitaliza o carisma de **Luís Filipe Barros** e a ronronice de **Maria Alexandra**.

No essencial a Comercial percebeu, que, na actualidade, os animadores das emissões atingem as melhores performances em períodos de 2/3 horas (e o exemplo do **CMR** está aí), além de que a diminuição do

número de espaços musicais facilita a sua identificação pelos (e com) os ouvintes.

A presença dos responsáveis históricos da Rádio Comercial — **Jaime Fernandes e João David Nunes** — no Conselho de Administração da RDP, sem uma conhecida (e difícil) substituição nos seus antigos lugares faz crer que partiu deles, mais uma vez, a iniciativa de remodelação de grelha da Comercial.

Também na **RFM** se anunciam algumas modificações, de que o primeiro sinal é a criação de um «novo programa... sobre música africana...»

Os especialistas de jazz da RFM, **Teresa Mesquitela e Rui Neves**, aventuram-se para além da música afro-americana para irem às origens do jazz; o continente africano.

A África negra e a outra África, a África pagã, a África cristã e a África muçulmana e a música das culturas africanas tradicionais e urbanas são alguns dos aspectos que os autores do programa terão como norte.



Jaime Fernandes

Os **Byrds**, grupo seminal da **Costa Oeste dos Estados Unidos**, onde pontificaram **Roger McGrim e David Crosby** são as vedetas de sábado.

O **Spencer Davis Groups**, onde o grande multi-instrumentista e compositor **Steve Winwood** fez o seu tirocínio, antes de fundar os **Traffic**, estão em revista no domingo.

O ELEVADOR DA GLÓRIA — Às 2.^{as}, das 0 à 1; edição e apresentação de **João Góbern**.

Depois dos «desastres» da década; e dos

Heróis do Mar, João Góbern prossegue o levantamento dos grandes grupos da década.

TSF

FLASH-BACK — Aos domingos, das 12 às 13.15; apresentação de **Emídio Rangel**.

A direita inteligente, a esquerda maldizente e a esquerda «sem rei nem roque» defrontam-se sem punhos de renda.

